

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

BIANCA GARRIDO

**O QUE (NÃO) ESTÁ ACONTECENDO: COMUNICAÇÃO (NÃO) PÚBLICA E LIDERANÇA
POLÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO NO
TWITTER**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

BIANCA GARRIDO

**O QUE (NÃO) ESTÁ ACONTECENDO: COMUNICAÇÃO (NÃO) PÚBLICA E
LIDERANÇA POLÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS DISCURSOS DE JAIR
BOLSONARO NO TWITTER**

Porto Alegre
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

BIANCA GARRIDO

**O QUE (NÃO) ESTÁ ACONTECENDO: COMUNICAÇÃO (NÃO) PÚBLICA E
LIDERANÇA POLÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS DISCURSOS DE JAIR
BOLSONARO NO TWITTER**

Tese apresentada como requisito parcial de obtenção de título de doutor pelo Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Cleusa Maria Andrade Scroferneker

Porto Alegre
2022

BIANCA GARRIDO

**O QUE (NÃO) ESTÁ ACONTECENDO: COMUNICAÇÃO (NÃO) PÚBLICA E
LIDERANÇA POLÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS DISCURSOS DE JAIR
BOLSONARO NO TWITTER**

Tese apresentada como requisito parcial de obtenção de título de doutora pelo Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design (Famecos) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 18/03/ 2022.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Cleusa Maria Andrade Scroferneker

Prof. Dr. Antônio Hohlfeldt (PUCRS)

Prof.^a Dr.^a. Ana Lucia Coelho Romero Novelli (UCB)

Prof. Dr. Rafael Machado Madeira (PUCRS)

Prof. Dr. Wilson da Costa Bueno (USP)

Porto Alegre
2022

Dedico esta tese à minha família,
pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de um profundo e intenso processo que começou ainda na graduação do curso de Jornalismo. Sou apaixonada pela minha profissão, e tenho a sorte de encontrar boas pessoas em minha caminhada. Por esse motivo, são muitas as razões para agradecer. Em especial, agradeço meus filhos e meu marido pelo apoio incondicional em todos os momentos da produção deste material, nas horas boas e ruins – porque, sim, há horas bem ruins –, e por vibrarem ao meu lado nas conquistas. À minha mãe por ser rede de apoio e conforto, e por não me deixar desistir.

À minha querida orientadora, Cleusa Scroferneker, por aceitar estar comigo durante estes anos, me conduzir de forma tão segura e amável, ao mesmo tempo em que me fazia evoluir como pessoa, profissional, pesquisadora. Foi muito bom de ter ao meu lado. Obrigada também aos professores Antônio Hohlfeldt e Wilson da Costa Bueno que participaram da banca de qualificação e que, com suas contribuições, nos permitiram avançar sem medo. Que honra ter vocês nessa banca.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio a esta pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS e aos professores, que, além de mestres, são profissionais que compartilham suas experiências, têm sempre uma palavra amiga e nos enriquecem.

RESUMO

Este estudo analisa os discursos da principal liderança política no Brasil, o presidente Jair Messias Bolsonaro, na ambiência digital, durante a pandemia de Covid-19, considerando as dimensões de transparência, cidadania e solidariedade. Também discute como a estratégia discursiva configura o estilo dessa liderança durante esse período, considerando-se as dimensões mencionadas. A análise ocorre a partir das publicações no Twitter, desde 16 de março de 2020, data da primeira morte confirmada pela doença no Brasil, até 31 de agosto de 2020, quando diversos estados brasileiros começam a sinalizar a reabertura de estabelecimentos comerciais e das atividades escolares. Para atender aos objetivos recorreremos à hermenêutica de profundidade (THOMPSON, 1995, 2002, 2011), utilizando como estratégias, além dos levantamentos bibliográfico e documental (GIL, 2008), a análise de discurso (ORLANDI, 2003, 2007, 2015; PÊCHEUX, 2006; FOUCAULT, 1999, 2007a, 2007b, 2008). As três dimensões, transparência, cidadania e solidariedade, são analisadas com base na comunicação pública, governamental e política, ancorada nas abordagens de Hohlfeldt (2001, 2009, 2010, 2011), Duarte, (2011, 2014), Matos (2011, 2012, 2013, 2020), Novelli (2006), Weber (2007, 2009, 2010, 2011, 2020), Bueno (2012, 2014, 2015). Entre os resultados encontrados, há características de um líder carismático e autoritário, com discursos em que não há espaço para a transparência, a cidadania e a solidariedade, nos quais a comunicação pública não acontece.

Palavras-chave: comunicação; liderança; pandemia; Covid-19.

ABSTRACT

This research analyzes the speeches of the main political leadership in Brazil, President Jair Messias Bolsonaro, in the digital environment, during the Covid-19 pandemic, considering the dimensions of transparency, citizenship and solidarity. It also discusses how the discursive strategy shapes the style of this leadership during this period and seeks to understand political leadership, considering the dimensions mentioned. The analysis takes place from the publications on Twitter, from March 16, 2020, the date of the first confirmed death from the disease in Brazil, to August 31, 2020, when several Brazilian states begin to signal the reopening of commercial establishments and school activities. To meet the objectives, we resorted to depth hermeneutics (THOMPSON, 1995, 2002, 2011), using as strategies, in addition to bibliographic and documentary surveys (GIL, 2008), discourse analysis (ORLANDI, 2003, 2007, 2015; PÉCHEUX, 2006; FOUCAULT, 1999, 2007a, 2007b, 2008). The three dimensions, transparency, citizenship and solidarity, are analyzed based on public, governmental and political communication, anchored in the approaches of Hohlfeldt (2001, 2009, 2010, 2011), Duarte, (2011, 2014), Matos (2011, 2012), 2013, 2020), Novelli (2006), Weber (2007, 2009, 2010, 2011, 2020), Bueno (2012, 2014, 2015). Among the results found, there are characteristics of a charismatic and authoritarian leader, with speeches in which there is no space for transparency, citizenship and solidarity, in which public communication does not take place.

Keywords: communication; leadership; pandemic; Covid-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Print</i> do vídeo da reunião ministerial.	23
Figura 2 – Possibilidades apresentadas pelo método.	33
Figura 3 – Popularidade de Bolsonaro em manifestação de 2015.	39
Figura 4 – Imagens de Bolsonaro em visitas e inaugurações com a presença da população, mesmo durante a pandemia de Covid-19.	43
Figura 5 – Gráfico publicado no site Uol sobre a pesquisa desenvolvida por Castanho.	44
Figura 6 – Demonstração da busca pela dimensão Transparência na ferramenta do Twitter.	50
Figura 7 – Perfil oficial de Jair Bolsonaro no Twitter.	51
Figura 8 – Foto aérea das manifestações de 7 de Setembro, na Avenida Paulista, em São Paulo, postadas no Twitter do presidente.	55
Figura 9 – Menções à dimensão Solidariedade nos <i>posts</i> de Jair Bolsonaro.	57
Figura 10 – <i>Post</i> Secom em relação às reações de jornalistas.	103
Figura 11 – Canais de comunicação do Governo Federal.	105
Figura 12 – Campanha Secom sobre a vacina.	106
Figura 13 – Página inicial do Twitter da autora.	120
Figura 14 – Página inicial em que aparecem a pergunta ao usuário – O que está acontecendo? – e os principais assuntos do momento no País e no mundo.	121
Figura 15 – <i>Thread</i> , ou segue o fio, dando sequência ao que o usuário quer postar além dos 280 caracteres.	121
Figura 16 – Exemplo de <i>replies</i> e <i>hashtags</i>	122
Figura 17 – Opções de curtir, <i>retweetar</i> e comentar.	123
Figura 18 – Enviar por mensagem direta e salvar Tweet.	124
Figura 19 – Exemplo de uma conta verificada no Twitter, com o selo azul ao lado do nome.	127
Figura 20 – Primeiras ações do governo envolvendo a Covid-19.	141
Figura 21 – Notícia sobre o primeiro óbito por Covid-19 em veículos de comunicação e no Twitter do Ministério da Saúde.	142

Figura 22 – Postagens sobre Auxílio Emergencial, antecipação de abono salarial, ampliação de atendimento em agências da caixa, entre outros serviços disponibilizados.	142
Figura 23 – <i>Post</i> publicado por Bolsonaro às 18h45min, referindo que o povo brasileiro é unido e vencerá a Covid-19 com a união de esforços.	143
Figura 24 – <i>Post</i> de Bolsonaro em solidariedade às famílias enlutadas.	144
Figura 25 – <i>Post</i> de Bolsonaro, em 17 de março às 21h52min, informando sobre o teste negativo para a Covid-19.....	144
Figura 26 – Postagens relacionadas a serviços do governo durante a pandemia, como regularização e liberação de novos CPFs, benefício emergencial, entre outros.	148
Figura 27 – Auxílio Emergencial para mulheres chefes de família.	148
Figura 28 – Secom responde a questionamentos de seguidores de Bolsonaro sobre o Auxílio Emergencial para mães chefes de família.....	149
Figura 29 – Matéria no <i>El País</i> sobre a “fritura” de Mandetta no Ministério da Saúde.	150
Figura 30 – Dois <i>posts</i> em sequência de quando Mandetta anuncia sua demissão do Ministério da Saúde.....	152
Figura 31 – Postagem de reunião com empresários sobre o desemprego no País, em que Bolsonaro declara que exigiria a utilização da cloroquina em pacientes com Covid-19.	153
Figura 32 – Publicações relacionadas a obras em estradas e aeroportos pelo país.	157
Figura 33 – Vídeo do ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, sobre conclusão de obras inacabadas de outros governos.	158
Figura 34 – Publicações com sequência de <i>cards</i> sobre entregas do governo, ressaltando o trabalho de alguns ministros.	159
Figura 35 – Mais obras e programas sociais do Governo Federal.	161
Figura 36 – Publicações de mais obras e benefícios do governo. Erro! Indicador não definido.	
Figura 37 – <i>Cards</i> em sequência com entregas do Governo Federal.	163
Figura 38 – Publicações com bandeiras defendidas por Bolsonaro, relacionadas a porte de armas e medidas que flexibilizam pulverizações em áreas rurais.....	165
Figura 39 – Publicações que ressaltam as relações do Brasil com outros países.	166

Figura 40 – <i>Post</i> de Jair Bolsonaro referente à entrevista coletiva de Mandetta sobre os primeiros testes de vacina contra a Covid-19.....	169
Figura 41 – <i>Post</i> com ações do governo na área da saúde.	173
Figura 42 – Entrega de insumos e medicamentos pelas forças armadas para estados e municípios.	174
Figura 43 – Mais ações de enfrentamento à pandemia, como produção de máscaras, liberação de leitos de UTI, entre outras.....	177
Figura 44 – <i>Posts</i> sobre investigações relacionadas a compras sem licitações e outras possíveis irregularidades em estados e municípios.	178
Figura 45 – Cloroquina e hidroxicloroquina são pauta de postagens do presidente.	180
Figura 46 – <i>Post</i> de Bolsonaro defende a cloroquina, mas admite falta de comprovação científica para seu uso contra a Covid-19.....	180
Figura 47 – <i>Post</i> em que Bolsonaro afirma que a situação exige seriedade, e será enfrentada com coragem e tranquilidade, sem pânico.....	181
Figura 48 – <i>Post</i> com <i>print</i> do Decreto que tornou academias de ginástica, cabeleireiros, barbearias e salões de beleza atividades essenciais.....	184
Figura 49 – Nelson Teich se manifesta sobre a cloroquina em seu Twitter.	185
Figura 50 – Vídeo sobre imunidade e coronavírus, em que um médico afirma que a doença não tem elevado poder de agressão.	187
Figura 51 – Evento no Palácio do Planalto com médicos em defesa do tratamento precoce. Rede Globo é acusada de mentir ao referir que os presentes não se solidarizaram com as vítimas da doença	188
Figura 52 - Vídeos de pessoas protestando contra o isolamento social, manifestações de entidades, prefeitos e o jornalista Gilberto Barros.....	190
Figura 53 - Viagens do presidente pelo País, provocando aglomerações em diversos locais.....	190
Figura 54 - Publicação de Bolsonaro sobre a exoneração de Valeixo como diretor-geral da Polícia Federal.....	193
Figura 55 - <i>Post</i> informando sobre pronunciamento de Bolsonaro às 17horas para “restabelecer” a verdade sobre o pedido de demissão de Sergio Moro.....	195
Figura 56 - <i>Post</i> com vídeo da presidente do Sindicato dos Policiais Federais de São Paulo.....	198

Figura 57 - <i>Post</i> sobre leis e decretos relativos à Polícia Federal.....	200
Figura 58 - <i>Post</i> com print de conversa entre a deputada federal Carla Zambelli e o ex-juiz e ex-ministro Sergio Moro.....	201
Figura 59 - Sequência de <i>posts</i> com as conversas entre Carla Zambelli e Sergio Moro.....	201
Figura 60 - Comentários de Bolsonaro sobre os <i>prints</i> da conversa.....	202
Figura 61 - Jornalista Guilherme Fiuza criticando o isolamento social, orientado pela Organização Mundial da Saúde como forma de conter o avanço da doença.....	204
Figura 62 - <i>Post</i> com vídeo com o título Ações do presidente Bolsonaro no combate à Covid-19.....	205
Figura 63 - <i>Post</i> com pronunciamento de Onxy Lorenzoni na TV Brasil sobre o pagamento do Auxílio Emergencial.....	206
Figura 64 - Bolsonaro compartilha vídeo gravado pela ministra Damares Alves sobre o caso da menina de 10 anos que sofreu aborto após estupro.....	210
Figura 65 - <i>Post</i> com denúncias veiculadas na Record em relação à Rede Globo e envolvimento com doleiros.....	212
Figura 66 - <i>Post</i> com link de entrevista de Bolsonaro ao jornalista da CNN Leandro Magalhães.....	213
Figura 67 - Manifestação sobre as eleições municipais de 2020.....	215
Figura 68 - Palavras encontradas nos discursos de Bolsonaro no período em análise.	217

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de trabalhos por área do conhecimento.....	69
Gráfico 2 – Total de trabalhos por área de concentração.	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Aspectos das formas simbólicas definidos por Thompson (1995, 2002, 2011).	31
Quadro 2 – Técnicas de análise do referencial da HP.	46
Quadro 3 – Tipos de discursos.....	59
Quadro 4 – Teses para análise e aproximação com o objeto de estudo.....	70
Quadro 5 – Teses de liderança política para análise e aproximação com o objeto de estudo.	77
Quadro 6 – Artigos selecionados nos Anais dos Congressos da Intercom, Compós e Abrapcorp – 2015 a 2021.....	82
Quadro 7 – Estratégias de mapeamento da pesquisa.....	133
Quadro 8 – <i>Posts</i> e períodos que serão analisados em nossa pesquisa.....	136
Quadro 9 – Categorias definidas para análise das formações discursivas.	137
Quadro 10 – Características apontadas na análise.....	218

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
2	MÉTODO E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	30
2.1	ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA	36
2.1.1	A trajetória de vida de Bolsonaro	36
2.2	ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA.....	45
2.3	REINTERPRETAÇÃO	49
3	A LIDERANÇA EM DEBATE	60
3.1	CONCEITOS E ESTILOS DE LIDERANÇA.....	61
3.2	LIDERANÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA	90
4	COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA	95
4.1	COMUNICAÇÃO PÚBLICA	97
4.2	COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL	101
4.3	COMUNICAÇÃO POLÍTICA	106
4.4	OS NOVOS CENÁRIOS NA AMBIÊNCIA DIGITAL	108
4.1.1	Comunicação digital e mídias sociais.....	114
4.1.2	Os 280 caracteres.....	117
5	O QUE ESTÁ ACONTECENDO?.....	132
5.1	CATEGORIA AGENDA/GOVERNO	140
5.1.1	Auxílios e Benefícios	140
5.1.2	Obras e Entregas.....	157
5.1.3	Relações Externas	164
5.2	CATEGORIA AÇÕES PRÓ E CONTRA COVID-19.....	168
5.3	CATEGORIA APOLOGIA	192
5.4	SEGUE O FIO... ..	216

5.5 O QUE NÃO ESTÁ ACONTECENDO.....	220
6 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS	224
REFERÊNCIAS.....	230

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O pós-coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise. Poderia tanto ser apocalíptico quanto portador de esperança. Muitos comungam a certeza de que o mundo de amanhã não será o mesmo de ontem. Mas como será? A crise sanitária, econômica, política e social conduzirá ao desmembramento de nossas sociedades? Saberemos extrair lições dessa pandemia que revelou a comunhão de destinos para todos os humanos, em ligação com o destino bioecológico do planeta? E eis que entramos na era das incertezas. O futuro imprevisível está em gestação hoje. Tomara que seja para a regeneração da política, para a proteção do planeta e para a humanização da sociedade: está na hora de mudar de Via (MORIN, 2020, p. 20).

Era uma segunda-feira chuvosa em Porto Alegre, 16 de março de 2020. No Palácio Piratini, sede do Governo do Rio Grande do Sul, o Governador Eduardo Leite discutia, com os secretários de Educação e Saúde e assessores, a possibilidade de suspender as aulas presenciais em toda a rede de ensino gaúcha. A reunião durou mais de três horas até a decisão que, naquele momento, imaginava-se que duraria poucos dias – permaneceu durante meses. O Brasil registrava 234 casos confirmados do novo coronavírus e nenhum óbito. Um ano difícil, de muitas perdas, incertezas, construções e reconstruções.

Situações como essas, vividas ao longo da nossa trajetória profissional, nos estimularam na proposição de uma pesquisa que oportunizasse questionamentos e reflexões sobre a atuação de lideranças políticas, considerando-se sua representatividade, especialmente em momentos de instabilidades e de crises como a que vivemos, de uma pandemia¹ mundial. Quase dois anos após o 16 de março², há mais de 22 milhões de casos confirmados e cerca de 620 mil mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022) no Brasil. Em todo o mundo, em torno de 290 milhões de pessoas já contraíram o vírus e quase 6 milhões morreram (JHU.EDU, 2022)³.

Sem cura e vacina, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou naquele momento, aos governos de todos os países, em documento publicado no dia 3 de abril de 2020 (OMS, 2020), medidas de proteção dos cidadãos, de distanciamento social, entre outras. Governadores e prefeitos de diversos estados, desde o começo dos casos no País, em março de 2020, emitiram decretos com ações de restrição de circulação e aglomeração de pessoas. Organizações dos setores

¹ O coronavírus se espalhou por diversos países, e, em abril de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o status de pandemia (PAHO, 2020), quando uma doença infecciosa afeta pessoas em todo o mundo.

² Encerramos a produção da pesquisa material em janeiro de 2022.

³ Os dados se referem à última pesquisa realizada pela autora em 21 de janeiro de 2022.

público e privado também tomaram medidas no sentido de restringir a circulação, recorrendo, por exemplo, ao *home office*. Além de instabilidade na economia brasileira, a pandemia provocou, e ainda provoca, divergências políticas e polêmicas quanto à atuação dos líderes que estão na linha de frente, responsáveis legais por atitudes que impactam diretamente na vida das pessoas.

O Ministério da Saúde, principal órgão responsável pelas políticas públicas na área, na instância federal, esteve sob o comando de quatro ministros⁴. O primeiro deles, Luiz Henrique Mandetta, médico e ex-deputado federal pelo Partido Democratas, foi demitido em 17 de abril de 2020, em razão de divergências sobre os caminhos para o combate à pandemia. O ministro se alinhava às orientações da OMS pela adoção de isolamento social, enquanto o Presidente da República, Jair Bolsonaro, vinha defendendo a abertura do comércio para evitar impactos na economia, por considerar a pandemia como uma “gripezinha” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Mandetta foi substituído por outro médico, o oncologista Nelson Teich, que esteve à frente da pasta por 28 dias – ingressou em 17 de abril de 2020 e saiu em 15 de maio de 2020. Como Mandetta, Teich divergia de Bolsonaro na condução das políticas públicas na área da saúde e principalmente sobre a recomendação do uso da cloroquina em pacientes que procurassem os hospitais desde os primeiros sintomas. Em entrevista, Teich declarou que não teve autonomia para gerir o Ministério e as ações de combate à pandemia, e que os líderes à frente dos processos serão “julgados lá na frente” (TEICH, 2020).

Após sua saída, a pasta esteve nas mãos de Eduardo Pazuello – como interino até 16 de setembro de 2020 e, como titular, até 15 de março de 2021. Sua gestão foi marcada pela militarização do Ministério (nomeação de militares para postos estratégicos) (G1, 2021) e por um discurso alinhado ao do presidente, o que incluiu a defesa do tratamento precoce. Ele esteve à frente das negociações para compra de vacinas, na logística de distribuição das primeiras doses que chegaram ao País, e, sob sua gestão, ocorreu também o colapso⁵ do sistema de saúde, após o Carnaval de

⁴ Informação até a data de 21 de janeiro de 2022.

⁵ Boletim divulgado pela Fiocruz em 3 de março de 2021 mostrou que, das 27 unidades federativas, 24 estados e o Distrito Federal estavam com taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no Sistema Único de Saúde (SUS) iguais ou superiores a 80% (15 com taxas iguais ou superiores a 90%). Em relação às capitais, 25 das 27 tinham taxas iguais ou superiores a 80% (19 delas superiores a 90%) (FIOCRUZ, 2021).

2021 – com falta de oxigênio e medicamentos para intubação de pacientes graves de Covid-19.

Desde 23 de março de 2021, o gestor é o médico cardiologista Marcelo Queiroga, que tem obtido sucesso com a vacinação, apesar de contradições na condução do órgão, como a nota técnica orientando que estados e municípios interrompessem a imunização de jovens de 12 a 17 anos sem comorbidades, após o processo já ter começado; ou a realização de uma consulta pública sobre a vacinação de crianças de 5 a 11 anos, mesmo com o imunizante utilizado em diversos países do mundo nesse público, configurando-se uma medida importante e urgente para a diminuição no número de casos de transmissão da doença e de óbitos⁶.

Enquanto finalizamos nosso trabalho, o site do Ministério da Saúde completou mais de um mês⁷ sem atualização de dados relativos à doença, o que gerou um alerta do Observatório Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz, destacando que a falta de informações traz “imprecisões exponenciais” (FIOCRUZ, 2021) na tomada de decisões.

Baldissera e Da Silva (2021) lembram que organizações, governos e personalidades, ante a circulação de conteúdos negativos sobre suas práticas, em especial nos ambientes digitais, podem buscar dissociar-se dos fatos, implementando ações estratégicas com foco no que os autores chamam de zona de invisibilidade. Não tornar públicas as atualizações sobre a doença pode configurar uma ação de (in)visibilidade (DA SILVA, 2018).

Importante pontuarmos o aumento exponencial de casos da doença após as festas de final do ano de 2021 e o avanço da nova variante Ômicron, que tem provocado lotação em emergências de hospitais e postos de saúde para atendimentos – em São Paulo, 50% dos novos casos já se confirmam como variante Ômicron, assim como em outros estados brasileiros. Até o momento, felizmente, sem registro expressivo no aumento de óbitos.

No dia 7 de julho de 2020, o Presidente da República, Jair Bolsonaro, anunciou, em rede nacional, que havia contraído a Covid-19 (TV BRASIL, 2020). No momento do anúncio, além do canal oficial da presidência, convocou outros dois veículos de

⁶ A primeira remessa de vacinas para o público infantil, com 1,2 milhão de doses, chegou ao País em 13 de janeiro de 2022.

⁷ O site voltou a ser atualizado somente na segunda quinzena de janeiro de 2022. A finalização do nosso trabalho se deu em 21 de janeiro de 2022.

comunicação até sua residência, no Palácio da Alvorada, em Brasília. Concedeu entrevista com máscara de proteção e, antes que finalizasse a entrevista, retirou-a e seguiu com seu pronunciamento, em desrespeito a todos os presentes na coletiva de imprensa, em especial aos jornalistas.

A vacinação avançou no Brasil, desde novembro de 2020, com 148 milhões de brasileiros totalmente imunizados, representando quase 70% da população. A terceira dose, ou dose de reforço, também passou a ser aplicada. Entretanto, o Presidente da República optou por não tomar a vacina, pois, segundo ele, já está imunizado (por ter contraído a doença). Outra alegação utilizada é a de que ele é “livre” para escolher se quer ou não receber o imunizante. “Para mim, a liberdade⁸ acima de tudo. Se o cidadão não quer tomar a vacina, é um direito dele e ponto final” (CORREIO BRAZILIENSE, 2021). Para os gregos (RAMOS, 2014), no entanto, no momento em que a identidade do indivíduo se afirmava na comunidade política, os interesses individuais deveriam estar alinhados com o bem comum.

As atitudes do presidente desde o começo da pandemia, negando a gravidade dos fatos e defendendo medicamentos sem eficácia comprovada contra a Covid-19 (SANTOS, 2020), além de outros posicionamentos, especialmente em suas redes sociais, nos instigaram a desenvolver esta pesquisa. Acreditamos que os líderes precisam estar “preparados” para atuar com o novo, com o dissenso (MARQUES; MAFRA, 2017), buscando promover o diálogo (BOHN, 2005; BUBER, 2009).

Para a presente pesquisa, selecionamos o Presidente da República como a liderança a ser analisada, tendo em vista sua representatividade como chefe da Nação, por apresentar um perfil de liderança política que estimula e desafia a nossa compreensão.

Sodré reconhece, como requisito essencial da compreensão, a questão do vínculo e o afeto com o outro, “[...] com a pluralidade dos outros e com o mundo” (SODRÉ, 2006, p. 68). Em seu aspecto comunicacional, a compreensão busca as

⁸ Dias (2019), em artigo sobre a noção de liberdade e o Estado de Direito, discorre sobre o entendimento a partir Friedrich Hayek, para quem o direito existe para que possamos conviver em sociedade de maneira que cada sujeito possa empreender seu projeto de vida. A tônica da liberdade (DIAS, 2019, p.1-20) seria a de olhar para o Estado e sentir-se livre, “afinal, ele me disse de antemão o que irá fazer e aonde jamais chegará (pelo menos em tempos de normalidade)”. Demarcadas as bases do proibido e do permitido, fica o indivíduo livre para fazer suas escolhas, protegido do arbítrio.

regularidades linguísticas que podem se tornar juízos argumentativos (SODRÉ, 2006), e também os aspectos subjetivo e afetivo, que podem preceder o discurso e o sentido⁹.

Na mídia de referência, Bolsonaro aparece como um líder polêmico, agressivo, raivoso, apoiador de uma política liberal que tem se mostrado indiferente a questões que envolvem a saúde pública, a preservação do meio ambiente e as leis trabalhistas. Durante sua trajetória de candidato à presidência, inclusive enquanto deputado federal pelo Rio de Janeiro, destacou-se por um discurso do ódio (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018, p. 115), com frases sobre racismo, preconceito e misoginia: “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”, declaração dada após o então presidente FHC segurar uma bandeira com as cores do arco-íris em defesa da união homoafetiva, em maio de 2002. “Não te estupro porque você não merece” (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018, p. 115), para a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS), em dezembro de 2014; e “O erro da ditadura foi torturar e não matar” (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018, p. 115), em participação no programa Pânico, da rádio Jovem Pan, em julho de 2016, entre outros.

Com esses discursos, performa por meio de fachadas sociais (GOFFMAN, 2014), utilizando-se, principalmente, das redes sociais como um “[...] showman” (CIOCCARI, PERSICHETTI, 2018, p. 115), alternando na ambiência digital publicações de acusações contra a mídia e inimigos políticos, com a divulgação de ações do Governo, construindo suas narrativas e/ou discursos na busca de atender aos desejos dos seus públicos, que “enxergam” uma “[...] fachada” (GOFFMAN, 2014, p. 34) de Bolsonaro fora da mídia tradicional (rádios, TV e jornais impressos). “Esse parece ser o espetáculo mais rentável; quando constrói sua imagem atrás da audiência que a mídia lhe tira” (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2018, p. 115). Se a imprensa o confronta, responde em suas redes/mídias sociais como se fosse num campo de batalha em que tem sua voz reverberada, aliando-se ao conceito de comunicação política a partir de “[...] um discurso ou ação na conquista da opinião pública, em busca do poder” (DUARTE, 2001, p. 126).

⁹ Morin (2015, p. 76-77) fala que a indiferença, o egocentrismo, a autojustificação, o autoengano e a mentira, são “obstáculos para a compreensão humana”, prejudicando o outro e “negando-lhe a humanidade”.

Em setembro de 2020, se mantinha como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo na categoria Líderes, pela *Revista Time* (2020), porém sua popularidade caiu.

Pesquisa *PoderData*, realizada em 19 de outubro de 2021, mostra uma desaprovação de 58% – no momento da produção da nossa pesquisa, a “fachada” de Bolsonaro é a de um político de olho na reeleição, em 2022, preocupado em substituir um importante programa social, como o Bolsa-Família, pelo Auxílio Brasil, em que as famílias receberão o valor de R\$ 400 mensais. Para a plateia, a intenção é repercutir a crença de que ele é o Messias, que veio para salvar o Brasil da esquerda, e agora também da fome e do desemprego. Bolsonaro sempre abriu mão de fachadas como as de defensor dos direitos humanos e do meio ambiente, e buscou representar para grupos específicos, como parte de um coletivo, em que ele opera seus variados papéis: o militar da reserva que tem as forças armadas ao seu lado em caso de alguma necessidade eventual; o indivíduo moralista, da família e de Deus¹⁰, o político defensor da democracia e da liberdade, que quer um país afeito aos bons costumes.

Essas fachadas são complementadas pelo cenário, que também interfere na representação e na linguagem utilizada, pois o modo como age, gesticula e fala pode diferir de acordo com os diversos quadros sociais da trama, variando da formalidade para a informalidade. Diante de uma cerimônia de posse no STF, difere do Presidente da República que discursa para apoiadores na Avenida Paulista, em São Paulo, em um feriado da independência, estimulando uma intervenção militar; que difere do Bolsonaro que, ao visitar outros países e chefes de Estado, utiliza máscara de proteção¹¹ – mas, no Brasil, ele não a usa.

Para Goffman (2014), a representação vai além de contemplar o caráter do ator em seu conteúdo, o que nos permite avançar para uma análise do governo, incluindo outros atores que encenam e participam dessa peça que vamos considerar como o Governo – os ministros de Estado. Goffman (2014, p. 78-79) recorre ao termo “equipe de representação” ou, abreviadamente, “equipe”, a esse grupo de indivíduos que cooperam com a encenação nos ambientes de trabalho, por exemplo. Para o autor,

¹⁰ Assistimos aos dois pronunciamentos em rede nacional de Bolsonaro no período da pandemia. Em ambos (PLANALTO, 2020), nos dias 24 de março e 8 de abril de 2020 o presidente encerra as falas com “Deus abençoe o Brasil” ou “Deus abençoe a nossa querida Pátria”.

¹¹ Na data de 17 de novembro de 2021, Bolsonaro estava no Catar, no Oriente Médio, em visita institucional. Há várias postagens em seu Twitter utilizando máscara de proteção.

a cooperação entre dois atores, cada um dos quais ostensivamente decidido a apresentar sua própria representação especial, poderá ser analisada como um tipo de conluio ou 'entendimento', sem alterar o quadro de referência fundamental [...] Quer os membros de uma equipe encenem representações individuais ou encenem representações diferentes que se ajustam num todo, surge a impressão de uma equipe emergente que pode ser convenientemente tratada enquanto tal como um terceiro nível do fato localizado (quebra) entre a atuação individual, de um modo, e a interação total dos participantes, de outro (GOFFMAN, 2014, p. 79).

Selecionamos um caso específico como exemplo. Em 22 de maio de 2020, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Celso de Mello, tornou público um vídeo de uma reunião privada do presidente com seus ministros, ocorrida um mês antes, em 22 de abril (VEJAPONTOCOM, 2020)¹². A imagem (Figura 1) é um *print screen* do vídeo da referida reunião, em que estão presentes os 21 ministros do primeiro escalão¹³.

Figura 1 – *Print* do vídeo da reunião ministerial.



Fonte: Canal Vejapontocom no YouTube (2020).

¹² A reunião foi mencionada pelo ex-ministro da Justiça, Sergio Moro, como prova de que o presidente Jair Bolsonaro tentava interferir na Polícia Federal. Após depoimento de Moro, foi aberto um inquérito pelo STF, a pedido da Procuradoria Geral da República (PGR), para investigar as acusações de Moro, que Bolsonaro negava. Após assistir ao vídeo, Celso de Mello optou por torná-lo público (PORTAL G1, 2020).

¹³ A lista completa com os ministros do Governo está disponível no site da presidência da República (PLANALTO, 2021). À época, eram 21 ministérios. Em janeiro de 2022, o total de ministérios chega a 23.

O conteúdo do referido vídeo mostra Bolsonaro, em sua primeira participação, a partir dos 27min27s, convocando os ministros a defenderem as ações do Governo durante a pandemia, perante governadores e prefeitos que estavam proibindo a circulação de pessoas em seus municípios: “Vou continuar indo a qualquer lugar do Brasil e ponto final, é problema meu. Acordem para a política, é isso que eu peço, afinal o Governo é um só. Se cair cai todo mundo” (VEJAPONTOCOM, 2020), institucionalizando a política para que a fachada se torne uma só representação coletiva. Aos 38 minutos de gravação, declara, em tom de ameaça, que irá interferir na Polícia Federal, pois precisa de alguém no órgão que repasse a ele o que é investigado, para que ele, como presidente, não seja surpreendido.

Abraham Weintraub, então ministro da Educação, ao tempo de 1h24min13s fala em libertar o Brasil da “porcaria” (VEJAPONTOCOM, 2020) que é Brasília, “[...] um campo de corrupção e privilégios” (VEJAPONTOCOM, 2020, on-line), e diz que o povo clama por liberdade. “Eu, por mim, colocava esses vagabundos todos na cadeia, começando pelo STF” (VEJAPONTOCOM, 2020), ao tempo de 1h25min24s. Ricardo Salles, na época ministro do Meio Ambiente, a partir dos 23min36s comenta sobre a necessidade de “aproveitar” o momento da pandemia e a desatenção da mídia diante de outros assuntos para “passar a boiada” de seus projetos mudando as regras de proteção ambiental (VEJAPONTOCOM, 2020).

Analisando a cena à luz de Goffman (2014), evidenciamos aspectos da fachada referida pelo autor e dos bastidores dessa cena (reunião ministerial) a que a plateia teve acesso. Estão claras as aparências dos atores em questão e suas maneiras, o que, ao olhar de Goffman (2014), também mostra como os indivíduos desempenham seu papel na interação, podendo ser arrogantes, agressivos ou humildes. Bolsonaro, por exemplo, utiliza-se de palavrões por 29 vezes¹⁴.

Para Goffman, a tarefa central do status de determinado ator deve ser transmitir suas qualidades e atributos. E tudo isso é destacado no vídeo da referida reunião com fatos confirmatórios (GOFFMAN, 2014), desde a maneira como Bolsonaro conduz a reunião até a utilização de xingamentos e palavrões. Para o autor:

¹⁴ Como o vídeo está disponível na íntegra em diversos espaços da ambiência digital, foi possível ouvir os trechos das falas e contar o número de palavrões que ele profere na reunião.

Quando se examina uma representação de equipe, descobre-se geralmente que a alguém é dado o direito de dirigir e controlar o desenrolar da ação dramática. [...] Às vezes, o indivíduo que assim domina o espetáculo é em certo sentido do diretor dela, representa um papel verdadeiro no espetáculo que dirige. [...] Em muitas encenações, duas importantes funções devem ser executadas, e se a equipe tem um diretor a ele caberá frequentemente o dever de desempenhá-las. Em primeiro lugar, o diretor pode ter a obrigação específica de trazer de volta à linha adotada qualquer membro da equipe cuja representação se torne inconveniente (GOFFMAN, 2014, p. 110-111).

Observamos os esforços dos ministros – da equipe de atores – para manter a representação, evidenciando alguns fatos e performando a partir dos papéis. Sergio Moro, nesse momento, poderia ser classificado como delator e traidor, já que pediu demissão do Governo dois dias depois da referida reunião; e, ainda, como contrapartida ou “vingança”, informou em depoimento ao Supremo Tribunal Federal que a reunião havia ocorrido, o que fez com que o órgão tornasse pública a gravação do encontro ministerial.

Na ambiência digital, Bolsonaro se sente “à vontade” para performar. Em 2014, quando decidiu que seria candidato a Presidente da República nas eleições de 2018 (MAZUI; CALGARO, 2018), sua página no Facebook tinha 204 mil seguidores. Durante o período eleitoral, o número subiu para quase 8 milhões e, em novembro de 2021, já ultrapassa 14 milhões (BOLSONARO, 2021). No Twitter, ele tinha 1,9 milhão em 2018; em novembro de 2021, eram 7 milhões de seguidores (BOLSONARO, 2021); e, no Instagram, cerca de 1 milhão, passando, em 2021, a 19 milhões (BOLSONARO, 2021).

Diante do contexto apresentado, propomos três problemas de pesquisa:

1. Quais as estratégias discursivas utilizadas pela principal liderança política brasileira durante a pandemia de Covid-19 na ambiência digital?
2. Como tais estratégias configuram o(s) estilo(s) dessa liderança durante a pandemia de Covid-19?
3. Como compreender a liderança política, considerando as dimensões de transparência, cidadania e solidariedade?

Para responder a esses questionamentos, definimos os seguintes objetivos:

1. Analisar os discursos de Jair Bolsonaro na ambiência digital durante a pandemia de Covid-19, considerando as dimensões de Transparência, Cidadania e Solidariedade.
2. Discutir sobre como as estratégias discursivas configuram o(s) estilo(s) dessa liderança durante a pandemia de Covid-19.
3. Compreender a liderança política, considerando as dimensões de Transparência, Cidadania e Solidariedade.

Em novembro de 2020¹⁵, estabelecemos como estrutura da tese seis capítulos – quatro para o desenvolvimento do tema, um para a análise e o último para as considerações (in)conclusivas. O primeiro capítulo corresponde ao ponto de partida no qual estamos, as considerações iniciais. No Capítulo 2, detalhamos o método e as estratégias metodológicas, discorremos sobre os conceitos de Transparência, Cidadania e Solidariedade e recuperamos a trajetória de nosso personagem, sua vida e carreira no exército, os 28 anos como deputado federal pelo Rio de Janeiro e os últimos três anos como Presidente da República.

No terceiro capítulo, *A liderança em debate*, apresentamos conceitos sobre o tema ao longo do século XX e na atualidade, os estilos e as características trazidos por diferentes visões, desde a administração, a psicologia (BERGAMINI, 2002, 2009), ingressando na liderança política, com Bourdieu (2011, 2012) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008), e na liderança carismática (WEBER, 2011, 1999). Na sequência, destacamos os resultados da pesquisa do Estado da Arte sobre este tema e suas interfaces, junto ao Portal de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e em eventos nacionais de referência (Intercom, Compós e Abrapcorp) nos períodos de 2015 a 2021. Como complemento ao capítulo, recuperamos a história das pandemias no Brasil, ancoradas em dois cursos: “Políticas e práticas científicas no Brasil entre 1750 e 1850”, da Aberje, que debateu as pautas pandemia e instituições científicas no Brasil, com a professora da USP, Íris Kantor; e pandemia e instituições científicas no Brasil, com o professor da USP, Pedro Paulo Pimenta. Ainda destacamos o curso “A Covid-19 na história das epidemias: rupturas e continuidades”, promovido pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), que tratou

¹⁵ A partir de sugestões da banca de qualificação.

dos seguintes temas: “As epidemias de cólera do século 19 no Brasil: raça, ciência e saúde”; “Epidemias de varíola e pandemia de Covid-19: políticas públicas, conhecimento científico e educação popular – diferenças históricas no século 20”; “Epidemia de HIV/Aids no Brasil: do estigma às respostas públicas” e “As epidemias nas páginas dos jornais: a gripe espanhola e a atuação do Instituto Oswaldo Cruz”.

No quarto capítulo, *Comunicação em tempos de pandemia*, centramos a reflexão sobre a comunicação, baseados em Marcondes Filho (2012) e Wolton (2011), no sentido de justificar a nossa opção pela comunicação sob uma perspectiva relacional e dialógica. A comunicação pública, política e governamental também constituem esse capítulo, com aporte teórico, principalmente, em Duarte (2011, 2014), Matos (2011, 2012, 2013, 2020), Novelli (2006), Weber (2011, 2020), Bueno (2012, 2014, 2015) e Hohlfeldt (2001, 2009, 2010, 2011). Voltamos à discussão para a ambiência digital, tendo como principais referências Saad Corrêa (2015, 2019, 2021), Terra (2010, 2021), Santaella e Lemos (2010a, 2014). Em relação à cibercultura, recorreremos a Lévy (1999), Lemos e Lévy (2010a), Castells (1999, 2003, 2009, 2013, 2015, 2020) e Jenkins (2008), dentre outros. Abordamos as mudanças ocorridas no sistema de comunicação da sociedade industrial, com a sociedade em rede, quando estar conectado se tornar, “condição *sine qua non* para a configuração do ato comunicacional digital” (TERRA, 2021, p.17), com as relações sociais se desverticalizando nos diferentes ambientes.

Nessa perspectiva, as mídias sociais apontam para o formato de conversação, e não de monólogo, procurando facilitar a “discussão bidirecional” (TERRA, 2010, p. 7). Essas trocas podem gerar o que Lemos e Lévy (2010a) definem como comunidade virtual: grupo de pessoas que se relacionam no ciberespaço, permeada por relações efêmeras e desterritorializadas, que ocorrem principalmente em afinidades por temas e não por um relacionamento prévio. Também, neste capítulo, apresentamos o Twitter, com suas diferentes funcionalidades, como uma “[...] arena atemporal, híbrida” (SAAD CORRÊA, 2015, p. 8) de formação da opinião pública e de discussão, trocas, diálogos e manifestações. Ele nos parece o mais adequado também por sua característica de “[...] meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo, no qual questões [...] podem ser livremente debatidas e respondidas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010a, p. 66). O Twitter estimula o usuário a responder à pergunta: O que está acontecendo?, remetendo a

uma “definição da situação” (GASTALDO, 2008, p. 149-150), central no pensamento goffmaniano e na Escola de Chicago¹⁶, que atribui sentidos ao contexto vivido, “buscando entender o que está acontecendo para se alinhar adequadamente às diferentes situações”.

No quinto capítulo, em que utilizamos como título a pergunta feita pelo Twitter ao usuário, partimos para a etapa de compreender os discursos da liderança política na ambiência digital. Inicialmente, nossa ideia era realizar um levantamento quantitativo dos *posts* a partir de 16 de março de 2020, dia anterior a data da divulgação da primeira morte confirmada de Covid-19 no Brasil¹⁷, até o dia 31 de agosto de 2020, quando diversos estados brasileiros reabriram atividades comerciais.

Por sugestão da banca de qualificação, definimos seis acontecimentos para análise durante o período delimitado: a divulgação da primeira morte por Covid-19 no Brasil; a demissão do cargo do primeiro ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta; o pedido de demissão do então ministro da Justiça, Sergio Moro; a divulgação, pela revista *The Intercept Brasil* de rachadinhas no antigo gabinete de Flávio Bolsonaro, filho do presidente, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e o envolvimento da família com as milícias da capital carioca; o pedido de demissão do ministro da saúde que substituiu Mandetta, Nelson Teich; e o retorno gradual das atividades comerciais e de aulas presenciais nas escolas em alguns estados do País.

As pesquisas permitiram a interpretação/reinterpretação do objeto, sem perder de vista a importância do contexto sócio-histórico. Para a coleta dos dados (tuítes), utilizamos a ferramenta de busca do Twitter. Foram coletados 153 tuítes. Posteriormente, ao desenvolver a análise qualitativa, recorreremos à análise argumentativa em Thompson (1995, 2002, 2011), com o apoio da Análise de Discurso, a partir de Orlandi (2002, 2003, 2005, 2007), Pêcheux (2006, 1999) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008).

¹⁶ *The presentation of self in everyday life*, traduzido para o Brasil como *A Representação do Eu na vida cotidiana* (primeira edição em 1975), foi o primeiro livro de Goffman, publicado a partir de sua tese de doutorado defendida na Universidade de Chicago (*Communication conducts in an Island Community*) em 1953. Em nossa pesquisa, utilizamos a edição de 2014 da obra de Goffman.

¹⁷ A divulgação foi realizada em coletiva de imprensa pelo Governo de São Paulo informando que o paciente havia falecido no dia anterior, 16 de março, na capital paulista. O paciente tinha 62 anos e um histórico de doenças como diabetes e hipertensão. Somente em 28 de junho de 2020, o Ministério da Saúde informou que, na realidade, a primeira morte por Covid-19 no País teria sido registrada em 12 de março, e não no dia 16 de março, como divulgado anteriormente. A primeira paciente era uma mulher de 57 anos, de São Paulo (OLIVEIRA, 2020).

Para sustentar nosso percurso metodológico, optamos pela Hermenêutica de Profundidade proposta por Thompson (2011, 2002, 1995), que, em sua combinação de métodos e procedimentos analíticos, permite a aproximação e interpretação/reinterpretação do objeto, sem perder de vista a importância do contexto sócio-histórico. Buscamos realizar sequências de movimentos interpretativos/reinterpretativos em todo o processo de construção da tese.

Na análise sócio-histórica, momento de “[...] reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, p. 366), realizamos a análise a partir das subdivisões propostas pela HP: situações espaço-temporais específicas em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas; as formas simbólicas especificamente situadas dentro de certos campos de interação; e as formas simbólicas e instituições sociais, compreendidas como conjuntos estáveis de regras e recursos, juntamente com relações sociais, que são estabelecidas por eles. Em nosso estudo, o contexto da pandemia, a trajetória de vida de Bolsonaro, o momento político que vive o País e os discursos da principal liderança política da nação intentam contemplar essas condições sócio-históricas. Na etapa da interpretação/reinterpretação, retomamos o título, com a pergunta *O que não está acontecendo?* e buscamos desconstruir, a partir das etapas anteriores, para interpretar e construir.

No sexto e último capítulo, estão as *Considerações (in)conclusivas*. Pelo caráter empírico da tese e pela utilização de discursos factuais, em uma rede social como o Twitter, nos aventuramos a dizer que temos nas próximas páginas um breve relato de um momento histórico do País. Esse também era o nosso objetivo enquanto pesquisadores – deixar um registro de meses que não esqueceremos, em que experimentamos no Brasil, à luz de Sodré (2021), “uma sociopatia coletiva, com um grupo sociopata no poder”. Para Morin (2020, p. 5), “o inesperado na história penetrou com dificuldade nas consciências, o imprevisto era previsível, mas não sua natureza”. E somos incapazes de compreender o ano de 2020.

2 MÉTODO E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Quando da realização de uma pesquisa, “ao colocar em prática o trabalho” emergem várias questões importantes. Uma delas, e sobre a qual nos debruçaremos neste capítulo, diz respeito à escolha do método, construção do *corpus* de dados e procedimentos analíticos. Com o intuito de responder às nossas questões e atender aos objetivos de pesquisa, optamos pela Hermenêutica em Profundidade (HP) (THOMPSON, 1995, 2002, 2011)¹⁸.

Referindo-se à arte da interpretação, o termo “hermenêutica” tem sua origem do grego *hermeneuein* e remete à mitologia grega, na qual o deus Hermes oferece aos seres humanos a capacidade de compreender o que era incompreensível (GOMES, 2015). Corresponde, dessa forma, a uma filosofia da interpretação que torna possível a leitura do objeto para além de sua aparência superficial, podendo, por esse motivo, revelar aspectos ideológicos e de relações de poder (GADAMER, 2002, p. 113). Ao *hermeneus* caberia traduzir à linguagem comum a todos, “[...] o que se manifestou de modo estranho e incompreensível” (GADAMER, 2002, p. 112). A concepção da hermenêutica, desenvolvida posteriormente no mundo grego, estava vinculada a “[...] um sentido de *hermeneus* e *hermeneia* puramente cognitivo podendo significar ‘explicação erudita’, ‘comentador’ e ‘tradutor’” (GADAMER, 2002, p. 113).

Além da associação aos debates na Grécia Antiga, a hermenêutica esteve atrelada à interpretação de textos bíblicos e leis (de direito). Sob influência religiosa desde o século III, quando Santo Agostinho estabeleceu regras para interpretação dos textos bíblicos, o termo foi utilizado de maneira científica pela primeira vez somente no século XVII, na obra de Conrad Dannhaeur, em que ficou conhecido como hermenêutica medieval ou clássica (GOMES, 2015). A hermenêutica moderna,

¹⁸ Segundo diversos autores que utilizamos para a nossa pesquisa sobre o método, entre eles Gomes (2005), Veronese e Guareschi (2006), Lopes e Vasconcellos (2010), Thompson (1995, 2011) se apropria das investigações desenvolvidas por Ricouer (1975) e seus antecessores para desenvolver o método da hermenêutica e criar a Hermenêutica de Profundidade, com o intuito de investigar e compreender as alterações que a centralidade dos meios de comunicação de massa vem ocasionando na sociedade moderna. Para Thompson (1995), o comportamento humano não pode ser deduzido por leis da natureza de caráter determinista. Dessa forma, ele critica as teorias voltadas à passividade do receptor, como, por exemplo, os argumentos da Escola de Frankfurt de que o receptor é alienado e direcionado pelos interesses econômicos do veículo de comunicação de massa e da indústria cultural. Thompson (1995, p. 359) argumenta que “os sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto são, como os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão”.

como filosofia ou teoria identificada por Thompson como Hermenêutica de Profundidade (HP), fruto de muitas transformações ocorridas desde seu surgimento, está vinculada à compreensão e interpretação de formas simbólicas, que “[...] são construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas” (THOMPSON, 1995, p. 357); ou também toda maneira de comunicação que possa expressar sentido, “[...] uma ampla variedade de fenômenos significativos, desde ações, gestos e rituais até manifestações verbais, textos, programas de televisão e obras de arte” (THOMPSON 2011, p. 183).

Thompson aponta para cinco aspectos das formas simbólicas que explicam por que elas podem ser vistas como fenômenos significativos (Quadro 1).

Quadro 1 – Aspectos das formas simbólicas definidos por Thompson (1995, 2002, 2011).

<p>Intencional: as formas simbólicas são produzidas, construídas e veiculadas por um sujeito que busca objetivos ao expressar "o que quer dizer" para um outro sujeito ou grupo de sujeitos. O termo "intencional" quer indicar a ação, a vontade em se expressar por meio de uma forma simbólica, e não exclui as divergências possíveis entre intenção, forma e o sentido percebido pelo receptor, por exemplo.</p>
<p>Convencional: a produção, a circulação e a interpretação das formas simbólicas se dão por meio da aplicação de códigos, regras ou convenções variadas, desde as técnicas até as convenções sociais e relacionais. Inclui as questões entre codificação e decodificação.</p>
<p>Estrutural: as formas simbólicas possuem estrutura articulada de elementos que se inter-relacionam. Esses elementos integram um sistema simbólico, e é por isso que se torna possível tanto desvelar a estrutura de uma forma simbólica quanto analisar esse sistema simbólico por meio de sua corporificação em uma forma simbólica particular.</p>
<p>Referencial: as formas simbólicas tipicamente se referem a algo, dizem algo sobre alguma coisa, representam alguma coisa. Trata-se da "especificidade referencial" (THOMPSON, 2011, p. 190), ou seja, do fato de que uma forma simbólica se refere a um específico objeto ou situação quando empregada em uma dada ocasião; assim, há figuras e expressões que só adquirem essa especificidade em determinados ocasiões.</p>
<p>Contextual: indica que as formas simbólicas estão sempre "inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas" (THOMPSON, 2011, p.192). Esse aspecto gera diversas consequências, pois implica as relações sociais específicas em análise, os meios pelos quais as formas simbólicas foram expressas, que traços elas carregam e como esses traços motivam sua valorização ou desvalorização.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020) a partir de Thompson (2011).

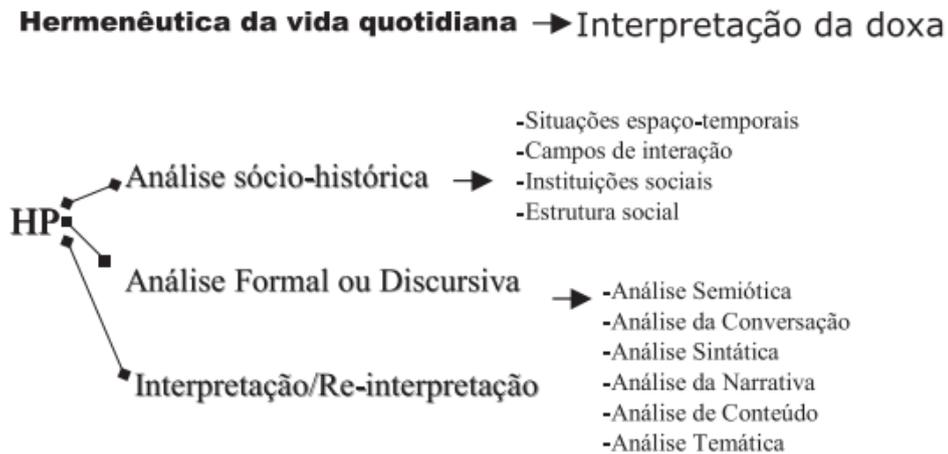
Justificamos a escolha por esse método também a partir do entendimento de que ele “[...] procura conhecer os processos de sentido que se configuram nos cenários sociais” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 86-88), em que os sujeitos interagem, produzem e são interpelados pelas formas simbólicas. Outro fator é o “olhar” da HP de Thompson para a ideologia, que a coloca a serviço do poder, fator relevante para uma pesquisa que analisou discursos de uma liderança política.

Thompson (2011, 2002, 1995) propõe o resgate do teor crítico de diferentes concepções de ideologia (sentido estrito, particular, negativo) em contraposição à percepção neutra (sentido geral, totalizante, visão de mundo), e a descreve como um sistema de representações que servem para sustentar relações existentes de dominação de classes por meio da orientação das pessoas para o passado, em vez de para o futuro, “[...] ou para imagens e ideais que escondem as relações de classe e desviam da busca coletiva de mudança social” (THOMPSON, 2011, p. 58).

Nos interessa ainda a possibilidade de proposição de sentidos ideológicos (VERONESE; GUARESCHI, 2006), a partir de um exercício necessário de “[...] racionalidade argumentativa e comunicativa”. Thompson (1995, 2002, 2011) destaca as relações assimétricas e de poder, nas quais existem diferenças coletivas, sistemáticas e duráveis de distribuição e acesso a recursos, poder, oportunidades e possibilidade entre os integrantes de grupos relacionados.

A Hermenêutica em Profundidade compreende três fases de análise: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação (Figura 2).

Figura 2 – Possibilidades apresentadas pelo método.



Fonte: Thompson (2011, p. 365).

O primeiro movimento se dá a partir da interpretação da doxa, um olhar sobre a maneira como os sujeitos entendem sua realidade para, então, interpretar crenças, opiniões e compreensões partilhadas e sustentadas pelos agentes sociais. Thompson (1995) chama essa etapa de momento etnográfico (PREDIGER; SCHERER; ALLEBRANDT, 2018), em que se busca entender os sujeitos, como percebem sua realidade, quais são suas crenças, opiniões, senso comum, e a compreensão que os atores têm de sua realidade. A interpretação da doxa é importante e indispensável e, segundo o autor, não levar em conta a doxa é desconsiderar que os fenômenos sociais já estão colocados e interpretados pelas pessoas nas dinâmicas de suas vidas (THOMPSON, 1995).

Após esse momento, temos outras três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. Essas fases não são necessariamente etapas cronológicas, pois as dimensões de análise são diferentes, porém complementares, desenvolvidas conforme o contexto e os objetivos da investigação. É importante salientar que, na visão de Thompson (1995, 2002, 2011), a HP não é um esquema rígido de análise, o que possibilita criatividade ao pesquisador. A pesquisa deve se associar a uma investigação centrada em um problema, cuja natureza se relaciona à compreensão e interpretação das formas simbólicas ou à interpretação da doxa, da vida cotidiana, à captação dos significados manifestos no senso comum.

Em nosso trabalho, a doxa se evidencia a partir do entendimento sobre o momento histórico vivido, de uma pandemia mundial com milhões de mortos em todo o mundo. O coronavírus produziu e ainda produz repercussões não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias (FIOCRUZ, 2020). A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros.

Além disso, a necessidade de ações para contenção da mobilidade social como isolamento e quarentena, bem como a velocidade e a urgência de testagem de medicamentos e vacinas evidenciam implicações éticas e de direitos humanos que merecem análise crítica e prudente. Aproximamos com a realidade da crise brasileira (econômica, política e institucional), em curso desde 2015, e que provocou uma perda de legitimidade das instituições políticas (Congresso Nacional, Partidos Políticos e Presidência da República) e da justiça (PINTO, 2019) – STF, por exemplo¹⁹. Relevante citarmos as atitudes negacionistas do Presidente da República, ao defender medicamentos sem comprovação científica e tornar o desenvolvimento da vacina um ato político-partidário, intensificando uma disputa política com o governador de São Paulo, João Dória (PSDB), pré-candidato, à época, à presidência da república nas eleições de 2022²⁰. Para Thompson (1995, 2011), as formas simbólicas e os contextos em que são produzidas e recebidas pelas pessoas são fatos que não podem ser negligenciados, “é desprezar uma condição hermenêutica fundamental da pesquisa sócio-histórica” (THOMPSON, 2011, p. 364).

Na análise sócio-histórica, momento em que contextualizamos esse espaço e o tempo em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas, avaliamos, por exemplo, as situações espaço-temporais, os campos de interação, as instituições

¹⁹ Entre 2012 e 2018 (ano em que se lançou candidato, e foi eleito, os índices de confiança da população no Congresso Nacional, nos Partidos Políticos e na Presidência da República despencaram (DATAFOLHA, 2018).

²⁰ Em 27 de novembro de 2021 Dória foi escolhido pelo PSDB como candidato a presidente, após eleição interna com Eduardo Leite e Arthur Virgílio Neto.

sociais envolvidas e a estrutura social. Após, na análise formal ou discursiva, fizemos a análise da estrutura das formas simbólicas, seguidas do contexto delineado na etapa anterior. Nessa fase são empregadas diferentes técnicas/métodos, e optamos pela análise de discurso em Orlandi (2002, 2003, 2009), Pêcheux (2006, 1999) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008). Na interpretação/reinterpretação, é o momento da reconstrução/desconstrução da mensagem, a partir das etapas anteriores, para interpretação pelo pesquisador, que assumimos como uma interpretação criativa e crítica sobre as relações sociais indicadas pelas formas simbólicas e pela contextualização sócio-histórica. Na perspectiva de Thompson (1995, p. 375), esse é um processo de “[...] construção ativa de possíveis significados”, indo além das instâncias analisadas, na busca pelo entendimento do aspecto referencial da forma simbólica, o que também é acentuado pela premissa de que já se existiu uma interpretação anterior (MOURA; ALMEIDA, 2017).

Após a explanação sobre as diferentes etapas possibilitadas pelo método, entendemos importante apresentar as estratégias adotadas para a consecução das fases da HP (Figura 3), de acordo com as questões-problema levantadas e os objetivos propostos para a pesquisa apontados nas considerações iniciais. Como todo trabalho científico, construído ao longo de um percurso dinâmico, mudanças e adaptações foram ocorrendo e são inerentes ao processo.

Propomos cinco momentos para o desenvolvimento do trabalho, iniciando pela discussão dos conceitos e das características das lideranças ao longo da história, para posterior relação com o objeto de estudo. Nos segundo e terceiro momentos, abordamos o nosso entendimento de comunicação, a comunicação pública, política e governamental, como também a ambiência digital, em que o Twitter entra em cena, com suas funcionalidades e especificidades. No quarto e último momento, apontamos as formações discursivas utilizadas por Bolsonaro no período delimitado.

Após a apresentação do percurso pretendido, partimos para a explicação sobre as etapas, começando pela análise sócio-histórica, momento de “[...] reconstrução das condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 2011, p. 366).

2.1 ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

O contexto da pandemia, a trajetória de vida de Bolsonaro, a comunicação política, pública, governamental, digital, o estado da arte sobre a liderança e os conceitos ao longo da história, se fazem importantes, e são explanados ao longo dos terceiro e quarto capítulos, representando as formas simbólicas (faladas, narradas, inscritas) e como elas são recebidas (vistas, ouvidas, lidas).

Baseando-se em Bourdieu (1984), Thompson (2012) argumenta que um campo de interação social pode ser conceituado, sincronicamente, como um espaço de posições e, diacronicamente, como um conjunto de trajetórias. “As posições ocupadas e as trajetórias vividas estarão relacionadas com o tipo de recursos ou capitais que o sujeito acessou e acumulou” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 88).

Começamos apresentando o nosso personagem/sujeito, o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

2.1.1 A trajetória de vida de Bolsonaro

Eleito presidente da República em 29 de outubro de 2018, com 57.797 milhões de votos, Jair Bolsonaro começou sua trajetória política como vereador no Rio de Janeiro, em 1989. Dois anos depois, elegeu-se para a Câmara dos Deputados, onde ficou por 26 anos, até se candidatar à Presidência. Durante a trajetória na Câmara Federal, apresentou 172 projetos, parte deles com temas relacionados aos interesses dos militares (53), seguido pela área da segurança pública, com 44 projetos (CÂMARA, 2020). Apesar dos diversos projetos apresentados, apenas dois foram aprovados: e o que estendia o prazo para a isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para bens de informática; e outro, autorizando o uso da fosfoetanolamina, a “pílula do câncer”, cuja pesquisa foi suspensa por não ter eficácia comprovada em testes (PORTAL G1, 2018). Durante o tempo no legislativo, passou pelos partidos PDC, PPR, PPB, PTB, PFL, PP, PSC e PSL (PORTAL G1, 2018).

Nasceu em 21 de março de 1955, na cidade de Glicério, a 440 quilômetros de São Paulo, mas seu registro de nascimento consta como Campinas (CARVALHO, 2019, p. 13-14). A infância foi no interior de São Paulo, grande parte em Eldorado, cerca de 250 km da capital, onde a família ainda vive – a mãe de Bolsonaro, Olinda,

faleceu em 21 de janeiro de 2022 em decorrência de duas paradas cardiorrespiratórias. Na época da eleição, concedeu entrevistas para emissoras de televisão. O pai, Percy Geraldo, que era dentista, faleceu na década de 90. Bolsonaro tem também cinco irmãos, e cinco filhos, em três casamentos. A atual esposa é a primeira-dama Michelle Bolsonaro. Três dos seus cinco filhos estão envolvidos na vida política: Carlos é vereador no Rio de Janeiro, Flávio é senador pelo Rio de Janeiro e Eduardo conquistou o segundo mandato de deputado federal por São Paulo, com a maior votação do país – 1,8 milhão de votos, recorde para uma eleição de deputado federal (MAZUI; CALGARO, 2018).

Em entrevistas concedidas durante a campanha, e nas próprias redes sociais, Bolsonaro, por diversas vezes, declarou que os três filhos o ajudaram a traçar sua estratégia política e digital, principalmente o segundo, o vereador Carlos Bolsonaro, como veremos ao longo da pesquisa. No início de 2014, o presidente tinha 204 mil seguidores no Facebook. Em 2018, o número saltou para quase 8 milhões e, ao final de 2021, eram mais de 15 milhões (BOLSONARO, 2021). No Twitter, ele tinha 1,9 milhão, em 2018, passando para mais de 7 milhões de seguidores (BOLSONARO, 2021); e, no Instagram, eram 5,4 milhões de fãs, pulando para 18,9 milhões em novembro de 2021 (BOLSONARO, 2021).

A sua carreira no exército começou no Rio de Janeiro (RJ), em 1977, quando concluiu o curso da Academia Militar das Agulhas Negras, no município de Resende (PORTAL G1, 2018; CARVALHO, 2019). Com aptidão para esportes, como o atletismo, fez o curso da Escola de Educação Física e, depois de alguns anos, realizou cursos de salto na Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro e de mergulho autônomo no Corpo de Bombeiros daquele Estado. No Exército, Bolsonaro chegou ao posto de capitão. Começou a ganhar notoriedade na década de 1980, quando escreveu um artigo para a revista *Veja*, no qual reclamava do soldo dos militares. O texto lhe rendeu uma punição por indisciplina. Em 1987, deixou o exército para seguir carreira política.

Os detalhes de sua passagem pelo exército são contados pelo jornalista Luiz Maklouf Carvalho, no livro *O cadete e o capitão – A vida de Jair Bolsonaro no quartel*, de 2019, da editora Todavia. O autor relata, a partir de documentos, fotos, depoimentos de envolvidos e descrição de áudios, o julgamento sob acusação de participar de um plano para estourar bombas em locais estratégicos do Rio de Janeiro. A denúncia da revista *Veja*, feita em outubro de 1987, levou o capitão a uma apuração

judicial-militar (CARVALHO, 2019), feita em três etapas: uma sindicância, depois um conselho de justificação, que o condenou por 3 a 0, e o julgamento no Superior Tribunal Militar, que o absolveu por 9 a 4.

Durante o tempo como parlamentar, envolveu-se em polêmicas diversas, algumas das quais lhe renderam representações no Conselho de Ética da Câmara ou ações na Justiça. Foi alvo de quatro processos desde a instalação do conselho, em outubro de 2001 (CÂMARA, 2019). Um dos embates mais conhecidos ocorreu com a deputada Maria do Rosário. Em 2014, repetiu, da tribuna, ofensas contra a parlamentar, dizendo que só não a estuprava porque ela “não merecia”. Ele foi condenado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) a pagar uma indenização por danos morais. Bolsonaro também é réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por apologia ao crime de estupro e injúria. Além dos projetos citados, como deputado, votou a favor dos impeachments dos presidentes Fernando Collor (1992) e Dilma Rousseff (2016) e pelo prosseguimento das duas denúncias apresentadas pela Procuradoria Geral da República (PGR) contra o então presidente Michel Temer (2017). Ainda na gestão de Temer (2016-2018), votou a favor da reforma trabalhista e da emenda que estabeleceu o teto de gastos.

A decisão de ser candidato a presidente começou a ser “desenhada” por Bolsonaro (MAZUI; CALGARO, 2018) após a eleição de 2014, quando Dilma Rousseff foi reeleita presidente, e ele, como deputado federal, obteve 464,5 mil votos, fato histórico no Estado do Rio de Janeiro. Na entrevista em que conta a decisão, o atual presidente declara que não havia ninguém a seu lado. A primeira pessoa a saber foi sua esposa, Michele, e logo depois disso o plano foi posto “[...] em funcionamento. Ninguém acreditava” (MAZUI; CALGARO, 2018). No final de 2014, começou a percorrer o país em carreatas, estampou camisetas e adesivos, posou para “selfies” com eleitores e proferiu palestras. “Ganhou um público jovem e ligado nas redes sociais, que o apelidou de ‘mito’ e distribuiu memes com frases do político” (MAZUI; CALGARO, 2018). Foi a primeira eleição presidencial brasileira, pós-1985, levada adiante pela simbologia da arma, rodeada de outras imagens simbólicas “do mesmo tipo”, trazendo a “[...] infância irrequieta, a puerilidade perigosa, a imagem pela imagem, o esvaziamento da imagem a partir de seu uso como portadora de uma mensagem simplória” (GHIRALDELLI JR., 2019, p. 108-109).

Outra estratégia utilizada foi postar nas redes sociais tudo o que vivia e fazia. A Figura 4 é um *print* de um vídeo postado em 15 de março de 2015, quando participou de um protesto contra a corrupção em Copacabana, no Rio de Janeiro, e ouviu de apoiadores: "Um, dois, três, quatro, cinco mil.[sic] queremos Bolsonaro presidente do Brasil!" (Figura 3).

Figura 3 – Popularidade de Bolsonaro em manifestação de 2015.



Fonte: UOL Notícias (2015).

O plano presidencial passou a ser revelado também em 2015 para colegas, que não levavam a sério a viabilidade da empreitada (PORTAL G1, 2018), já que a polarização entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) parecia o caminho. Bolsonaro migrou do Partido Progressista (PP) para o Partido Social Cristão (PSC), em 2016, e em 2018 chegou ao Partido Social Liberal (PSL), que teve apenas um deputado eleito, em 2014; em 2018, com a “onda bolsonarista”, conseguiu eleger uma bancada com 52 deputados.

Nas ruas, as posições do então candidato provocaram reações diferentes nos brasileiros (PORTAL G1, 2018), com parte da população combatendo suas ideias, e outra parcela se identificando com elas. Em 29 de setembro de 2018, milhares de pessoas tomaram as ruas, nos 26 estados do Brasil e no Distrito Federal, para dizer “ele não”, contra a candidatura²¹. No dia seguinte, simpatizantes do candidato fizeram

²¹ Algumas frases marcaram a carreira e as campanhas de Bolsonaro, como: "Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo" (REVISTA PLAYBOY), se referindo ao homossexualismo. Também já negou a ditadura militar e atos

manifestações em 17 estados e no Distrito Federal para dizer “ele sim”, a favor da candidatura (MAZUI; CALGARO, 2018).

O eleitorado do então presidente “[...] pouco se importa com especialistas e investigações” (GHIRALDELLI JR, 2019, p. 87). “Basta ele contestar de modo simplório o que os estudiosos dizem, e ele satisfaz boa parte de seu eleitorado” (GHIRALDELLI JR, 2019, p. 88). Para Almeida (2019, p. 200-201), as pautas dos costumes foram assumidas por Jair Bolsonaro, “[...] agradando às forças cristãs do Congresso Nacional”, e criou-se um vínculo com o segmento evangélico que remonta a alguns episódios de sua vida mobilizados na campanha eleitoral (ALMEIDA, 2019, p. 88), como o batismo no rio Jordão – o mesmo onde Jesus foi batizado por João Batista, pelo Pastor Everaldo, da Assembleia de Deus, atualmente respondendo a processo por corrupção²².

O referido pesquisador relaciona as eleições de 2018 com as de 1989, as primeiras depois da reabertura política no País. Os discursos contra a corrupção de Jair Bolsonaro, para Almeida (2019, p. 201), remetiam à “caçada de marajás” de Fernando Collor, que igualmente lançou mão dos símbolos nacionais como a bandeira e as cores verde e amarela. Os discursos foram de superação da velha política, à época, a de José Sarney e a do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). “O que parece um contínuo da vida política brasileira são esses momentos de expiação ética acentuados no *tempo da política*, como resposta ao consenso de que a corrupção é o maior dos males ou, mais grave ainda, constitutiva da atividade política” (ALMEIDA, 2019, p. 201).

Ghiraldelli Jr. (2019, p. 108 -109) relembra outras campanhas que marcaram a história política do País, acompanhadas pelo “teatro dos gestos”, como as vassouradas de Jânio Quadros e o uso do corpo por Fernando Collor de Mello – com camisetas com dizeres matinais; ou o braço erguido com a palma da mão voltada para dentro, em acenos suaves, que havia sido a gesticulação de Getúlio Vargas no

de repressão e tortura no Brasil, citando inclusive o ex-coronel Brilhante Ustra, primeiro militar condenado pela Justiça brasileira por tortura durante a ditadura militar, na votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, entre outras ações (MAZUI; CALGARO, 2018).

²² Presidente nacional pelo Partido Social Cristão, o pastor Everaldo foi preso em 28 de setembro de 2020 em investigação sobre o desvio de recursos públicos da saúde no Rio de Janeiro, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro, em mesmo processo em que o Governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, do mesmo partido, foi afastado do cargo pelo Superior Tribunal de Justiça (SAKAMOTO, 2020).

acolhimento de enormes multidões. Segundo o referido pesquisador, Jair Bolsonaro foi o primeiro a se apresentar na campanha, e até mesmo na posse como presidente, fazendo os gestos de portar armas nas duas mãos. Para Orlandi (2009), não podemos menosprezar a força que a imagem tem na constituição do dizer, pois: “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem” (ORLANDI, 2009, p. 42).

Em 6 de setembro de 2018, Bolsonaro foi agredido por Adélio Bispo com uma facada no abdômen (FOLHA DE S. PAULO, 2018), enquanto fazia campanha em Juiz de Fora, Minas Gerais. Submetido a cirurgias, passou três semanas internado e recebeu alta em 29 de setembro, depois de 23 dias. A campanha seguiu nas redes sociais, sem debates presenciais em rádio e televisão com os demais candidatos. Para Almeida (2019, p. 201), Bolsonaro cresceu em número de votos alguns dias após o atentado, quando a campanha se intensificou nas redes. Encerrada a votação do primeiro turno, foi possível compreender a influência das redes sociais digitais na produção de notícias, narrativas e versões (ALMEIDA, 2019).

Após a vitória nas urnas, o primeiro ano de Governo, pré-pandemia, foi marcado pela aprovação no Congresso Nacional da Reforma da Previdência, com estimativas de economia de R\$ 855 bilhões nos próximos dez anos; por textos e projetos polêmicos, como a retirada dos radares móveis das rodovias federais – a Justiça Federal determinou a suspensão da lei; e decretos para facilitar a posse e o porte de armas de fogo, alvos de críticas de especialistas (PORTAL G1, 2019).

Outro fato importante de 2019 esteve relacionado à política ambiental, com o aumento do desmatamento e das queimadas na Amazônia, e o derramamento de óleo no litoral, motivados, entre outros fatores, pela flexibilização na fiscalização nesses locais. Para Bolsonaro, a ampliação de áreas de proteção ambiental "dificultava o progresso" (MAZUI, 2019). Pinto (2019) argumenta que há dois centros de poder no atual governo: o núcleo familiar-ideológico, com Jair Bolsonaro e seus filhos também políticos, sob influências do guru Olavo de Carvalho²³ e de pastores que indicaram os dois primeiros ministros da Educação (Ricardo Vélez Rodríguez e Abraham

²³ Pinto (2019) explica que tanto Olavo de Carvalho como o Gal. Coutinho têm como fonte originárias de suas ideias o pensamento neoconservador norte-americano dos anos 1980 e 1990, mais especificamente o ramo denominado paleoconservativos, que tem sua raiz na “velha direita” (coletivismo de direita) americana da década de 1920 e 1930 (conservadorismo e oposição ao New Deal) que tinha como tripé: pequeno governo (descentralização das funções de governo articulado com a autogovernança/comunitarismo), anticomunismo e valores tradicionais (civilização ocidental e judaico-cristã).

Weintraub), o ex-ministro das Relações Exteriores (Ernesto Araújo) e da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (Damara Alves); e o núcleo militar, que, ao longo dos primeiros dois anos do governo, possuiu mais ministros do que no primeiro governo do regime militar (entre 1964 e 1971) (O ESTADO DE S. PAULO, 2019).

O contexto apresentado por Pinto (2019) nos faz lembrar a clássica obra *O Príncipe*, escrita em 1513, publicada postumamente, em 1532, por Maquiavel, em que ele se ocupa em contrapor a moral religiosa à moral política e reflete sobre as estratégias utilizadas pelos governos à época para a conquista do poder (SILVA, 2019, p. 120), e a “[...] manutenção do Estado, por meio da força, mas também do consenso” (MAQUIAVEL, 1999, p. 85).

À frente da pandemia de Covid-19, Bolsonaro foi criticado por órgãos nacionais e internacionais em relação à negação da gravidade da doença. Além disso, a postura de enfrentamento aos veículos de comunicação, principalmente os ligados às Organizações Globo e à Folha de São Paulo, lhe rendem críticas nas redes sociais, como também de autoridades ligadas a outros poderes da nação, como o Senado Federal e o Supremo Tribunal Federal. A saída de Mandetta, então ministro da Saúde, a favor do distanciamento social e de medidas restritivas, em 16 de abril de 2020, e logo depois o pedido de demissão de Sergio Moro, em 24 de abril do mesmo ano, por motivos relacionados à exoneração do então diretor-geral da Polícia Federal, Maurício Valeixo, e a suposta interferência política do presidente na Polícia Federal, movimentaram as articulações políticas e o governo.

A partir do mês de julho de 2020, tendo como medida prioritária o Auxílio Emergencial no valor de R\$ 600,00 concedido pelo governo para os desempregados e trabalhadores informais durante a pandemia, pago até setembro de 2021, no valor de R\$ 300,00, Bolsonaro parece adotar uma postura diferente. Começa a inaugurar obras e a divulgar, em seu Twitter²⁴, essas ações.

²⁴ Citamos o Twitter por ser a nossa mídia/rede social escolhida, porém entendemos a assiduidade do presidente, e da sua equipe de comunicação, em outras ferramentas presentes na ambiência digital

Figura 4 – Imagens de Bolsonaro em visitas e inaugurações com a presença da população, mesmo durante a pandemia de Covid-19.



Fonte: elaborada pela autora (2020), com base no Twitter de Jair Bolsonaro (2020).

Tais ações nos remetem a cenas conhecidas da história recente do País, como quando Lula, um dos presidentes mais populares da política nacional, andava no meio da multidão em inaugurações de obras nas regiões Norte e Nordeste, ou em outros locais. Em pesquisa divulgada em abril de 2020 pelo UOL (2020), realizada por Bruno Castanho Silva, coordenador do grupo de análise textual do *Team Populism* (Equipe Populismo), rede internacional com mais de 80 pesquisadores, Bolsonaro é o primeiro político populista a chegar ao Planalto desde Fernando Collor (ex-PRN, 1990-1992), que foi cassado após um processo de impeachment. Em entrevista ao UOL, Castanho (2020) relata que o trabalho envolveu centenas de discursos de líderes mundiais, incluindo Getúlio Vargas (PTB), nos anos 30, 40 e 50 (Figura 5). O professor explica que, para ser considerado populista, o político tem que fazer discursos que coloquem “o povo” – a nação sem imigrantes, para a direita; ou os pobres e os trabalhadores, para a esquerda – em oposição à “elite”. As elites costumam ser os inimigos de ambos,

e formam-se pela classe política, banqueiros, FMI (Fundo Monetário Internacional), imprensa, União Europeia.

O populismo pode ser de direita, de esquerda, extremista ou não. Embora nem sempre seja autoritário, o modelo político populista costuma ter “[...] ataques à democracia” (MILITÃO, 2019), e restrições à liberdade de imprensa, à independência do Judiciário e do Legislativo e um fortalecimento do Poder Executivo.

Figura 5 – Gráfico publicado no site Uol sobre a pesquisa desenvolvida por Castanho.



Fonte: Militão (2020).

O populismo não é uma ideologia, e sim um modo de “[...] construir o político” (LACLAU, 2013, p. 28), a partir de identidades coletivas, marcado pela centralidade da ideia de “povo”, operando com duas “pré-condições”: “(1) a formação de uma fronteira antagonista interna separando o ‘povo’ do poder; e (2) uma articulação equivalente das demandas, que possibilitam a emergência do “povo” (LACLAU, 2013, p. 124). A lógica populista, então, cria um movimento de construção discursiva de identidades coletivas em oposição – o povo e seu inimigo, ou o “Eu” e o “Outro”, ocorrendo pela existência desses significantes vazios (Povo, Inimigo), de forma que será pertinente ao indivíduo político, qualquer que seja o governo, a produção de um significado que dará sentido a esses significantes em determinado contexto social:

todo governo tende a “[...] homogeneizar um espaço social, essencialmente heterogêneo, vago e impreciso” (LACLAU, 2013, p. 15). Bolsonaro, em sua fachada populista, tem como inimigos os homossexuais, abortistas, negros, bandidos, feministas, indígenas e comunistas (KELLER, 2020, p. 107). Ele, como o atual Messias, salvador da nação brasileira, apresenta-se como o guardião dos sentimentos morais e costumeiros, cristãos, que defendem a família, a vida, o mérito, o trabalho, a dominação masculina, o progresso e o liberalismo econômico, colocando-se ao lado do povo em busca de apoio popular para a manutenção do poder (DUARTE, 2011).

Os resultados apresentados na pesquisa de Castanho (2020) e as atitudes de Bolsonaro referidas em seus *posts* nos permitem refletir sobre o motivo dessas ações enquanto o País ainda vivencia uma pandemia que já registrou mais de 622 mil mortes. São atitudes que, mais uma vez, nos provocam esse (re)pensar, com base na análise formal ou discursiva, com o apoio da análise de discurso, em exposição a seguir.

2.2 ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA

A etapa da análise formal ou discursiva se ocupa das estruturas pelas quais as formas simbólicas são compostas e organizadas nas mensagens, e de como mobilizam sentidos. Nesses casos de imbricação de técnicas de análise do referencial da HP, é preciso atenção ao tipo de técnica, que deve ser adequado ao objeto em estudo, e explicar a apresentação das formas simbólicas no material analisado. Suas características estruturais, seus padrões e relações podem ser feitas recorrendo aos procedimentos elencados no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Técnicas de análise do referencial da HP.

<p>Análise semiótica: estudo das relações entre os elementos que compõem a forma simbólica e das relações entre esses elementos e os do sistema mais amplo do qual a forma simbólica pode ser parte.</p>
<p>Análise da conversação: estuda instâncias da interação linguística nas situações concretas em que elas ocorrem.</p>
<p>Análise sintática: examina como as formas gramaticais operam nos discursos [...] incluindo por exemplo os marcadores de modalidades como graus de certeza (talvez, pode ser, possivelmente), o sistema de pronomes como identificadores de diferenças entre poder e familiaridade (tu, você, V. Exa.) e marcadores de gênero (pronomes masculinos em sentido genérico).</p>
<p>Análise da estrutura narrativa – examina padrões, personagens e papéis que são comuns a um conjunto de narrativas e que constituem uma estrutura subjacente comum.</p>
<p>Análise argumentativa – reconstrói e torna explícitos os padrões de inferência que caracterizam os discursos.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020) a partir de Thompson (1995, 2011).

Em nossa pesquisa, optamos por utilizar a análise argumentativa, a partir do conteúdo/discurso no Twitter, buscando compreender as formas simbólicas, em articulação com o contexto em que foram produzidos, ou seja, em meio a uma pandemia mundial. Nessa fase, ainda desconstruímos os elementos internos constitutivos dos discursos, apoiados na Análise de Discurso (AD) em Orlandi (2002, 2003, 2009), Pêcheux (2006, 1999) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008).

Justificamos a opção pela análise de discurso porque nos auxilia na construção e interpretação das estratégias discursivas, “[...] efeitos de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2009, p. 21), visto que um discurso não é igual a um texto (ORLANDI, 2009), ele condiciona as nossas práticas sociais (FOUCAULT, 1999, 2007a, 2007b, 2008), tomadas de intencionalidade e de poder.

Quando falamos em poder, recorremos a Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008), com a genealogia das relações de saber/poder, em complementariedade com a ideia de “arqueologia”, que se reflete sobre o desenvolvimento do “[...] saber histórico das lutas” (FOUCAULT, 1999, p. 13), do exercício do poder e sua mecânica como questão central, enquanto dinâmica que se estabelece nas relações. Para Foucault (1999), o poder não é um bem possuído por todo ser humano e que pode ser somado ou subtraído por meio de contrato, mas é sim tomado de relações de força, em que “[...] não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo” (FOUCAULT, 1999, p. 35). Por isso a importância

de trazê-lo para o estudo dos discursos de liderança em um governo, espaço em que as relações de forças estão postas. Para o referido autor (FOUCAULT, 1999), não é possível manter ou estudar o poder como algo verticalmente imposto e arbitrário, mas a partir da dinâmica que se estabelece entre o topo, ou a hegemonia, e as bases ou periferias.

Para Foucault (1999), o poder não é concebido como algo ao qual se pode atribuir o status de digno ou indigno; antes se trata de um fenômeno que vai perpassar todas as relações. E por ser analisado como “[...] coisa que circula” (FOUCAULT, 1999, p. 35), não se estabelece de modo único nem em um só sentido. Pelo contrário, em sua obra, o filósofo destaca os papéis do poder e esboça como as instâncias hegemônicas contribuem para a formação de micropoderes, que tanto exercem força em sentido contrário ao macropoder quanto criam dinâmicas de força em seu contexto específico.

Ciente dessas relações, Foucault (1999) aponta que o poder se exerce em rede, são necessários produção, acúmulo, circulação e funcionamento de discursos verdadeiros que ajam como dispositivo normativo e norteador dessa dinâmica relacional. Para ele, não é possível o estabelecimento do poder, senão a partir dos “discursos de verdade” (FOUCAULT, 1999, p. 28- 29): “[...] a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder”.

Dedicando-nos a estudar Bolsonaro, lançamos o olhar sobre essas “verdades” proferidas por esse líder durante a pandemia de Covid-19 no Twitter, pois “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2007, p. 10).

Para Orlandi (2002), o analista precisa avaliar a possibilidade de descrever/interpretar um funcionamento discursivo, “operando” com a paráfrase que é a repetição de algo, e com a metáfora. Precisa compreender o lugar social que o sujeito ocupa e a ideologia que o transpassa, e os diferentes enunciados que podem remeter a memórias e ao contexto em que se encontram as condições de produção desses discursos. Por esse motivo, novamente justificamos a escolha pela AD para esse tensionamento. Esses sentidos, para a AD, mudam conforme a formação ideológica de quem o (re) produz, bem como de quem o interpreta, e causam os

chamados efeitos de sentido, que na verdade são os “efeitos ideológicos que provocam a ilusão de que um enunciado quer dizer o que realmente diz” (NARVAZ; NARDI; MORALES, 2006, p. 5).

Segundo Orlandi (2007), o silêncio também importa nos discursos. Quando falamos, apagamos outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada, em um processo que estabelece os limites das formações discursivas (regiões de sentidos) e do dizer. Como a nossa proposta envolve a análise de *posts* na rede social Twitter, consideramos que esses discursos contêm outros elementos, como imagens, que, para Orlandi (2009, p. 42), “integram a constituição do dizer”. Também contamos com outras formações discursivas características da rede em questão.

Em complemento a Orlandi (2002, 2003, 2005, 2007) e Foucault (1999, 2007a, 2007b), recorremos a Pêcheux (2006), que reforça o entendimento de que não há palavras neutras: elas estão sempre carregadas de uma força dada pelo imaginário²⁵ e pela ideologia na relação entre os lugares sociais. “Todo enunciado”, dirá Pêcheux (2006, p. 53), “[...] é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação”, cabendo ao analista debruçar-se sobre um *corpus* para “escavar” muito além do que está posto, “[...] não se colocando fora da história, do simbólico ou da ideologia, mas em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 2005, p. 61). Para Pêcheux (2006), o analista precisa estar atento também ao que não é dito e relacionar essas formações discursivas postas nesses interdiscursos, pois elas se entrecruzam, e sempre há contradição nesses cruzamentos.

Orlandi (2002, 2003, 2005, 2007), Pêcheux (2006) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008) nos auxiliam no processo de análise, pelo entendimento em comum de que os discursos são plurivalentes, constituídos de “[...] várias vozes que falam simultaneamente em um enunciado, com uma polifonia inscrita na enunciação” (NARVAZ; NARDI; MORALES, 2006).

²⁵ Para Silva (2003, p. 11-12), o imaginário agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências visões do real que “realizam o imaginado”. É também um modo de ver, ser, de agir e de sentir, de aspirar e “estar no mundo”, como algo que “emana do real”, e estrutura-se como ideal, “retornando ao real como elemento propulsor”.

2.3 REINTERPRETAÇÃO

Na etapa de interpretação/reinterpretação, ocorre a desconstrução da mensagem, a partir das etapas anteriores, para interpretação pelo pesquisador, que “quebra, divide, visando ampliar o conhecimento sobre as formas simbólicas – o cerco epistemológico” (VERONESE, GUARESCHI, 2006, p. 89). Essa interpretação pode ser crítica sobre as relações sociais indicadas pelas formas simbólicas e pela contextualização sócio-histórica, alimentando-se da primeira, pois busca subsídios na interpretação sócio-histórica e firma seus argumentos a partir da formal ou discursiva.

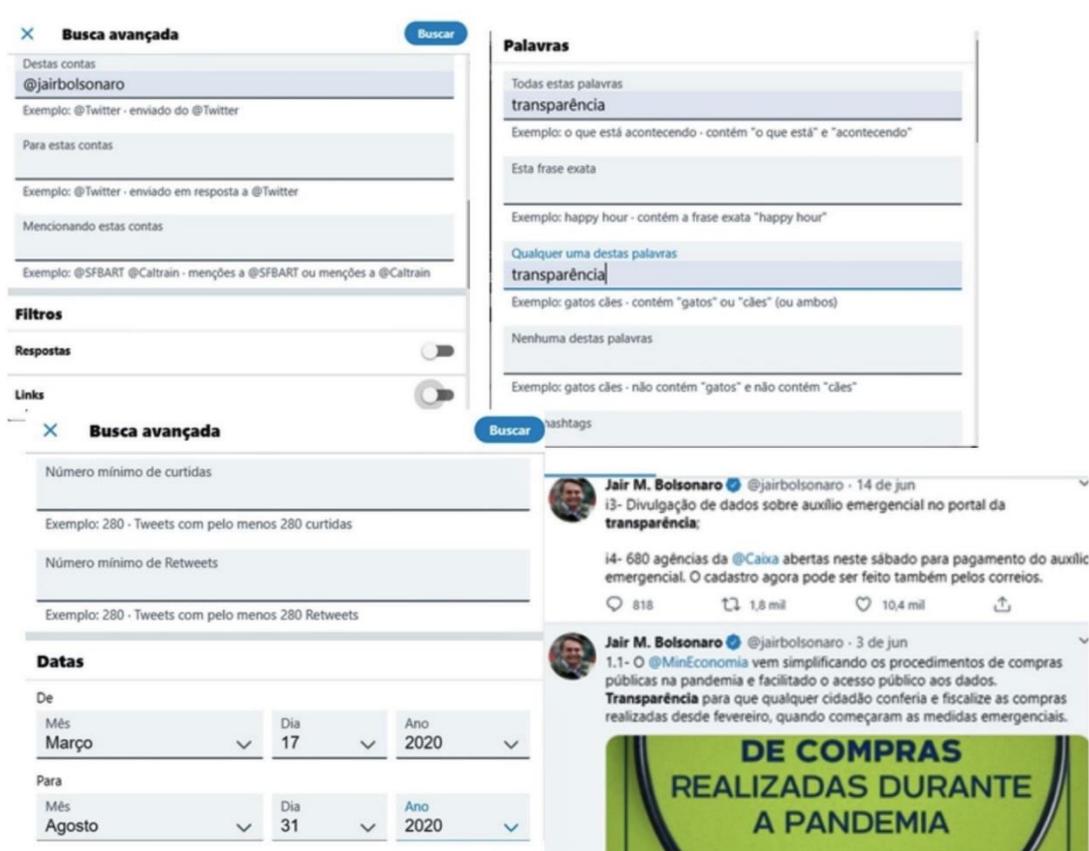
Na perspectiva de Thompson (1995, p. 375), esse momento é também o de “construção ativa de possíveis significados”, criativo, na medida em que a interpretação vai além das instâncias analisadas, para a compreensão do aspecto referencial da forma simbólica, o que também é acentuado pela premissa de que já foi realizada uma interpretação anterior. É uma síntese ou uma explicação interpretativa do que está representado ou dito, que vai além da análise formal ou discursiva. O processo de interpretação, da HP, também é reinterpretção, isto é “[...] as formas simbólicas objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado, elas já são interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico” (THOMPSON, 1995, p. 376). De acordo com Thompson (1995),

[...] o processo de interpretação vai além dos métodos da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva. Ele transcende a contextualização das formas simbólicas tratadas como produtos socialmente situados, e o fechamento das formas simbólicas tratadas como construções que apresentam uma estrutura articulada. As formas simbólicas representam algo, elas dizem alguma coisa sobre algo, e é esse caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação (THOMPSON, 1995, p. 376).

Vale ressaltar que há sempre o risco de uma “[...] divergência entre uma interpretação de superfície e uma de profundidade” (THOMPSON, 1995, p. 376), ou “[...] entre uma pré-interpretação e uma reinterpretção”, característico do procedimento reinterpretativo de um campo pré-interpretado pelos sujeitos sociais. Em nosso trabalho, o levantamento de dados para interpretação e reinterpretção ocorreu em dois momentos. No primeiro, realizamos um levantamento quantitativo dos *posts* de Jair Bolsonaro, a partir de 16 de março de 2020, dia anterior à divulgação da primeira morte confirmada de Covid-19 no Brasil, até o dia 31 de agosto de 2020, quando diversos estados brasileiros começaram a sinalizar a reabertura de

estabelecimentos comerciais e de atividades escolares. Para a coleta dos dados (*tweets*), utilizamos a ferramenta de busca do Twitter (Figura 6).

Figura 6 – Demonstração da busca pela dimensão Transparência na ferramenta do Twitter.



Fonte: busca avançada no Twitter (2020).

Com essa ferramenta, é possível buscar os termos desejados e optar pela data de recorte. Importante reiterarmos que, em sua página no Twitter (Figura 7), Bolsonaro conta com mais de 7 milhões de seguidores. O ingresso nesse ambiente digital ocorreu em março de 2010, ainda enquanto deputado federal pelo Rio de Janeiro. Desde lá, são mais de 12,9 mil tuítes e 5.443 fotos e vídeos publicados²⁶.

²⁶ Resultados de consulta realizada em 2 de janeiro de 2022, às 22h53min.

Figura 7 – Perfil oficial de Jair Bolsonaro no Twitter.



Fonte: Twitter de Jair Bolsonaro (2022).

Após os resultados da análise quantitativa, identificamos os tuítes de Jair Bolsonaro em que constam as dimensões Transparência, Cidadania e Solidariedade. No contexto da nossa pesquisa, a partir do papel desempenhado pelo nosso sujeito em análise – o principal líder da nação brasileira –, acreditamos que a dimensão Transparência possa estar relacionada, entre outros fatores, à divulgação de dados públicos, em especial das informações referentes à pandemia de Covid-19 no Brasil.

As iniciativas de transparência na administração pública auxiliam no fortalecimento da cidadania, na medida em que contribuem para a assimilação do princípio republicano do controle social²⁷ sobre a ação política e administrativa. A Constituição brasileira de 1988, no artigo 37, consagrou a publicidade como um dos princípios da administração pública, obrigando todos os Poderes e órgãos a prestarem contas do uso de recursos. Além disso, o artigo 5º prevê o direito de acesso à

²⁷ A expressão “controle social” tem origem na sociologia e pode ser empregada para designar os mecanismos que estabelecem a ordem social, disciplinando a sociedade e submetendo os indivíduos a determinados padrões sociais e princípios morais. Sua essência jurídica (SIRAQUE, 2004, p. 6) está nos direitos fundamentais de informação, de petição e de certidão dos órgãos públicos e nos princípios da publicidade, da legalidade, da indisponibilidade do interesse público, da soberania popular e, em especial, no republicano. As garantias jurídicas para o exercício do direito fundamental ao controle social, estão no mandado de segurança individual e coletivo, na ação popular, no habeas data, no habeas corpus, no mandado de injunção e na ação civil pública. Hohlfeldt (2011, p. 82), referindo-se ao Império Romano, entende que os processos de comunicação naquele período da história serviram para o “controle social, para a garantia do poder e para o exercício político”.

informação e de obtenção de informações de interesse particular e geral perante os órgãos públicos. Em 16 de maio de 2012, entrou em vigor a Lei 12.527, a Lei de Acesso à Informação (BRASIL, 2011). Considerada um marco na democracia brasileira, tem o propósito de regulamentar o direito constitucional de acesso dos cidadãos às informações públicas e seus dispositivos são aplicáveis aos poderes da União, Estados, Distrito Federal e municípios. A normativa modificou a relação entre a administração pública e a sociedade (OLIVEIRA, 2012).

Para Pinho e Sacramento (2009), ao garantir o acesso às informações governamentais, a Constituição institucionalizou a participação da sociedade na gestão de políticas públicas e viabilizou o controle dos atos dos gestores. A Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) – Lei Complementar nº 101/2000 (BRASIL, 2000) – também contribuiu para o exercício da participação popular nas ações de governo.

A LRF se fundamenta em princípios baseados em planejamento, transparência e participação popular, voltados para a responsabilidade na gestão fiscal, de abrangência nacional e extensiva a todos os poderes da República. O capítulo IX da LRF, intitulado “Da transparência, Controle e Fiscalização” (BRASIL, 2000), em particular, define os instrumentos de transparência da gestão fiscal, aos quais devem ser dada ampla divulgação, inclusive em meios eletrônicos de acesso público. A tarefa de fiscalizar a aplicação da LRF depende essencialmente da atuação dos tribunais de contas, que passaram a apreciar, entre outros pontos, o atingimento das metas estabelecidas na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), os limites e as condições para a realização de operações de crédito e gastos com pessoal.

No caso da pandemia de Covid-19, o governo brasileiro enfrentou acusações, em junho de 2020, em relação à transparência na divulgação do número de óbitos e de pacientes infectados pelo novo coronavírus no País, motivando, à época, a mobilização de veículos de comunicação para uma apuração conjunta e independente do Ministério da Saúde (O ESTADO DE S. PAULO, 2020). Ainda, rankings internacionais avaliaram a divulgação dos dados epidemiológicos pelos governos estaduais, como a Rede pelo Conhecimento Livre, ligada à organização sem fins lucrativos Open Knowledge Internacional. Como mencionado em nossas considerações iniciais, o *site* do Ministério da Saúde registrou mais de um mês de

“apagão”²⁸, sem atualizar boletins epidemiológicos e informações sobre casos de Covid-19 e a vacinação. Essa “instabilidade” gerou um alerta do Observatório Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz, destacando que a falta de informações traz “imprecisões exponenciais” (FIOCRUZ, 2021) na tomada de decisões que, segundo os pesquisadores da entidade, são e devem ser avaliadas com base em evidências.

Para Hohlfeldt (2009, p. 230), a transparência governamental “aumenta a legitimidade de uma administração e amplia o grau de consciência da cidadania”, a segunda dimensão abordada em nossa pesquisa. O termo, em sua matriz latina, recorre a “*civitas*”, palavra da qual deriva *cidadão*; e, na matriz grega, a “*pólis*” (termo do qual deriva *político*), à participação do indivíduo no gerenciamento da cidade. Sob o ponto de vista jurídico, é o exercício dos direitos e deveres do cidadão. O voto, por exemplo, é um ato de cidadania.

Na medida em que informa, explica, disponibiliza, ouve e contribui com o exercício da cidadania (WEBER, 2011), o Estado, que em nossa pesquisa é representado pela figura do Presidente da República, Jair Bolsonaro, atende aos princípios da comunicação pública – sempre regida pelo interesse público (CARNIELLI, 2016). Para o referido autor, “[...] a cidadania só pode existir como decorrência de ações que privilegiem o interesse público” (CARNIELLI, 2016, p. 22).

Hohlfeldt (2011) entende a cidadania como inter-relacionada à capacidade de defender interesses coletivos, exercendo ações de vulto público por meio da comunicação. Duarte (2009) apresenta a comunicação pública como instrumento coletivo para o fortalecimento da cidadania, “não apenas por meio da garantia do direito à informação e à expressão, mas também do diálogo, do respeito a suas características e necessidades, do estímulo à participação ativa, racional e corresponsável” (DUARTE, 2009, p. 61).

Para Vieira (2001), o conceito, como direito a ter direitos, foi abordado por meio de variadas perspectivas ao longo da história, com destaque para a concepção de Thomas H. Marshall que, em 1949, propôs a primeira teoria sociológica de cidadania

²⁸ O termo *apagão* tem sido utilizado por grande parte da imprensa em relação ao fato de o Ministério da Saúde não tornar públicos os dados da pandemia. Em coletiva de imprensa concedida em 31 de dezembro de 2021, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, declarou que o governo nunca esteve no escuro em relação à Covid-19, pois os dados são repassados ao MS e processados no âmbito da Secretaria de Vigilância em Saúde. “Nós acompanhamos a evolução da pandemia em todos os estados e municípios do Brasil. Não estar público não significa dizer que estamos trabalhando às escuras” (SAÚDE. GOV, 2021).

ao incluir os direitos e as obrigações inerentes à condição de cidadão. Baseado na realidade britânica e no conflito entre capitalismo e igualdade, Marshall estabeleceu uma tipologia dos direitos de cidadania: “os direitos civis, conquistas do século XVIII, os direitos políticos, no século XIX — ambos chamados direitos de primeira geração — e os direitos sociais, alcançados no século XX, os direitos de segunda geração” (VIEIRA, 2001, p. 35).

No começo da pandemia no Brasil, atos contra o Congresso e o Supremo Tribunal Federal foram realizados com o apoio de Bolsonaro, fato que se repetiu diversas vezes ao longo dos meses de abril e maio. Em 7 de setembro de 2021, data que marca a independência do Brasil, ocorreram protestos com milhares de pessoas, pedindo intervenção militar, fechamento do Supremo Tribunal Federal, entre outras “bandeiras”. O Presidente da República discursou para apoiadores reunidos em Brasília e São Paulo e, nesses discursos, declarou que não mais cumpriria decisões do ministro Alexandre de Moraes. Dois dias após os fatos, divulgou um texto intitulado *Declaração à Nação*, em que afirmou não ter a “intenção de agredir quaisquer dos Poderes” (G1, 2021). Segundo o texto, “as pessoas que exercem o poder não têm o direito de 'esticar a corda', a ponto de prejudicar a vida dos brasileiros e sua economia” (GOV. BR, 2021).

Para Morin (2015), tanto a democracia, quanto a cidadania, decorrem das relações com o poder, decisivas para o crescimento enquanto sociedade, e representam um “progresso histórico incontestável” (MORIN, 2015, p. 65). Em todas as vezes em que participou de atos antidemocráticos, Bolsonaro postou/publicou manifestações em suas mídias/redes sociais, como no dia 7 de setembro de 2021 (Figura 8).

Figura 8 – Foto aérea das manifestações de 7 de Setembro, na Avenida Paulista, em São Paulo, postadas no Twitter do presidente.



Fonte: Twitter de Jair Bolsonaro (2021).

Outra dimensão que buscamos foi a Solidariedade, do vocábulo latino *solidum* e *solidu*, que pressupõem a “[...] condição de sólido, inteiro e compacto” (NABAIS, 2005, p. 111). Semelhante compreensão tinham os romanos com o vocábulo *in solidum*. Tal expressão era utilizada na atividade comercial com o sentido de comprometer, com responsabilidade, os integrantes de cada uma das partes da transação comercial, com o negócio realizado (MORAIS; TENÓRIO, 2017, p. 6), criando-se um vínculo jurídico recíproco entre credores ou devedores de uma mesma obrigação, de tal modo que essa decisão tornava sólido o que foi estabelecido no contrato comercial (MORAIS; TENÓRIO, 2017).

Durante muito tempo, a palavra permaneceu apenas no universo jurídico. No século XIX, em razão da Revolução Industrial, a solidariedade passa a ser uma resposta comunitária, corporativa e do estado social à atitude da economia capitalista em função das grandes concentrações de riquezas e à pobreza cada vez maior dos indivíduos. Por esse motivo, o termo sofreu ampliações de significado e passou a ser entendido como uma relação entre vários grupos de pessoas, ainda incorporado na

filosofia e assimilado pela linha que ficou conhecida como solidarismo (MORAIS; TENÓRIO, 2017). Do ponto de vista emocional, os referidos autores ressaltam a solidariedade como um sentimento de compaixão pelo outro, “ligada ao campo das emoções, de sensibilidade com os menos favorecidos que leva a uma atitude de caridade” (MORAIS; TENÓRIO, 2017, p. 6). Em uma perspectiva histórica, a Antiguidade Clássica apontava as primeiras reflexões sobre o valor da solidariedade que emergia na “contraposição entre individualismo e o generalismo” (OLIVEIRA DA SILVA, 2006, p. 3).

Durante a pandemia de Covid-19, o conceito foi difundido em matérias na mídia, ressaltando ações solidárias de organizações privadas e públicas²⁹. Para Karnal (PUCRS Online, 2020), a solidariedade se tornou indispensável para a sobrevivência social. Harari (2020), em entrevista à revista *Veja* (MARTHE, 2020), declarou que o melhor caminho para o enfrentamento da Covid-19 seria a solidariedade global, num cenário em que os países ajudariam uns aos outros, na economia, no desenvolvimento de vacinas e na produção de equipamentos médicos.

Solidariedade também se torna exigência para se conceber a comunicação pública a partir dos conceitos presentes em Habermas (2003), de compreensão dos espaços públicos e privados, e na noção do Estado como promotor do bem comum dos cidadãos. O autor partiu da premissa de que foi na esfera pública burguesa, assumida por ele como uma categoria social derivada da então sociedade capitalista, que a noção de *público* ou *tornar público* possibilitou ao Estado o papel de promover e cuidar do bem comum dos cidadãos.

Para Marques, Mafra e Martino (2017, p. 78), a solidariedade pode ser vista como “prática de assumir temporariamente o lugar do outro buscando entender suas demandas, interesses e sentimentos”. Nessa linha ainda, os autores relacionam a solidariedade à coesão dos laços sociais que se encontram fragilizados, na linha defendida por Morin (2000), como princípio da inclusão e de enfrentamento dos impasses ora colocados à humanidade, não apenas os de ordem sociocultural,

²⁹ Inclusive o Jornal Nacional, principal telejornal da Rede Globo e de maior audiência no País (FOLHA DE S. PAULO, 2020), publicou matérias semanalmente com o relato de casos de empresas que praticaram ações de solidariedade durante a pandemia. O nome do espaço destinado a essas ações foi Solidariedade. Além de mostrar essas ações, o Jornal adotou a prática de divulgar os nomes das empresas, o que não ocorria anteriormente via mídia espontânea, em forma de notícia.

econômica e política, mas também os de ordem ambiental. Segundo Morin (2000, p. 273),

[...] as forças de cooperação, comunicação, compreensão, amizade, comunidade e amor, com a condição que sejam acompanhadas de perspicácia e de inteligência [...]. Elas são sempre as mais fracas, mas é graças a elas que há sociedades em que se pode viver, famílias amorosas, amizades, amores, dedicação, caridade, compaixão e afetos, e que, de solavancos em caos, de caos em solavancos, o mundo vai, aos tropeços, sem ser nem total nem permanentemente submergido pela barbárie.

Nas diversas fachadas assumidas pelo nosso sujeito em análise, não parecem comuns atitudes de solidariedade. Porém, na primeira busca que fizemos no Twitter do presidente, encontramos a palavra *solidariedade* em um *post*, datado de 4 de agosto de 2020, quando uma explosão provocou a morte de centenas de pessoas em Beirute, no Líbano, ou mesmo quando Boris Johnson, primeiro ministro britânico, contraiu o Covid-19 (Figura 9).

Figura 9 – Menções à dimensão Solidariedade nos *posts* de Jair Bolsonaro.



Fonte: Twitter de Jair Bolsonaro (2020).

Após explicarmos como buscamos as dimensões no Twitter do presidente, passamos a detalhar como essa análise foi realizada, a partir de Orlandi (2009):

- a) **Passagem da superfície linguística para o texto discurso:** intentamos encontrar a discursividade dos textos, desconstruindo-os, para desnaturalizá-los da palavra *coisa*, preparando para a configuração das formações discursivas. Para isso, a autora sugere um trabalho de identificação das paráfrases que justificam que em todo dizer tem algo que se repete ou que reforça uma memória, e dos ditos e dos não ditos.
- b) **Passagem do objeto discursivo para a formação discursiva:** ocorre quando o pesquisador relaciona “as formações discursivas com as formações ideológicas que estão por trás dessas relações” (ORLANDI, 2005, p. 78). Nesse momento, o analista precisa observar ainda os efeitos metafóricos dos discursos e os seus deslizos, já que, para a referida autora, não há língua sem esses deslizos, e que não seja passível de interpretação. Nessa etapa também é possível relacionar o conteúdo com a formação ideológica e o contexto sócio-histórico. Para Orlandi (2005, p. 45), esse é um dos pontos fortes da AD, quando “o analista de discurso provoca uma ressignificação da noção de ideologia a partir das considerações da linguagem”. A pergunta a ser feita, *a priori*, pode ser: o que esses discursos de Jair Bolsonaro querem dizer?

Orlandi (2005) sugere três instâncias da linguagem como possíveis estratégias metodológicas ao analista. A primeira delas trata das diferentes concepções de língua, como sistema abstrato, material ou empírico, sujeito a falhas. Outra instância aborda as diferentes naturezas de exterioridade e aciona contexto, situação empírica, interdiscurso, condições de produção e circunstância de enunciação. Por fim, a última instância trata do que não está dito nem implícito, o silêncio.

Para Orlandi (2005, p. 86-87), o que interessa ao analista “são as propriedades internas do processo discursivo, as condições, remissão a formações discursivas e modo de funcionamento”. O fato de um discurso ser político, por exemplo, estabelece seu regime e validade, cabendo ao analista detectar essa ordem e esse regime a partir da observação do funcionamento desses discursos, que os define a partir de “elementos constitutivos de suas condições de produção e sua relação com o modo

de produção de sentidos com seus efeitos” (ORLANDI, 2005, p. 86-87), os quais não podem ser entendidos como juízo de valor, mas, sim, resultado das interpretações do analista, apoiadas em um quadro de referência. São eles:

Quadro 3 – Tipos de discursos.

<p>Discurso autoritário: a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação da linguagem que se estabelece, e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também o contato com o interlocutor.</p>
--

<p>Discurso polêmico: a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa de sentidos.</p>
--

<p>Discurso lúdico: a polissemia está aberta, o referente está presente, e os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença, não regulando sua relação com os sentidos.</p>
--

Fonte: elaborado pela autora (2020) a partir de Orlandi (2005, p. 82).

Mesmo “indo contra os rótulos”, Orlandi (2005, p. 87) ressalta que, em razão da “constituição e organização da sociedade atual”, o que acaba por predominar em nossos espaços simbólicos é o discurso autoritário. O lúdico estaria nas práticas sociais e institucionais, e o polêmico estaria ligado a uma prática de resistência e afrontamento. Temos como proposta, em nossa pesquisa, o tensionamento dos conceitos postos pela autora com os estilos de liderança, presentes a partir do próximo capítulo.

Finalizando essa etapa, no próximo capítulo, destacamos os achados com a fundamentação teórica sobre as lideranças, a partir da revisão teórica, em teses no Portal da Capes e em artigos apresentados e publicados nos Anais dos Congressos da Intercom, Compós e Abrapcorp nos últimos sete anos. Nesses achados, buscamos identificar características e estilos de lideranças, para posterior relação com o perfil do Presidente da República, Jair Bolsonaro.

3 A LIDERANÇA EM DEBATE

Neste capítulo, nossa proposta é apresentar o tema da liderança a partir de uma perspectiva transdisciplinar³⁰. Acorados em Braga (2011), para quem diferentes pesquisas solicitam diferentes aproximações, entendemos a necessidade de um olhar que considere a complexidade do objeto, cientes de que não podemos programar a descoberta, o conhecimento e nem a ação, “pois a realidade é mutante”, e o novo sempre surgirá (MORIN, 2006, p. 8).

Para Lopes (2005), a instância teórica da pesquisa científica tem, entre outras funções, o papel de provocar uma ruptura epistemológica “em face das pré-noções do senso comum, através de um corpo sistemático de enunciados e de sua formulação conceitual visando captar e explicar os fatos” (LOPES, 2005, p. 107). Esse é o momento em que selecionamos as informações teóricas disponíveis, organizando-as com pertinência para a formação de conexões que nos possam “assegurar descobertas” (BRAGA, 2011, p. 19).

Nesse contexto, nosso lugar de fala se dá a partir da Comunicação. Esta se faz presente e interfere em variados setores da vida privada e social e em diferentes áreas do conhecimento, “situando-se na encruzilhada de várias disciplinas e ciências já consensuais ou emergentes” (SANTAELLA, 2001, p. 75). Na sequência, centramos a discussão nas múltiplas perspectivas sobre liderança, as quais nos acompanham no decorrer desta tese. Em nossa pesquisa, além de tratarmos da liderança política, trazemos visões da área organizacional, com aportes teóricos abrangentes que auxiliam na compreensão das características de Bolsonaro no papel que desempenha atualmente, de líder de uma nação. Posteriormente, realizamos uma análise do Estado da Arte, ao trazermos, a partir da pesquisa documental em teses e artigos, visões interdisciplinares que nos possibilitam complementar o entendimento sobre o sujeito.

³⁰ Optamos pela perspectiva transdisciplinar a partir de Morin (2003), para quem os saberes não devem andar separados, fragmentados e compartimentados entre disciplinas.

3.1 CONCEITOS E ESTILOS DE LIDERANÇA

Para Bourdieu (2012, p. 7), a figura do líder personifica um corpo social formado por um “conjunto de indivíduos antes dispersos”, e suas vontades precisam representar desejos coletivos, resultado de um poder simbólico, “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2012 p. 7-8). No entendimento do referido autor (BOURDIEU, 2012), por meio desse poder o líder obtém a capacidade de exercer sobre todos os demais membros do grupo uma violência simbólica, generalizando o interesse próprio a fim de fazê-lo passar por interesse coletivo³¹.

Não é possível dissociar as relações de comunicação das relações de poder, segundo Bourdieu (2012). As relações de comunicação são, portanto, sempre relações de poder que dependem do capital material ou simbólico acumulado pelas instituições, ou pelos agentes envolvidos nessas relações, e que podem consentir o acúmulo de poder simbólico. Os sistemas simbólicos, enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento, cumprem a função política de instrumentos de imposição ou de legitimação, os quais colaboram para garantir a dominação de uma classe sobre a outra – violência simbólica –, “dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam” e colaborando, desse modo, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 2012, p. 11).

Foucault (2005) explica que o discurso apresenta-se como prática social, e sua produção é ao mesmo tempo “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2005, p. 8-9). Podemos inferir que os discursos produzidos em uma sociedade são perpassados por formas de poder e de repressão. Na fala do autor (2002, 2005), destaca-se a face “negativa” do poder, que também aparece no que concerne ao objetivo econômico e político deste. Essa transferência do poder emergiu da sociedade industrial no fim do século XVII, período que evidenciou a necessidade

³¹ Citamos anteriormente, por exemplo, a defesa que Bolsonaro faz em relação a medicamentos sem comprovação científica, como a Cloroquina. Ao longo da nossa análise, por diversos momentos, iremos nos deparar com intenções semelhantes.

de se utilizarem as forças dos corpos no sistema produtivo, colocando em “funcionamento através de regimes políticos, de aparelhos ou de instituições muito diversas” (FOUCAULT, 2002, p. 182).

Em relação à liderança política, trazemos Weber (2009), para quem as representações nessa área ocorrem em três níveis: a representação política própria das democracias, decidida pelo voto individual a determinados partidos, a partir das ciências sociais e políticas; a representação individual, determinada pelo comportamento individual e social e as relações decorrentes, em que podem ser identificadas encenações, “uso de personagens” (WEBER, 2009, p. 11); e as representações sociais, que permitem compreender a construção de saberes a partir da percepção individual, em diferentes esferas de visibilidade pública. “Na política, o ‘líder’ representa ao outro, torna presente este outro, que são muitos e não estão lá. Mas o veem. O poder de representar é concedido pelo indivíduo que, assim, estabelece uma relação de força inversa” (WEBER, 2009, p. 12).

No campo da Administração, destacamos, entre as décadas de 1920 e 1950, três teorias sobre liderança: a teoria dos traços de personalidade; a teoria sobre estilos de liderança e/ou abordagem comportamental, e as teorias situacionais ou contingenciais da liderança. De acordo com Maximiano (2008), na transição para o século XXI, o estudo da liderança focaliza o estilo motivacional, que aponta dois tipos de liderança: o carismático e o transacional. Soma-se a eles ainda a liderança servidora, um desdobramento da carismática.

A teoria dos traços abordava a capacidade de liderança como algo inato, herdado geneticamente, ou “definido a partir de características físicas, habilidade e personalidade” (SILVA, 2016, p. 67). Para Bergamini (2009, p. 27) os referidos estudos, desde os mais simples até os mais complexos, “buscavam traços, habilidades, comportamentos e motivações”. Já ultrapassada nos tempos atuais, a teoria dos traços não atribuía papel relevante à equipe, defendia que os líderes teriam um traço predeterminado, como se fossem predestinados a essas funções, e desconsiderava, por exemplo, o desenvolvimento da habilidade da liderança.

Após a década de 1950, os olhares voltaram-se para os estilos dos líderes (BERGAMINI, 2009) e para a identificação de seus comportamentos. A teoria da abordagem comportamental promoveu estudos empíricos em organizações, com o entendimento de que as lideranças poderiam ser treinadas, “transformando-se em

melhores líderes” (BERGAMINI, 2009, p. 36). Esses estudos foram realizados, à época, em conceituadas instituições, como as universidades de Ohio e de Michigan, nos Estados Unidos, pioneiras na dedicação ao tema das rotinas organizacionais, do gerenciamento do dia a dia de trabalho e de como o comportamento dos líderes determinaria o nível de desempenho atingido pelo grupo liderado. Dessas teorias, a mais conhecida é a de abordagem comportamental, que dividia o conceito em três modelos (BERGAMINI, 2009):

- a) liderança autocrático-burocrática: nesse estilo de liderança, o líder é centralizador, fixa as diretrizes sem nenhuma participação do grupo, do mesmo modo que determina as providências técnicas para a realização das tarefas. Os questionamentos sobre as ordens recebidas são considerados insubordinação. Esse estilo de líder pode ser encontrado em espaços da sociedade com estruturas formais, como as forças armadas, ou em igrejas e repartições públicas. O medo e o constante exercício do poder pelo chefe predominam, “[...] mantendo as tropas na linha” (LALOUX, 2017, p. 35)³², com a “prosperidade” acontecendo a partir do caos;
- b) líder liberal ou *laissez-faire*: caracteriza-se pela liberdade total para as decisões grupais ou individuais, com pouca participação do líder;
- c) liderança democrático-participativa: o líder conduz e orienta o grupo, incentivando a participação. Normalmente, nesse estilo, as interações são espontâneas, francas e cordiais, e o líder costuma delegar autoridade, incentivar a participação, confiar nos subordinados e utilizar o poder de referência para a obtenção dos resultados almejados (LACOMBE, 2009).

Refletindo sobre o conteúdo do vídeo da reunião ministerial – que trouxemos nas considerações iniciais da pesquisa, e que foi tornado público pelo Supremo Tribunal Federal –, observamos, nas falas de Bolsonaro, características predominantes da liderança autocrática-burocrática. Aos 7 minutos do vídeo, por exemplo, ao citar a própria participação em uma manifestação de apoiadores em favor da ditadura e do Ato Institucional nº 5, Bolsonaro declara (VEJA, 2020):

³² Laloux (2017) apresenta histórias de organizações que têm trabalhado buscando “deixar para trás” características marcadas por ego, politicagem, burocracia e jogos de poder, que não inspiram e, ao contrário, desanimam. Ele defende que, além de líderes mais esclarecidos, as estruturas e práticas organizacionais precisam ser melhor esclarecidas.

Até em cima do que eu falei, em frente ao forte apache. **Eu sou o chefe supremo das forças armadas.** Ponto final. O pessoal tava [sic] lá, eu fui lá. Dia do exército. E falei algo que eu acho que num tem nada demais. Mas a repercussão é enorme. "Ó, o AI-5". Cadê o AI-5? Ca... cabou [sic] com a... o AJ-5 não exis... [sic] não existe ato institucional no Brasil mais (VEJA, 2020, p. 23, grifos nossos).

Alguns segundos depois, ao se referir às críticas da mídia e de outros órgãos, ele ameaça os ministros presentes a defenderem sua imagem:

Essa é a nossa preocupação que devemos ter. Com isso que tá aqui, o Pró-Brasil, mas também com a questão política. Se nós começarmos a falar com propriedade, e tem gen... [sic] muita gente que fala muito melhor do que eu, e tem um conhecimento muito melhor do que eu, tem que fa lar, pô! [sic] Discretamente mas tem que falar, pra não deixar subir a temperatura, porque é só porrada o tempo todo em cima de mim. E vou continuar indo em qualquer lugar do Brasil e ponto final, é problema meu. Tá certo? Se eu não tiver esse direito de ir e vir. Prefeitinho [sic] lá do fim do mundo, um jaguapoca dum prefeito manda prender. Tem que a Justiça se posicionar... se posicionar sobre isso, porra! Tem que se posicionar sobre isso, abertamente! Não admitimos prisão por parte de prefeitos, e o decreto! Tem que falar, não é ficar quieto. E quem de direito aqui, e todos os ministros tem que falar isso aí, não é só a Justiça. Todos têm que falar. Não é ficar, deixa o bo... [sic] toca o barco não e... e vamos em frente. Tá? Então é isso que eu apelo a vocês, pô [sic]. Essa preocupação. Acordem para a política e se exponham, afinal de contas o governo é um só. E se eu cair, cai todo mundo (VEJA, 2020, p. 23)

Bolsonaro apresenta outra característica desse tipo de liderança aos 11 minutos do vídeo, quando estimula a desorganização e o caos a partir da interferência nos poderes e nos ministérios:

Eu não vou esperar o barco começar a afundar pra tirar água. Estou tirando água, e vou continuar tirando água de todos os ministérios no tocante a isso. A pessoa tem que entender. Se não quer entender, paciência, pô! E eu tenho o poder e vou interferir em todos os ministérios, sem exceção. Nos bancos eu falo com o Paulo Guedes, se tiver que interferir. Nunca tive problema com ele, zero problema com Paulo Guedes. Agora os demais, vou! Eu não posso ser surpreendido com notícias. Pô, eu tenho a PF que não me dá informações (VEJA, 2020, p. 25).

A partir da década de 1970, os estudos na área da liderança voltaram o olhar para as atitudes dos líderes enquanto técnicos, mas também enquanto gestores de equipes (BERGAMINI, 2009). Nas discussões sobre os estilos de lideranças, surgiu o conceito de “favorabilidade situacional” (BERGAMINI, 2009, p. 109), quando “fatores contextuais como a estrutura focada na tarefa, o poder do líder e o tamanho do grupo de trabalho” (MUMBY, 2013, p. 261) afetam a abordagem de liderança que diferentes líderes adotam.

Na década de 1980, os estudos partiram para o entendimento de que as lideranças precisariam adaptar-se às instabilidades e grandes mudanças do mundo,

sem poder seguir padrões, regras específicas e normas. Logo, a visão tradicional de líder como um ser especial, que dá as ordens para que os subordinados as cumpram, começou a ser revista. Em paralelo, surgiu o conceito de liderança transformacional, ou carismática, com líder e liderados “juntos em um propósito moral superior” (MUMBY, 2013, p. 265), conseguindo promover no seguidor um intuito de “[...] transcender seus próprios interesses em benefício da equipe, da organização e dos demais grupos de pessoas que trabalham em conjunto com ele, para conseguir um objetivo comum” (BERGAMINI, 2009, p. 59).

A liderança transformacional, ou carismática, diz respeito “à mudança, inovação e empreendimento” (BERGAMINI, 2009, p. 59), e os líderes que adotam esse estilo oferecem novos enfoques, bem como utilizam a imaginação para criar áreas novas a serem exploradas (BATISTA, 2013). Carisma é o conceito estudado por Max Weber (1999) que contrapõe a “organização administrativa” à “estrutura carismática”, considerando que o carisma “conhece apenas determinações e limites imanentes” (WEBER, 1999, p. 324-325). Nessa perspectiva, “a dominação carismática” é o contrário da “dominação burocrática”.

Para Weber (1999), os líderes carismáticos/transformacionais são líderes “naturais” que emergem, em geral, em situações sociais das mais variadas dificuldades e que são considerados heróis, dignos da fé dos públicos: “Nascem da excitação comum a um grupo de pessoas, provocada pelo extraordinário, e da entrega ao heroísmo, seja qual for o seu conteúdo” (WEBER, 1999, p. 331). Para manter a liderança ou dominação, o carismático deve, porém, caminhar de determinadas formas, na busca de conservar a imagem³³ que possui e a autoridade de que desfruta, garantindo o bem-estar de seus liderados ou do público que o observa como plateia (GOFFMAN, 2014).

³³ Conceituamos Imagem como um conjunto de significados pelo qual um objeto/pessoa/organização é conhecido e pelo qual as pessoas costumam descrevê-lo, lembrá-lo ou com ele se relacionar. Para Almeida (2014), a Imagem de uma organização ou de uma personalidade está ligada também a outros dois conceitos, de Identidade e Reputação, e são expressões sociais em um espaço de criação, renovação e intercâmbios simbólicos. Podemos ainda trazer o conceito de Imagem a partir de Santaella e Nöth (2012), para quem ele se divide em dois domínios: a partir de representações visuais, como os desenhos, pinturas, gravuras, fotografias; e o domínio imaterial das imagens, ou representações mentais, que dizem respeito a visões, fantasias, imaginações, esquemas que criamos. Porém, dizem os autores, os domínios estão ligados, uma vez que as imagens como representações visuais surgem de imagens na mente daqueles que a produziram, e as imagens mentais têm origem a partir de objetos visuais. O que unifica os dois domínios são os conceitos de signo e de representação. Para Weber (2011), a imagem pública se relaciona ainda à história e à identidade construídas por determinado ente público.

Bolsonaro, para seus seguidores mais fiéis, pode ser relacionado ao Messias ou ao salvador da pátria, que deseja libertar o Brasil do comunismo, do casamento entre pessoas do mesmo sexo e da corrupção. Relembramos que, em 1989, a Rede Globo de televisão exibiu a novela *O Salvador da Pátria*, escrita por Lauro César Muniz, com direção geral de Paulo Ubiratan. Na trama, um deputado federal tenta abafar um caso extraconjugal com uma amante, casando-a com o personagem Sassá Mutema, interpretado pelo ator Lima Duarte. Ocorre que o deputado e a amante são encontrados mortos, e Sassá Mutema é acusado e preso, mas prova a própria inocência. O povo acaba descobrindo que o deputado, com fama de moralista e conservador, era, na verdade, um grande corrupto. A reputação de Sassá muda, ele ganha popularidade, e vira prefeito. O contexto em que a novela foi apresentada era o das eleições presidenciais em 1989 – primeiro momento após décadas de ditadura militar em que uma eleição constitucional seria feita. Além de lideranças históricas como Ulysses Guimarães, Leonel Brizola e Mário Covas, havia Collor e Lula. Na ocasião em que a novela foi exibida, era possível fazer um paralelo entre os acontecimentos reais e os fictícios. O surgimento de figuras heroicas que trariam ordem ao país representava o retrato de um momento mais otimista a partir de 1985, em que a reabertura política começava a acontecer.

Outra característica do líder carismático é a preocupação com a sucessão (WEBER, 1999), e nesse sentido há exemplos na política recente brasileira, como os casos de Lula e Dilma Rousseff. Até o momento, as atitudes de Bolsonaro não demonstraram que ele tenha interesse em eleger um sucessor, a não ser a si mesmo – a constituição brasileira permite a reeleição. Mesmo assim, consideramos pertinente lembrar, como citado na trajetória de Bolsonaro, que, de seus cinco filhos, três deles atuam na área política: um senador, outro deputado federal e outro vereador. Nesse sentido, é possível que, em caso de alguma sucessão, alguns dos filhos possa ser o escolhido.

Sennet (2015), na obra *O Declínio do Homem Público*, debate pontos entre o domínio público e o privado, reflete sobre o papel do carisma e, por consequência, o do líder carismático. Para o autor (SENNET, 2015), esse estilo de liderança resulta de uma geração “intimista, voltada para dentro de si, em que se operou a maior parte da destruição física do domínio público” (SENNET, 2015, p. 30). Ele completa essa reflexão afirmando que “o líder precisa se proteger contra ser julgado por aqueles

mesmos que ele está representando” (SENNET, 2015, p. 324). Há autores que relacionam a liderança transformacional à liderança servidora, outro conceito mais recente, de autores como James C. Hunter (2004), no best-seller intitulado *O monge e o executivo*, para quem a liderança se configura como uma habilidade de influenciar pessoas “para trabalharem entusiasticamente visando atingir os objetivos identificados como sendo para o bem comum” (HUNTER, 2004, p. 25)³⁴.

Em paralelo à liderança carismática ou transformacional, surge o conceito de liderança transacional (MAXIMIANO, 2008). Oposta à definição anterior, esta caracteriza-se por uma troca entre líderes e liderados que pode durar enquanto o interesse durar. Essa liderança se articula por meio de recompensas como salários, promoção e melhoria da satisfação profissional. O líder busca satisfazer tais desejos e, em troca, os liderados cumprem os objetivos determinados, recebendo premiações por isso. O líder torna-se então o sujeito que verifica o que o liderado está fazendo, intervindo quando surgem mudanças de plano, por exemplo (NORTHOUSE, 2001).

Inferimos que esse tipo de liderança se manifesta com mais frequência em organizações com estruturas formais e rígidas, como alguns setores do serviço público. Através da promessa de recompensas e/ou de ameaças, o líder com essas características atua no sentido de manipulação para a obtenção das metas, baseadas também na promessa e na concessão de recompensas como estratégia de induzir os indivíduos a agirem do modo como a organização espera.

Cientes de que a discussão segue no âmbito das organizações, entendemos como pertinente incluir em nossa pesquisa os conceitos de liderança ousada, apresentados pela professora e pesquisadora na Universidade de Houston, nos Estados Unidos, Brené Brown, na obra *A coragem para liderar* (2019). Para a pesquisadora, o líder precisa assumir a responsabilidade de encontrar potencial em pessoas e processos, com “coragem de desenvolver esse potencial” (BROWN, 2019, p. 20). A vulnerabilidade, no entendimento da referida autora, é uma característica fundamental para a liderança e para os que atuam em organizações, somando-se à visão sistêmica defendida por Capra (2005) e Wheatley (2006), e com a complexidade a partir de Morin (2003), com um olhar para os desafios, e não somente para as respostas.

³⁴ Essa obra foi considerada autoajuda, apesar de seu sucesso entre os gestores.

Reiteramos que a complexidade comporta as imperfeições e as incertezas e aceita as contradições e a dialógica entre a ordem/desordem/organização (MORIN, 2003). A vulnerabilidade, para Brown (2019), assim como a incerteza, o risco e a exposição emocional, torna os sujeitos mais humanos (BROWN, 2019, p. 58), possibilitando-lhes o amor, o pertencimento e a alegria. Essa liderança ousada aconteceria nas conversas difíceis, nos *feedbacks*, na resolução de problemas e na tomada de decisões éticas. Atitudes como essas, de ouvir e de dar abertura e atenção para os outros, geram a comunicação em que acreditamos, baseada na troca e no compartilhamento (WOLTON, 2011), com espaço para a conversa, a construção de relacionamentos, o vínculo e a inclusão (BROWN, 2019, p. 77).

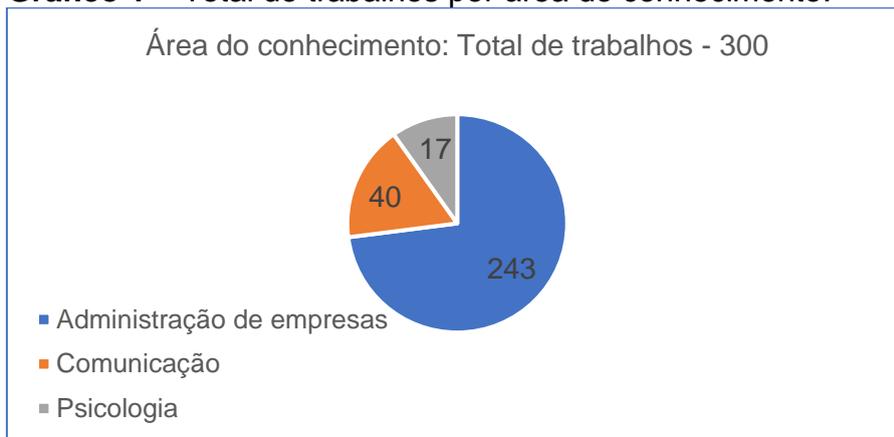
Observamos que as teorias apresentadas apontam uma evolução nos conceitos de liderança ao longo dos anos. Diferentemente da teoria dos traços e da teoria da abordagem comportamental, Capra (2005), Wheatley (2006) e Brown (2019) inspiram-nos a olhar para o outro, apontando que as realizações e conquistas de uma organização, e de um governo, por exemplo, precisam ser compartilhadas, distanciando-se de estilos de líderes como o autocrático-burocrático.

Na sequência, realizamos um levantamento sobre o Estado da Arte na área da liderança pública e política, considerando o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, os congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp), no período entre 2015 e 2021. Até a banca de qualificação, a pesquisa contemplava o período entre 2015 e 2019. Com o intuito de abranger mais conteúdos que pudessem agregar ao trabalho, o exercício foi refeito, considerando publicações de 2020 e 2021, as quais não constavam anteriormente.

Privilegiamos trabalhos que tivessem relação com a gestão, liderança e comunicação, com enfoque na área pública. Com esse intuito, buscamos no Portal da Capes as palavras *Gestão*, *Liderança* e *Comunicação*. Para refinar os resultados, definimos na Grande Área do Conhecimento as *Ciências Sociais Aplicadas* e as *Ciências Humanas*, com área do conhecimento em *Administração de Empresas*, *Comunicação* e *Psicologia*. Como 4.124 trabalhos foram encontrados, foi necessário um refinamento mais específico na Área de Concentração. Optamos, então, por

definir como áreas de concentração a *Administração*, *Comunicação Social*, *Psicologia das Organizações e do Trabalho* e *Organizações*. A pesquisa apresentou ainda 300 trabalhos, considerando respectivamente Área de Conhecimento (Gráfico 1) e Área de Concentração (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Total de trabalhos por área do conhecimento.



Fonte: autora (2021), a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2021).

Gráfico 2 – Total de trabalhos por área de concentração.



Fonte: Autora (2021), a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2021).

Entre os 300 trabalhos encontrados, observamos a predominância na Administração. Os títulos, palavras-chaves e/ou resumos destacam os processos operacionais de empresas, indústrias e organizações em geral como, por exemplo, uma análise empírica da trajetória tecnológica da indústria da cana-de-açúcar; ou um olhar sobre o consumo alimentar como processo comunicativo e de convivência intercultural, assim como política, ética e afeto, entre outros.

Na Comunicação, além dos trabalhos que integram nossa análise,

encontramos títulos relacionados ao imaginário no jornalismo, à ditadura militar no Brasil, além de teses sobre transmídia e multitelas. Na Psicologia, há conteúdos relacionados ao assédio moral nas organizações, bem como motivação de pessoas em estruturas hierarquizadas, sentido e significado do trabalho, entre outros.

Buscando refinar o material, relacionando-o com o nosso objeto, que se volta para a liderança pública, observamos igualmente a incidência dos títulos e/ou palavras-chave e resumos que indicaram a necessidade de aprofundamento da leitura. Chegamos a 10 teses no total. Optamos por excluir da análise as publicações que não tivessem divulgação autorizada, pois somente o resumo não nos possibilitaria realizar uma aproximação com o nosso objeto de estudo para uma posterior síntese sobre os perfis das lideranças apresentadas. Nessa síntese, evidenciamos as características dos líderes a partir do olhar desses pesquisadores, sem relacioná-las especificamente com as teorias da administração apresentadas anteriormente. Sendo assim, quatro publicações atenderam a esse critério, e foram, portanto, selecionados para leitura e análise (Quadro 4).

Quadro 4 – Teses para análise e aproximação com o objeto de estudo.

Teses selecionadas			
Autor/Título	Ano/Orientador(a)	Palavras-Chave	Programa de Pós-Graduação
Flaviana Andrade de Padua Carvalho Carreira e Aprendizagem: Um estudo com gestores públicos federais egressos da Escola Nacional de Administração Pública	2015 Antonio Luiz Marques	Carreira. Aprendizagem. Gestor público	Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais
Kamila Pagel de Oliveira Implementação de Políticas de Gestão de Pessoas no Estado de Minas Gerais: Uma análise das políticas, avaliação de desempenho individual e certificação ocupacional	2016 Ivan Beck Ckagnazaroff	Implementação de Políticas de Gestão; certificação ocupacional	Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais

<p>Renata Veloso Santos Policarpo</p> <p>A Influência do Comportamento de Liderança nas Reações Individuais à Mudança: Um estudo sobre a criação e constituição do IFMG</p>	<p>2016</p> <p>Renata Simões Guimarães e Borges</p>	<p>Reações Individuais à Mudança; Liderança; Estilos de Liderança; Desempenho</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais</p>
<p>Paula de Sousa Brant e Melo</p> <p>A contribuição da competência política para a carreira, a reputação e a legitimação da liderança</p>	<p>2017</p> <p>Joel Souza Dutra</p>	<p>Carreira; Competência profissional; Legitimidade; Liderança; Reputação</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de São Paulo</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020, 2021).

Para a análise consideramos os objetivos dos trabalhos, os métodos e os procedimentos metodológicos utilizados, bem como as conclusões dos autores. Realizamos os movimentos propostos por Thompson (2002) de interpretação e reinterpretção, considerando que “as formas simbólicas objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado, já interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico” (THOMPSON, 2002, p. 376). Entendemos que a competência hermenêutica é acionada ao longo de todo o processo. Assim, os movimentos interpretativos foram sistematicamente retomados e revistos a cada (re) leitura das teses.

Iniciamos pelas teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). São três trabalhos que avaliam perspectivas relacionadas à liderança no setor público, no qual o nosso objeto de estudo se insere.

Focado na área da gestão pública, o trabalho de Carvalho (2015) buscou analisar como são “interpretadas” e “vivenciadas” a carreira e a aprendizagem de gestores públicos federais egressos da Escola Nacional de Administração Pública (Enap)³⁵, órgão vinculado ao Ministério da Economia e localizado em Brasília. Essa análise ocorre a partir do que a autora considera como dimensão objetiva da carreira,

³⁵ No site da Escola é possível obter mais informações (ENAP, 2020).

“necessária para se caracterizar e entender as mudanças na sua extensão técnica” (CARVALHO, 2015, p. 19), e uma dimensão subjetiva, que “permite desvelar uma faceta menos nítida: o processo de subjetivação dos gestores públicos quanto à carreira e acerca da aprendizagem a ela articulada” (CARVALHO, 2015, p. 19), possibilitando (re)construções e (re)interpretações ao longo do tempo. Na ótica dos gestores públicos pesquisados, a carreira é o exercício de um papel profissional “abrangente, complexo e ambíguo” (CARVALHO, 2015, p. 129). Ao identificar as dimensões objetivas e subjetivas, destacadas pela pesquisadora ao longo do texto, ela conclui que a carreira do gestor público egresso da Escola pode ser caracterizada como híbrida.

Nas conclusões de Carvalho (2015), os gestores públicos estudados enxergam-se como “solucionadores de problemas” (CARVALHO, 2015, p. 127) e “agentes de mudanças na administração pública”. Chama-nos a atenção também as evidências apontadas de que a complexidade e a instabilidade do contexto organizacional público provocam nos indivíduos a responsabilidade de aproveitar as oportunidades. A autora (CARVALHO, 2015) sugere, nesse sentido, que, ao construir redes de relacionamentos nesses ambientes organizacionais, os gestores criem estratégias de suporte e crescimento profissional. Ao aproximarmos as conclusões de Carvalho com os estilos de liderança apresentados anteriormente, entendemos que, nessa pesquisa, os gestores públicos apresentam características presentes nos líderes transacionais, ao aproveitar as oportunidades postas pelo ambiente em que se encontram e ao construir relacionamentos ao longo do processo de convivência, para o crescimento profissional.

Também com um olhar para o setor público, mas a partir de abordagens relacionadas a políticas de avaliação e desempenho dos profissionais que atuam nesses espaços, o trabalho de Oliveira (2016) debruça-se sobre esses processos no estado de Minas Gerais, que desde 2003 tem implementado políticas de gestão de pessoas no setor. A autora traz ainda uma proposta de entender o contexto político e econômico de implementação das políticas de gestão de pessoas no estado mineiro, o modelo e os pressupostos teóricos que o sustentam e o processo de implementação das duas políticas citadas. Ela identifica os “atores envolvidos” e analisa a “atuação” dos formuladores e implementadores, os recursos disponíveis, os instrumentos

utilizados e a “estratégia adotada para a implementação e processo de institucionalização dessas políticas” (OLIVEIRA, 2016, p. 100)³⁶.

Quanto aos procedimentos, a tese de Oliveira (2016) envolveu pesquisa bibliográfica e documental, com a análise de legislações sobre as políticas de gestão de pessoas implementadas em Minas Gerais desde 2003, dando ênfase para as duas políticas que foram objeto de análise. Houve também levantamento de campo de caráter qualitativo, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com 30 “atores estratégicos”, conforme a atuação e importância destes no processo de implementação dessas políticas. Entre os resultados, Oliveira (2016) retrata um modelo “predominantemente de cunho operacional” (OLIVEIRA, 2016, p. 206), em razão da ausência de investimento adequado à gestão de pessoas, ao considerar recursos financeiros, humanos e materiais. Quanto às políticas de gestão de pessoas implementadas nesse contexto, a pesquisadora percebe o foco nos “princípios gerencialistas”, como eficiência, busca por resultados, lógica de incentivos e mérito, que, “apesar de serem muito relevantes para a melhoria da gestão pública, são também passíveis de críticas tanto pelo fato de não alcançarem os objetivos pretendidos quanto pelo fato de gerarem efeitos, muitas vezes, perversos” (OLIVEIRA, 2016, p. 205). Pela perspectiva dos estilos de liderança, há, nas conclusões de Oliveira (2016), características semelhantes à liderança transacional, principalmente

³⁶ Buscando aproximar os processos de Minas Gerais com a realidade do Estado do Rio Grande do Sul, no qual estamos inseridos, buscamos projetos semelhantes na área da gestão dos serviços públicos estaduais. Em 2019, a Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão (Seplag) gaúcha abriu, pela primeira vez, a seleção para 33 cargos de gestão no governo do RS, em uma parceria com organizações do terceiro setor, formada por Fundação Brava, Fundação Lemann, Instituto Humanize e Instituto República. O processo recebeu mais de 4 mil inscrições, das quais 1.511 foram aprovadas para a segunda fase, de análise de currículo (SEPLAG, 2019). Posteriormente, foram realizadas entrevistas e análise de competências. O Qualifica RS, como ficou conhecido o programa, selecionou os atuais 30 coordenadores regionais de Educação, vinculados à Secretaria da Educação do RS, três agentes externos de gestão para essa Secretaria, e os titulares de três posições na Seplag (Subsecretaria de Gestão de Pessoas, Diretoria de Recursos Humanos e Coordenadoria da Escola de Governo – Egov). Em 2020 o processo definiu ainda outras posições estratégicas no Governo gaúcho. Não encontramos, no RS, notícias sobre a realização de avaliação de desempenho dos servidores públicos estaduais, além das que preveem o estágio probatório para o servidor público aprovado em curso e instituído em lei. Em nível nacional, o Ministério da Economia lançou, em fevereiro de 2020, um projeto piloto para avaliação de desempenho de funcionários de alto escalão, que ocupam cargos de comissão na Secretaria de Desburocratização, Gestão e Governo Digital. Na primeira fase, que teve início no mês de abril de 2020 (GOVERNO DO BRASIL, 2020), seriam avaliadas 95 pessoas, entre secretários especiais, diretores, coordenadores-gerais e gerentes de projeto da secretaria escolhida como piloto. Na matéria publicada, o secretário de Gestão e Desempenho de Pessoal do Ministério, Wagner Lenhart, explica que o projeto é inédito, e que busca “promover uma mudança na cultura organizacional”, tornando a administração pública mais eficiente.

quando a autora relata ações voltadas à busca de resultados e ao estímulo à competitividade, por vezes perversos.

Outro trabalho é o de Policarpo (2016), cujo foco é a mudança organizacional e o papel desempenhado pelos líderes no contexto da fusão de três antigas autarquias mineiras e outras unidades educacionais, transformadas no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Por meio da aplicação de questionários e de entrevistas com mais de 50 servidores da instituição envolvidos nos processos de criação e constituição do modelo de gestão do Instituto, entre os quais estão técnicos administrativos, assessores, coordenadores de curso, Reitor, pró-reitores e diretores de *campi*, a autora buscou “investigar a influência do comportamento do líder na intenção dos servidores de resistir ou cooperar com o processo de criação e estruturação do modelo de gestão” (POLICARPO, 2016, p. 23).

A análise dos dados permitiu concluir que a “resistência do grupo” não influencia no processo de “aceitação” e apoio individual à mudança (POLICARPO, 2016, p. 23). Os resultados evidenciaram que fatores como o convívio social, a consistência organizacional, a decisão prévia e a experiência anterior são mais determinantes na aceitação e cooperação dos servidores no processo de mudança no IFMG (POLICARPO, 2016). Para a pesquisadora, a “consistência organizacional” e a experiência anterior com a mudança “realizam praticamente o mesmo nível de força sobre a aceitação e cooperação à criação do IFMG” (POLICARPO, 2016, p. 131). O estilo de liderança transformacional “não influencia positivamente” a cooperação e a aceitação à mudança organizacional, bem como os estilos de liderança transacional e *laissez-faire* “não influenciaram negativamente para a cooperação e aceitação à mudança” (POLICARPO, 2016, p. 132).

A tese de Brant (2017) aborda os aspectos políticos dos cargos de liderança nas organizações, os quais ela exemplifica com conflitos de interesse e disputas por espaço, recursos e reconhecimento que estariam alinhados ao cargo assumido. Sob o olhar da Administração, lugar de fala da autora, esses profissionais precisam estar “prontos para agir na arena política” (BRANT, 2017, p. 128). O desafio, então, estaria na escolha e/ou preparação desses gestores, que, no entendimento proposto, precisam ser “vocacionados” para esses espaços e, ao mesmo tempo, capazes de serem bons líderes de equipe. Porém, nem todo o bom profissional técnico ou funcional tem perfil para atuar nessa “arena” (BRANT, 2017, p.186).

A partir de alguns autores apresentados³⁷, Brant (2017) reconhece o ambiente organizacional como uma arena política, mas enxerga o caráter relacional desses espaços ao considerar que o poder não reside apenas nas relações hierárquicas formais, mas também nas relações informais, “em que a expertise, o carisma, a benevolência e a afeição afetam sua aquisição” (BRANT, 2017, p. 44). O poder “permearia” as interações sociais e o conhecimento, que “acabam tecendo a vida social no ambiente organizacional” (BRANT, 2017, p. 44).

O conceito de competência política, apresentado pela autora, é proveniente do termo em inglês *Political Skill*, que se define como um construto composto por dimensões como a astúcia social, a influência interpessoal, a habilidade de *network* e a sinceridade evidente, as quais gerariam o aumento do poder de influência pessoal e da efetividade social. A habilidade política ancorada em Mintzberg (1983) deveria ser precedida da vontade política, que seria “a motivação para se engajar no comportamento político” (BRANT, 2017, p. 44), que, na tese, a autora alia também à competência política. Esta é uma “efetividade social desejável, que aumenta o alcance dos objetivos pessoais e organizacionais” (BRANT, 2017, p. 96), associada a “autoeficácia, reputação pessoal, satisfação no trabalho, comprometimento organizacional e produtividade no trabalho” (BRANT, 2017, p. 96). Os líderes entrevistados por Brant (2017) entendem que as organizações precisam estar atentas a essa competência política, por exemplo, no momento da contratação de profissionais para cargos de gestão, considerando que esses espaços são arenas políticas.

Brant (2017) conclui ainda que há uma “deficiência” geral das organizações em relação à conscientização e aceitação do próprio aspecto político, e o motivo para isso seria o fato de a perspectiva política “ainda ser considerada um tabu, em razão da sua conotação negativa” e por ser uma questão implícita nas relações dentro das organizações. A partir dos resultados apresentados, inferimos que a tese trouxe aspectos característicos das lideranças transacionais, em razão da competitividade inerente, além do conflito permanente.

³⁷ Para abordar as questões do poder nas organizações, a autora baseia-se em pensadores como o professor da Universidade McGill, em Quebec, no Canadá, Henry Mintzberg, quem desenvolveu, ao longo da carreira, importantes pesquisas sobre o poder nos ambientes organizacionais e a arena política nesses espaços.

No caminho percorrido até então, em que nos aproximamos da Administração, foi possível perceber um predomínio, nos autores utilizados nas construções teóricas e nos resultados das pesquisas empíricas realizadas, de palavras e expressões que desconsideram as organizações como associações de sujeitos em relação, que se materializam em redes de interesses e intencionalidades. Aos líderes, nesses contextos apresentados, o olhar é focado nas estruturas formais, materializadas em regras, normas, entre outros modelos oficiais, que orientam a maneira como as pessoas se relacionam nas organizações e conferem os níveis de poder. Quando aproximamos os resultados com as teorias apresentadas anteriormente, observamos o predomínio do estilo de Liderança Transacional, em que os líderes “exibem certo tipo de atitude e esperam algum tipo de reação do seguidor em face dos objetivos, bem como da direção a seguir e das metas a serem atingidas” (BERGAMINI, 2009, p. 143).

Em um segundo momento, selecionamos, na ferramenta de busca do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a palavra “Liderança Política”. Para refinar os resultados, definimos na Grande Área do Conhecimento as “Ciências Sociais Aplicadas” e as “Ciências Humanas”, resultando em mais de mil trabalhos. Refizemos o exercício incluindo publicações de 2020 e 2021 e definindo como áreas de concentração “Comunicação” e “Ciência Política”, o que resultou em 474 trabalhos, entre os quais 397 eram de Ciência Política, e 77 de Comunicação. Fomos em busca dos títulos, palavras-chaves e/ou resumos que pudessem ser relacionados ao nosso objeto de estudo, considerando como critério para a seleção das teses a divulgação autorizada pelos autores. Foram então selecionados quatro trabalhos para análise final, e foi incluída após a banca de qualificação a tese *Mídia e democracia na América Latina: Um modelo de análise de comunicação política comparada para a região* (LEO, 2020), conforme Quadro 5.

Quadro 5 – Teses de liderança política para análise e aproximação com o objeto de estudo.

Teses selecionadas			
Autor/Título	Ano/Orientador(a)	Palavras-Chave	Programa de Pós-Graduação
<p>Andrea de Lima Trigueiro de Amorim</p> <p>Poder e violação de Direitos Humanos no Discurso Neopentecostal: Uma análise da atuação político-midiática de Silas Malafaia e Marco Feliciano nas redes sociais on-line</p>	<p>2017</p> <p>Karla Regina Macena Pereira Patriota</p>	<p>Direitos humanos. Neopentecostalismo. Análise do discurso. Mídias sociais</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco</p>
<p>Luiz Francisco Ferreira Leo</p> <p>Mídia e democracia na América Latina: Um modelo de análise de comunicação política comparada para a região</p>	<p>2020</p> <p>Arthur Cezar de Araujo Ituassu Filho</p>	<p>Mídia; Democracia; Comunicação; Política; Estudo Comparado</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica o Rio de Janeiro</p>
<p>Lucas Gandin</p> <p>Eu, Nós e Eles: A Luta política nos pronunciamentos presidenciais de Dilma Rousseff</p>	<p>2018</p> <p>Emerson Urizzi Cervi</p>	<p>Pronunciamento; Discurso Político; Dilma Rousseff; Presidente; Comunicação Política; Ciência Política</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná</p>
<p>Patrícia Paixão de Oliveira Leite</p> <p>A Mídia Impressa Brasileira e o Discurso Colonizador sobre a América Latina: A Casa Grande Discursivizando a Senzala</p>	<p>2016</p> <p>Cristina Teixeira Vieira de Melo</p>	<p>Mídia. América Latina. Análise do Discurso</p>	<p>Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco</p>

Fonte: elaborado pela autora (2020, 2021).

A tese de Amorim, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, analisa o movimento neopentecostal desde suas origens nos Estados Unidos até seu crescimento no Brasil,

bem como sua atuação midiática e política no País. A autora contextualiza o discurso do grupo religioso dentro de um projeto de poder e utiliza as contas mantidas no Twitter e no Facebook do pastor Silas Malafaia e do deputado Marco Feliciano como recorte para a análise. Como resultado, ela percebe que o neopentecostalismo se funda em um projeto de poder religioso, com viés político e econômico, que tem “afetado as estruturas democráticas” (AMORIM, 2017, p. 9). Além disso, o projeto é catalisador de violações de direitos de grupos, sobretudo, os ligados às mulheres, à população LGBT, à população em conflito com a lei e aos grupos favoráveis à regulamentação das drogas, “[...] com as redes sociais on-line e bolhas de filtro como ferramentas de propagação de sua atuação” (AMORIM, 2017, p. 9).

A partir dos discursos desses líderes, Amorim (2017, p. 199-201) comprova uma marginalização das tendências políticas à esquerda, as pautas e direitos LGBT, o feminismo, a descriminalização das drogas e o Partido dos Trabalhadores (PT). Como figuras de destaque, dotados de poder midiático, os líderes neopentecostais usam o poder de “coronéis eletrônicos” para a indicação de voto da audiência e para a incitação à própria defesa pessoal, defesa de pautas próprias ou ataque aos seus opositores – inclusive nos comentários feitos em suas publicações. Além disso, relata a autora (AMORIM, 2017) que essa audiência é usada como “moeda de barganha política em votações de seu interesse ou como moeda de troca, oferecendo seu capital de votos em troca de apoio político”. Essas são características de seus discursos que a autora entende como lineares, falácias lógicas, distorção dos dados da realidade, julgamento desproporcional, tratamento desigual e até mesmo “vista grossa à corrupção em função da orientação política” (AMORIM, 2017, p. 199). Em relação aos evangélicos, por exemplo, quando as lideranças religiosas declararam apoio a Bolsonaro, em 2018, como fez o bispo Edir Macedo a uma semana da votação no primeiro turno, os fiéis já haviam migrado para sua candidatura (O ESTADO DE S. PAULO, 2020). As declarações de apoio foram mais uma chancela a um voto já mobilizado pelas sinalizações de Bolsonaro do que um direcionamento dado pelas lideranças da igreja. Vale lembrar que a Igreja Universal, primeiro por meio do Partido Liberal (PL) e depois pelo PRB, entrou no governo petista em 2002 e lá permaneceu até poucas semanas antes do impeachment³⁸ (ALMEIDA, 2019). Marcelo Crivella,

³⁸ O processo de impeachment de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio

prefeito do Rio de Janeiro de 2016 a 2020, apoiador de Bolsonaro, foi ministro da Pesca e Aquicultura de Dilma entre 2012 e 2014. Logo depois da saída de Dilma, o PRB estava no Ministério da Indústria, Comércio e Serviços do governo Temer.

O trabalho de Leo (2020), com o tema *Mídia e democracia na América Latina: Um modelo de análise de comunicação política comparada para a região*, agrega ao trazer para a reflexão a teoria da comunicação política, além de buscar revisitar, com um olhar crítico, fundamentos e modelos de investigação sobre o tema. Segundo o autor, a proposta foi “privilegiar a compreensão de como tais fenômenos *afetam e são afetados* pelas dinâmicas sociais” (LEO, 2020, p. 232), com um olhar também construtivista e hermenêutico, como vertentes teóricas de apoio à reflexão. Nas conclusões, o autor apresenta modelos construídos a partir de suas ponderações de natureza sociocultural, política e midiática – que conformam um contexto próprio da comunicação política. Outro modelo, que ele nomeia como restrito, aponta as práticas de comunicação política *per se*, a partir do contexto em que se inserem.

O trabalho de Gandin (2018), *Eu, Nós e Eles: A Luta política nos pronunciamentos presidenciais de Dilma Rousseff*, defendido na Universidade Federal do Paraná, trabalha com a construção das figuras do “eu”, do “nós” e do “ele/eles” nos pronunciamentos proferidos por Dilma Rousseff durante o exercício da Presidência da República, entre 2011 e 2016. Segundo o autor, a construção das três figuras modifica-se ao longo dos cinco anos e cinco meses de governo de Dilma, em razão do que ele denomina como três períodos chave: da posse até meados do primeiro mandato; da metade do primeiro mandato até a reeleição; e da posse do segundo mandato até o impeachment. A pesquisa utiliza como referencial teórico as definições e os conceitos de comunicação política, retórica presidencial e campanha permanente, a fim de situar o objeto no campo da Ciência Política e da Análise de Discurso para a construção das categorias analíticas para a Análise de Conteúdo, metodologia à qual o objeto foi submetido. Gandin (2018, p. 14), assim como em nosso trabalho, definiu categorias de análise quantitativas. Estas revelaram que a maioria dos pronunciamentos da ex-presidente pertenciam à Dimensão Temática “Social e

Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso encerrou-se em 31 de agosto de 2016 e teve como resultado a cassação do mandato, sem a perda dos direitos políticos, de Dilma (SENADO, 2016).

Estado”, concentrando-se nas Temáticas Específicas “Relações Internacionais”, “Saúde”, “Habitação” e “Mobilidade Urbana e Transporte”.

No enfoque qualitativo, o autor analisa a construção das figuras do “eu”, do “nós” e do “ele/eles”. Os achados dessa análise apontam que, na posição de chefe da equipe de governo, os discursos de Dilma voltaram-se a convencer a sociedade de que o Brasil estava vencendo a crise; no segundo, na posição de representante do Estado brasileiro, Dilma atuou para cooptar os manifestantes a aderir às propostas e ações para vencer a crise política e, enquanto chefe da equipe de governo, para convencer os segmentos sociais das “fortalezas do país para superar a crise” (GANDIN, 2018, p. 219); já, no terceiro, “na qualidade de ator político” a proposta vai contra a oposição política (sob a identidade do inimigo algoz), que ameaça à democracia, as conquistas e o povo brasileiro.

Outro trabalho é o de Leite, defendido em 2016, na Universidade Federal de Pernambuco, cujo tema é *A Mídia Impressa Brasileira e o Discurso Colonizador sobre a América Latina: A Casa Grande Discursivizando a Senzala*. A pesquisa propõe-se a investigar o discurso da mídia impressa brasileira – a partir dos jornais *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *O Globo*, e das revistas *Veja* e *Carta Capital* – sobre os líderes latino-americanos de países que compõem a União das Nações Sul-Americanas (Unasul): Venezuela, Argentina, Equador, Uruguai, Bolívia e Brasil.

O *corpus* do trabalho é composto por matérias, reportagens, editoriais e artigos veiculados nos cinco meios de comunicação impressos, nos meses pré e pós-eleitoral, nos pleitos presidenciais anteriores e mais próximos de 2012. Para tanto, a pesquisa adotou o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso, com base em autores com quem também trabalhamos em nossa tese, como Orlandi (2002, 2003, 2005, 2007) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008). A base da problematização do estudo teve como alicerces as concepções de Formação Ideológica e Formação Discursiva, eixos dos quais partiram outros temas teórico-metodológicos da Análise do Discurso, assemelhando-se ao que também propomos neste trabalho. O estudo apreendeu os discursos que emergem do entrecruzamento de vozes da mídia, dos líderes latino-americanos referenciados e dos discursos que circulam sobre as colonizações. Segundo as conclusões de Leite (2016, p. 292-293), a mídia impressa brasileira referencia os líderes latino-americanos com designações e qualificações “que exercem uma função discursiva de ‘derrisão, demonização ou desqualificação’”. No

caso das líderes mulheres, a autora (LEITE, 2016) observa que Cristina Kirchner e Dilma Rousseff receberam um tratamento diferenciado nos discursos midiáticos, com destaque para características como a instabilidade emocional, a dependência política do marido ou do “cabo eleitoral”, o excesso de vaidade “ou o estilo que vai do “brega” ao “careta” (LEITE, 2016).

Buscamos igualmente artigos apresentados e publicados em anais dos congressos da Intercom, da Compós e da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp). Abrangemos, na Intercom, o DT de Estudos Interdisciplinares, com o grupo de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação, como também o grupo de pesquisa Relações Públicas e Comunicação Organizacional; o GT Comunicação Política (Compós) e os GTs Comunicação, Políticas e Estratégias e Comunicação Pública, Política e Governamental, na Abrapcorp.

Para os trabalhos publicados nos congressos da Abrapcorp em 2020 e 2021 a pesquisa foi realizada nos GTs Relações Públicas, Política e Sociedade e Discursos, Identidades e Relações de Poder, já que os anteriores tiveram ementas modificadas ou foram unificados a outros GTs. Utilizamos o mesmo critério para a seleção e análise dos artigos: a busca pelo termo liderança política nos títulos, palavras-chave e resumos. Os artigos são apresentados por ordem cronológica, diferentemente das Teses, que seguiram por ordem alfabética, a partir dos nomes dos autores.

Nos GTs da Intercom encontramos quatro artigos sobre o tema da Liderança Política. São eles: *Comunicação Social e Formação de Opinião Política no Twitter: O Líder Evangélico Silas Malafaia*, de Larissa de Oliveira Cesar e Patrícia Gonçalves Saldanha, apresentado em 2017; *Discurso, Liderança e Crise: A Vale no Jornal Nacional Durante a Pandemia da Covid-19*, de 2020, produzido pela autora e pela mestrandia em Comunicação Social pela PUCRS Júlia Aguiar; *O Discurso do Inimigo: Análise do Discurso Político do Presidente do Brasil*, de Maria Vitória Sousa Rocha e Katia Maria Belisário, da Universidade de Brasília, no Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação, em 2020; e *Uma Análise das estratégias argumentativas nos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro*, de Willian José de Carvalho e Mayra Regina Coimbra, da Universidade Federal de Juiz de Fora, também em 2020. Até a finalização de nosso trabalho, ainda não constavam publicados os anais do evento de 2021, o que impossibilitou a consulta.

Nos congressos da Compós, encontramos três artigos, nos GTs Comunicação e Política e Estudos de Comunicação Organizacional: *@Dilmabr no Impeachment: Uma análise das estratégias de comunicação política de Dilma Rousseff no Twitter*, de Eurico Oliveira Matos Neto, Tatiana Maria Silva Galvão Dourado e Pedro Mesquita, em 2017; *O Espectro Lula na eleição presidencial de 2018 – Imagem pública e imagem negada*, da autoria de Alexandre Haubrich, de 2019. E, em 2021, encontramos a publicação *Para além do Negacionismo: uma proposta de análise do discurso de Jair Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19*, de Ronaldo Ribeiro Ferreira.

Nos congressos da Abrapcorp, com a inclusão dos anos de 2020 e 2021, foram encontrados três artigos sobre lideranças políticas, em dois deles o foco foi discursos de Jair Bolsonaro. No GT Relações Públicas, Política e Sociedade de 2020 foram encontrados o *Esfera Pública Hiperconectada Como Locus de Interconexão entre Governo e Cidadão. Uma análise da rede social do Presidente Jair Messias Bolsonaro*, e, em 2021, *Comunicação Pública em tempos de Pandemia: um olhar a partir da live do presidente Jair Bolsonaro*, ambos de Eva Ribeiro e Tiago Mainieri. Em 2021, no GT Discursos, Identidades e Relações de Poder, o artigo *O Que Não Está Acontecendo: Comunicação Pública e Liderança Política em Tempos de Pandemia: Os Discursos de Jair Bolsonaro no Twitter*, baseado em achados dessa pesquisa, da autora em parceria com a doutoranda Francielle Falavigna.

Quadro 6 – Artigos selecionados nos Anais dos Congressos da Intercom, Compós e Abrapcorp – 2015 a 2021.

Título	Palavras-Chave	Congresso/Ano	Autor/Programa de Pós-Graduação
Comunicação Social e Formação de Opinião Política no Twitter: O Líder Evangélico Silas Malafaia	Líder de opinião; religião evangélica; propaganda política; atalho de informação; Twitter	Intercom 2017 Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação	Larissa de Oliveira Cesar e Patrícia Gonçalves Saldanha

Discurso, Liderança e Crise: A Vale no Jornal Nacional Durante a Pandemia da Covid-19	Comunicação; Discurso; Liderança; Pandemia; Covid-19	Intercom 2020 Grupo de Pesquisa Relações Públicas e Comunicação Organizacional	Bianca Garrido e Julia Aguiar
O Discurso do Inimigo: Análise do Discurso Político do Presidente do Brasil	Marketing Político; Propaganda Político; Análise do Discurso; Campanha e Governo.	Intercom 2020 Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação	Maria Vitória Sousa Rocha e Katia Maria Belisário
Uma análise das estratégias argumentativas nos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro	Mídia e Política; Pronunciamentos; Bolsonaro; Fake News; Covid-19	Intercom 2020 Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação	Mayra Regina Coimbra e Willian José de Carvalho
@dilmabr no Impeachment: Uma análise das estratégias de comunicação política de Dilma Rousseff no Twitter	Comunicação Política. Twitter. Dilma Rousseff	Compós 2017 Grupo de Trabalho Comunicação Política	Eurico Oliveira Matos Neto, Tatiana Maria Silva Galvão Dourado e Pedro Mesquita
O Espectro Lula na eleição presidencial de 2018 – Imagem pública e imagem negada	Imagem pública. Eleição presidencial. Lula	Compós 2019 Grupo de Trabalho Comunicação Política	Alexandre Haubrich
Para além do Negacionismo: uma proposta de análise do discurso de Jair Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19	Discurso Político; Discurso Mitológico; Pensamento Conservador	Compós 2021 Grupo de Trabalho Comunicação Política	Ronaldo Ribeiro Ferreira
Esfera Pública Hiperconectada Como Locus de Interconexão Entre Governo e Cidadão. Uma análise da rede social do	Esfera Pública Hiperconectada; Cidadania; Comunicação Pública, Bolsonaro.	Abrapcorp 2020 Grupo de Trabalho Relações Públicas, Política e Sociedade	Eva Ribeiro e Tiago Mainieri

Presidente Jair Messias Bolsonaro			
Comunicação Pública em tempos de Pandemia: um olhar a partir da <i>live</i> do presidente Jair Bolsonaro	Comunicação Pública; Pandemia Covid- 19; Internet; <i>Lives</i> .	Abrapcorp 2021 Grupo de Trabalho Relações Públicas, Política e Sociedade	Eva Ribeiro e Tiago Mainieri
O Que Não Está Acontecendo: Comunicação Pública e Liderança Política Em Tempos De Pandemia: Os Discursos De Jair Bolsonaro No Twitter	Comunicação. Liderança. Pandemia Covid-19.	Abrapcorp 2021 Grupo de Trabalho Discursos, Identidades e Relações de Poder	Bianca Garrido e Francielle Falavigna

Fonte: elaborado pela autora (2020, 2021) a partir dos trabalhos selecionados no *corpus* dos Congressos.

Nossa análise inicial se dá a partir do artigo *Comunicação Social e Formação de Opinião Política no Twitter: O Líder Evangélico Silas Malafaia*, apresentado no Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação da Intercom em 2017, produzido por Larissa de Oliveira Cesar e Patrícia Gonçalves Saldanha. O artigo buscou compreender como o pastor Silas Malafaia, líder de opinião evangélico, utilizou o Twitter para “influir politicamente” (2017, p. 2) no período que compreende a votação do impeachment de Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados, em abril de 2016. O artigo utiliza uma metodologia qualitativa, com monitoramento e mapeamento conceitual de expressões utilizadas, aliada à revisão bibliográfica, estruturante para a pesquisa por meio da utilização dos conceitos de líder de opinião a partir de Lazarsfeld (1944), propaganda (DEMARTINI, 2001), atalho de informação (DOWNS, 1999), teoria da racionalidade da baixa informação (POPKIN, 1994) e características dos evangélicos (BOHN, 2004).

As autoras concluem, com semelhança ao material trabalhado na tese de Amorim (2017), que o cenário das igrejas evangélicas pentecostais se torna propício para a formação dessas lideranças políticas, em razão da pobreza e da ausência do poder público. Nesse cenário, a justificativa desses sujeitos é a “atuação pelos crentes e pelos valores de Deus” (CESAR; SALDANHA, 2017, p. 13-15), e a *internet* e as mídias/redes sociais *on-line* apresentam-se como uma ferramenta de “benção” ou

“maldição” na vida dos fiéis, dependendo da intenção. A postura adotada é de confronto, em que o diferente é inimigo, fundamentando seu posicionamento, entrando em “contradição com os princípios cristãos, do qual, como pastor e líder de opinião evangélico, deveria se ocupar”.

O próximo artigo foi apresentado na Intercom, em 2020, cujo título é *Discurso, Liderança e Crise: a Vale No Jornal Nacional Durante a Pandemia da Covid-19*. As autoras analisaram o discurso de Eduardo Bartolomeo, diretor-presidente da Vale, no quadro Solidariedade S/A, do Jornal Nacional, em reportagem do dia 18 de abril de 2020. Utilizando-se da Análise de Discurso em Charaudeau (2010), e sob um olhar sistêmico e crítico em relação aos líderes e gestores, foram estudados os ditos e os não ditos no discurso, relacionados aos impactos dos desastres de Mariana e Brumadinho ocorridos, respectivamente, nos anos de 2015 e 2019. Entre as considerações apontadas no artigo, estão as de que o discurso de Bartolomeo no quadro referido ainda se relaciona com a história recente das tragédias, na utilização de palavras que remetem à humanidade, ou no fato de a empresa colocar-se à disposição do poder público em prol de um bem maior e comum a todos – trazer do exterior insumos importantes para o combate a Covid-19. Ao mesmo tempo, a empresa tem recorrido à justiça para evitar as indenizações solicitadas pelas famílias das centenas de vítimas das duas tragédias, e pessoas seguem sendo retiradas das próprias residências por motivo dos riscos de outros acidentes semelhantes.

Dando andamento aos materiais apresentados nos congressos da Intercom, trazemos também *O Discurso do Inimigo: Análise do Discurso Político do Presidente do Brasil*, de Maria Vitória Sousa Rocha e Katia Maria Belisário. O artigo avaliou a fala de Bolsonaro na 74ª Assembleia Geral da Organizações das Nações Unidas (ONU), em 24 de setembro de 2019, relacionando-a às leis propostas pelo ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels. Segundo as autoras, a análise de semelhanças entre o discurso do líder brasileiro e as estratégias de Hitler, quem tinha apoio de Goebbels, restringiu-se ao ponto de vista da comunicação política, em frases, posicionamentos ideológicos e posturas. Elas destacam falas “mais emblemáticas” (ROCHA, BELISÁRIO, 2020, p. 8), como guerra ao socialismo, a Cuba e à Venezuela; as mazelas do Partido dos Trabalhadores e a ideologia de esquerda e o Brasil.

Outro material é o artigo de Coimbra e Carvalho (2020), sob o título *Uma análise das estratégias argumentativas nos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro*, também

apresentado em evento da Intercom em 2020. Nele, os autores utilizaram a análise de conteúdo em Bardin para avaliar estratégias argumentativas empregadas pelo presidente em pronunciamentos realizados em Cadeia Nacional de Rádio e Televisão em referência à Covid-19. Entre os resultados apontados pelos autores estão a intensificação, por parte de Bolsonaro, do uso de elementos construtores de suas estratégias comunicacionais nos meses iniciais da crise, em março e abril de 2020, período também incluído em nossas análises. Conforme a crise vai aumentando no país, concluem, o presidente passa a não fazer mais uso do espaço de fala anteriormente utilizado, “deixa a população ausente de explicação e posicionamento do governo” (COIMBRA; CARVALHO, 2020, p. 14). Ainda complementam que “onde a crise se intensifica o presidente desaparece, e as mensagens ocorrem somente no espaço reservado de suas redes sociais, destinada mais especificamente para seus seguidores” (COIMBRA; CARVALHO, 2020, p. 14). Em relação ao discurso feito nos pronunciamentos, apontam, ele recorre principalmente à estratégia de minimização da doença, associando-a a gripes e resfriados, “utilizando simplificações para reduzir a gravidade do problema, uma consequência da ausência ou intenção de ignorar e negar conhecimentos científicos e priorizar crenças e fatos que corroboram com seus posicionamentos políticos – característica da pós-verdade” (COIMBRA; CARVALHO, 2020, p. 14).

O próximo artigo (COMPÓS, 2017) tem como tema *@Dilmabr no Impeachment: Uma análise das estratégias de comunicação política de Dilma Rousseff no Twitter*, de Eurico Oliveira Matos Neto, Tatiana Maria Silva Galvão Dourado e Pedro Mesquita. Com foco também nas mídias/redes sociais, o artigo avalia como a ambiência digital foi utilizada pelo perfil de Dilma Rousseff durante o período que compreende o processo de Impeachment da ex-presidente. Os autores realizam análise quantitativa, na qual relacionam a frequência de postagem a etapas-chaves do processo; exame de ferramentas de interatividade (RTs e *hashtags*); e desenvolvimento e aplicação de categorias para análise do conteúdo publicado. Como resultado, a análise qualitativa dos conteúdos de *tweets* publicados por Dilma demonstra que críticas dirigidas ao processo, a atores políticos envolvidos e a empresas tradicionais de jornalismo foi o tipo de conteúdo mais frequente, seguido de mensagens com posições político-ideológicas e/ou de prestação de esclarecimentos aos seus seguidores. Semelhante

à nossa proposta de tese, o artigo atenta para a utilização da ambiência digital pelas lideranças políticas.

No caso do perfil de Dilma, os autores entendem que não foram aproveitadas as oportunidades interativas oferecidas pela plataforma para estabelecer contato com cidadãos e outros atores influentes do debate público, como uma “campanha de criação ou de participação do perfil em discussões indexadas por meio de hashtags que agregassem opiniões de cidadãos e outros atores envolvidos” (MATOS NETO; DOURADO; MESQUITA, 2017, p. 75).

O estudo examinou também a relação entre fatos políticos e etapas do processo e frequência de publicação de Dilma Rousseff no Twitter. Os resultados sugerem que o perfil *@dilmabr* começou a publicar mensagens sobre o caso apenas quando foi decretado o afastamento temporário da então presidente, em um comportamento de não exposição ao debate público, que se pode ter configurado como uma estratégia política. Outro resultado aponta para “tweets com uma dimensão de prestação de esclarecimentos aos seus seguidores”.

O artigo de Alexandre Haubrich (2019), *O espectro Lula na eleição presidencial de 2018*, discute a presença da imagem pública do ex-presidente Lula na campanha eleitoral presidencial de 2018. Haubrich (2019) baseia-se em autores com quem também trabalhamos em nossa pesquisa, como Goffman (2009), para formação da imagem pública; Bourdieu (2011), para as disputas em torno do poder simbólico; e Weber (1999), sobre o carisma. O autor analisa os programas eleitorais de Jair Bolsonaro, nosso personagem em questão, assim como os programas de Fernando Haddad (PT) – ambos chegaram ao segundo turno na eleição. Haubrich (2019, p. 12-13) explica que, na campanha de Bolsonaro, não há referências a Lula no primeiro turno, o que “não pode ser caracterizado como uma estratégia eleitoral”, uma vez que o tempo disponível na televisão era reduzido. Já no segundo turno, com tempo de televisão igual ao de Haddad, cinco minutos, “fica claro que o candidato do PSL busca colocar-se como um antagonista não só a Fernando Haddad e ao PT, mas, muito significativamente, a Lula” (HAUBRICH, 2019, p. 12-13).

Ainda na Compós, em 2021 encontramos o material produzido por Ronaldo Ribeiro Ferreira, com o título *Para além do negacionismo – Uma proposta de análise do discurso de Jair Bolsonaro sobre a pandemia de Covid-19*. O autor propõe uma interpretação analítica da estratégia político-comunicacional de condução da

pandemia de Covid-19 pelo presidente, empregando como referências as contribuições de Barthes (1982) sobre o discurso mitológico de Mannheim (1986) acerca da metodologia do pensamento conservador. Ao examinar algumas falas públicas de Bolsonaro, Ferreira (2021) observa que a postura do mandatário não pode ser definida como “um simples negacionismo científico” (FERREIRA, 2021, p. 18), pois tem relação “com a racionalidade do pensamento conservador”, grupo político que o sustenta, que não é novo, e que se fez presente no País ainda antes da pandemia ou da última eleição presidencial. Para o autor, Bolsonaro é “porta voz” desse grupo, que reverbera suas falas, naturalizando-as e reforçando-as em uma “tática de campanha permanente” (FERREIRA, 2021, p. 17) utilizada pelo político desde o início da década passada. Para Ferreira (2021), esse método introduziu e galvanizou sua figura política entre os meios conservadores.

No evento da Abrapcorp, em 2020, foi apresentado o artigo *Esfera Pública Hiperconectada Como Locus de Interconexão Entre Governo e Cidadão*, de Ribeiro e Mainieri (2020). O material analisa um vídeo, compartilhado por Bolsonaro em duas redes sociais – Facebook e Twitter –, cuja montagem identifica-o como um leão sendo atacado por hienas, as quais representam instituições, partidos políticos e veículos de imprensa. A repercussão midiática e a reação de representantes de instituições (como o Supremo Tribunal Federal – STF) estão no foco dos autores, que relacionam a utilização das mídias também aos conceitos de esfera pública hiperconectada, aproximando uma relação dialógica entre Governo e cidadão.

Os autores concluem que o fato de o presidente estar presente na rede social, de maneira ativa nas postagens, “não é uma garantia de participação do cidadão no processo político democrático” (RIBEIRO; MAINIERI, 2020, p. 14). Os mesmos autores publicaram outro artigo no evento da Abrapcorp em 2021, com o título *Comunicação Pública em tempos de Pandemia: um olhar a partir da live do presidente Jair Bolsonaro*. Neste, buscaram entender se, a partir de manifestação publicada por Bolsonaro nas redes sociais em 25 de fevereiro de 2021³⁹, há uma conversação com o cidadão pautada por assuntos de interesse público. Entre as conclusões do artigo,

³⁹ Segundo os autores, a manifestação teve duração de 28 minutos e 20 segundos e contou com a presença do presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), Pedro Guimarães, e uma intérprete de libras. Registrou-se 1 milhão de visualizações e 32 mil comentários no Facebook. No Instagram, foram 900.293 visualizações e 6.489 comentários. Já no Youtube, houve 67.623 visualizações e 2.092 comentários.

os autores apontam que o presidente, no referido evento, acaba por “gerar mais desinformação na sociedade, em um momento muito crítico no enfrentamento à pandemia no país” (RIBEIRO; MAINIERI, 2021, p. 14). Ainda refletem que ele nega o uso de máscaras e distanciamento social, o que consideram “uma postura negacionista da pandemia, e que infelizmente, pode refletir no comportamento dos cidadãos, em especial, de uma parcela da população que vê o presidente como um portador importante de informações” (RIBEIRO; MAINIERI, 2021, p. 14).

O último artigo encontrado sobre o tema da liderança política no congresso da Abrapcorp é uma versão resumida dos achados dessa pesquisa, publicados após a banca de qualificação, em parceria com a doutoranda da PUCRS Francielle Falavigna. Não entraremos em detalhes sobre o artigo, por entendermos ser desnecessário, uma vez que o conteúdo, em parte, encontra-se neste trabalho, já aprimorado e em constante evolução.

Entendemos que esse movimento relacionado ao Estado da Arte contribuiu, de forma significativa, na constituição da nossa pesquisa, com aportes tanto teóricos quanto empíricos. Aprendemos com as ênfases e os temas abordados pelos autores, com os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações, e com as relações entre os pesquisadores e os objetos, principalmente quando o foco se deu na área da liderança política. Ao ampliarmos o campo, incluindo teses e artigos de congressos dos últimos dois anos – 2020 e 2021 –, movimento realizado após a banca de qualificação, fomos surpreendidos pela diversidade de enfoques cujo pano de fundo foi a pandemia, alguns deles incluindo como objeto de análise manifestações de Bolsonaro em mídias diversas. Tivemos acesso a mais de 300 publicações, entre teses e artigos, e trouxemos 18 para aprofundamento e apresentação. É um caminho prazeroso e enriquecedor.

3.2 LIDERANÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Em um primeiro momento, apoiados pelos cursos realizados⁴⁰ na Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) e no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), propomos um breve resgate histórico das pandemias enfrentadas pelo Brasil ao longo da história, relacionando-as aos líderes que se destacaram durante esses fatos históricos.

A imprensa brasileira, desde os primeiros casos de Covid-19, no País, em março de 2020, buscou relações na história recente para explicar, ou mesmo, tentar entender a pandemia que se anunciava. Por se tratar de uma doença respiratória (ABREU, 2020), grande parte das matérias que encontramos na mídia brasileira comparou o Covid-19 com a Gripe Espanhola⁴¹, que, em 1918, provocou a morte de mais de 35 mil pessoas no País entre os meses de setembro e novembro (ABREU, 2020), em um desafio sanitário para o Brasil (FIOCRUZ, 2020). Entre as possíveis relações feitas por historiadores e pesquisadores da Fiocruz (2020), a partir do curso que realizamos na instituição, do Webinário sobre a história das pandemias promovido pela Academia Brasileira de Ciências, da pesquisa bibliográfica na *Revista Manguinhos*, em artigos científicos de professores e historiadores e no *site* da Instituição, estão as taxas de mortalidade atípicas, a quarentena e o isolamento social, as promessas de curas milagrosas, as notícias falsas e as resistências a medidas

⁴⁰ Durante o desenvolvimento do trabalho, e após definirmos que a pandemia de Covid-19 estaria em nosso contexto, optamos por conhecer mais sobre as pandemias ao longo da história e quais líderes se haviam destacado durante esses períodos. Realizamos o curso promovido pela Aberje, *Políticas e práticas científicas no Brasil entre 1750 e 1850*, que debateu as seguintes pautas: Pandemia e Instituições Científicas no Brasil, com a professora da USP Íris Kantor; e Pandemia e Instituições Científicas no Brasil, com o também professor da USP Pedro Paulo Pimenta. Também, por quatro dias, realizamos o curso *A Covid-19 na história das epidemias: rupturas e continuidades*, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), que tratou dos temas: As epidemias de cólera do século 19 no Brasil: raça, ciência e saúde; Epidemias de Varíola e Pandemia de Covid-19: políticas públicas, conhecimento científico e educação popular – diferenças históricas no século 20; Epidemia de HIV/Aids no Brasil: do estigma às respostas públicas; e As epidemias nas páginas dos jornais: a Gripe Espanhola e a atuação do Instituto Oswaldo Cruz.

⁴¹ Assim como a Covid-19, a Gripe Espanhola chegou ao Brasil vindo do exterior, em setembro de 1918, em um navio inglês que aportou em Recife, Salvador e Rio de Janeiro, cidades que, junto com São Paulo, foram as mais afetadas pela doença. O vírus do tipo H1N1, comum em aves, fez a primeira vítima no Kansas, Estados Unidos, onde havia bases militares da Primeira Guerra Mundial, que já se encontrava em fase final. Os soldados infectados levaram a doença para as trincheiras da Guerra, onde se espalhou. As estimativas são de que a Gripe Espanhola matou entre 20 milhões e 50 milhões de pessoas no mundo todo (BRAGA, 2020).

profiláticas como o uso de máscaras de proteção, por exemplo. Tais “elementos que atravessam a história das epidemias, e que agora ocupam de forma quase integral os nossos dias” (FIOCRUZ, 2020).

Outras relações que se assemelham também é a postura de negação dos casos pelas principais autoridades (NASCIMENTO, 2020). O diretor geral de Saúde Pública (atual Ministério da Saúde) na época da Gripe Espanhola no País, Carlos Seidl, tratava a doença como uma gripe comum (NASCIMENTO, 2020). Atitude semelhante foi a do presidente Jair Bolsonaro, que, em 24 de março de 2020, quando o Brasil ainda não registrava um grande número de vítimas, mas a doença se espalhava principalmente pelos estados do Norte, Nordeste e Sudeste, fez um pronunciamento em rede nacional dizendo que o Covid 19 era apenas um “resfriadinho”, e que a população deveria seguir normalmente a vida (TV BRASIL, 2020). Bolsonaro ainda criticou o fechamento de escolas e o distanciamento social imposto por meio de decretos por governadores e prefeitos.

Quando a pandemia da Gripe Espanhola começou a “empilhar corpos pelas ruas, Seidl foi exonerado” (NASCIMENTO, 2020). Wenceslau Braz, Presidente da República, nomeou um novo diretor geral, Theóphilo Torres, o qual convidou o médico sanitário Carlos Chagas, então diretor do Instituto Oswaldo Cruz (hoje a Fiocruz), para liderar os esforços contra a doença.

Chagas abriu hospitais de campanha no Rio de Janeiro e em São Paulo, fechou as escolas, proibiu eventos com aglomerações de pessoas e criou 27 postos de atendimento nas estações de trem do subúrbio do Rio de Janeiro, região mais afetada da cidade (BRAGA, 2020). Além disso, ele estimulou a imprensa da época a publicar nas primeiras páginas os protocolos de cuidado, como lavar as mãos, não visitar outras pessoas e manter uma alimentação saudável para evitar a doença (BARBOSA, 2020)⁴². No debate público desse contexto, não houve espaço para discussões sobre a preservação de vidas ou de empregos. “Talvez estivéssemos em outro momento civilizatório. Hoje em dia o outro não importa muito, estamos envolvidos na individualidade, no consumismo e no próprio lucro” (BARBOSA, 2020).

⁴² Em junho de 2015, ainda durante o mestrado em Comunicação Social na PUCRS, realizamos o *Seminário Comunicação e História – confluências teóricas e metodológicas*, com a professora Marialva Barbosa.

Em julho de 2020, completaram-se 142 anos desde o nascimento de Carlos Chagas. Antes mesmo do trabalho com a Gripe Espanhola, o sanitarista, biólogo, infectologista, bacteriologista e cientista foi reconhecido pela comunidade científica mundial por sua pesquisa e atuação no combate à malária e pela descoberta da tripanossomíase americana, que ficou conhecida como Doença de Chagas. Depois da Gripe, dirigiu a reforma dos serviços de saúde pública do País, a partir de 1919 (BRAGA, 2020).

O infectologista foi aluno de outro importante líder brasileiro na área da saúde pública, o pesquisador Oswaldo Cruz, que morreu um ano antes da Gripe atingir o Brasil. Cruz esteve à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública quando o Rio de Janeiro ainda era a capital federal, órgão responsável pelas ações de combate e controle de epidemias e saúde dos portos (SANGLARD; COSTA, 2020). Em sua gestão, ocorreu a Revolta da Vacina, entre os dias 10 e 16 de novembro de 1904, quando a população carioca se rebelou contrária a vacinação obrigatória contra a varíola, imposta pelo médico. “Um misto de desinformação e desconhecimento da sociedade sobre o problema que a ameaçava” (GOULART, 2005, p. 101-142), problema comum na difusão de epidemias, que proporcionam o aparecimento de conflitos sociais e de resistência ao intervencionismo e às tentativas de “medicalização da sociedade” (GOULART, 2005, p. 101-142). A classificação de um estado como doença não é um processo socialmente neutro, e, na administração de saúde, torna-se “uma linha tênue entre legitimação e estigma” (GOULART, 2005, p. 101-142).

Na época, Cruz combatia três epidemias diferentes ao mesmo tempo (SANGLARD; COSTA, 2020). Uma delas era a peste bubônica, uma doença, também fatal, transmitida por ratos, e que chegou ao Brasil, em outubro de 1899, pelo Porto de Santos, no litoral paulista, vinda de Portugal; outra era a febre amarela, que ainda figura no País de forma silvestre, mas que dispõe de vacina; e havia, ainda, a varíola, doença infecciosa considerada erradicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde os anos 1980, após a realização de uma campanha de vacinação maciça que envolveu o mundo inteiro. Ele tinha “poder de polícia” (SANGLARD; COSTA, 2020) e uma equipe, com inspetores sanitários, de isolamento e de desinfecção, delegados de saúde, demografistas, chefes de laboratório e diretores de distrito e de hospitais, além de médicos, farmacêuticos e funcionários administrativos. O grupo, contam os historiadores, dividiu o Rio de Janeiro em dez distritos sanitários e,

nesses distritos, atuava vacinando em massa a população contra a varíola e a febre amarela. As “brigadas mata-mosquito”, como eram chamados os grupos que percorriam as ruas buscando destruir os focos das larvas dos mosquitos *Aedes Aegypti* em águas paradas, entravam nas residências para verificar as condições higiênicas. Nas casas onde a presença do mosquito era detectada, eram aplicados enxofre e piretro.

Além de médico, Cruz empreendeu a fabricação dos soros e vacinas contra a febre amarela e a varíola, e com seu trabalho conseguiu verbas necessárias para a construção dos laboratórios em Manguinhos, no Rio de Janeiro, onde está localizada a Fiocruz, que completou 120 anos em 2020. No local foram desenvolvidas as pesquisas e preparadas as ações estratégicas de combate às epidemias, “em um complexo científico de grande porte e com tecnologia das mais avançadas à época” (SANGLARD; COSTA, 2020). A Fiocruz segue na linha de frente no combate ao Coronavírus (LIMA, 2020). Em entrevista à *Revista Ciência Hoje*, Nísia relatou o reconhecimento como referência nas Américas, pela OMS, do Laboratório de Vírus Respiratórios e Sarampo da entidade, que tem mais de 60 anos de atividade e a história marcada pela resposta à epidemia de meningite na década de 1970. “O diagnóstico do vírus, e também o estudo de suas mutações – e aí o Brasil é um grande laboratório –, será feito em todas as Américas tendo como referência o nosso laboratório” (CIÊNCIA HOJE, 2020). No entendimento de Lima (2020), Oswaldo Cruz tornou-se um símbolo da possibilidade de fazer pesquisa científica de alto nível no Brasil, “um país de periferia e, sobretudo, uma ciência cujos resultados são mais visíveis à população” (CIÊNCIA HOJE, 2020).

Passados mais de 100 anos desde os fatos narrados, consideramos importante destacar a ampliação das políticas de saúde pública no País, principalmente em relação às doenças citadas – varíola, febre amarela e os outros vírus da gripe que vieram posteriormente. Entendemos as carências, mas é necessário salientar a importância do Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) e da ciência no País⁴³. O que ainda questionamos, e o nos motivou a pesquisas, foram as atitudes dos líderes e a

⁴³ A Fiocruz esteve envolvida em diversos projetos de avaliação da resposta da saúde pública para Covid-19 no Brasil, em parceria com pesquisadores internacionais. O objetivo foi reunir as lições aprendidas, com base em pesquisas interdisciplinares rigorosas, e disponibilizá-las para uso na tomada de decisões no campo da saúde (FIOCRUZ, 2020). No campo da produção de vacinas para Covid-19, a Fundação fez acordo com a biofarmacêutica AstraZeneca e já produziu, até outubro de 2021, mais de 111 milhões de imunizantes contra a doença (FIOCRUZ, 2021).

negação de parte deles em relação aos fatos, o que acaba por refletir em atitudes de negação também por parte da população.

Até o momento, e a partir do exposto no segundo capítulo em relação à trajetória de Bolsonaro, intentamos que as suas características, enquanto líder político, se assemelham aos líderes transacionais, que atuam no sentido de manipular para a obtenção de resultados, ao utilizar a ameaça como uma estratégia⁴⁴ (MAXIMIANO, 2008; BERGAMINI, 2009). Também se encontram características dos líderes carismáticos em Bolsonaro, por atitudes individualistas (SENNET, 2015), de uma figura pública que surgiu em uma situação de crise das instituições (DATAFOLHA, 2018), a qual foi considerada heroica, digna da fé dos públicos (WEBER, 1999, p. 331). As dimensões propostas para a nossa análise – Solidariedade, Transparência e Cidadania –, não se encontram, até o momento, nas características desses líderes aproximados ao perfil de Bolsonaro.

⁴⁴ Podemos notar essa atitude de Bolsonaro durante as falas tornadas públicas no vídeo da reunião ministerial, apresentado nas considerações iniciais e ao longo deste segundo capítulo.

4 COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Devemos resistir àquilo que separa, desintegra e distancia, mesmo sabendo que a separação, a desintegração e o distanciamento ganharão a partida. A resistência é o que ajuda estas forças fracas, o que defende o frágil, o perecível, o emergente, o belo, o verdadeiro, a alma... Sorrir, rir, fazer piada, brincar, acariciar e abraçar; tudo isso é também resistir (MORIN, 2003, p. 274).

A partir das palavras de Morin (2003), nos inspiramos para o quarto capítulo desta pesquisa, em que apresentamos nossa visão de comunicação que sustenta as reflexões/discussões sobre o nosso sujeito em análise. Para Marcondes Filho é preciso “[...] despertar das sensibilidades para o diferente, para o outro, para a alteridade que, estranha, pode nos trazer de fato, novos olhares, novas percepções, uma nova maneira de encarar o mundo e os outros” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 79).

Apresentamos neste capítulo, também, os conceitos de comunicação política, governamental e pública, que nos acompanham durante a Tese, permeando as relações com o objeto. Ainda, ingressamos no mundo da ambiência digital, espaço com “[...] volumes incontáveis de informação e conteúdos” (SAAD CORRÊA, 2020, p. 152-153), em mutação constante, na busca inatingível de um equilíbrio e de uma estabilidade, “[...] paradoxal entre mutação e esferas sociais”, em que a transversalidade (SAAD CORRÊA, 2015, p. 4-8) se mostra presente nas atividades comunicativas, buscando não mais fragmentar (MORIN, 2000), e sim integrar por meio dos processos que operam essas atividades.

O Twitter, arena atemporal, híbrida, de formação da opinião pública⁴⁵ e de discussão, trocas, diálogos e manifestações, ingressa como objeto de nossa análise empírica, em paralelo a importantes reflexões sobre a comunicação pública.

Para Wolton (2011), o verdadeiro desafio do século XXI está na comunicação, e não somente na informação. Ele defende uma visão humanista da área, que coloca o indivíduo acima das tecnologias, e pede com urgência que seja vista como um

⁴⁵ Lemos (2009, p. 17) entende que, em relação à promoção da discussão de determinadas temáticas, é possível dizer que o ciberespaço, e por consequência o Twitter, vem se transformando em um novo espaço público, no qual a conversação acontece de maneira multidirecional, ou seja, de todos para todos. Pode-se, assim, como hipótese, pensar no ciberespaço como uma nova esfera pública de conversação onde o “mundo da vida” amplia o capital social, recriando formas comunitárias, identitárias (público), aumentando a participação política. A função conversacional das mídias de função pós-massiva pode servir como fator privilegiado de resgate da coisa pública, embora não haja garantias. A participação, a colaboração e a conversação são as bases para uma ação política, mas não garantem sua efetividade.

projeto político e cultural, pois entende que há um descompasso entre a velocidade e o volume de informações aos quais temos acesso todos os dias e a nossa capacidade de comunicar. Para o referido autor, “a informação é a mensagem, e a comunicação é a relação, que é muito mais complexa” (WOLTON, 2011, p. 12).

O autor reflete ainda sobre o ideal da comunicação, ligado ao compartilhamento, aos sentimentos e ao amor, no processo que se estabelece pela relação entre os sujeitos. “Na comunicação, o mais simples tem a ver com as tecnologias e mensagens, enquanto o mais complicado tem a ver com os homens e as sociedades” (WOLTON, 2011, p. 13). Essas aproximações justificam nosso interesse em refletir sobre a liderança nesse contexto, em que se deve “admitir a importância do outro, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele” (WOLTON, 2006, p. 15).

A comunicação, enquanto processo relacional e prática reflexiva, é a chave que permite uma reconfiguração do comum entre os sujeitos (MARQUES, 2011), como um movimento de construção conjunta entre interlocutores (sujeitos sociais), a partir de discursos em um determinado contexto (SCROFERNEKER, 2012). Valorizando essa relação de troca, compartilhamento e a partir de uma perspectiva dialógica, é que as relações devem ocorrer, e o papel da comunicação é fundamental nesse processo. São tempos de desafios os que vivemos, e mais do que nunca se torna necessário que rompa com uma visão reducionista, linear e prescritiva (SCROFERNEKER, 2012).

Nossa ideia sobre o tema também remete à Escola de Palo Alto, que surgiu nos anos 1940, nos Estados Unidos, formada por um grupo distinto de pesquisadores com diferentes formações – antropologia, linguística, matemática, psicologia. Eles afirmavam, na oportunidade, que a teoria da informação deveria ser deixada de lado, e que a comunicação deveria ser vista e observada a partir de um modelo circular.

Naquele momento, os pesquisadores de Palo Alto já entendiam que “o receptor era tão importante quanto o emissor no processo comunicativo” (MATTELART, 2003, p. 67). Foram formuladas três hipóteses por esses estudiosos (SANTOS, 2008, p. 63): a essência da comunicação reside em processos relacionais e interacionais, o que implica dizer que acontece na relação com o outro, e por meio da interação entre ambos; todo comportamento humano tem valor comunicativo, ou seja, tanto a comunicação verbal quanto a não-verbal gera uma possibilidade comunicativa; as

perturbações psíquicas remetem a perturbações da atuação do indivíduo com seu meio, logo o comportamento humano é influenciado e pode ser uma indicação do meio social em que está inserido (SANTOS, 2008).

Considerando o nosso interesse em investigar sobre uma liderança no cenário político atual, num contexto de pandemia, destacando a atuação de Bolsonaro na ambiência digital, faz-se necessário trazer para a abordagem os conceitos de comunicação pública como um debate que ocorre na esfera pública entre Estado, governo e sociedade, sobre temas de interesse coletivo (MATOS, 2011, 2012), para facilitar o acesso do cidadão às ações do governo e às articulações entre a própria cidadania (HOHLFELDT, 2001, 2009, 2010, 2011).

Também, trazemos a comunicação política como “discurso e ação na conquista da opinião pública em relação a ideias ou atividades que tenham relação com o poder” (DUARTE, 2011, p. 126), e a comunicação governamental, a partir de fluxos de informação e padrões de relacionamento entre o executivo e a sociedade (WEBER, 2011).

Entre os fatores que impulsionaram os estudos em opinião pública e os que contribuíram para o advento das comunicações de massa há muitas relações. Hohlfeldt (2011) e Thompson (2002) esclarecem que o comércio, as navegações, a Revolução Industrial, o estabelecimento de sociedades democráticas e, efetivamente, a consolidação das comunicações, são fatores que contribuem para consolidar a opinião pública e seus estudos. A comunicação, portanto, está vinculada à opinião pública.

4.1 COMUNICAÇÃO PÚBLICA

O conceito de comunicação pública tem sido abordado sob diversas perspectivas teóricas⁴⁶. Inicialmente associado à comunicação governamental, muitos

⁴⁶ Em 2007 o professor e pesquisador Jorge Duarte organizou o livro “Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público”, que em nossa Tese utilizamos a terceira edição, de 2012, e que marcou os estudos sobre a área no Brasil. Na obra, podemos encontrar, por exemplo, o capítulo “As formas de Comunicação Pública”, traduzido do livro de Pierre Zémor, um dos fundadores do conceito, em que destaca-se no texto a Carta de Deontologia, publicada pela Associação Comunicação Pública, entidade criada em 1989 no âmbito da Federação Europeia, e que promoveu o Encontro das Comunicações Públicas, reunindo comunicadores que têm por missão o serviço público. A carta contém princípios de ação e regras de comportamento (DUARTE, 2012, p. 242). Zémor (2012, p. 243) também

estudiosos trabalham o conceito de forma mais abrangente e inclusiva, permitindo, até mesmo, reconhecê-lo em práticas da iniciativa privada. Iniciamos a nossa abordagem sobre o tema apoiados em Matos (2011, 2012), que apresenta o conceito a partir de um debate que acontece na esfera pública entre Estado, governo e sociedade, sobre temas de interesse coletivo.

Segundo a referida autora, na comunicação pública devem ser considerados todos os agentes sociais, desde o jornalista, o legislador, o cidadão, “com papéis e responsabilidades diferentes na sociedade” (MATOS, 2011, p. 56), que atuam no sentido de “satisfazer o interesse público” (KUNSCH, 2012, p. 16) e buscam amenizar os problemas cruciais da população, como saúde, educação, transportes, moradia e exclusão social. Isso inclui “o maior número de interessados ou que venham a se interessar (ou estar envolvidos, ou sofrer) as consequências de uma determinada decisão ou ação” (HOHLFELDT, 2011, p. 231).

Para Matos, o interesse geral e a utilidade das informações que circulam na esfera pública são pressupostos dessa comunicação. Entretanto, ainda os “critérios objetivos” (MATOS, 2011, p. 54) sobre o que realmente é de interesse público devem ser definidos para que o debate não privilegie o interesse de grupos, “desvirtuando, na origem, qualquer utilidade que se queira pública” (MATOS, 2011, p. 54).

A comunicação pública deve ser pensada como um “processo político de interação” (MATOS, 2011, p. 45), no qual prevalecem a expressão, a interpretação e o diálogo. Para López, só acontece se realmente resultar de sujeitos coletivos, mesmo que representados ou expressando-se a partir de indivíduos, ou que ela esteja referindo-se à construção do que é público, de forma inclusiva e participativa, “democrática, pela profundidade de sua natureza e por vocação” (LÓPEZ, 2011, p. 64-65).

Para Monteiro (2012, p. 34), a comunicação pública é um “conceito em construção”, que surge para designar uma situação “ideal e genérica de transparência total dos negócios de Estado e de empresas privadas, e do exercício pleno do direito do cidadão de se informar e ser informado sobre tudo o que for de interesse público”. Já Weber (2007a, 2010, 2011) afirma que, na medida em que informa, explica, disponibiliza, ouve e contribui com o exercício da cidadania, o Estado atende aos

apresenta “Competências ou modos de comunicação pública”, voltados tanto para a comunicação interna como para a externa.

princípios da comunicação pública – essa sempre regida pelo interesse público. Por esse mesmo princípio – do interesse público –, Duarte a difere da comunicação política e governamental, que trata dos fluxos de informação e padrões de relacionamento envolvendo o executivo e a sociedade, e a comunicação política, que se refere ao discurso e à ação na conquista da opinião pública “em relação a ideias ou atividades que tenham relação com o poder” (DUARTE, 2011, p. 126).

Para que todos os agentes sociais participem do debate das questões de interesse e utilidade (MATOS, 2011), é necessária uma infraestrutura que materialize a esfera pública. Assim, os sujeitos se sentem aptos e motivados a participar, com seu papel social valorizado.

Ao resgatar o uso da expressão desde o início do século XX, Matos (2011) aponta que o conceito esteve relacionado com a comunicação estatal e a implantação da radiodifusão, e, mais tarde, da televisão pública. “Enquanto a imprensa tradicional se desenvolveu regulada pelas forças políticas, culturais e de mercado, os meios eletrônicos necessitavam ser autorizados e regulados por concessão pública” (MATOS, 2011, p. 56).

Apesar das diferenças na origem dos recursos financeiros (privados) e a origem da concessão e regulamentação (estatais), as finalidades que orientam o funcionamento da mídia deveriam ser guiadas pela satisfação do interesse público. “No Brasil, a implantação da radiodifusão (anos 20) consagrou a expressão comunicação pública, entendida como comunicação estatal. Isto é, o termo era utilizado em contraste com a comunicação do setor privado” (MATOS, 2012, p. 49).

Para a autora (MATOS, 2012), com o fim do governo militar, os segmentos sociais se organizaram para discutir políticas públicas compatíveis com a tarefa de democratização da comunicação. A partir da Constituição de 1988, foram instituídos os sistemas de radiodifusão privado, o público e o estatal (art. 23 da CF/88). Neste sentido, a comunicação pública se definiu nos moldes de sistema público, podendo ser realizada por governos, pelo terceiro setor e/ou pelas empresas privadas.

Brandão (2012) explica que a comunicação pública deve ocorrer para que “a voz do cidadão comece a ficar forte a ponto de pressionar estas instituições a se preocupar com as questões da cidadania” (BRANDÃO, 2012, p. 30). Segundo Matos (2016), a evolução desse setor está ligado ao desenvolvimento da cidadania,

ao empoderamento das pessoas comuns: tanto na preparação das futuras gerações – na capacitação de mais e melhores comunicadores públicos, treinamento e oportunidade de engajamento cívico e político, quanto no reconhecimento e cuidado com a geração atual (MATOS, 2016, p. 15).

Matos (2011) explica ainda que o silêncio, isto é, a não participação de muitos sujeitos, em virtude de problemas de acesso e não reconhecimento de sua capacidade de se expressar, por exemplo, podem ocorrer mesmo com a criação de espaços de expressão de ideias e opiniões nas esferas públicas externas. Duarte (2012, p. 61) coloca a centralidade do processo de comunicação “no cidadão, não apenas por meio da garantia do direito à informação e à expressão”, mas indo além, com o cidadão tendo a possibilidade de expressar suas posições “com a certeza de que será ouvido com interesse e a perspectiva de participar ativamente, de obter orientação, educação e diálogo (DUARTE, 2012, p. 64).

Bueno (2012) entende que, na sociedade atual globalizada, não há fronteiras nítidas entre interesse público e privado, apesar de muitas organizações, inclusive de mídia, insistirem na manutenção dessa separação. Toda comunicação deveria ter como norte o interesse público. Em relação às mídias/redes sociais, o autor atenta que esses espaços devem ampliar o relacionamento com os públicos estratégicos e os cidadãos, e “adotar ações e posturas que efetivamente agregam valor a esses conteúdos, o que certamente contribuirá para que as mídias sociais não se reduzam a meros murais eletrônicos” (BUENO, 2015, p. 129).

Ao analisar como acontece o fluxo de comunicação e o relacionamento entre os governos e os cidadãos, Novelli (2006) aponta que quando o governo atua como emissor e o cidadão como receptor, “[...] o grau de envolvimento da sociedade é pequeno e a participação é discreta” (NOVELLI, 2006, p. 86). Ouvir os públicos, ainda que seus discursos não sejam favoráveis, “[...] é assumir uma postura inteligente, moderna, assim como é estratégico contornar os problemas, afastar os motivos que geraram essas manifestações contrárias” (BUENO, 2015, p. 130). E é também um exercício de cidadania.

Para Hohlfeldt (2009), por mais eficiente e efetiva que seja uma administração, ela não terá sua legitimidade reconhecida pela opinião pública se não se comunicar e não levar em conta as diferentes forças existentes na sociedade: “Nesse dinâmico e tenso movimento de um governo, a democracia pode se desenvolver melhor, e,

certamente, a disponibilidade digital de que hoje gozamos tem muito a contribuir com tal processo”⁴⁷ (HOHLFEDLT, 2009, p. 237).

Independentemente do modelo a ser adotado em cada proposta, a comunicação deve ser planejada e executada de modo a facilitar o intercâmbio dos atores sociais envolvidos em cada iniciativa, “como parte intrínseca dos projetos e programas desenvolvidos pelo governo, promovendo a cidadania e a participação, e não a divulgação institucional” (NOVELLI, 2006, p. 87).

Logo, vemos que o conceito da comunicação pública não deve estar somente relacionado ao que é promovido pelo Estado ou pelos governos, mas sim presente na prática, em todos os processos comunicacionais nas democracias, sejam públicos ou privados. A comunicação governamental, como veremos a seguir, é um dos sistemas dessa rede que, entre disputas de imagem e credibilidade, na busca por uma opinião pública favorável, transita entre o interesse público e a necessidade de visibilidade e promoção próprias da política.

4.2 COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL

Nossa pesquisa se dá com um representante do governo que também é uma figura pública e política. Analisar e trazer conceitos sobre a comunicação governamental, suas estruturas e estratégias de comunicação (WEBER, 2011) se tornam importantes. Conforme a referida autora (WEBER, 2011), são seis as estratégias para aproximar o Estado dos cidadãos: visibilidade (repercussão e memória), credibilidade (reconhecimento e legitimidade), autonomia (burocracia e instrumentalização), relacionamento direto (interatividade e participação), propaganda (informação e persuasão) e imagem pública (história e identidade).

A visibilidade pode ser associada à repercussão das ações governamentais, proporcionando, um acervo sobre projetos políticos, atos e discursos oficiais. Os sites oficiais, por exemplo, constituem-se nesses espaços pela capacidade de

⁴⁷ No artigo em questão, o professor relata experiências enquanto vice-governador do Rio Grande do Sul, entre 2003 e 2006. Na ocasião, foi criado um processo de Participação Popular *on-line*, em que eram definidas prioridades para investimentos por parte do governo estadual, cabendo à administração estadual cumprir tais metas, formalizadas no orçamento anual do Estado (LOA) enviada à Assembleia Legislativa. Bastava ao eleitor ter seu título eleitoral e entrar no portal do Processo de Participação Popular, administrado em conjunto pelo governo do estado e pelos Conselhos Regionais de Desenvolvimento. O processo existe ainda no Governo atual, e em 2021 já pode ser realizado de maneira digital (PLANEJAMENTO.RS.GOV.BR).

armazenamento, processamento e disponibilização dessas informações. “Além disso, são espaços controlados pelos próprios governos, permitindo a seleção e o domínio das informações veiculadas e armazenadas” (LUZ, 2016, p. 35).

A credibilidade está associada ao reconhecimento e à legitimidade do governo, com a amplificação de temas e informações que possam criar um vínculo com o cidadão, mostrando que o governo em questão realiza ações importantes. O relacionamento direto se dá com a interatividade e a participação dos cidadãos, permitindo o acesso facilitado a documentos, notícias, projetos como em uma linha direta com os eleitores/cidadãos. Já a autonomia estaria relacionada à burocracia e à instrumentalização que formam todo o sistema, incluindo os profissionais que atuam e exercem a comunicação.

Para Weber (2011, p. 113), “a profissionalização dos comunicadores públicos incide diretamente sobre a qualidade da produção de comunicação do Estado e a torna competitiva em relação à comunicação midiática”. Duarte (2021, p.14) reitera que para atuar com a comunicação pública e governamental é necessário que os profissionais “fiquem ao lado do cidadão na sua relação com as estruturas públicas e privadas”, que facilitem os fluxos de informação e de interação com os diferentes segmentos sociais, e assumam a responsabilidade de ajudar a viabilizar as políticas públicas, contribuindo efetivamente para mudar a realidade e ajudar nas transformações sociais.

A propaganda aciona profissionais e técnicas para a divulgação permanente de informações, notícias, programas, ações, discursos, eventos, associando informação a um discurso persuasivo. A comunicação governamental no Brasil foi, historicamente, de natureza publicitária, utilizando preferencialmente a propaganda com veiculação na grande mídia (BRANDÃO, 2009). Entre os exemplos, podemos destacar ações de divulgação de programas e políticas implementadas; ou mesmo de motivação, ou educação, chamando a população para participar de momentos específicos da vida do País (eleições, por exemplo); proteger e promover a cidadania (campanhas de vacinação, acidente de trânsito etc.); ou convocar os cidadãos para o cumprimento de seus deveres (declaração do imposto de renda, alistamento militar), entre outros.

A última estratégia seria a imagem pública, a soma de todas as demais e que afere a vitalidade das instituições e dos sujeitos políticos, combinando imagem pública com representação política (objetiva, tangível) e representação simbólica (subjéctiva,

intangível), esta última associada aos modos de representar a política nos espaços de visibilidade – especialmente os midiáticos (LUZ, 2016).

A Secretaria Especial de Comunicação (Secom) da Presidência usou o Twitter (SECOM, 2020a) para responder a reações de jornalistas, e em especial do humorista Marcelo Adnet, da Rede Globo, em relação à campanha do governo “Um povo heroico”, lançada pelas comemorações do 7 de Setembro, data da independência do Brasil (Figura 10).

Figura 10 – Post Secom em relação às reações de jornalistas.



Fonte: Twitter Secom (2020).

Na referida campanha, publicada dois dias antes do 7 de setembro de 2020, o secretário especial de Cultura, Mário Frias, aparece em um vídeo gravado em um museu, escuro, sombrio, com cores tristes e com um cenário mórbido (YOUTUBE, 2020). Na peça em questão, ele diz que a história do país precisa ser contada. Em nosso entendimento, a prática de utilizar um meio de comunicação governamental para responder a uma brincadeira ou crítica não condiz com os princípios de comunicação governamental citados.

Não nos cabe, nessa Tese, uma análise sobre a comunicação do governo federal, mas sim em relação ao líder desse governo, o Presidente da República, Jair Bolsonaro. Mesmo assim, entendemos pertinente, mesmo que de forma breve, apresentar a estrutura de comunicação associada ao presidente e ao governo federal.

A Secom é ligada ao Ministério das Comunicações, e coordena o sistema de comunicação que interliga as assessorias dos ministérios, das empresas públicas e das demais entidades do poder executivo federal, com o objetivo de disseminar informações de interesse público, como direitos e serviços, além de projetos e políticas de governo (SECOM, 2020b). Integram sua estrutura, sob a chefia de André de Sousa Costa, a subsecretaria de Articulação, composta pelos departamentos de Atendimento e Prospecção de Informações de Governo e de Articulação de Estratégias de Comunicação; a secretaria de Publicidade e Promoção, composta pelos departamentos de Pesquisa, de Publicidade e de Mídia e Promoção; a secretaria de Gestão e Controle, do qual fazem parte os departamentos de Gestão e Normas, e Orçamento e Referência de Preços; e a Secretaria de Imprensa, com os departamentos de conteúdo e gestão de canais digitais e de atendimento à imprensa. No próprio portal da secretaria podem ser acessados os canais de comunicação⁴⁸ disponibilizados pelo governo (Figura 11)

⁴⁸ É importante destacar que usamos a palavra “canais”, mas discordamos do seu uso. No nosso entendimento, essa expressão nos remete à dimensão instrumental da comunicação. A palavra deve aparecer em outros momentos do trabalho também, principalmente, quando falarmos do Twitter.

Figura 11 – Canais de comunicação do Governo Federal.



Fonte: canais de atuação Secom (2020b).

A presença nas redes sociais tem como objetivo o diálogo⁴⁹ com a sociedade, onde é possível, por meio desses canais, “[...] interagir com o governo de maneira ágil e transparente. Dessa forma, a democracia é fortalecida e o País se constrói com a participação de todos” (SECOM, 2020b). Há perfis nas mídias/redes sociais Facebook, Twitter, YouTube e no WhatsApp.

No atual governo, mesmo que este não seja o foco do nosso trabalho, às vezes confundem-se noções de comunicação pública, política, governamental e pessoal. Em setembro de 2020, uma peça publicitária foi divulgada no Twitter da Secretaria de Comunicação (Figura 12), com uma frase do presidente Jair Bolsonaro: “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”.

⁴⁹ Nosso entendimento de diálogo parte de Bohn (2005) que o relaciona a estar aberto à perspectiva do outro. Para o autor, quando através do diálogo, os sujeitos criticam suas crenças e criam outras a partir da síntese das duas ideias originais, há criatividade e flexibilidade, e isso pode produzir uma vida mais saudável além da harmonia social. Veremos no decorrer do trabalho que não há diálogo na comunicação do atual governo.

Figura 12 – Campanha Secom sobre a vacina.



Fonte: Twitter Secom (2020a).

Além de um desserviço à população, o *post* publicado pela Secom (SECOM, 2020a) utiliza uma informação de interesse público em relação à pandemia para promover a imagem de Bolsonaro como um presidente que defende a “liberdade dos brasileiros”, em uma ação clara de comunicação política, e não pública ou governamental.

4.3 COMUNICAÇÃO POLÍTICA

O conceito de comunicação política enfrenta algumas confusões teóricas, explicadas por Matos (2013) em razão da história do País, em que vícios e equívocos foram se acumulando e impregnando-se nas práticas (MATOS, 2013). Nosso posicionamento é o de que pode ser vista como a que se relaciona com jogos de disputa e/ou de manutenção de poder, envolvendo “momentos eleitorais, debates partidários e ainda as abordagens ideológicas intragoverno ou em ambientes

legislativos nos quais se diferenciam grupos organizados que tentam ocupar o espaço institucionalizado de tomada de decisões” (MATOS, 2013, p. 16).

Brandão (2007) associa o conceito ao marketing político, remetendo ao uso de estratégias de comunicação persuasivas e de convencimento. Por conta do nosso objeto/sujeito de análise pertencer ao ambiente político, entendemos pertinente relaciona-lo aos fatos ocorridos nas eleições de 2018.

Esta foi uma ocasião que desafiou teorias e métodos dos campos de conhecimento da comunicação política e da opinião pública (VEIGA, 2019) em especial por quatro aspectos: uso das mídias sociais, com destaque para o WhatsApp; discurso antissistema sob o lema “contra política velha” com foco em ativar e endurecer o antipetismo; antipeessedebismo; antipeemedebismo, podendo ser feito uso de *fake news*⁵⁰; participação ativa de novos movimentos sociais à esquerda e à direita, ocupando ruas e espaços virtuais.

Em 2018, as restrições legais às campanhas *on-line* foram reduzidas, em função das novas regras editadas pelo Congresso Nacional em 2017 (Lei 9.504/97), que passaram a permitir o chamado “impulsioneamento de conteúdo” como forma de propaganda paga na internet (BRITO CRUZ; MASSARO, 2018, 2018). Em meio a esse contexto, a propaganda computacional na forma de robôs, atuando em rede, *fake news* e manipulação por meio de algoritmos, desempenhou um papel central no sistema político brasileiro (ARNAUDO, 2018).

Em relatório publicado pela Fundação Getúlio Vargas durante as eleições de 2018, entre o primeiro e o segundo turno do pleito presidencial, as interações provocadas por robôs no Twitter chegavam a 10,4%, com 13,8% entre os apoiadores do então candidato Bolsonaro. Os robôs em prol do atual presidente movimentaram, à época, 70,7% das interações automatizadas no Twitter, mídia/rede social que trabalhamos em nossa pesquisa – a média era de 1,5 milhão de *tweets* por dia sobre

⁵⁰ Notícias falsas, na tradução livre. De acordo com uma análise de conteúdo do Laboratório de Mídia do Massachusetts Institute of Technology (MIT), as *fake news* se disseminam seis vezes mais rápido que notícias verdadeiras no Twitter (CORREIO BRAZILIENSE, 2018). O estudo analisou 126 mil histórias contadas nessa rede entre 2006 e 2017. Os dados foram compartilhados por cerca de 3 milhões de pessoas, mais de 4,5 milhões de vezes. Seis organizações independentes verificaram as alegações. Segundo essas organizações, as notícias falsas se difundem de forma mais rápida e ampla que as verdadeiras. Os temas distorcidos mais compartilhados são sobre política. Terrorismo, desastres naturais, ciência, lendas urbanas ou informações financeiras também se destacam (CORREIO BRAZILIENSE, 2018).

os candidatos (RUEDIGER, 2018). Entre 10 e 16 de outubro de 2018, foram 852,3 mil publicações de robôs, 602,5 mil na base de apoio de Bolsonaro.

Matéria publicada no Jornal Correio Braziliense (2018) aponta eficiência no uso das redes sociais pelo então candidato Jair Bolsonaro: “O aparente amadorismo foi capaz de angariar apoios e colaboradores espontâneos. A fórmula só deu certo por causa do próprio estilo direto, que parece ter caído como uma luva no perfil do eleitorado contrário ao PT” (CORREIO BRAZILIENSE, 2018), corroborando Hohlfeldt (2001), para quem, tanto a política, quanto a comunicação, trabalham com elementos em comum, principalmente as imagens. Para Matos (2009, p. 130) as mídias/redes sociais “impulsionam a troca de informações e reforçam a relação almejada pela comunicação pública, que é a contínua troca de informações entre Estado e sociedade”.

Após a apresentação dos conceitos referidos, refletimos que tanto a Cidadania como a Transparência e a Solidariedade configuram-se como essenciais para o exercício da democracia e da comunicação. Como menciona Matos (2009), o objeto da comunicação pública não é outro senão a comunicação enquanto construção social, que visa ao interesse público e ao alcance da cidadania.

4.4 OS NOVOS CENÁRIOS NA AMBIÊNCIA DIGITAL

Um espaço de comunicação aberto pela interconexão global de computadores é a definição de Lévy (2000) para o Ciberespaço. Para o autor, é um “metameio” que integra todos os modos de comunicação criados até então, desde a escrita, alfabeto, imprensa, telefone, cinema, rádio, televisão e promove os novos, a partir de tecnologias intelectuais que desenvolvem a memória (através de bases de dados, hipertextos, Web), a imaginação (mediante simulações visuais interativas), o raciocínio (por intermédio da inteligência artificial, sistemas especialistas, simulações), a percepção (com imagens computadas de dados e tele-presença generalizada) e a criação de espaços virtuais, a partir de palavras, imagens, música, entre outros.

Para Lévy (2000), com a criação destes novos espaços, criam-se também novas formas de comunicação entre as pessoas, a que o autor denomina de comunicação de “muitos para muitos”. A imprensa, e depois o rádio e a televisão

organizavam a “[...] troca de informações de maneira um para muitos, criando largas audiências e um sentido de comunidade” (LÉVY, 2000, p. 64). Porém, nessa comunicação, não havia interatividade. Da mesma maneira, o sistema postal e o telefone promoveram um sistema de comunicação “um para um”.

Com o ciberespaço, a comunicação se expande, permitindo a interatividade, e não somente a relação de um para um e um para muitos, mas também do tipo muitos para muitos e a articulação em tempo real entre os três modos (LÉVY, 2000). Com essas relações, a inteligência coletiva é definida pelo autor como “a interconexão geral de tudo em tempo real, a concretização do espaço virtual onde as formas culturais e linguísticas estão vivas” (LÉVY, 2000, p. 66).

O autor fez projeções sobre a influência do ciberespaço na economia, na política, nas relações entre os países e nas relações entre as pessoas. Com o ciberespaço, a economia passaria a basear-se na informação, em ideias, criatividade e inteligência coletiva. Na política, rumaríamos para uma democracia global no planeta, com atitudes “[...] abertas e cooperativas se tonando padrões morais” (LÉVY, 2000, p. 67), e acusações e procedimentos de censuras, percebidos como atraso cultural. As barreiras nacionais, linguísticas, profissionais, culturais e disciplinares seriam superadas, com culturas combinando-se entre si e multiplicando-se.

Não nos cabe, nessa pesquisa, refletir sobre as projeções de Lévy, mas consideramos relevante destacar que, de nosso ponto de vista, o ciberespaço revolucionou a comunicação entre as pessoas, dando origem ao que Castells (2009) chama de *mass self communication* – expressão que pode ser traduzida como “autocomunicação de massa”. O autor (CASTELLS, 2009) evidencia, principalmente, que a audiência possível de algo publicado na internet por uma pessoa ganha uma escala mundial. A comunicação digital, então, se insere no contexto do ciberespaço, não podendo ser pensada de modo fragmentado, desconsiderando-se o conjunto de atividades desenvolvidas pelas organizações em outros espaços.

Segundo dados da pesquisa TIC Domicílios (2020), realizada anualmente pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 152 milhões brasileiros são usuários de internet, representando mais de 83% da população. A pandemia de Covid-19, como já destacamos anteriormente em nossa pesquisa, provocou mudanças nas rotinas dos países, com restrições em relação à circulação das pessoas, suspensão das atividades presenciais em escolas e

instituições de ensino superior pública e privadas; em estabelecimentos comerciais, restaurantes, entre outros. Organizações dos setores público e privado também tomaram medidas no sentido de restringir a circulação, com a adesão ao trabalho em casa, o *home office*. “Entramos totalmente em uma sociedade digital em que já vivíamos, mas que ainda não havíamos assumido” (CASTELLS, 2020).

Em entrevista ao portal do Fronteiras do Pensamento, Castells analisa a importância da comunicação digital no contexto da pandemia, e afirma que a digitalização completa da organização econômica e social se tornará permanente, se convertendo na “base da vida” (CASTELLS, 2020). Ainda, a comunicação digital já se integrou em todas as áreas, e por este motivo, a transição para novas formas de relacionamento e atividade durante a quarentena provocada pelo novo coronavírus foi menos “dramática” (CASTELLS, 2020).

O pesquisador (CASTELLS, 2020) admite que ainda há desigualdade na sociedade digital, como também na sociedade em geral, como evidencia a pesquisa apresentada anteriormente: “O surpreendente seria o oposto” (CASTELLS, 2020). Mas explica também que a desigualdade no acesso à internet é muito menor que a desigualdade de renda ou riqueza, e o fato se dá em razão da importância que as pessoas dão para a comunicação. “É o que as pessoas mais valorizam como recurso, pois é essencial para o trabalho, relacionamentos, informações, entretenimento, educação, saúde e qualquer outra coisa” (CASTELLS, 2020).

Em 1999, o professor espanhol apresentou ao mundo a definição de que começávamos a viver em uma sociedade em rede, e que na internet cada um de nós era um “nó”. Qualquer pessoa, navegando no ciberespaço, poderia ter acesso a qualquer banco de dados no mundo, conhecer as políticas de uma cidade, de um estado, de um país, com a informação tornando-se “matéria prima” (CASTELLS, 1999, p. 413).

Essa cultura da virtualidade real (CASTELLS, 1999), aconteceria a partir da integração das novas tecnologias com a comunicação eletrônica, a eliminação do que o autor chama de audiência de massa e o surgimento das redes interativas, transformando as experiências humanas de percepção e criação simbólica. Para Castells (1999, p. 414):

Nossos meios de comunicação são nossas metáforas Nossas metáforas criam o conteúdo da nossa cultura. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira

fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo.

Castells (2003) aponta que a interatividade proporcionada pela internet “torna possível aos cidadãos solicitar informação, expressar opiniões e pedir respostas pessoais”, o que pode favorecer os processos de comunicação, inclusive nas instituições públicas. Em nossas pesquisas e leituras sobre os conceitos de comunicação pública e governamental, por diversas vezes encontramos exemplos de ações de comunicação que se utilizam da internet para o contato com o cidadão. Segundo o referido autor (CASTELLS, 2003), as mídias sociais podem constituir-se em um instrumento ideal para promover a democracia.

A tecnologia digital permite que indivíduos e outras organizações “menores” gerem seus próprios conteúdos informacionais e os distribuam no ciberespaço de Lévy (2000), rompendo esse controle comercial e governamental que citamos, promovendo interação *on-line* com interação *off-line*, ciberespaço e espaço local. Desse modo, como já afirmava Lévy (2000, p. 33), “A internet agora se tornou uma política de ferramenta institucional tão central quanto a televisão”, e a partir do compartilhamento e da descoberta de outras pessoas com o mesmo sentimento, a interação e a ação comunicativa crescem, induzindo ações coletivas.

Jenkins (2008, p. 29) trouxe o conceito de cultura da convergência, onde “[...] as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. Em nosso trabalho, por diversos momentos trazemos notícias veiculadas em portais de internet, nas mídias/redes sociais e também na televisão.

Três conceitos estão presentes no movimento de convergência: convergência dos meios, cultura participativa e inteligência coletiva. Por convergência, Jenkins refere-se “[...] ao fluxo de conteúdo que ocorre por meio das múltiplas plataformas de mídia” (JENKINS, 2008, p. 30), além do comportamento migratório dos públicos que hoje não são tão fiéis a somente uma plataforma para buscar informação.

Através da noção de cultura participativa, Jenkins (2008) acredita que a convergência se dê entre os consumidores a partir das suas interações sociais com os outros, e que com mais informações circulando, as pessoas comentam sobre as

mídias. Cada conversa gera um interesse por parte do mercado das mídias e, assim, o consumo se torna um processo coletivo.

Dessa transformação, entra em cena o terceiro conceito, a inteligência coletiva, expressão de Lévy (2007) em que todos os indivíduos sabem de alguma coisa e ninguém sabe de tudo; com isso um grupo pode juntar as informações, associar os recursos e unir as habilidades que venham a existir em cada indivíduo. Assim, a inteligência coletiva “pode ser vista como uma fonte alternativa do poder midiático” (JENKINS, 2008, p. 30).

O leitor/ouvinte/espectador passa a ter um papel mais ativo, já que existe a necessidade de buscar as informações por diferentes meios. Assim, o cidadão/eleitor/consumidor se apropria de um lugar no processo de convergência, pois aprende a utilizar novas técnicas, busca as mídias/redes sociais para discutir e debater os fatos, e dar sua opinião sobre o que acontece no momento.

Para Jenkins (2008), as formas de comunicação tendem cada vez mais a convergirem para um único meio. As principais mídias são influenciadas pela internet como uma forma de adaptação às transformações culturais, sociais e mercadológicas que ela trouxe aos meios de comunicação, fato que, acreditamos, já acontece com o Twitter.

A cultura da convergência procura explicar os fundamentos da sociedade que se desenvolveu em torno das tecnologias e da internet, tornando-a capaz de produzir seu próprio conhecimento e compartilhá-lo com o resto do mundo. A liberdade na circulação de ideias, no compartilhamento e na recepção dos conteúdos mudou a relação que o receptor tem com a mensagem. Por não ser mais distribuído de maneira uniforme, o percurso feito em busca da informação proporciona uma experiência diferente para cada pessoa, que recebe os dados de maneira distinta. Além da mudança ocorrida na forma de recepção da mensagem, para Lévy (1999), a internet e as novas tecnologias modificaram a maneira como as pessoas se relacionam e criaram novas maneiras de interação no ambiente do ciberespaço.

Saad Corrêa traz a ideia da transversalidade como uma “capilaridade das tecnologias digitais” (SAAD CORRÊA, 2015, p. 6-7), que atuam simultaneamente nos processos que operam as atividades comunicativas, antes fragmentadas, e nos

dispositivos cada vez mais convergentes em razão das *affordances*⁵¹ que incorporam funções de mobilidade e geolocalização, interatividade aos suportes comunicativos clássicos, e nos próprios produtos midiáticos. Relacionado à transversalidade, estaria o conceito de resiliência que a autora coloca como viável para classificar a atual espécie de “convulsão” (SAAD CORRÊA, 2015, p. 8) que experienciamos, ou como a capacidade de um sistema ou uma organização se antecipar e se adaptar a rupturas, eventos, lidar com as mudanças e reconstruir seus valores e estruturas a partir destes movimentos.

Castells (2015) compreende as transformações decorridas, a partir da comunicação em rede, perpassadas por quatro dimensões: a transformação tecnológica – digitalização a partir dos computadores e utilização dos *softwares* remodela a comunicação; a estrutura organizacional e institucional da comunicação – grandes conglomerados da mídia mundial fazem um jogo de poder em relação ao que será visto no panorama global/local, elevação do consumo, expansão de mercado e geração de lucro; a dimensão cultural do processo de transformação de várias camadas da comunicação – numa tensão entre o que é a identidade local e o cosmopolitismo (cultura global); e, por fim, as expressões das relações sociais, que prefiguram as relações de poder.

Outro tema bastante defendido pelo autor, ainda quando da entrevista em relação à pandemia, é de que o contato direto entre as pessoas não desaparece com a internet, inclusive é estimulado por ela, com as duas formas de sociabilidade acumulando-se e favorecendo a densidade das relações sociais e o empoderamento pessoal. “Nosso mundo será necessariamente híbrido, feito de realidade carnal e realidade virtual” (CASTELLS, 2020). Nesse mundo híbrido, imaginado por Castells, emergem em nós reflexões sobre como a comunicação se coloca, se ela é considerada como fator indispensável na vida das sociedades. E as mídias sociais? Elas aproximam? Afastam? Como o nosso principal líder está se “comunicando” nessa pandemia?

A partir desse momento, nossas reflexões ingressam no campo da comunicação digital e das mídias sociais, destacando os aspectos relacionados a visibilidade dos sujeitos, e a interatividade presente nesses espaços sociais.

⁵¹ No contexto das Tecnologias da Informação e Comunicação, a *affordance* pode ser entendida como a relação mútua entre as ações de um ator e as capacidades tecnológicas disponíveis e potenciais para a realização desta ação (SAAD CORRÊA, 2015).

4.1.1 Comunicação digital e mídias sociais

Como mencionado, partimos do entendimento de que a comunicação é troca, compartilhamento, interação e relação (WOLTON, 2011; MARCONDES FILHO, 2012). Em um contexto como o da pandemia de Covid-19, a comunicação, em seu caráter público, além de informar, precisa se colocar à serviço do outro, a partir de um olhar sensível (SODRÉ, 2006) e que aproxima as diferenças com foco no afeto “[...] capaz de trazer mais luz ou hipóteses mais fecundas sobre as transformações das identidades pessoais e coletivas, as modulações da política e as ambivalências do pluralismo cultural no âmbito da globalização contemporânea” (SODRÉ, 2006, p. 70).

Após apresentarmos aspectos relacionados à cibercultura e à sociedade em rede, podemos afirmar que a comunicação digital percorre de forma transversal todas as atividades comunicativas e informativas do mundo contemporâneo (SAAD CORRÊA, 2021)⁵². Ela afeta as relações sociais em todos os níveis e atuando no que a pesquisadora pontua como um cenário sociotécnico fluido e movente, de transformação digital.

Essa “poderosa forma de comunicação” (TERRA, 2010, p. 128), em constante evolução e mudança (TERRA, 2017), se apresenta por meio das mídias sociais *online*, dos sites de relacionamento, de notícias, dos fóruns de discussão, dos chats e mensageiros instantâneos, dos celulares e smartphones e em todas as plataformas baseadas na internet.

Em nosso trabalho, a pesquisa acontece com os *sites* de rede social, estruturas constituídas no ciberespaço (RECUERO, 2014, p. 1), que permitem o estabelecimento de perfis individuais para a representação de atores sociais, as conexões entre esses atores e a possibilidade de “navegar” por essas conexões de forma pública ou semipública. O site de rede social proporciona aos indivíduos “traduzir” e complexificar suas redes sociais (RECUERO, 2014), entendidas nesta pesquisa como “metáforas para o estudo dos agrupamentos sociais” (RECUERO, 2014, p. 2).

⁵² A referida pesquisadora sugere para o campo acadêmico a ampliação das possibilidades e modos de pesquisa sobre o tema da Comunicação Digital. Segundo ela, não é mais possível distinguir na Comunicação um espaço específico para o estudo do digital; o enraizamento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação percorre de forma transversal todas as atividades comunicativas e informativas do mundo contemporâneo (inclusive aquelas categorizadas como analógicas e/ou *off-line* (SAAD CORRÊA, 2015; 2021).

As redes *on-line* são diferentes das redes *off-line*, e quando um ator constrói uma representação de si no espaço *on-line* e estabelece conexões com outros, ele não está apenas traduzindo seus grupos sociais, mas igualmente amplificando-os e tornando-os mais densos. Isso porque esses sites “[...] mantém essas conexões permanentemente abertas e permanentemente recebendo e enviando informações” (RECUERO, 2014, p. 2). E essas conexões proporcionam os espaços de informação, por onde o sujeito pode receber e propagar informações, de forma mais ampla e mais permanente.

Na esfera da estrutura dos grupos *on-line* temos a representação dos sujeitos, que pode ser compreendida a partir dos perfis nessas redes (no caso específico do Twitter, que abordamos nessa Tese, e das conexões entre os perfis (que em nossa pesquisa são os *tweets* de Jair Bolsonaro). A ampliação e a reverberação dessas falas individuais dos sujeitos refletindo os seus pensamentos e opiniões, acontecem a partir das mídias sociais, que são os textos, imagens, áudio e vídeo, que permitem a interação entre os que as utilizam, possibilitando, entre outras funções, “o compartilhamento de conteúdos, o diálogo e também conversas, a partir das redes sociais” (TERRA, 2010, p. 7).

Outras características apontadas por Saad Corrêa (2008) são a hipertextualidade, a multimedialidade e a interatividade, a partir do entendimento de Salaverría⁵³. A hipertextualidade é definida como a capacidade de conectar diversos textos digitais entre si; a multimedialidade como a competência outorgada pelo suporte digital de combinar em uma mesma mensagem texto, imagem e som; e a interatividade vista como a possibilidade que o usuário tem de interagir com a informação apresentada pelo cibermeio.

Além destas três características, Salaverría (2005) aponta que a comunicação por meio das redes digitais interativas se caracteriza pela ruptura com o tempo e o espaço. “As mensagens na rede possuem elasticidade temporal e não estão submetidas às distâncias físicas. Nesse sentido, a comunicação em rede se caracteriza pelo policronismo e pela multidirecionalidade” (SALAVERRÍA, 2005, p. 23).

⁵³ Em 2019, Salaverría foi o conferencista principal de abertura do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, organizado anualmente pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. O tema da palestra foi “Fluxos comunicacionais e crise da democracia”.

No texto, o policronismo é definido como as múltiplas possibilidades de relação temporal que se produzem entre a emissão e a recepção das mensagens no ciberespaço; e a multidirecionalidade como a possibilidade de transmissão de mensagens de um ponto a outro, de um ponto para muitos outros e, de muitos pontos para muitos. “Considerando policronismo e multidirecionalidade, entendemos a obrigatoriedade da presença na rede, ou seja, da conexão para se configurar o ato da comunicação digital” (SAAD CORRÊA, 2008, p. 315).

A escolha pelo estudo dos discursos do líder no Twitter se dá pela importância desse espaço na atualidade da comunicação, considerado como expressão do pensamento coletivo, econômico e social, de integração e manifestação da esfera pública, segundo Sennet (2014)⁵⁴. Outra característica é o protagonismo de quem o utiliza, que deixa de ser “destinatário e consumidor passivo de informação, para tornar-se remetente e produtor ativo” (HAN, 2018, p. 36). Também, as mídias/redes sociais “desmediatizam a comunicação”, e são extremamente relevantes na atualidade por pautarem “a sociedade de opinião e de informação” (HAN, 2018, p. 37), fazendo com que os jornalistas, por exemplo, “pareçam completamente superficiais e anacrônicos”.

No espaço da comunicação o poder se constrói a partir de interesses, estratégias, e com os diferentes atores sociais (CASTELLS, 2013)⁵⁵. Para o autor, quem detém o poder organiza e estrutura as instituições da sociedade em função de seus valores e interesses.

Por não ser um sistema monolítico, toda organização institucional detentora de poder coexiste ao contrapoder, uma vez que, onde há dominação, há resistência. Aqueles que estão à frente das instituições dominantes agregam a estas seus valores, e, por sua vez, a resistência emerge daqueles que não sentem seus próprios valores representados por tais instituições. Dessa maneira, consolida-se uma dinâmica de construção e reconstrução das relações de poder, um processo de constante renegociação pautado na diversidade de valores.

⁵⁴ Em entrevista ao *Fronteiras do Pensamento* (2014), Richard Sennett, que já citamos em nosso trabalho a partir da obra “*A Corrosão do Caráter*” (2015), reflete sobre a função política do Twitter, que vê como um espaço de integração e manifestação da esfera pública. No decorrer do conteúdo, o autor faz uma crítica ao pensamento de Castells que, segundo ele, vê a sociabilidade como um instrumento da política.

⁵⁵ Antes de lançar a obra no Brasil, Castells palestrou no projeto *Fronteiras do Pensamento*, em São Paulo, em junho de 2013. No evento (FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, 2013), o professor espanhol falou do livro que seria traduzido por Vera Lúcia Mello e lançado pela editora Paz e Terra dois anos depois.

Para Rodrigues e Rangel (2018), qualquer âmbito político que desconsidere as redes sociais “[...] perderá condições significativas de diálogo com a população”⁵⁶ (RODRIGUES; RANGEL, 2018, p. 72). Esses cenários não deixam de ser uma explicação acerca das razões pelas quais as redes sociais se tornam alternativas para a disputa e realização do espaço democrático e também antidemocrático

4.1.2 Os 280 caracteres...

O Twitter foi a rede social escolhida para integrar a nossa pesquisa empírica⁵⁷. Lançado em outubro de 2006, nos Estados Unidos, por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, o microblogging surgiu a partir de uma reunião de discussão de ideias sobre um serviço de troca de status, como uma mensagem de texto, na empresa em que trabalhavam (TECMUNDO, 2010).

A ideia dos fundadores à época era criar um conceito de envio de mensagens curtas a partir do celular, em que o usuário receberia um *twich*⁵⁸ no seu bolso quando a mensagem fosse enviada. Ainda conforme a Tecmundo (2010), a palavra não agradou, pois não mostrava exatamente o que era o serviço. Ao buscar nomes parecidos no dicionário, os fundadores do microblogging encontraram a palavra *twitter*, que em inglês significa “uma pequena explosão de informações inconsequentes” e “pios de pássaros”, que combinaram com o conceito pretendido (TECMUNDO, 2010).

O primeiro protótipo do Twitter foi utilizado na própria empresa fundadora, tendo sido lançado em escala pública e também para computadores, e não só para

⁵⁶ Entendemos pertinente apontar a visão de Achille Mbembe (IHU UNISINOS, 2017), historiador e cientista político para quem as redes sociais estimulam o crescimento de uma posição anti-humanista (na qual predomina uma ausência de cuidado em relação ao outro), pois permite que os indivíduos expressem seu ódio e raiva com mais facilidade (e mais automaticamente). Isso tem resultado também num aumento do desprezo pela democracia uma vez que os interesses individuais se sobrepõem, cada vez mais, aos interesses coletivos. Para o historiador, o confronto entre o neoliberalismo e a democracia liberal (que coloca a última em risco) não pode ser desconectado de uma nova forma de existência construída, entre outros elementos, pela “era computacional” (IHU UNISINOS, 2017).

⁵⁷ Saad Corrêa (2015), em artigo publicado na XIV edição do Congresso Internacional Ibercom, reflete sobre estudos de análise comportamental e de fluxo de conteúdos da plataforma Twitter realizados pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cultura (LABIC, 2020). Alguns desses estudos, indicam que a mídia tradicional surge nas ambiências digitais como fonte de referência e replicação de informação, mas não como elemento ativo nas discussões e narrativas dos públicos conectados. Portanto, o Twitter se torna um interessante objeto de estudo, no qual a onipresença da mídia sai de um protagonismo central e legitimado e ressurgem como um dos atores participantes das ambiências digitais, onde a respectiva legitimação para a ser o objeto.

⁵⁸ Vibração, em tradução livre.

smartphones, ainda em 2006, em um festival de música e filmes para novos talentos (TECMUNDO, 2010). O festival reuniu empreendedores e especialistas da área da tecnologia, e o Twitter esteve em destaque, apresentado no principal local de encontro do evento, em telões que mostravam mensagens trocadas a partir do aplicativo: “Ele nasce como uma resposta ao desafio da mobilidade, desenvolvendo funcionalidades aptas a promover eficientemente a interatividade móvel” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 61).

A divulgação do Twitter, durante o festival, e sua grande utilização pelos usuários presentes ao evento (TECMUNDO, 2010) fez com que seus criadores recebessem um prêmio, e a partir dali, o microblogging começou a ser reconhecido e utilizado também em outros locais dos Estados Unidos e do mundo. Atualmente, são cerca de 166 milhões de usuários diários ativos em todo o mundo – ao final de 2019, eram 152 milhões (TWITTER, 2020) –, maior crescimento registrado desde quando a companhia passou a relatar suas métricas, em 2016 (MEIO E MENSAGEM, 2020). No Brasil, são 8,28 milhões de usuários ativos, e o País se encontra na 6ª posição no ranking mundial da rede social (TECMUNDO, 2020). Os dois países com mais participantes no Twitter são os Estados Unidos e o Japão, com 48,65 milhões e 36,7 milhões de participantes, respectivamente (MEIO E MENSAGEM, 2020).

Diferente por sua mobilidade (permitida pela associação do crescimento do número de smartphones ativos e pelas melhorias nos sinais de internet) e por ser *always on*⁵⁹, inerente às redes sociais 3.0, o Twitter é considerado por Santaella e Lemos (2010a) “[...] uma verdadeira ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010a, p. 66). Para Recuero (2011) a mídia/rede social tem entre os seus “pontos fortes” características como a simplicidade e a rapidez, com atenção concentrada nas trocas de informação e nas *timelines*⁶⁰.

O Twitter inventou o *streaming social* (RECUERO, 2011), usando apenas textos e links, o que lhe permitiu ser utilizado por diversos grupos sociais. Com a proposta de compartilhar informações na rede de forma ampla, foi fornecido a empresas, desenvolvedores e usuários o acesso programático a dados, com as APIs (interfaces

⁵⁹ Sempre conectado, em tradução livre.

⁶⁰ Linhas do tempo com assuntos do momento.

de programação de aplicativo) abertas (TWITTER, 2020). As APIs são a forma como os programas de computador “conversam” entre si para trocar informações, o que permite acesso aos dados públicos do Twitter, um diferencial da mídia (RECUERO, 2011). Em relação aos que utilizam o *microblogging*, Recuero (2011) destaca uma diversidade importante de lideranças e perfis, de nacionalidades diferentes, relevantes para a adoção do sistema e suas apropriações. Para a pesquisadora:

O Twitter é uma ferramenta de grande valor informativo. Nela encontramos órgãos governamentais, presidentes, reis, ministros e políticos; além de pesquisadores, especialistas e estudiosos e todas as fontes de informação que tradicionalmente chegam ao público mediadas pelo jornalismo. Tem celebridades, atores e autores, gerando uma horda de apropriações em torno de fãs, notícias e fofocas. Tem mesmo a presença do influenciador “to be”, ou seja, alguém que vai se tornar relevante em algum momento, mas ainda não sabe disso. Tem jornalistas e pessoas que trabalham com a mídia, que acabam também buscando pautas na ferramenta e retornando valor também a esse “estar no Twitter”. É a primeira vez que eu, ao menos, vejo uma quantidade tão grande de influenciadores diferentes em um único espaço. (RECUERO, 2011, p. 1).

No Twitter, é possível construir uma página, escolher quais atores “seguir” e ser “seguido” por outros, o que possibilita múltiplos fluxos informacionais provenientes de diversos canais. Ao mesmo tempo em que os indivíduos podem receber informações (*inflow*), também é possível enviar atualizações para outros que optam por assinar aquele canal (*outflow*). Assim, o *inflow* é determinado por nossas escolhas: “Ao escolher quais microblogs iremos seguir, estamos escolhendo quais informações farão parte do nosso fluxo de informações. Quando seguimos alguém no Twitter, estamos fazendo uma ‘assinatura’ do seu canal de informações” (SANTAELLA; LEMOS, 2010a, p. 73).

Essas conexões são expressas por meio de links nas páginas das pessoas. Cada sujeito tem suas mensagens publicadas – também chamadas *tweets* – para os seguidores, que acompanham em uma janela própria (Figura 13).

Figura 13 – Página inicial do Twitter da autora.



Fonte: Twitter da autora (2020).

O uso para conversação ocorre por meio do direcionamento de mensagens com uso do sinal “@” diante do *nickname* do destinatário, o que faz com que as mensagens apareçam em uma aba denominada “@Replies” na página do sujeito (RECUERO, 2019). Do mesmo modo, o uso do Twitter para acesso à informação é comum por quem utiliza, que investe tempo na busca e divulgação de informações para seus contatos (RECUERO, 2009), quanto por veículos de mídia (ZAGO, 2008; SILVA, 2009).

Até o ano de 2017, os usuários do Twitter eram convidados a responder à pergunta “O que você está fazendo?”, com a possibilidade de escrever em até 140 caracteres essa “resposta”. Em setembro do mesmo ano, a empresa disponibilizou, em caráter de testes, o limite de 280 caracteres para cada postagem (ou tweet). A mudança foi aplicada em definitivo a partir de 7 de novembro de 2017. A pergunta também mudou desde então, e hoje é: “O que está acontecendo?” (Figura 14). Também, há possibilidade de continuar escrevendo várias mensagens sobre um mesmo assunto, seguindo uma sequência ou *thread*, atualmente denominada pelos usuários como “Segue o fio”, (Figura 15). Com a sequência é possível fornecer contexto adicional, uma atualização e/ou uma abordagem ampliada conectando

vários *tweets* juntos. Não há limites de postagens diárias no Twitter (TWITTER, 2020).

Figura 14 – Página inicial em que aparecem a pergunta ao usuário – O que está acontecendo? – e os principais assuntos do momento no País e no mundo.



Fonte: página inicial Twitter da autora (2020).

Figura 15 – *Thread*, ou segue o fio, dando sequência ao que o usuário quer postar além dos 280 caracteres.



Fonte: Twitter (2020).

O perfil permite ainda personalizações diversas, como mudar a imagem de fundo, as cores, e preencher dados, tornando o espaço de representação do “eu”

semelhante a páginas pessoais. Também é possível trocar mensagens entre si por duas vias: mensagem direta (no caso, apenas quem envia e recebe tem acesso à mensagem) ou por *replies*, em recados públicos direcionados a partir do símbolo “@”. Há também as hashtags, etiquetas precedidas do sinal suspenso (*hash*, em inglês) que indicam o tópico discutido em um determinado *tweet* (Figura 16).

Figura 16 – Exemplo de *replies* e *hashtags*.



Fonte: GauchaZH (2020).

A respeito desses fluxos, Santaella e Lemos (2010, p. 109) explicam que essa “[...] interpenetração entre as três funcionalidades (RT, @usuário e #s) é inerente à arquitetura informacional do Twitter”, e em muitos casos elas podem suceder simultaneamente (um RT em forma de resposta mencionando diversos @usuários e hashtags). Nesse caso, ocorre em um único *tweet* a divulgação simultânea em múltiplos fluxos individuais e/ou coletivos em tempo real, caracterizando a “interatividade pluridirecionada” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 109). Como site de rede social, o Twitter proporciona que essas redes sejam expressas por meio dele, e que novas formas de reputação e capital social sejam criadas e negociadas (RECUERO, 2011), inclusive com outras redes sociais.

A partir das eleições de 2014, a rede tem se tornado objeto de investigação, principalmente, de grupos de estudos da área da comunicação política, em um momento em que a estrutura midiática contemporânea “distendeu-se” e diferentes

mídias passam a ser utilizadas para diferentes fins, em momentos distintos, cabendo à academia “buscar o entendimento de todos esses processos” (PRIMO, 2013, p. 8).

Emergem em nosso trabalho também questões relacionadas à interatividade nas mídias/redes sociais, e que pode ter dimensões variadas, dependendo de quais sujeitos estão envolvidos no processo interativo e a qual nível de interação nos referimos: interação entre pessoas, entre computadores, entre interagentes (pessoas) e máquina, entre interagentes e conteúdo (PRIMO; CASSOL, 1999). A opção “Curtir” serve para a aprovação da informação publicada e para conectar-se com a informação, acompanhando assim os desdobramentos da informação pelo recurso Notificações; o “Comentar” possibilita agregar à informação publicada um comentário, que pode conter textos, links, que remetem a outros sites, textos, imagens, vídeos, em qualquer lugar da web. A opção de Compartilhar permite que o usuário divulgue uma determinada informação, fazendo com que ela se movimente e se espalhe pela plataforma e pela web em geral (SANTAELLA, 2007). Apresentamos as opções curtir; *retweetar* (o mesmo que o compartilhar no Facebook) e comentar (Figura 17).

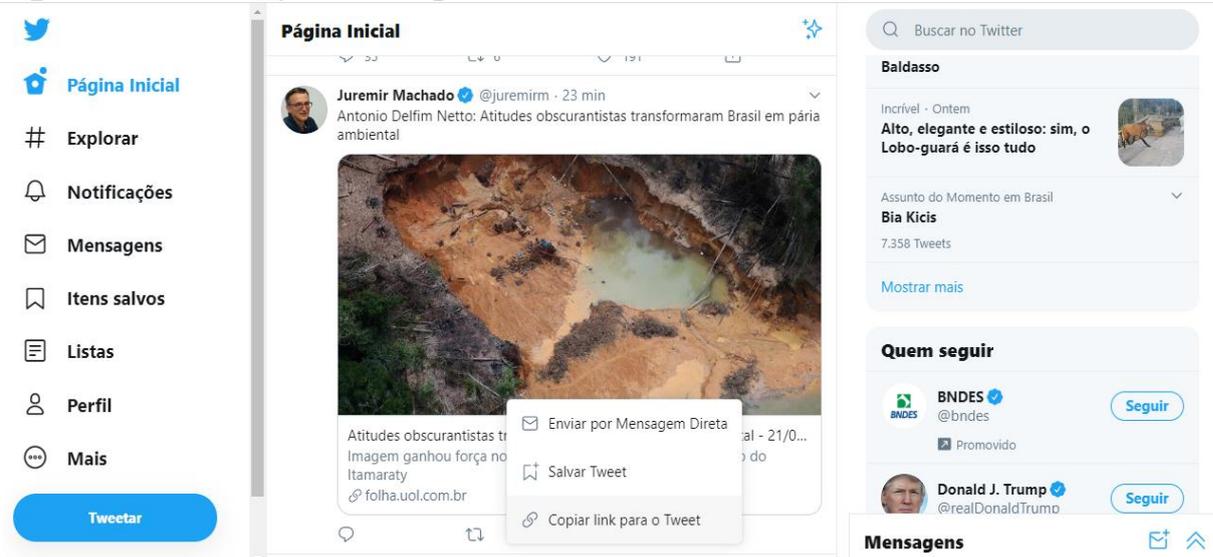
Figura 17 – Opções de curtir, *retweetar* e comentar.



Fonte: Twitter (2020).

Também há possibilidade de envio do *tweet* publicado para outras plataformas, a partir de três opções: “Enviar por Mensagem Direta”, “Salvar Tweet” e “Copiar link para o Tweet” (Figura 18).

Figura 18 – Enviar por mensagem direta e salvar Tweet.



Fonte: Twitter (2020).

A partir desse entendimento, conceitos como a heteroglossia (SANTAELLA, 2014), o dialogismo e a polifonia, trabalhados por Bakhtin (1982), podem ser utilizados para essa análise da interatividade nas redes sociais digitais. A heteroglossia, então, que seria a coexistência, o confronto e o conflito entre diferentes vozes é muito comum nesses espaços, quando “[...] concordâncias e discordâncias são justapostas sem que umas preponderem sobre as outras” (SANTAELLA, 2014, p. 208). O dialogismo, que para Bakhtin é a comunicação interativa em que cada um se vê e se reconhece através do outro, o ato do diálogo, e o modo como os sujeitos se relacionam, se mostra quando a pessoa publica uma mensagem “[...] e esta desencadeia reações discursivas nos participantes” (SANTAELLA, 2014, p. 208). A polifonia, definida pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço, de uma multiplicidade de vozes, se manifestaria na plataforma quando a publicação recebe comentários e “[...] diversas vozes confluem na construção do diálogo. Quando o assunto fica sujeito a controvérsias, não é raro a polifonia se transformar em cacofonia” (SANTAELLA, 2014, p. 208).

Para Santaella e Lemos (2010, p. 91), o Twitter “[...] rompe” com os padrões de interação social digital comuns no ciberespaço, e “[...] cria um entrelaçamento informacional onde a continuidade do movimento dos fluxos, juntamente com as mídias móveis, perfaz uma nova experiência de temporalidade” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 93-94). Com o Twitter, as conexões não são necessariamente

recíprocas (ou seja, pode-se seguir alguém sem ser seguido de volta), o que provoca padrões de conexão peculiares entre os interagentes.

Outra característica a considerar, nas redes sociais *on-line*, é a questão da visibilidade que elas proporcionam aos sujeitos envolvidos. Terra (2010, p. 1) fala em “[...] vitrine virtual de exposição institucional”, em que novos cenários, institucionais, políticos, estão sempre disponíveis e a distância é irrelevante (THOMPSON, 2008, p.16). Silva (2018) aponta que a invisibilidade (ou a redução/direcionamento da visibilidade) não se dá apenas por lançar sombras ou mesmo silenciar-se diante de algo, mas pode justamente envolver o reforço da visibilidade. “Direcionar as luzes sobre determinados assuntos pode representar o anseio de criar zonas de escuridão. Dependendo do que for ocultado, claramente fere-se o direito dos públicos ao acesso a informações que lhes são importantes ou que é de direito que as conheçam (Da SILVA, 2018, p.238).

Com as novas tecnologias, surge também a “sociedade da autopromoção” (THOMPSON, 2008, p. 24), em que principalmente lideranças políticas e outros sujeitos podem aparecer diante de públicos distantes e desnudar “[...] algum aspecto de si mesmos ou de sua vida pessoal” (THOMPSON, 2008, p. 24). Thompson (2008) traça uma linha do tempo para explicar como essas lideranças utilizam-se da imprensa (antigamente, mas na atualidade também) e das mídias sociais, especificamente, para se tornarem visíveis aos olhos da sociedade. A visibilidade é situada, isto é, os que são visíveis para nós são os que compartilham a mesma situação espaciotemporal que nós; ainda, a visibilidade é recíproca, nós podemos ver outros sujeitos que estão dentro de nosso campo de visão, mas eles também podem nos ver, se não estivermos ocultos (o que as mídias sociais também possibilitam).

A linha do tempo proposta por Thompson (2008) remete à época em que a visibilidade dos líderes políticos dependia ainda da sua aparição física diante dos outros, em contextos da assembleia ou da corte, que dependiam de co-presença, a interação ocorria somente face-a-face e nos espaços do contato cotidiano. Esses públicos que interagiam também eram restritos, e consistiam em membros da elite mandante ou dos indivíduos que faziam parte da vida social da corte (THOMPSON, 2008). Raramente os líderes apareciam perante um público maior, no caso os súditos, e essas ocasiões eram em eventos públicos, como coroações, funerais reais e algum tipo de marcha comemorativa. Assim como ainda ocorre em alguns eventos públicos

com autoridades (mais raros no momento atual de pandemia), o cerimonial destas ocasiões permitiam que o mandante mantivesse certa distância de seus súditos e ao mesmo tempo permitia que, por um tempo, eles vissem e “[...] celebrassem sua existência num contexto de co-presença” (THOMPSON, 2008, p. 22).

Com o desenvolvimento da imprensa e de outras mídias, os líderes políticos ganharam o que Thompson (2008) chama de um tipo de visibilidade desvinculada da sua aparição, isto é, utilizaram-se dos novos meios de comunicação não só como um veículo para promulgar decretos oficiais, mas também como meio de construir uma imagem de si que poderia chegar a pessoas em regiões afastadas. Ele cita exemplos dos monarcas do início da Europa moderna, como Luís XIV da França ou Filipe IV da Espanha, que sabiam utilizar-se da imagem em meios tradicionais, como a pintura, o bronze, pedra e tapeçaria, e na imprensa, na época em xilogravuras, entalhamentos, gravuras, panfletos e periódicos.

Com a chegada do rádio (a imparcialidade retórica perde para a intimidade mediada) e da televisão (imagens promovendo um novo tipo de intimidade na esfera pública, em que os líderes poderiam dirigir-se a seu público como se fossem familiares e amigos), as lideranças ganham uma visibilidade que vai além do contexto em que elas se encontram, com visibilidade nacional e até mesmo internacional. Acontece então o que o autor chamou de “simultaneidade desespacializada” (THOMPSON, 2008, p. 23), quando pessoas, mesmo distantes, se fazem visíveis; podem ser ouvidas no exato momento em que falam; vistas enquanto estão agindo, e criando “[...] referências simbólicas que fazem que algumas das características da interação face-a-face sejam reproduzidas nesse novo meio” (THOMPSON, 2008, p. 23).

A partir do surgimento da internet e de outras tecnologias digitais, cresce também a importância das novas formas de visibilidade criadas pela mídia, que promovem mais conteúdo audiovisual nas redes de comunicação, e que permitem também que qualquer pessoa crie e dissemine seu conteúdo, “[...] livre das amarras da co-presença” (THOMPSON, 2008, p. 24), ampliando a “[...] sociedade da autopromoção” (Ibidem), e a necessidade “[...] compulsiva de aparecer via media, de projetar o si-próprio e o campo próprio em algum rincão de visibilidade comunicacional” (TRIVINHO, 2010, p. 2).

Essa busca pela visibilidade pode ser exemplificada por uma ação disponibilizada no Twitter a partir de 2016, com a colocação de um selo azul ao lado de perfis considerados de interesse público, o que antes era válido somente para personalidades consideradas “importantes”. Pessoas com um número de seguidores significativo, poderiam ter sua conta verificada, bastando apenas o preenchimento de um formulário e posterior envio à empresa.

Essa verificação (selo azul ao lado do nome da pessoa), “garantiria” então, a quem utiliza a plataforma, a certeza de que sua conta é de interesse público, logo, que ela tem visibilidade, podendo ser importante para outras pessoas seguir essa conta. Perfis nas áreas de música, teatro/cinema/TV, moda, governo, política, religião, jornalismo, mídia, esportes e negócios, entre outras, são os que recebem o selo de verificação (GAUCHAZH, 2020), conforme a Figura 19. O selo de verificação não indica que a conta tem o apoio do Twitter, mas que ela não é falsa, e que tem interesse público.

Figura 19 – Exemplo de uma conta verificada no Twitter, com o selo azul ao lado do nome.



Fonte: GauchaZH (2020).

Além da promoção da imagem, a visibilidade mediada também proporciona a

exposição ao que os líderes podem não querer mostrar, diferente do passado. Com a diversidade de tecnologias disponíveis à comunicação, e com as mídias sociais, e a “gama de canais descentralizados e impossíveis de serem monitorados e controlados completamente” (THOMPSON, 2008, p. 28), os líderes políticos de hoje são mais visíveis e observados do que o foram no passado, estando, dessa maneira, mais expostos ao risco das suas ações e declarações serem “deslocadas de modo a entrar em conflito com as imagens que pretendem projetar” (THOMPSON, 2008, p. 28). Gafes, vazamento de informações, a revelação e o escândalo são alguns dos exemplos de fragilidades da nova era, citados pelo autor. “Um ato indiscreto, uma frase mal interpretada ou uma revelação sem justificativa podem ter consequências desastrosas” (THOMPSON, 2008, p. 1).

A condição de existir (TRIVINHO, 2010) estaria vinculada a essa visibilidade midiática, para exposição exacerbada, circularidade e movimentação sistemática de signos. Da Silva (2018, p. 45) também reflete sobre esse fato, ao afirmar que vivemos tempos em que a performance e o desempenho são sinais de sucesso, e, baseado em Schwartzberg (1978), afirma que o “de fato ser”, por vezes, é relegado a um segundo plano. Trivinho (2010) propõe ainda uma sistematização/classificação das ambiências onde isso ocorre, e o Twitter se enquadra na segunda ambiência, intitulada como “cena pública interativa”. A estrutura comunicacional da mídia/rede social é particular, “idiossincrática de relacionamentos virtuais” (TRIVINHO, 2010, p. 11). Para ele:

A estrutura comunicacional dessa plataforma de relacionamento e os modos de apropriação social das quais tem sido objeto perfazem um terreno fértil para a condutibilidade exacerbada e rósea da melancolia cultural do único. No rastro crepuscular da micropolítica dos anos 70 do século passado, que bem retalhou a aura dos líderes centrais e a distribuiu à miríade sem fim de lideranças locais e regionais, o Twitter leva a realização do imaginário do único a uma extremidade impensada ao costurar, de maneira ruidosa, a possibilidade de expressão do desejo de visibilidade à problemática de uma falsa liderança que, sob a cláusula fidedigna da amizade, vive paradoxalmente da (ilusão de) subordinação dos outros (seus “seguidores”, livres e voluntários, de toda forma, quanto ao empenho da aquiescência envolvida), sob o lastro de uma fantasia de poder que dissuade a própria deterioração do poder e da liberdade do cidadão comum nas democracias burocratizadas ocidentais (TRIVINHO, 2010, p. 11).

Essa cena pública interativa, proposta por Trivinho (2010), é aproveitada por Bolsonaro em seu perfil no Twitter. O que ele posta na mídia/rede social, logo se transforma em pauta pelos veículos de comunicação, é compartilhado, curtido e comentado por seus seguidores.

Sargentini (2017b) considera que os textos publicados nas redes sociais de personalidades políticas, eles estando em uma campanha política, ou não, têm a finalidade de reafirmar a identificação com o eleitor e nutrir embates produzidos na campanha. A partir dessa lógica, e atentos às ações do presidente em inauguração de obras e visitas a espaços públicos, mesmo durante uma pandemia, podemos pensar que Bolsonaro sempre esteve focado nas eleições de 2022 e em uma possível reeleição.

Logo após a confirmação do primeiro turno do pleito eleitoral municipal para 15 de novembro, Bolsonaro declarou que não se envolveria em campanhas de nenhum candidato, e orientou os ministros do primeiro escalão a fazerem o mesmo (O GLOBO, 2020). Em *live* em sua conta no Facebook, voltou atrás, e disse que iria declarar o apoio a candidatos em alguns municípios dias antes da eleição, como em São Paulo, que disse ser a favor da candidatura de Celso Russomano, do Partido Republicanos (LINHARES, 2020).

As contradições são frequentes nos discursos de Bolsonaro. Até maio de 2020, o presidente mantinha mais de mil declarações falsas ou distorcidas (AOS FATOS, 2020). Entre os temas mais frequentes com informações incorretas estavam o novo coronavírus e dados sobre a economia brasileira.

Atendendo a sugestão da banca de qualificação, atentamos para outras características do Twitter relacionadas à imediaticidade, a versatilidade e a amplitude. Pesquisa realizada pelo Opinion Box₂ em junho de 2021, mostra que no Brasil, 66% dos usuários que utilizam a plataforma acompanham notícias, o que demonstra a imediaticidade e a versatilidade dessa rede social. Ela também é utilizada para comentar e interagir em publicações por 49% dos entrevistados, para acompanhar e curtir *tweets* de amigos, por 48%, e para a leitura de conteúdos com temas de humor e descontração, por 47% dos que participaram da pesquisa.

Na disputa política, o Twitter não se caracteriza somente por uma ferramenta para disseminação de informações, mas também um “fórum” para que a discussão das opiniões sejam expostas, “empregado como fonte de dados para o âmbito do

comportamento político, pois o mesmo oferece um tipo de indicador válido (em tempo real) sobre o sentimento político” (SANTOS, CIOCCARI, MORAES, 2020, p. 68).

Após a eleição de Barack Obama, em 2008, a rede social passou a ser palco de campanha e debate entre os utilizadores, ganhando importância em pleitos presidenciais não apenas nos Estados Unidos, mas no Brasil também. O então candidato Jair Bolsonaro foi o mais influente durante o primeiro turno nas eleições de 2018, com maior número de seguidores e maior engajamento (SIMÕES, SILVA, 2019), seguido por Ciro Gomes, Fernando Haddad e Geraldo Alckmin.

Donald Trump é outro *case* de repercussão no Twitter, “principal arma em seu arsenal para influenciar a opinião pública” (ACOSTA, 2019, p. 94). Em livro que narra o trabalho de cobertura jornalística na Casa Branca durante o Governo Trump, o jornalista norte americano relata que diariamente ele e outros repórteres precisavam checar fatos em tempo real. “Como Trump às vezes começa o dia fazendo afirmações falsas ou infundadas no Twitter, os jornalistas precisam passar boa parte do tempo mostrando as coisas como elas realmente são”.

Em 8 de janeiro de 2021, o Twitter banuiu a conta do ex-presidente dos Estados Unidos. Em comunicado informando a decisão, a empresa explicou que após análise dos *tweets*, optou por suspender a conta “devido ao risco de mais incitação à violência” (CANALTECH, 2021), referindo-se à invasão por apoiadores de Trump ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, após a vitória nas urnas de Joe Biden, que disputava as eleições com Trump.

Após o detalhamento do método e das estratégias metodológicas, de apresentarmos um panorama dos conceitos de liderança e refletirmos sobre comunicação pública, política e governamental e sobre a ambiência digital, começamos nossa etapa de análise. A proposta, nesse momento, é atentar para as estratégias discursivas utilizadas pela principal liderança política brasileira durante a pandemia de Covid-19 no Twitter, como tais estratégias configuram o(s) estilo(s) dessa liderança e como é possível compreendê-la, considerando as dimensões propostas, de transparência, cidadania e solidariedade.

Um dos primeiros pontos que consideramos é a constituição do *corpus* (ORLANDI, 2005) com os diversos elementos que compõem o discurso, como o momento histórico e os personagens envolvidos. Também analisamos as estratégias

discursivas do presidente, os tipos de discursos, além da referência ou não às dimensões Solidariedade, Transparência e Cidadania, essenciais para o exercício da comunicação pública. Ao final, pretendemos aproximar os resultados dessas análises às características dos líderes expostas no terceiro capítulo da Tese, e relacionar ao perfil do presidente.

5 O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

O sentido de uma palavra não é uma unidade, não somente porque uma palavra, produto de um processo muito complexo, é com frequência polissêmica, mas sobretudo porque o sentido requer descrições e definições a partir de outras palavras e frases. Assim, as palavras definem-se mutuamente melhor, dialogicamente, em um circuito infinito (MORIN, 2005, p. 207)

No caminho percorrido até o momento, justificamos a escolha pelo estudo dos discursos do líder no Twitter, a partir da importância desse espaço na atualidade da comunicação, considerando também o protagonismo de quem o utiliza. Em nossa pesquisa, interessa-nos saber quem fala, de onde fala, para quem fala, em quais condições os discursos foram proferidos, já que os sujeitos ocupando posições discursivas diferentes podem produzir diferentes sentidos, e o lugar (ou os lugares) do sujeito (ou dos sujeitos) nos discursos assume grande importância – sobretudo em se tratando de um Presidente da República. Os discursos e suas formações são heterogêneos, e não há univocidade nem unicidade.

Quando um acontecimento histórico passa a ser discursivizado, surge, então, o acontecimento discursivo que, de acordo com Pêcheux (2002 [1983]), ocasiona uma ruptura com os sentidos latentes e instaura uma nova ordem discursiva. Assim, a pandemia que parou o mundo no ano de 2020 – materialidade selecionada para esta análise – não afetou somente a saúde pública, mas todas as formas de organização da sociedade, dominou as discursividades de todas as classes sociais, instaurou incertezas e fez com que o presente e o futuro fossem tema de ampla reflexão.

Pela perspectiva da Análise de Discurso, os sujeitos, as palavras e os sentidos são afetados pela metáforização da pandemia, que se encontra simbolizada por meio da linguagem. Para Orlandi (2015), a metáfora consiste em como as palavras falam umas com as outras, produzindo transferências, equívocos, silenciosa ou explicitamente. Na perspectiva discursiva, a ideologia naturaliza alguns sentidos e interdita outros. É isso que buscamos “desvelar”, lembrando que os discursos estão sempre relacionados a outros previamente existentes.

Nessa perspectiva, também identificamos os interdiscursos nas falas de Bolsonaro. Para Pêcheux (2006, 1999), a objetividade material reside no fato de que algo sempre fala antes e em outro lugar, sob a ação de um complexo de formação ideológica. Aí está o efeito de exterioridade de um discurso que um sujeito toma para si. Dessa forma, o processo de constituição de um discurso ocorre pela memória, pelo

domínio do saber e por outros dizeres que o sustentam. Qualquer palavra tem seu sentido atribuído por motivação ideológica, resultado de um processo sócio-histórico e sustentada por aquele que a emprega.

Bolsonaro silencia em diversos momentos, o que, para Orlandi (2007), remete ao caráter de incompletude da linguagem, uma vez que “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (ORLANDI, 2007, p 12), o lugar dos muitos sentidos. O silêncio, segundo ela, é o fôlego da ressignificação ou o reduto do possível e do múltiplo, abrindo espaço para sentidos diversos. Tudo na materialidade linguística importa ao analista, inclusive o silêncio.

Entendendo que, na Análise de Discurso, as formações discursivas não apresentam contornos definidos, mas devem seguir uma regularidade, uma ordem, ter correlações, posições e funcionamentos (FOUCAULT, 2017), atravessadas tanto por objetos instáveis quanto por categorizações, nos propomos a pensar em uma estratégia de mapeamento, observando as regularidades em que certas palavras aparecem. Seguimos as etapas descritas no Quadro 7.

Quadro 7 – Estratégias de mapeamento da pesquisa.

1ª etapa: passagem da superfície linguística para o texto (discurso)	Apresentação de todos os tuítes selecionados no <i>corpus</i> definido em banca de qualificação, para posterior seleção
2ª etapa: passagem do objeto discursivo para a formação discursiva	Análise descritiva dos ditos e não ditos, indicação das paráfrases e polissemias e dos silenciamentos e relação dos tuítes com o contexto sócio-histórico e a materialidade pandemia de Covid-19
3ª etapa: processo discursivo e formação ideológica	Interpretação e reinterpretação dos discursos de Bolsonaro, relacionando-os aos conceitos de discurso propostos pela AD e aos conceitos de liderança expostos na fundamentação teórica

Fonte: elaborado pela autora a partir de Orlandi (2005).

Sempre que nos referimos aos fragmentos dos discursos de Bolsonaro para análise, utilizamos negrito. As paráfrases e a polissemia, que trabalham em conjunto, retomando um termo e produzindo uma filiação de novos sentidos também são identificadas em negrito. Bolsonaro utiliza-se desses mecanismos, mantendo-se em um retorno constante ao já dito (paráfrase), e produzindo novos dizeres, gerando, assim, sentidos diferentes (polissemia). Esses pontos nos

ajudam a apreender quais **formações ideológicas** manifestam-se na língua e em que condições de produção esses efeitos de sentidos foram gerados. Ainda, ao final de cada categoria, nos propomos a detectar **a ordem dos discursos**, isto é, os tipos de discursos proferidos por Bolsonaro, entre os já apresentados em nossa fundamentação teórica no Capítulo 2. Ao final deste capítulo, tensionamos nossos achados com os conceitos de liderança apresentados no Capítulo 3, buscando uma compreensão dessa liderança, considerando as dimensões propostas na comunicação pública, de Transparência, Cidadania e Solidariedade.

Importou para este trabalho conhecer os contextos e sujeitos em cena: as condições de produção dos discursos. De acordo com Orlandi (2006), essas condições de produção envolvem, além dos sujeitos, também a situação – que pode ser vista no sentido estrito ou lato. “Em sentido estrito, ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, [...] compreende o contexto sócio-histórico, ideológico mais amplo” (ORLANDI, 2006, p. 15). Assim, na prática, não se pode separar o contexto imediato e o contexto mais amplo, pois em situação de linguagem ambos funcionam juntos (ORLANDI, 2006). Inclusive, o que diferencia a Análise do Discurso de outros estudos do campo da linguagem é, também, o entendimento de que a língua é relativamente autônoma, reintroduzindo a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem, bem como a concepção de que a história tem seu real afetado pelo simbólico (“os fatos reclamam sentidos”). Nessa perspectiva, o sujeito do discurso funciona por meio do inconsciente e da ideologia, pois ele não tem controle sobre o modo como é afetado pelo real da língua e o real da história. Por isso, diz-se que se trata de um “sujeito descentrado” (ORLANDI, 2003, p. 19- 20).

As construções realizadas – sobre a trajetória de Bolsonaro, a história de outras pandemias e a importância do Twitter na ambiência digital – propiciaram uma melhor compreensão sobre o lugar dos sujeitos e as situações em jogo, elementos fundantes para entender também as condições de produção dos discursos em observação, tendo a memória discursiva e o interdiscurso como seus elementos constitutivos. Para Foucault (2008), a análise do campo discursivo trata de “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites

da forma mais justa, e estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado” (FOUCAULT, 2008, p. 31).

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos) (FOUCAULT, 2005), mas uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles fazem sentido ou não. Ao refletir sobre a função enunciativa, o autor aponta traços importantes para a análise do *corpus*, especialmente sobre palavras e expressões que Bolsonaro utiliza. Há que se buscar o sentido na materialidade discursiva, a partir do contexto, do fato noticioso, do lugar de fala do Presidente da República. Segundo o autor, o enunciado é um elemento linguístico que pode ocupar diferentes lugares em conjuntos gramaticais: seu sentido é definido por suas regras de utilização (quer se trate dos indivíduos que podem ser validamente designados por ele ou das estruturas sintáticas nas quais pode corretamente entrar) – um nome se define por sua possibilidade de recorrência.

Um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento, e a relação que mantém com o que enuncia não é idêntica a um conjunto de regras de utilização. Trata-se de uma relação singular: se, nessas condições, uma formulação idêntica reaparece – as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos nomes, em suma, a mesma frase, mas não forçosamente o mesmo enunciado (FOUCAULT, 2005b, p. 100-101).

Os acontecimentos analisados no *corpus* desta pesquisa – as publicações de Bolsonaro no Twitter, no período entre 16 de março de 2020, um dia antes da data da divulgação da primeira morte confirmada pela doença no Brasil, até 31 de agosto de 2020, quando diversos estados brasileiros começam a sinalizar a reabertura de estabelecimentos comerciais e das atividades escolares – levam a não ditos e já ditos, transparências e opacidades, peculiaridades e generalizações, contextos e detalhes, condições de produção heterogêneas, sujeitos em jogo e de posições distintas, enfim, lugares e efeitos de sentido que tivemos de recortar metodologicamente para “encontrar” .

Foram definidos seis acontecimentos durante o período delimitado: a divulgação da primeira morte por Covid-19 no Brasil⁶¹; a demissão do cargo do primeiro ministro da Saúde do governo Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta; o pedido de demissão do então ministro da Justiça, Sergio Moro; a divulgação, pela Revista *The Intercept Brasil* de rachadinhas no antigo gabinete de Flávio Bolsonaro, filho do presidente, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e o envolvimento da família Bolsonaro com as milícias da capital carioca; o pedido de demissão do ministro da Saúde que substituiu Mandetta, Nelson Teich; e o retorno gradual das atividades comerciais e de aulas presenciais nas escolas em alguns estados do País.

As análises envolvem o período de seis dias entre esses fatos (Quadro 8), o que nos permitiu a interpretação/reinterpretação do objeto, sem perder de vista a importância do contexto sócio-histórico. É de suma importância salientar que, ao longo do percurso, procedemos de movimentos interpretativos/reinterpretativos por diversos momentos, “reconstruindo as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, p. 366) para “colocar a interpretação em questão” (ORLANDI, 2009 p. 25). A metodologia nos permite esse exercício.

Quadro 8 – Posts e períodos que serão analisados em nossa pesquisa.

Acontecimento	Período	Número de Posts
Data da divulgação da primeira morte por Covid-19 no Brasil	16 a 22 de março de 2020	29 posts
Demissão do ministro Mandetta	13 a 19 de abril de 2020	19 posts
Saída do ministro da Justiça, Sergio Moro	20 a 26 de abril de 2020	11 posts
Divulgação de esquemas ilegais no gabinete de Flavio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, esquema chamado de rachadinhas	27 de abril a 3 de maio de 2020	24 posts
Saída do ministro da Saúde, Nelson Teich	11 a 17 de maio de 2020	34 posts
Reabertura gradual das atividades comerciais e das aulas presenciais em alguns estados do País	24 a 30 de agosto de 2020	36 posts

Fonte: elaborado pela autora a partir do Twitter de Bolsonaro (2020)

⁶¹ Somente em 28 de junho de 2020 o Ministério da Saúde informou que, na realidade, a primeira morte por Covid-19 no País teria sido registrada em 12 de março, e não no dia 16 de março, como divulgado. De qualquer maneira, optamos por começar as nossas análises em 16 de março.

Para a coleta dos dados, utilizamos a ferramenta de busca do Twitter, que possibilita personalizar os resultados para períodos específicos⁶². Selecionamos, a partir dessa ferramenta, todos os tuítes de Bolsonaro encontrados nessas datas. Nosso *corpus* é composto de 153 tuítes (Quadro 8). Identificamos nove menções ao termo Solidariedade, uma para Transparência e nenhuma menção à Cidadania. Dessas somente três menções à Solidariedade se encontram nas semanas definidas. A palavra Transparência foi mencionada por Bolsonaro em um tuíte no dia 3 de junho de 2020, data não incluída em nosso *corpus*.

Em um primeiro momento, expomos as 153 publicações, analisando-as individualmente. Com a proposta de uma melhor visualização desses materiais inclusos no *corpus*, e atentando para características presentes nesses discursos, optamos por classificá-los a partir de três categorias (Quadro 9).

Quadro 9 - Categorias definidas para análise das formações discursivas.

Categoria	Definição	Número de Posts
Agenda/Governo	Publicações com dados oficiais, obras, inaugurações, liberação de crédito, renegociação de dívidas, mudanças em tarifas e auxílio-emergencial	76 tuítes
Pró e contra Covid-19	Publicações com ações da área da Saúde; postagens sobre cloroquina ou hidroxicloroquina e contra medidas de isolamento social	42 tuítes
Apologia	Publicações em que Bolsonaro defende, justifica ou elogia ações de seu governo	35 tuítes

Fonte: elaborado pela autora (2021) a partir do Twitter de Jair Bolsonaro (2020).

Na categoria Agenda/Governo, estão expostas 76 publicações, relacionadas a ações do governo com foco na economia, como liberação de créditos, renegociação de dívidas, mudanças em tarifas, Auxílio Emergencial, entre outras. Também é mostrada a extensa lista de *cards* e materiais gráficos do governo, relativos a obras e programas sociais, além das relações com outros países. Nessa categoria aparecem

⁶² O Twitter exibe as 800 postagens mais recentes dos perfis na aba *Tweets*, enquanto na aba *Tweets e respostas* são mostrados 3.200 conteúdos e respostas mais recentes. Tuítes com mais de uma semana podem não ser exibidos na *timeline* ou nas buscas, em razão de restrições de capacidade de indexação. O conteúdo não é perdido, mas pode não ser exibido (TWITTER, 2021).

ainda formações discursivas relacionadas à saída do primeiro ministro da Saúde do governo, Luiz Henrique Mandetta. Em razão do número significativo de material coletado, a categoria Agenda/Governo foi dividida em três subcategorias: (i) Auxílios e Benefícios, (ii) Obras e Entregas e (iii) Relações Externas.

A segunda categoria, Ações pró e contra Covid-19, versa sobre publicações de Bolsonaro relacionadas à área da Saúde, como a compra de insumos para hospitais, máscaras de proteção, respiradores, testes de Covid-19, abertura de leitos de UTI, além de postagens relacionadas ao tratamento precoce com Cloroquina e Hidroxicloroquina, apoiado pelo presidente, mesmo sem comprovação científica. Apontamos nessa categoria a “campanha” do sujeito em questão pela abertura de estabelecimentos comerciais, indo de encontro a medidas sanitárias internacionais, e a “despedida”, com um mês de gestão, do segundo ministro da Saúde, Nelson Teich.

Na última categoria, Apologia, trazemos para a análise a saída do cargo do então ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro; e as estratégias discursivas utilizadas por Bolsonaro para vangloriar-se de suas qualidades enquanto gestor – compartilhando vídeos de jornalistas, políticos ou pessoas comuns, incluindo crianças, e elogiando a gestão da pandemia.

As postagens são apresentadas a partir de figuras, e por se tratar de extenso material, nem todos os posts estão referidos no texto, podendo ser conferidos a partir de links nas referências. Com essa divisão, nos propomos a relacionar essas formações discursivas com as formações ideológicas (ORLANDI, 2005), observando suas repetições (paráfrase), seus deslizos (metáforas), ditos, não ditos e silenciamentos.

Algumas palavras utilizadas por Bolsonaro em seus tuítes entram em evidência – inspiração que tivemos após aproximação com o autor russo Bakhtin (2006) que recomenda uma análise profunda de cada palavra como signo social. Segundo o autor, as palavras acompanham as criações ideológicas, e “os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos não acontecem sem a participação do discurso interior”. Segundo ele, “Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isolados nem totalmente separados dele” (BAKHTIN, 2006, p. 36). Orlandi (2003) converge com Bakhtin, ao enfatizar que “[...] os sentidos sempre são

determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja” (ORLANDI, 2003, p. 43).

Assim, as perguntas que fazemos são as seguintes: o que esses discursos de Jair Bolsonaro querem dizer?; Que palavras ele utiliza com mais frequência em seus discursos no Twitter sobre a pandemia, o que ele silencia, não diz, ou quer dizer?

No decorrer da pesquisa foram realizadas no Twitter, em países como os Estados Unidos, Austrália e Coréia do Sul, atualizações nas políticas sobre informações falsas relacionadas à Covid-19. Desde dezembro de 2020, usuários que compartilhem, por exemplo, informações sobre a pandemia não baseadas em pesquisas nem em relatos convincentes, conteúdo comprovadamente falso ou enganoso, informações sobre eficácia e/ou segurança de medidas preventivas, tratamentos ou outras precauções para mitigar ou tratar a doença, podem ser punidos com alertas em seus *posts*, até a exclusão da conta na rede social⁶³. Enquanto finalizamos nossa pesquisa⁶⁴, a rede social foi criticada por usuários brasileiros por permitir a circulação de conteúdos falsos, e não combater desinformação com o mesmo empenho que no exterior. Usuários do Twitter criaram a hashtag #TwitterApoiaFakeNews, o que gerou uma manifestação oficial da empresa⁶⁵. Em 17 de janeiro de 2022, após os protestos citados, a empresa liberou no Brasil, Espanha e Filipinas, o recurso para denunciar tuítes que contenham desinformação, ainda em fase de testes.

Outras plataformas também começaram a trabalhar na regulação de conteúdos sobre a pandemia, como o YouTube, que desde abril de 2021 proíbe vídeos que recomendem o uso de hidroxicloroquina ou ivermectina para tratamento ou prevenção da Covid-19. Canais que publicarem conteúdos que desrespeitem a regra têm o material removido e recebem notificação por e-mail. Se a infração se repetir, o envio

⁶³ Em 8 de janeiro de 2021, o Twitter baniu a conta do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, conforme citado em nosso trabalho.

⁶⁴ Data de 5 de janeiro de 2022.

⁶⁵ Em nota, a empresa informa que a ferramenta para denúncias está em testes nos referidos países e que a possibilidade é “um passo complementar aos esforços proativos iniciados e aprimorados globalmente pela plataforma desde março de 2020, incluindo parcerias com especialistas e autoridades no assunto como a Organização Mundial de Saúde – e localmente a Organização Pan-Americana de Saúde, OPAS –, para identificar e agir sobre conteúdos que violem as políticas do Twitter” (G1, 2022).

de novos vídeos fica restrito por uma semana – a reincidência pode resultar na exclusão da conta⁶⁶.

A partir do próximo subcapítulo, ingressamos nas análises de fato dos tuítes de Bolsonaro durante o período delimitado. Começamos, como apontado no Quadro 9, pela categoria mais numerosa em termos quantitativos, Agenda/Governo.

5.1 CATEGORIA AGENDA/GOVERNO

As postagens relacionadas na categoria Agenda/Governo somam 6 publicações entre 16 de março e 31 de agosto de 2020, e abordam créditos e auxílios concedidos, obras, principalmente em estradas e aeroportos, além de programas sociais. Durante nossas análises, atentamos para o fato de essas publicações, em diversos momentos, buscarem certa persuasão política (BALANDIER, 1982), produzindo impressões de transparência de dados públicos relativos à pandemia. Ainda, colaboram no sentido de “desviar o foco” para outras pautas, estratégia política recorrente de Bolsonaro na “cena pública interativa” (TRIVINHO, 2010), que é o Twitter. As mensagens dos políticos, eles estando ou não em campanhas eleitorais (SARGENTINI, 2017b), podem atingir o eleitorado, provocando, por meio de imagens e símbolos, a formação de “mitos políticos, numa relação emocional do público com a mensagem política” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 259).

5.1.1 Auxílios e Benefícios

Já nas primeiras semanas de março de 2020, a imprensa brasileira noticiava que Bolsonaro considerava a crise do coronavírus como histeria (EL PAÍS, 2020) e destacava sua participação em atos contra outros Poderes, como ocorreu no domingo, 15 de março. No dia posterior, 16 de março, uma segunda-feira, começam a ser divulgadas na referida rede social postagens relacionadas às ações do governo na

⁶⁶ Em 24 de outubro de 2021, o Facebook e o Instagram retiraram do ar uma *live* realizada pelo presidente dias antes, em 21 de outubro, em que afirma que “vacinados (contra a Covid) estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids)”, com base em uma suposta notícia que leu. De acordo com o porta-voz da companhia, o motivo para a exclusão foram as políticas da empresa relacionadas à vacina da Covid-19, que não permite, como citamos, alegações de que as vacinas de Covid-19 matam ou podem causar danos graves às pessoas.

área econômica, como a liberação de mais de R\$ 140 bilhões de reais que seriam destinados ao atendimento dos mais vulneráveis, à manutenção de empregos e para reforços na saúde (Figuras 20 e 22). Após, em sequência, Bolsonaro informa que foi constituído um Gabinete de Crise que avaliaria em tempo real a evolução da doença – o Brasil já contabilizava 234 casos de Covid-19, e nenhum óbito havia ainda sido registrado (EL PAÍS, 2020).

Figura 20 – Primeiras ações do governo envolvendo a Covid-19.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020)

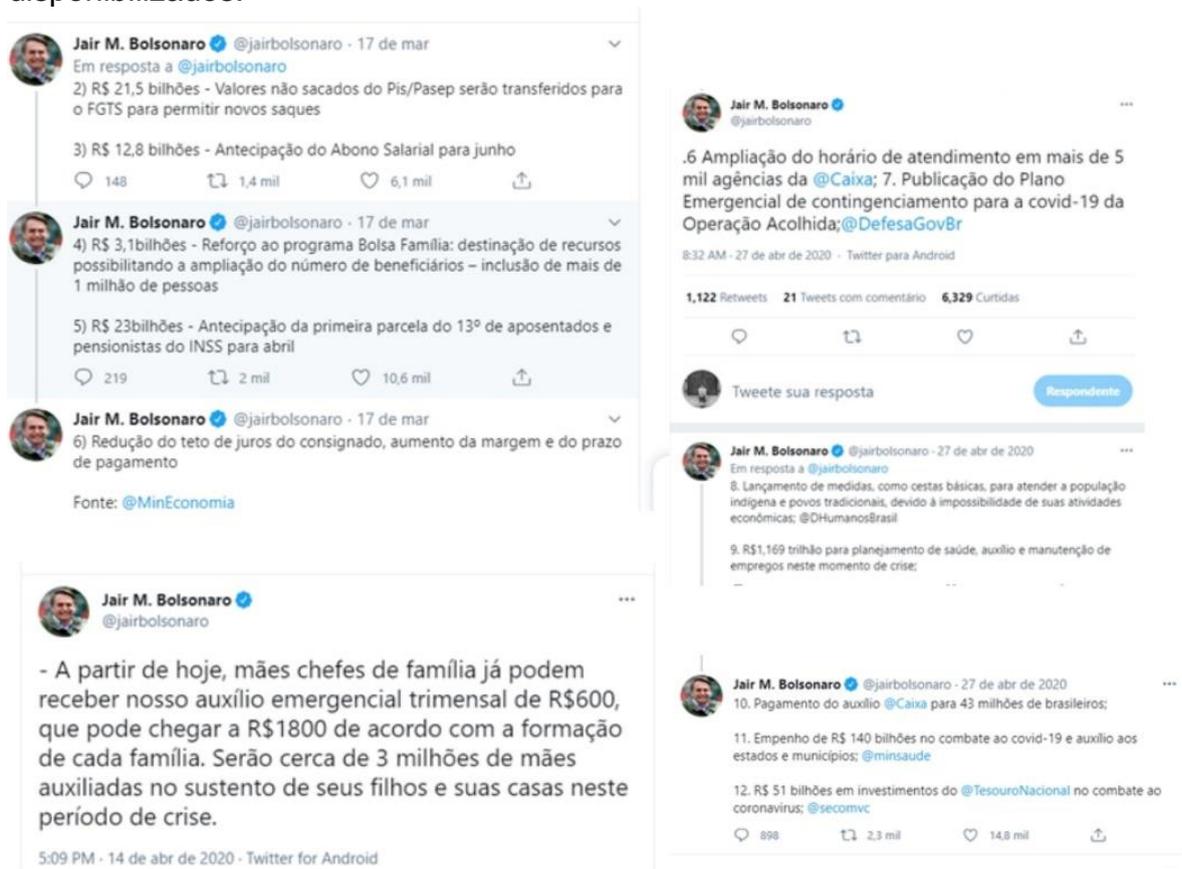
Nos dias posteriores, outras ações foram informadas, em especial no dia 17 de março, data da divulgação do primeiro óbito de um paciente brasileiro (Figura 21). Nesse dia, foram nove *posts* no Twitter de Bolsonaro, sendo seis relacionados a ações com foco na população de baixa renda, como reforço em Bolsa-Família, Pis/Pasep, redução de juros consignado, além da suspensão de visitas em presídios federais (Figura 22).

Figura 21 – Notícia sobre o primeiro óbito por Covid-19 em veículos de comunicação e no Twitter do Ministério da Saúde.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Figura 22 – Postagens sobre Auxílio Emergencial, antecipação de abono salarial, ampliação de atendimento em agências da caixa, entre outros serviços disponibilizados.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Não há uma declaração pública do presidente sobre a primeira morte, somente uma mensagem, publicada às 18h45min, em que ele fala de superação de desafios, *serenidade*, *soma de esforços*, *tempestades*, *luta* (Figura 23), em uma concepção narrativa da verdade (EMPOLI, 2020).

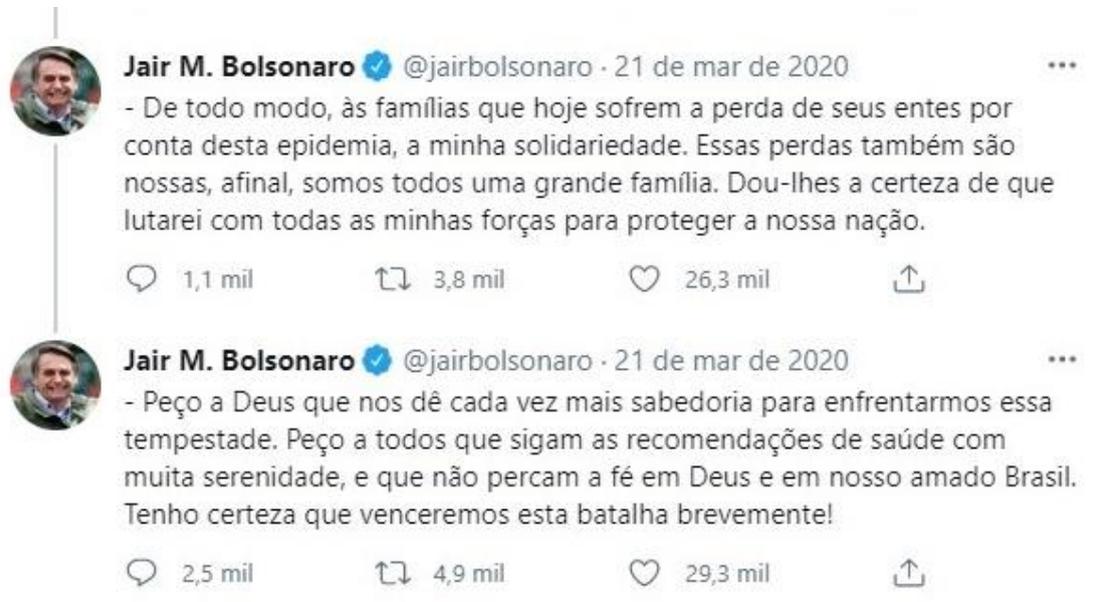
Figura 23 – Post publicado por Bolsonaro às 18h45min, referindo que o povo brasileiro é unido e vencerá a Covid-19 com a união de esforços.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Declarações públicas no Twitter do presidente, em razão do primeiro óbito, foram publicadas somente em 21 de março, quatro dias após o fato (Figura 24). Na postagem, ele fala em *solidariedade*, *perdas*, *família...* e diz que *lutará com todas as forças para proteger a nação brasileira*. Ainda, pede que a população *siga as recomendações de saúde*, ao contrário do que propagou ao circular sem máscaras de proteção, por exemplo, ou ao declarar, em pronunciamento oficial à nação, alguns dias depois, em 25 de março, que o coronavírus era só “uma gripezinha”, um “resfriadinho”.

Figura 24 – Post de Bolsonaro em solidariedade às famílias enlutadas.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

No dia em que foi registrado o primeiro óbito, 17 de março de 2020, há também no Twitter do presidente a divulgação do segundo teste para Covid-19, com resultado negativo (Figura 25)⁶⁷.

Figura 25 – Post de Bolsonaro, em 17 de março às 21h52min, informando sobre o teste negativo para a Covid-19.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

⁶⁷ Bolsonaro havia realizado um primeiro teste uma semana antes, que também havia dado negativo (VERDELHO, 2020), após viagem aos Estados Unidos, quando 14 integrantes da comitiva testaram positivo para a doença.

Na publicação referida acima (Figura 25) atentamos para a **forma linguística NEGATIVO** em caixa-alta, que o presidente utiliza e que se faz presente em outros momentos das nossas análises. São **marcas da linguagem** de Bolsonaro, que às vezes utiliza essas expressões como se precisasse “provar” algo para a sociedade. Nesse fato específico, somente tornou públicos os laudos com os resultados dos exames após o *Estado de São Paulo* entrar com uma ação para ter acesso ao material, em um processo que seguiu até maio de 2020. Nesse mesmo período, foi editada a Medida Provisória nº 928, que estabeleceu que, enquanto durasse a pandemia e o enfrentamento da emergência de saúde pública, ficariam suspensos os prazos de resposta para os pedidos de informação feitos à administração pública, baseados na Lei de Acesso à Informação (LAI)⁶⁸. A MP 928/2020 perdeu a validade em julho de 2020 (SENADO, 2020).

Suas discussões com a imprensa, principalmente com veículos e jornalistas das organizações Globo e da Folha de São Paulo, se tornaram frequentes e reiteram essa postura, às vezes de embate, em permanente estado de caos, insegurança, em que o chefe precisa “[...] manter as tropas na linha” (LALOUX, 2017, p. 35). Para Weber (2020), o discurso dos governos democráticos deve privilegiar o interesse público, sobrepondo-se a interesses privados. Segundo a pesquisadora, ao desprezar a imprensa, Bolsonaro despreza também a democracia. A partir de “uma mal disfarçada pretensão autoritária” (CASTRO ROCHA, 2021, p. 22), parece alimentar uma guerra cultural antidemocrática, em que não há espaço para a comunicação pública.

Notamos ainda que, em 18 de março, o Palácio do Planalto promoveu uma coletiva de imprensa⁶⁹ com a presença de Bolsonaro e de outros ministros (GOV.BR), em que foram anunciadas mais medidas econômicas relacionadas ao enfrentamento à Covid-19, como a liberação de 84 bilhões para a população vulnerável, a antecipação de parcelas do 13º salário, reforços no Programa Bolsa-Família, redução das alíquotas em produtos médicos, desoneração temporária

⁶⁸ Em vigor desde 2012, a LAI regulamenta o direito de qualquer pessoa física ou jurídica (mesmo sem apresentação de motivo) pedir e receber informações de toda a administração pública, direta e indireta, em nível federal, estadual e municipal.

⁶⁹ Importante referirmos que, até o dia 30 de março de 2020, o Ministério da Saúde realizava diariamente, às 17h, coletiva de imprensa para a atualização de boletins epidemiológicos de casos suspeitos e casos confirmados.

de IPI, entre outras. Durante a coletiva referida, algumas declarações de Bolsonaro chamam a atenção:

*Eu, como chefe do Executivo, o líder maior da nação brasileira, tenho que estar na frente, **junto com o meu povo**. Não se surpreenda se você me ver, nos próximos dias, entrando no metrô lotado, em São Paulo, entrando numa barcaça, na travessia Rio-Niterói, em horário de pico, ou dentro de um ônibus em Belo Horizonte. Isso, **longe de demagogia ou populismo**. É uma demonstração que eu estou **ao lado do povo na alegria e na tristeza, para comemorar alguma coisa ou para chorar outra**. É o exemplo que eu sempre dei, na minha vida, enquanto soldado do Exército Brasileiro. Inclusive eu cheguei aqui era por volta de meio dia, já comprovadamente que eu não tinha problemas e tudo correu na normalidade. Acabou de sair um segundo exame nosso aqui, sem problemas também. **É um risco que o chefe de Estado deve correr, assim como vocês correm quando estão na linha de frente, numa guerra real, fazendo sua cobertura**. Tenho muito orgulho disso (GOV.BR, 2020, grifos nossos).*

A partir do referido discurso, indo ao encontro da postagem publicada no Twitter no dia anterior a coletiva – 17 de março - e apontada na Figura 23, são retomadas as palavras *união, superação dos desafios*, além de uma ideia de heroísmo, de guerreiro que não foge à luta e que fará tudo por seu povo.

A suposta tentativa de homicídio sofrida por Bolsonaro enquanto candidato à presidência em 2018 provocou um acentuado léxico político-religioso (ALMEIDA, 2018) que até hoje repercute em seus discursos, e no de seus aliados⁷⁰, criando uma narrativa de novela (CIOCCARI, 2018), em que o protagonista sofre um atentado, fica entre a vida e a morte gerando expectativa nos eleitores (espectadores), sobrevive, mas, frágil, ainda lida com os sonhos (da presidência) e medos de quem sofreu. É eleito pela população, passa por diversas cirurgias, mas cumpre sua missão de liderar o país com coragem e perseverança.

Esse contexto pode ser ligado também a um discurso de político salvador, o sujeito que estenderia as possibilidades para supostas reversões idílicas de uma realidade desfavorável (NERVO, 2012, p. 27). Carlyle (1930)⁷¹ propôs uma vertente

⁷⁰ Onyx Lorenzoni, em discurso na Expointer em setembro de 2021, ao lado de Bolsonaro, do vice-governador do RS, Ranolfo Vieira Junior, da ministra da Agricultura, Tereza Cristina, e outras autoridades, declarou que o capitão havia colocado sua vida em risco em defesa dos brasileiros, e era a esperança para o povo.

⁷¹ A obra *Os heróis, ou, O culto dos heróis*, do historiador escocês Thomas Carlye, foi uma sugestão da banca de qualificação, por tratar a figura de alguns grandes homens como raros de se encontrar e de reconhecer. Alguns indivíduos especiais, dizia o autor, teriam a capacidade de aprender e agir sós no mundo, em um heroísmo que se caracterizaria por uma relação divina. A presença desse herói poderia revolucionar a mentalidade e aprimorar a condição moral das sociedades.

de apologia a esse heroísmo, que remetia aos critérios de divinização e veneração. A contemplação do resgate das vidas meritórias, e de suas correspondentes façanhas, consistiria no elemento maior para a gratificação de uma sociedade em seu curso evolutivo. Dos exemplos de personagens, cujas reconstruções biográficas apontam para o êxito em suas respectivas missões de vida, derivam traços interpretados como de indubitável caráter exemplar, em que, além de mais capaz, o escolhido seria também o mais verdadeiro, bondoso, justo e nobre. O que ele nos mandaria fazer seria o correto e apropriado, e não poderíamos duvidar nunca de sua justeza (CARLYLE, 1930, p. 240).

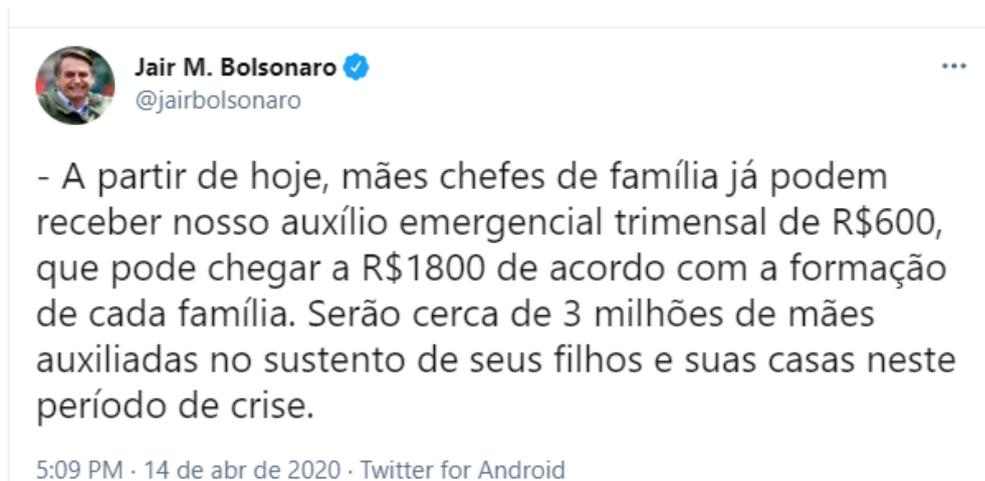
Notamos ainda, na referida categoria, publicações em que se repetem expressões como *antecipação*, *redução de juros* e *vulnerável*; são ressaltados os valores de investimentos, e feitas referências a programas sociais já consolidados, como o Bolsa-Família, parcerias entre os setores público e privado, e entre os governos (federal, estadual e municipal), atestando o confronto entre o simbólico e o político (ORLANDI, 2015) posto nas relações de poder. Tuítes sobre ações da área econômica do governo no enfrentamento à doença são registrados também no período correspondente à saída de Mandetta, entre 13 e 19 de abril de 2020 (Figura 26 e 27).

Figura 26 – Postagens relacionadas a serviços do governo durante a pandemia, como regularização e liberação de novos CPFs, benefício emergencial, entre outros.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Figura 27 – Auxílio Emergencial para mulheres chefes de família.

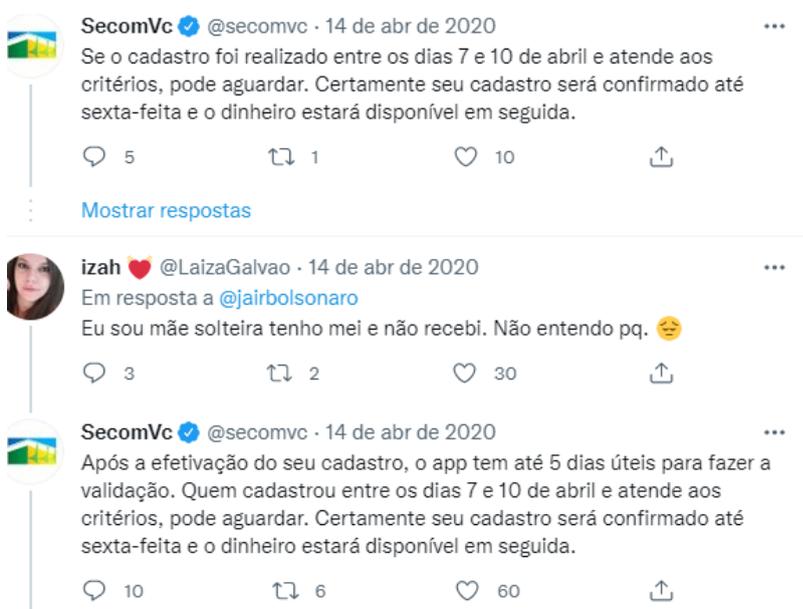


Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Após o *post* referido na Figura 27, seguidores do presidente registraram questionamentos sobre o funcionamento do benefício, como seria normal em se tratando de uma informação pública de extrema relevância. Nos chamou a atenção nesse caso que coube ao perfil da Secretaria de Comunicação do governo federal (Figura 28), e não ao perfil de Bolsonaro, responder aos questionamentos. Não há impedimento jurídico para uma prática como essa, de um perfil de uma Secretaria, órgão oficial, responder a um questionamento feito no perfil pessoal do Presidente da República. O que a Constituição não permite é que as redes institucionais veiculem conteúdo de mera promoção pessoal dos gestores, como ocorreu com a Secom, notificada em agosto de 2021 pelo Tribunal de Contas da União (TCU), em decisão unânime, por promoção pessoal de Bolsonaro e do ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas.

Segundo Matos (2021), os conceitos de comunicação pública, governamental e política se confundem em situações como essas – a comunicação pública na luta por estabelecer um saber para o bem comum, ao passo que a comunicação política busca realizar esse fazer. A comunicação governamental pode apresentar traços de ambas, mas pode também se apresentar como espaço de propaganda partidária ou eleitoral, no embate por um programa democrático e/ou originado até mesmo de uma personalidade demagógica e autoritária, por exemplo.

Figura 28 – Secom responde a questionamentos de seguidores de Bolsonaro sobre o Auxílio Emergencial para mães chefes de família.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Reiteramos que, na análise discursiva, nos propomos a entender o enunciado na sua singularidade, nas suas condições de existência, limites, e nas relações com outros discursos, pois eles estão abertos a repetições, a transformações e a reativações, ou seja, relacionam-se aos enunciados que os precedem e aos que os seguem (FOUCAULT, 2017). Para Pêcheux (1999), a memória não está num repositório homogeneizado e há deslocamentos, contradiscursos e conflitos. Ela pode apresentar-se a partir de pistas ou de posicionamentos, imagens, metáforas, estilos, temas, entre outros elementos escolhidos pelos sujeitos dos discursos, inseridos num determinado tempo-espaço. A saída do primeiro ministro da Saúde do governo é um exemplo. Ele deixou o cargo em 16 de abril de 2020, mas já circulavam na imprensa especulações sobre sua possível demissão (Figura 29).

Figura 29 – Matéria no *El País* sobre a “fritura” de Mandetta no Ministério da Saúde.

The image shows a screenshot of a news article from the website 'EL PAÍS'. The page has a blue header with the 'EL PAÍS' logo on the left, 'Brasil' in the center, and 'ASSINE' and 'FAÇA LOGIN' buttons on the right. Below the header, there is a sub-header 'PANDEMIA DE CORONAVÍRUS >'. The main headline is in large, bold black text: 'Mandetta eleva críticas a Bolsonaro e adverte sobre troca na Saúde: “O vírus se impõe, não negocia com ninguém”'. Below the headline is a short summary: 'Novela da demissão se alonga porque presidente não escolheu substituto. Após coletiva desafiante, ministro fala à 'Veja' e diz que saída é irreversível'. At the bottom of the article preview is a wide blue banner with a faint pattern of the Brazilian flag and the coat of arms.

Fonte: *El País* (2020).

Dias antes, em 9 de abril, a CNN Brasil teve acesso a uma conversa⁷² entre o ministro da Cidadania na ocasião, Onyx Lorenzoni, e o deputado federal Osmar Terra, em que ambos defendiam uma mudança na política de enfrentamento ao coronavírus pelo Ministério da Saúde, faziam projeções sobre número de mortos no Brasil, estimando entre 3 e 4 mil óbitos, criticavam o ministro e discutiam sobre quem poderia

⁷² O canal de televisão reproduz na íntegra a conversa (CNN, 2020).

assumir o posto em substituição. No final de semana anterior a saída, o médico acompanhou Bolsonaro em visita à obra de um hospital de campanha construído em Águas Lindas, em Goiás, em que estava presente também o governador daquele Estado, Ronaldo Caiado (CNN, 2020)⁷³. Em 16 de abril, Mandetta anunciou a demissão pelo Twitter (Figura 30).

Em livro publicado após sua saída, descreve em detalhes como aconteceu o fato e comenta que a mensagem foi elaborada por ele antes de entrar na reunião com Bolsonaro.

Na quinta-feira, dia 16 de abril, eu estava fazendo uma live com um banco quando o meu chefe de gabinete se sentou ao meu lado e falou baixinho: “Presidência, dezesseis horas”. Eram umas três da tarde. Encerrei a live e me ligaram da presidência reforçando: reunião às dezesseis horas com o presidente. Logicamente o assunto só poderia ser a comunicação da minha exoneração. **Fui para o Palácio do Planalto com a Gabriella Rocha Nassar, minha assessora parlamentar, e deixei com ela meu celular, a senha da conta no Twitter e uma mensagem pronta comentando a demissão. Assim que eu saísse da sala confirmando o fato, ela poderia publicar a mensagem (grifos nossos)**. Entrei no gabinete do presidente e, cordialmente, o cumprimentei. Foi uma conversa rápida. Bolsonaro disse que gostava muito de mim, mas que, infelizmente, ele teria que fazer a troca. Disse entender meu lado, mas que eu tinha que entender o dele, que estava preocupado com a economia. Respondi que tudo bem. “O senhor me nomeou por prerrogativa sua. O senhor me exonera por prerrogativa sua também. Está tudo certo. Bolsonaro disse então que, se eu quisesse, ele poderia dizer que a demissão havia sido um pedido meu. “Não senhor, eu falei que médico não abandona paciente. O senhor exerça seu papel de me demitir e tudo bem. Deixo só uns conselhos, se o senhor permitir. Cuidado com o Rio de Janeiro, sua cidade. Cuidado com as compras de equipamentos, cuidado com a China, o senhor precisa recompor a relação com eles. Isso não é uma gripezinha. Não diminua a importância dessa pandemia. Esse é um acontecimento que vai marcar uma era. Como foi a Segunda Guerra Mundial, a quebra da Bolsa de Nova York. Esse período vai ser destaque dos livros de história e cada um de nós será retratado pelo papel que desempenhou nesta crise. Cuide do seu governo e da sua biografia.” Agradei ao presidente e ao general Heleno e saí. **Cumprimentei todo mundo e falei para a Gabriela: “Pode tuitar”** (MANDETTA, 2020, p. 206-207, grifos nossos).

⁷³ Ao chegar à inauguração do hospital de campanha em Goiás, em 11 de abril, Bolsonaro, que estava sem máscara de proteção, se aproximou e cumprimentou populares e foi ao encontro de Caiado para abraçá-lo. Caiado pediu então que o presidente passasse álcool em gel nas mãos antes de aceitar a saudação do chefe do Executivo. Há uma foto que mostra a cena. Bolsonaro já aparece de máscara na foto, e Caiado aparece colocando álcool em gel em suas mãos.

Figura 30 – Dois *posts* em sequência de quando Mandetta anuncia sua demissão do Ministério da Saúde.



Fonte: Twitter Henrique Mandetta (2020).

Mandetta foi substituído por outro médico, o oncologista Nelson Teich, que ficou menos de um mês à frente da pasta. Na manhã da saída de Teich do governo, em 15 de maio de 2020, há publicações no Twitter do mandatário brasileiro relacionadas a medidas de enfrentamento à pandemia na área econômica, como a foto de uma reunião virtual realizada em companhia do ministro da Economia, Paulo Guedes, com empresários brasileiros (Figura 31). No texto da publicação, utiliza-se das expressões *preocupante, economia devastada, saúde e comida na mesa andam juntos*, dando ênfase a sua “preocupação” com a estabilidade econômica e o desemprego, este último resultado das medidas restritivas “impostas” por prefeitos e governadores. Na referida reunião com o empresariado, Bolsonaro declarou que “exigiria” que a cloroquina fosse administrada para pacientes desde os primeiros sintomas (CORREIO BRAZILIENSE, 2020), contrariando declarações anteriores do ministro da Saúde.

Segundo reportagem do *Correio Braziliense*, Bolsonaro teria dito na reunião: *Estou exigindo a questão da cloroquina agora também. Se o Conselho Federal de*

Medicina decidiu que pode usar cloroquina desde os primeiros sintomas, por que o governo federal, via ministro da Saúde, vai dizer que é só em caso grave? No Twitter o presidente não chegou a mencionar o medicamento, somente declarou que o momento era preocupante, que a economia estava devastada e que eram necessárias ações para que a economia não fosse mais prejudicada. O post da reunião foi publicado às 12h55min (Figura 31).

Figura 31 – Postagem de reunião com empresários sobre o desemprego no País.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020)

Praticamente ao mesmo tempo em que o Ministério da Saúde publicou uma nota a saída de Teich, tema que será detalhado em nossa análise na categoria Ações pró e contra Covid-19. Em depoimento à CPI da Covid-19 um ano após sua saída, Teich admitiu que a insistência pelo uso da cloroquina e da hidroxiclороquina foi determinante para a decisão de deixar o Ministério. Em nosso trabalho, analisamos as postagens relacionadas aos medicamentos também na próxima categoria.

Ao finalizar as análises na subcategoria Auxílios e Benefícios, destacamos contradições encontradas nos *posts*, entre **ditos** que se esperam de uma liderança em momentos de instabilidade, e de **não ditos**, que, como representante dos desejos coletivos (BOURDIEU, 2012), tornam presente este outro, que são muitos e não estão lá (WEBER, 2009). A solidariedade como prática de assumir temporariamente o lugar do outro, buscando entender suas demandas, interesses e sentimentos (MARQUES, MAFRA E MARTINO, 2017) é manifestada somente quatro dias após o primeiro óbito registrado por Covid-19: *De todo modo, às famílias que hoje sofrem a perda de seus entes por conta dessa epidemia, a minha solidariedade – e é a única manifestação em que o termo é utilizado nesse sentido*⁷⁴.

Bolsonaro posta palavras como **Alinhamento**, **Troca de ideias** e de **experiências**, ao citar reuniões com prefeitos de capitais brasileiras, mas utiliza expressões como **Trabalho**, **Emprego** ou **Desemprego** mais de seis vezes, em um contexto de crítica ao isolamento social imposto pelos gestores municipais e estaduais.

Constatamos a utilização, pela primeira vez, da palavra **Crise**: *Instituímos também, após reunião ministerial realizada na tarde de hoje, um gabinete de crise* (Figura 20). Bolsonaro volta a utilizar a palavra em outra postagem (Figura 27), quando se refere a uma ação do governo – o Auxílio Emergencial para mães chefes de família, *concedido para auxiliar no sustento de seus filhos e suas casas neste período de crise*.

Em razão do interesse pelo tema da gestão de crises, que nos acompanha em nossa trajetória acadêmica e profissional, em especial nos últimos dois anos como profissional de comunicação no Governo do Estado do Rio Grande do Sul, optamos por tecer breves comentários a respeito do papel de líderes à frente de uma crise. Transparência, clareza, precisão, objetividade e agilidade na comunicação são os fundamentos da gestão de crises (CURADO, 2020). Esperar que uma situação grave se resolva naturalmente pode ser considerado como uma irresponsabilidade e, no caso de uma pandemia, como a que vivemos, seria também um crime. Em relação aos líderes, a sensação de vulnerabilidade comum nessas situações não pode ser potencializada pelo comportamento tíbio, obscuro e impreciso – os líderes devem

⁷⁴ Reiteramos aqui uma exigência para se conceber a comunicação pública a partir dos conceitos presentes em Habermas (2003), de compreensão dos espaços públicos e privados, e na noção do Estado como promotor do bem comum.

orientar os processos que comandam para a saída. Outro importante ponto relacionado à liderança é uma comunicação clara, concreta, precisa.

Ainda na subcategoria Auxílios e Benefícios, há menções relacionadas à **Saúde**, citada mais de seis vezes em uma paráfrase que retoma sentidos históricos (pré-construídos): *Peço a todos que sigam as recomendações de saúde com muita serenidade* (Figura 24). A utilização da palavra serenidade provoca no leitor **efeitos de sentido** contraditórios. O que o presidente quer dizer com serenidade? Calma? Tranquilidade? Milhares de pessoas estão morrendo no País, e não há uma política alinhada de ações. Ainda, enquanto gestor, ele não utiliza máscaras de proteção, e, segundo levantamento do jornal *O Estado de São Paulo*, em 7 de cada 10 eventos oficiais realizados no período de 10 de março de 2020 a 31 de maio de 2021 (ESTADÃO, 2021), o presidente estava sem máscara, ato que se tornou comum e rotineiro para Bolsonaro. Refletimos sobre esse fato a partir de Weber (2009), para quem a representação política também se dá pelas relações, das representações sociais e dos exemplos.

Outra utilização da palavra saúde (Figura 26): *Saúde e Emprego caminham juntos*, escrito em caixa-alta, uma **marca da linguagem** de Bolsonaro presente também em outras formações discursivas. *Uma economia devastada afetará diretamente na saúde; Neste momento, o Governo investe duas vezes mais em saúde que a maioria dos países emergentes* (Figura 31), uma **polissemia** de discursos que provocam efeitos de sentidos contraditórios na população, no caso, os “principais afetados” pela situação.

As **paráfrases** estão presentes também nas ressignificações para expressões como **Combate** (Figura 20): *Visando combater os impactos causados pelo novo coronavírus; Desenvolver mais ações de combate ao vírus; Luta/Lutando* (Figuras 23 e 24): *Estamos lutando e faremos o que for necessário*; e **Batalha** (Figura 24): *Tenho certeza que venceremos esta batalha brevemente*. Essas paráfrases provocam **efeitos de sentidos** relacionados à segurança de que o gestor à frente da situação estaria realmente preocupado com a pandemia, e nós, povo brasileiro, poderíamos ficar tranquilos, porque todo o possível seria feito.

Como um militar que esteve no exército durante 10 anos, chegou ao posto de capitão, mantém militares da ativa e da reserva no primeiro escalão do governo e em outros discursos proferidos, apontou as Forças Armadas como defensoras da

soberania, do território nacional e das instituições democráticas (ARAÚJO, 2019), há uma relação inconsciente de que a pandemia era gerida pelo exército. No caso dos discursos de Bolsonaro, de modo generalizado, observamos a construção de um tipo de *ethos*, bastante explorado por políticos populistas (WEBER, 2020; LACLAU, 2013), que consiste em, discursivamente, criar uma imagem de si que se associe e, mais do que isso, que se confunda, com a de um líder predestinado, um messias, aquele que combate heroicamente (CARLYE, 1930) todas as mazelas de que sofre o povo. O substantivo é utilizado em duas **formações discursivas**, acompanhadas do pronome possessivo *nosso*: *Proteger nosso povo; Nenhum vírus é maior do que o nosso povo* (Figura 23).

Bolsonaro também insere esse objeto do discurso no âmbito das lutas que deve empreender para garantir o bem-estar social. Fundamentando-se na associação metafórica recorrente nos discursos políticos, “política é guerra”, a doença e o vírus que a causa passam a ser concebidos como “inimigos”. Assim, o espaço público se converte em arena de batalha e compete ao presidente lutar, discursivamente, contra eles.

Assim como na saída de Mandetta, não encontramos, na referida rede social, declarações de Bolsonaro sobre a exoneração de Teich. Nos dois momentos, porém, se assemelham tuítes com discursos **polissêmicos**, referindo auxílios para a população de baixa renda, como o Bolsa-Família e o Auxílio Emergencial, citado mais de oito vezes no *corpus*.

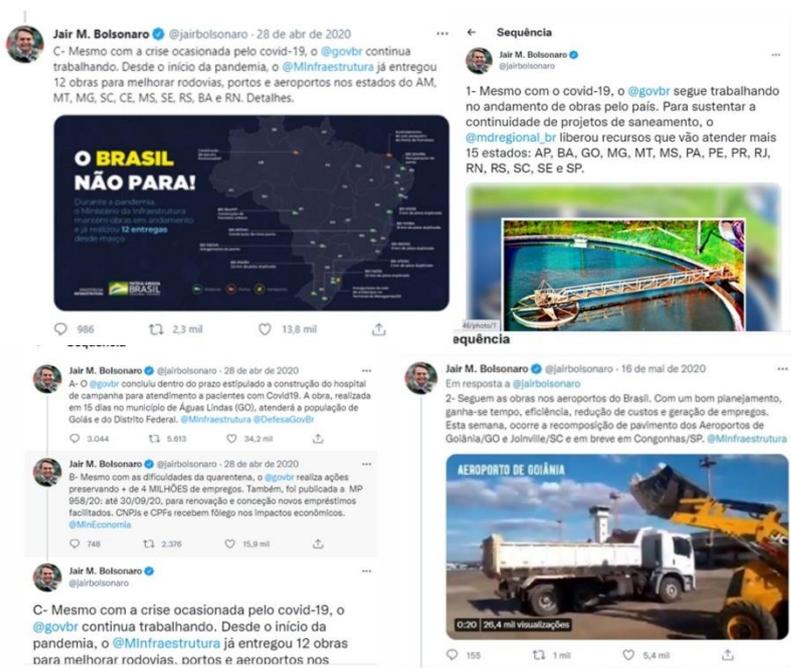
Há um **não dito** em relação ao primeiro óbito e em relação a Teich, e um **silenciamento** sobre os números relacionados à Covid-19. Bolsonaro não cita números – nem de casos, nem de óbitos. Sobre a saída de Mandetta, aborda o fato em sua *live* semanal e trata a decisão como *divórcio consensual*, outro **não dito**, se analisarmos as divergências entre ambos, expostas pelos veículos de comunicação e posteriormente publicadas por Mandetta em livro, e a insatisfação do presidente em relação à conduta do ministro e sua equipe. No dia da demissão, o Brasil já contabilizava 1.924 mortes por Covid-19 (O GLOBO), mas esses números pareciam não assustar. A preocupação era divulgar feitos do governo (**paráfrase**) como na subcategoria Obras e Entregas e manter a economia em pleno vapor (**polissemia**), contribuindo na construção de **efeitos de sentidos** de que o País seguia seu curso normal de desenvolvimento. Em complemento, o ex-ministro da Saúde ostentava, à

época, alta popularidade, e pesquisas apontavam que a população concordava com suas medidas. Bolsonaro, ao contrário, acompanhava a queda da popularidade do seu governo, avaliado na ocasião como ruim ou péssimo por 43% dos entrevistados (EL PAÍS, 2020).

5.1.2 Obras e Entregas

Na categoria Obras e Entregas, predominam publicações de ações executadas pelo Ministério da Infraestrutura, liderado por Tarcísio Gomes de Freitas, capitão do exército, e o “melhor ministro” de Jair Bolsonaro, com perfil reservado, técnico e tocador de obras (VEJA, 2021), como as referidas na Figura 32. Nas manifestações do presidente no Twitter durante o período, Freitas foi citado nove vezes, e seu ministério ou órgãos vinculados à pasta foram marcados 15 vezes. Registramos também um vídeo de Freitas (Figura 33) e uma foto em um card (Figura 34).

Figura 32 – Publicações relacionadas a obras em estradas e aeroportos pelo país.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Figura 33 – Vídeo do ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, sobre conclusão de obras inacabadas de outros governos.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Ao postar o vídeo referido no post acima (Figura 33), Bolsonaro comenta que o governo federal estaria mais preocupado com a conclusão de obras inacabadas de outros governos, e não com a realização de novas, criando uma **polissemia** que podemos considerar como um **interdiscurso** que causaria um **efeito de sentido** político: *Eu, diferentemente de outros presidentes que já ocuparam este cargo, priorizo a finalização de obras de outros governos. Sou diferente.* Em outubro de 2020, ele assumiu publicamente, em inauguração no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, as ações: “Estou concluindo obras dos outros. É muito mais barato, até porque a gente não tem dinheiro para começar uma obra nova. Você não gostaria de asfaltar uma rodovia de 2 mil km?” (UOL, 2020).

Até a semana que se inicia em 25 de abril de 2020, eram raras as postagens de *cards* sobre ações do governo na referida rede social. Predominavam sempre formações discursivas compostas de textos ou imagens das obras em andamento. No

dia 25 de abril, por exemplo, atentamos para a publicação em sequência de cinco⁷⁵ peças publicitárias, e os *posts* iniciam com a frase *O trabalho do @govbr continua* (Figura 34). Nos *cards*, além da foto de Freitas, há uma imagem do então ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo, que deixou o governo em março de 2021, e do próprio Bolsonaro, **objetos simbólicos** que produzem sentidos de exaltação de um governo que *faz, entrega*, com ministros e um presidente *que olham para o futuro (ideologia)*.

Figura 34 – Publicações com sequência de *cards* sobre entregas do governo, ressaltando o trabalho de alguns ministros.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Neste mesmo dia, o site *The Intercept Brasil* publica matéria com o título *Pica do tamanho de um cometa*, em que apresenta investigações do Ministério Público do Rio de Janeiro contra Flavio Bolsonaro, que teria financiado e lucrado com a construção ilegal de prédios erguidos pela milícia no Rio de Janeiro, utilizando

⁷⁵ Trouxemos apenas três imagens no intuito de apresentar o material com qualidade de resolução.

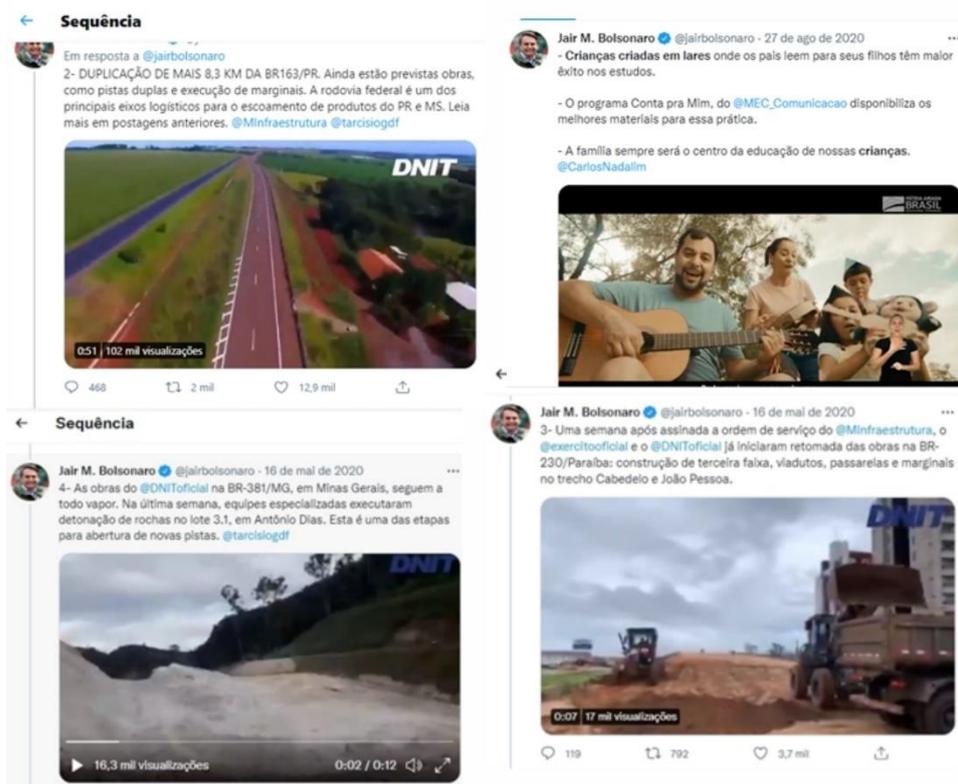
dinheiro público, por meio de suposto esquema de “rachadinha” (entrega de parte do salário, pelos assessores, ao parlamentar ou algum aliado). Os fatos teriam ocorrido enquanto ele era deputado estadual naquele estado. São apresentados na reportagem documentos e dados (THE INTERCEPT, 2020) sobre as investigações, as quais o veículo de comunicação teve acesso exclusivo. Em novembro do mesmo ano, o filho primogênito foi denunciado por organização criminosa, junto a Fabrício Queiroz, que atuava em seu gabinete à época.

As denúncias tiveram ampla repercussão nos veículos de comunicação e nas redes sociais, mas não encontramos nada sobre o fato no Twitter do presidente durante esse período, um **não dito** que se torna um **silenciamento**, indicando que o sentido pode ser sempre outro e fazendo com que “o dizer signifique” (ORLANDI, 2009, p. 83).

Trazendo o contexto sócio-histórico, após essas denúncias, Bolsonaro se afastou de alguns grupos radicais “em prol menos da governabilidade do que da blindagem de Flávio Bolsonaro, aproximando-se do abjurado Centrão” (CASTRO ROCHA, 2021, p. 389). Outra estratégia foi a indicação, para o Supremo Tribunal Federal, de Kassio Nunes Marques, “alinhado com os anseios do Congresso, sobretudo no que refere ao esvaziamento acelerado da Operação Lava Jato” (CASTRO ROCHA, 2021, p. 389).

Outros *cards* com obras e entregas do governo são registrados até 31 de agosto de 2020. Ao divulgar um programa de incentivo à leitura promovido pelo Ministério da Educação, comenta que *crianças criadas em lares onde os pais leem para seus filhos têm maior êxito nos estudos*; e que *a família sempre será o centro da educação de nossas crianças* (Figura 35). O secretário de Alfabetização da pasta, Carlos Nadalim, também é marcado com um @.

Figura 35 – Mais obras e programas sociais do Governo Federal.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Observamos que estiveram à frente da gestão do Ministério da Educação quatro ministros⁷⁶, e Nadalim é um dos poucos gestores do alto escalão que permaneceu no cargo, apesar das mudanças. O secretário é seguidor de Olavo de Carvalho e defende o *homeschooling* – a chamada educação domiciliar, bandeira de campanha de Bolsonaro em 2018. Também é um crítico dos métodos do educador Paulo Freire e ficou conhecido pelo blog *Como Educar seus Filhos*, em que dá dicas de alfabetização em casa. Em junho de 2021, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 3.262/19, que permite a educação domiciliar. A proposta, que ainda precisa seguir para Plenário, modifica o Código Penal que considera a prática como um crime de abandono intelectual por parte da família (CÂMARA, 2021).

⁷⁶ Ricardo Vélez permaneceu no cargo de 1º de janeiro de 2019 até 9 de abril de 2020; Abraham Weintraub, de 9 de abril de 2019 até 19 de junho de 2020; Carlos Decotelli durou apenas cinco dias, e não chegou a tomar posse; Milton Ribeiro, pastor evangélico e ex-reitor da Universidade Mackenzie, assumiu em 16 de julho de 2020 e segue até a data de nossa pesquisa, em 1º de novembro de 2021.

Ao longo da produção e coleta de dados, nos causou estranhamento, enquanto analistas, o fato de encontrarmos dezenas de publicações de feitos do governo, no intuito de mascarar uma realidade posta (**interdiscurso**). Notamos, por exemplo, que algumas publicações começavam com as frases *Mesmo com o Covid* ou *Mesmo com a crise* (Figura 32); *O trabalho do @Govbr continua* (Figura 34); *Mais uma obra e Apesar de* (Figura 36), **paráfrases** que causam um pretense sentimento de normalidade e controle em meio ao caos, em que os **não ditos** relativos à pandemia saltam aos olhos.

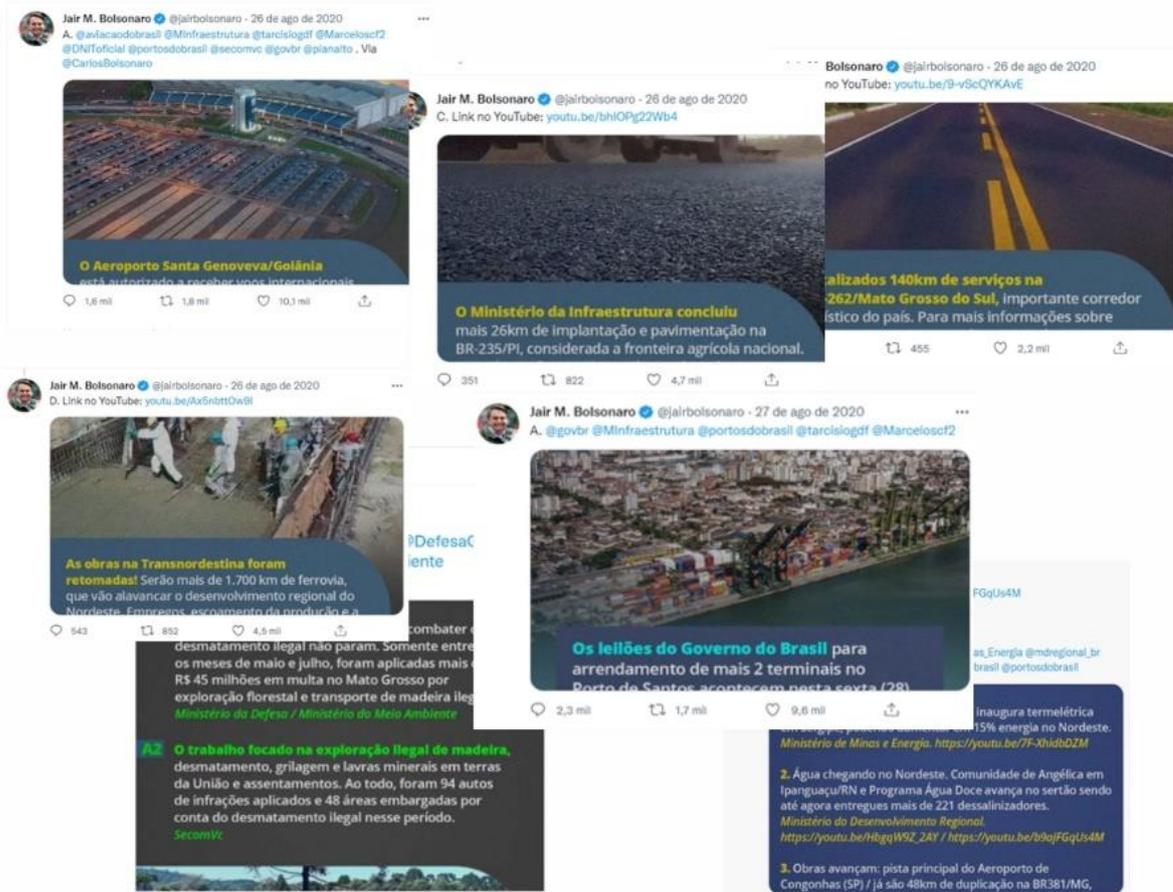
Figura 36 – Mais publicações de obras do governo.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Com os resultados das análises nessa subcategoria, é possível verificar a despreocupação do presidente com a saúde e a segurança de sua população, de seu povo. Ao contrário, mantinha uma agenda de entregas de aeroportos, estradas, programas sociais, afinal o Brasil não poderia parar (interdiscurso). (Figura 37).

Figura 37 – Cards em sequência com entregas do Governo Federal.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Segundo Weber (2020), a explicação poderia estar no fato de que a pandemia acirrou o desequilíbrio político e discursivo do governo, e do próprio Bolsonaro, que sempre se mostrou coerente com seus discursos, e com a manutenção dos seus inimigos – a esquerda, o Partido dos Trabalhadores e até mesmo os direitos humanos, “piores do que o vírus” (WEBER, 2020). Para a pesquisadora, ele acredita no que diz, e consegue passar esse sentimento a seus eleitores, o que permite, inclusive, **efeitos de sentido** de sarcasmo, revolta contra a ciência e contra governadores, prefeitos e jornalistas que defendiam que o país precisava parar, minimizando os efeitos do coronavírus.

Na próxima subcategoria, Relações Externas, apontamos também publicações de bandeiras defendidas por Bolsonaro ainda durante a campanha presidencial, como o porte de armas no País e flexibilizações com esse fim, promovidas durante a pandemia.

5.1.3 Relações Externas

Um dia após a saída de Mandetta do Ministério da Saúde, em 17 de abril, Bolsonaro posta no Twitter a revogação de portarias em relação a rastreamento, identificação e marcação de armas, munições e demais produtos controlados (Figura 38), aproximando-se de seu público (VISCARDI, 2020) e de um discurso que foi prioridade de campanha, em 2018, de facilitação do acesso a armas de fogo (SENADO, 2021).

As portarias dispunham sobre procedimentos administrativos relativos ao acompanhamento e ao rastreamento de produtos controlados pelo Exército, como dispositivos de segurança, identificação e marcação das armas de fogo fabricadas no País, exportadas ou importadas. Deputados de oposição ao governo declararam, à época, que a medida favorecia a organização do crime organizado, incluindo as milícias (CÂMARA, 2020). Outros, como os deputados integrantes da Bancada da Bala, que, conforme Quadros e Madeira (2018, p. 505), têm entre seus adeptos policiais e militares que se convertem em deputados, “a fim de labutar pela preservação de valores/interesses comuns, freando pautas ordinariamente suscitadas por grupos de direitos humanos (e progressistas de um modo geral)”, devem ter ficado satisfeitos. No intuito de aproximar-se do seu público, observamos novamente as **marcas da linguagem** em caixa-alta, *Atiradores e Colecionadores*, o que, para Orlandi, provoca um efeito no interlocutor/seguuidor (ORLANDI, 2009). (Figura 38).

Figura 38 – Publicações com bandeiras defendidas por Bolsonaro, relacionadas a porte de armas e medidas que flexibilizam pulverizações em áreas rurais.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Na mesma figura 38, e em complementaridade a outras ações de flexibilização na área ambiental, Bolsonaro comemora a revogação, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, de uma norma que proibia a aplicação de fungicidas e óleo mineral na cultura de bananas. A demanda era oriunda dos próprios produtores rurais, que até então combatiam as pragas com pulverizadores operados manualmente (DEFESA AGROPECUÁRIA SP). Na publicação, aponta que a não aplicação dos fungicidas seria um atraso posto pelo Governo do PT, em 2004, e cita que a ação zela pela *vida dos trabalhadores (polissemia)* e pela manutenção dos *empregos (paráfrase)*, pois ele sim é um presidente que se preocupa em manter empregos – os governos petistas não, estavam mais focados na preservação do meio ambiente (*interdiscurso*).

Ainda encontramos, nessa subcategoria, postagens sobre as relações do Governo com outros países, como manifestações de aproximação comercial com os Estados Unidos ou apoio à Guatemala no combate a incêndios florestais e restrições ao ingresso de venezuelanos no Brasil, *devido a incapacidade do regime ditatorial de responder à epidemia (paráfrase)*. A fronteira seria fechada, então, para *garantir a segurança do nosso povo (polissemia)* (Figura 39).

Figura 39 – Publicações que ressaltam as relações do Brasil com outros países.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Os comentários sobre o governo venezuelano se tornariam desnecessários na medida em que o fechamento de fronteiras ocorria a partir da declaração de emergência emitida pela Organização Mundial da Saúde. No Brasil, especificamente, era uma exigência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Notamos nesse *post* um **interdiscurso**, que parece buscar reforçar discursos de polarização, no sentido de que há um lado bom, e outro ruim, estimulando o conflito e a instabilidade democrática (CASTRO ROCHA, 2021), e/ou a incapacidade de aceitar a diferença, transformando a aversão ao outro em ação política. Uma cultura do ódio que alimenta a desigualdade (RANCIÈRE, 2019), estimulada por líderes políticos que demonstram não compreender a dimensão da cadeira que ocupam e comportam-se como “animadores de auditórios, cujas declarações vivem à busca de inimigos” (CASTRO ROCHA, 2021, p.15). Tuítes como esse de Bolsonaro remetem à **memória discursiva**, em que o leitor pode questionar-se: quem são esses incapazes que não conseguem cuidar de seu próprio país, fazendo com que o Brasil precise fechar suas fronteiras? Também provocam um deslocamento e uma ressignificação de palavras como *ditadura* (vínculo com a esquerda que governa a Venezuela), democracia e opositores, na atualidade.

No *post* sobre o apoio no combate ao incêndio florestal na Guatemala, encontramos declarações fora de contexto, ao referir que ambos os países estariam unidos no combate ao crime e na defesa da *Liberdade*, também em caixa-alta (**marca da linguagem**). Notamos que o atual presidente, Alejandro Giammattei, eleito em 2020, é tido como conservador e tem sido acusado de uma ineficiente gestão da pandemia, além de falta de transparência na compra de vacinas e estímulo a um discurso de ódio e confronto (IHU UNISINOS, 2021). Novamente, a palavra escrita em letra maiúscula retoma uma **paráfrase**. *Liberdade* em que sentido? Todos querem ser livres, mas o que o sujeito está querendo dizer?

No âmbito da comunicação pública, a pandemia, segundo Weber (2020), é o que se denomina acontecimento público, pela sua capacidade de mobilizar as organizações políticas, governamentais e sociais. Porém, a partir do que encontramos até o momento em nossas análises, e dos conceitos de comunicação pública vistos até então, principalmente baseados em Duarte (2011, 2014), Matos (2011, 2012, 2013), Novelli (2006), Weber (2011, 2020), Bueno (2012, 2014, 2015) e Hohlfeldt (2001, 2009, 2010, 2011), o governo federal, capitaneado por Jair Bolsonaro, não está interessado na comunicação e nas relações com a sociedade, ou seja, as condições para uma comunicação pública não existem. Ainda, relacionamos os achados na categoria Agenda/Governo ao **discurso autoritário** proposto por Orlandi (2005), em que o locutor é agente exclusivo, apagando a relação com o interlocutor.

Na próxima categoria, Ações pró e contra Covid-19, há 42 publicações sobre a área da saúde. Foram realizadas ações por parte do Governo, mas sua principal liderança parece ter buscado enfatizar aspectos de uma realidade projetada/simulada em relação a doença e seus desdobramentos no cenário nacional. Os eufemismos desviaram o foco da importância do problema, por meio de analogias, como se o novo coronavírus fosse algo conhecido (“resfriadinho”, “gripezinha”), para o qual já existiam procedimentos médicos de prevenção e tratamento (cloroquina e hidroxicloroquina).

Hunter (1991) referia que, em tempos de estresse social, as comunidades podem chegar a fabricar seus inimigos e ameaças, que servem como uma espécie de projeção da própria “desintegração moral interna” desses grupos (HUNTER, 1991, p. 156). Se ainda há estímulo para a criação desses inimigos, como no caso do Brasil, o trabalho fica facilitado. O fundamento da legitimidade da autoridade desses líderes perante o povo reside no carisma, que, para Weber (2008, p. 55), caminha ao lado da

dimensão afetiva do fenômeno populista, enquanto prática e discurso. Bolsonaro é “carismático, coerente e leal ao seu público”, fator demonstrado em toda sua história política (WEBER, 2020, p. 222). Não seria uma “gripezinha”, como ele referiu no pronunciamento de 24 de março de 2020 em rede nacional, que iria desviá-lo dessa “honrada trajetória” (grifo nosso).

5.2 CATEGORIA AÇÕES PRÓ E CONTRA COVID-19

Em nossas primeiras análises, iniciadas em 16 de março de 2020, predominavam a divulgação de ações com foco na economia e uma narrativa contra governadores e prefeitos que, sem uma articulação nacional, emitiam decretos para o fechamento de estabelecimentos comerciais/escolas e restringiam inclusive a circulação de pessoas em algumas capitais. Em Porto Alegre, por exemplo, decreto publicado pelo prefeito à época, Nelson Marchezan Junior, proibiu a circulação de idosos em parques e praças da cidade, com penalização de multa em caso de descumprimento da medida (POA, 2020).

Passados alguns dias após o primeiro óbito, e com o avanço em ritmo acelerado (SANAR SAÚDE, 2020) do coronavírus, foram realizadas articulações entre os setores público e privados para compra de insumos, máscaras de proteção, testes rápidos, equipamentos de proteção individual (EPIs) para profissionais da saúde, além da fabricação e distribuição de álcool em gel para a higienização das mãos.

Weber considerou o fenômeno como um “paradoxo da visibilidade” (WEBER, 2020, p. 221), ocasionado pelo acontecimento público pandemia, em que grandes empresas investiram milhões, já atentando para o fato de que esse dinheiro poderia ser revertido em imagem pública. A Vale, por exemplo, empresa responsável por duas das maiores tragédias brasileiras⁷⁷, comprou 5 milhões de testes rápidos do exterior e doou para o Ministério da Saúde. Com a ação, foram conquistados espaços de mídia espontânea, principalmente no Jornal Nacional, da Rede Globo, que, como já

⁷⁷ Em 25 de janeiro de 2019, o rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho, Minas Gerais, matou 272 pessoas, e outras 10 continuam desaparecidas. Em 2005, em Mariana, também em Minas, a barragem da Samarco, cujas donas eram a Vale e BHP Billiton, rompeu-se, provocando 19 mortes. Além de destruir casas, o mar de lama devastou o Rio Doce e atingiu o mar no Espírito Santo (G1, 2021).

referimos, publicou semanalmente matérias relatando *cases* de Solidariedade, o nome do quadro.

A primeira publicação nessa categoria data de 18 de março de 2020 (Figura 40) e se refere à coletiva de imprensa realizada por Mandetta, que ainda estava no cargo, sobre testes de vacinas em humanos⁷⁸.

Figura 40 – Post de Jair Bolsonaro referente à entrevista coletiva de Mandetta sobre os primeiros testes de vacina contra a Covid-19.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Necessário referir a importância da mensagem, considerando tratar-se de um “respiro”, uma “esperança” em meio à insegurança e à incerteza. O Brasil já registrava um óbito em 18 de março, e o **efeito de sentido** dessa publicação provoca uma **polissemia**, misturada à **paráfrase**, ao se imaginar quando a vacinação poderia chegar ao Brasil – longos meses se passaram até 17 de janeiro de 2021, data em que a primeira brasileira recebeu a imunização contra a doença - após a aprovação do uso emergencial, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a enfermeira Mônica Calazans, de 54 anos, foi vacinada com a Coronavac, desenvolvida pelo Instituto Butantan, de São Paulo. Desde lá, até 21 de janeiro de 2022, quase 70% da população (GOV.BR, 2021) recebeu o ciclo completo do imunizante.

Atentamos para o fato de que é a única vez, no período que corresponde ao nosso *corpus* de análise, que Bolsonaro fala em vacina ou vacinação. Em setembro de 2020, como apontado no capítulo anterior, a Secom produziu uma peça publicitária com uma frase de Bolsonaro: “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”. Na

peça, sobre uma foto do presidente na rampa do Planalto, há uma frase em destaque: "O governo do Brasil preza pelas liberdades dos brasileiros".

A imagem de Mandetta em uma coletiva (Figura 40) também nos remete ao fato (**paráfrase**) de que, desde os primeiros casos registrados no Brasil, até o dia posterior a sua demissão, 17 de abril, o Ministério organizava encontros diários com a imprensa, sempre às 17 horas, atualizando boletins epidemiológicos de casos suspeitos e casos confirmados. "Passamos a consolidar os números dos estados, e isso passou a ser a matéria-prima das reportagens, sempre veiculadas com tempo generoso" (MANDETTA, 2020 p. 68). Nem sempre o ministro participava dos encontros diários com a imprensa, mas, com o aumento dos casos, a presença precisou ser mais frequente. "Com minha decisão, o presidente passou a ficar incomodado com a cobertura feita pela imprensa das ações do ministério e o protagonismo do seu ministro" (ibidem, p.141).

Também relembremos os alertas emitidos pela equipe do Ministério da Saúde (**memória discursiva**) em relação à importância do isolamento social: "Não tem nenhum avô ou avó que não coloque o neto no colo e beije e abrace, mas é preciso cuidar dos idosos" (GLOBO, 2020) – todos vestindo um colete marrom com SUS escrito em azul.

Durante a gestão de Teich, a divulgação de casos confirmados e óbitos passou a ser feita às 19 horas, seguindo nesse horário até 3 de junho de 2020, na coordenação interina de Eduardo Pazuello. Após essa data, os veículos de comunicação passaram a ter acesso aos dados compilados às 22 horas, comprometendo a divulgação em telejornais e veículos impressos. Em 5 de junho de 2020, o Ministério da Saúde também deixou de publicar, em seu *website*, o total de casos e mortes acumulados desde o começo da pandemia, limitando-se a informar os confirmados nas últimas 24 horas.

De acordo com informações do jornal *O Globo*, o Presidente da República teria determinado o atraso na divulgação do balanço diário. Ao ser questionado sobre o retardamento na divulgação, o chefe do Poder Executivo afirmou: *Acabou matéria do Jornal Nacional* (YOUTUBE, 2020), referindo que o programa, que normalmente começa às 20h30min, não poderia apresentar os dados consolidados em suas edições diárias. Após esse comentário, em entrevista concedida no cercadinho do Palácio do Planalto, Bolsonaro diz que o horário havia sido modificado para que os

dados fossem publicados corretamente, e com os óbitos registrados naquele dia, e não em dias anteriores. Na mesma entrevista, ironiza: *Depois o pessoal assiste no Fantástico os números certinhos*, em referência ao programa veiculado também pela Rede Globo nos domingos à noite.

Em 5 de junho, o site do Ministério da Saúde que atualizava as informações sobre a doença ficou fora do ar⁷⁹. Quando retornou, em 6 de junho de 2020, apresentava apenas os casos registrados no dia, deixando de fora o número total de mortos e contaminados pela doença e o histórico dos dados. Ações como essas provocaram a criação de um consórcio entre os veículos de comunicação, que se organizaram para obter os dados a partir de contato com as secretarias estaduais de saúde, de forma independente, sem aguardar informações do Ministério da Saúde – com esses movimentos há uma perda da figura do líder, neste caso de Bolsonaro, como representante dos interesses coletivos (BOURDIEU, 2012), fato que fortalece a violência simbólica.

Na pandemia de Covid-19, o negacionismo presente nas manifestações do político desde o mês de março de 2020 ganha força pelo seu reconhecimento (poder simbólico) como líder, e suas palavras são capazes de mobilizar e/ou desanimar o grupo. Seus discursos revelam elementos de uma face “negativa” do poder (FOUCAULT, 2002, 2005) personificada na ironia, no deboche, na falta de transparência, no desrespeito às medidas de saúde, no estímulo à polarização e no desrespeito à imprensa e aos adversários. Na política o “líder” representa o outro, torna presente este outro, que são muitos e não estão lá. Mas o veem. “O poder de representar é concedido pelo indivíduo que, assim estabelece uma relação de força inversa” (WEBER, 2009, p. 12).

Durante a pesquisa, tivemos acesso a artigos científicos sobre o termo pós-verdade, quando fatos objetivos são menos influentes para a formação da opinião pública que os apelos à emoção e às crenças pessoais (D’ANCONA, 2018). Nessas reflexões, que normalmente trazem exemplos de ações de líderes como Viktor Orbán (Hungria) e Donald Trump (EUA), parece haver uma mudança no regime de verdade baseado nas instituições (jornalismo, ciência) para outro baseado nas crenças e experiências das pessoas. Fatos postulados, por exemplo, pela ciência e pelo

⁷⁹ Site covid.saude.gov.br. Acesso em jan.2022

jornalismo passam a ser com frequência negados e substituídos por “fatos alternativos”⁸⁰.

Olavo de Carvalho contribuiu para criar, na direita brasileira, uma visão adepta de teorias da conspiração. Por ter escolaridade baixa, apesar de dezenas de obras escritas, explica Ghiraldelli Jr. (2019), o guru de Bolsonaro, seus filhos e seguidores, incluindo jornalistas, vê fatos da história e seus feitos políticos como tramoias preparadas. “O pensamento mágico e infantil de Olavo cai bem com o dos bolsonaristas, mas prejudica demais os jovens conservadores, que passam a segui-lo e, então, desaprendem de pensar corretamente” (GHIRALDELLI JR., 2019, p. 33). Castro Rocha (2021) complementa ao lembrar que, desde meados dos anos 1980, como uma reação à política de distensão implementada pelo general Ernesto Geisel na década anterior (1974-1979) e, na redemocratização, conduzida pelo general João Batista Figueiredo (1979-1985), um movimento subterrâneo de direita foi articulado. A ascensão da direita, aponta o referido autor, se torna incompreensível sem levar em conta sua convicção, não apenas na hegemonia, mas na doutrinação de esquerda, que teria conquistado corações e mentes – teorias baseadas no Orvil⁸¹ –, modelo narrativo adotado pelo bolsonarismo, e por Olavo de Carvalho.

As postagens no referido período destacam a convocação de médicos para atuação emergencial, a compra de máscaras, respiradores e testes rápidos, a abertura de leitos de unidade de terapia intensiva, a produção em massa de álcool em gel, a construção de hospitais de campanha e o apoio do exército na logística de distribuição. Os tuítes apontam **números**: *O @govbr convocou 3.391 médicos; 1.202 municípios de todos os estados e DF receberam reforço; Compra de 3.300*

⁸⁰ Castro Rocha (2021) relembra um caso emblemático que marcou a noção de fatos alternativos, em 22 de janeiro de 2017, logo após a posse de Donald Trump. No fato, o porta-voz do presidente, Sean Spicer, afirmou que o número de pessoas que se deslocou a Washington para a cerimônia era muito maior do que a multidão presente na investidura de Barack Obama, o que logo se comprovou, por meio de fotos, não ser verdade. Kellyanne Conway, assessora de Trump, ao ser questionada sobre a falsidade da informação, propôs dizer que aquela narrativa não era mentira, e sim um fato alternativo. O vídeo pode ser conferido no youtu.be/VSrEEDQgFc8. Acesso em 22 set. 2021.

⁸¹ Projeto ORVIL (anagrama de “livro”, em português). A história se tornou pública desde que o jornalista Lucas Figueiredo, autor de *Olho por olho: os livros secretos da ditadura* (Editora Record, 2011), revelou sua existência em 2007. O documento de pouco menos de mil páginas, cujo nome oficial é *As tentativas de tomada do poder*, circulou entre militares da reserva que haviam integrado a estrutura repressiva da ditadura. Foi a fonte de inspiração para livros escritos por esses militares, como por exemplo *Rompendo o silêncio* (Editora Editorial, 1987), publicado pelo único militar reconhecido pela Justiça brasileira como torturador, Carlos Alberto Brilhante Ustra. Bolsonaro já declarou diversas vezes admirá-lo.

respiradores; **R\$432 milhões** para reforço nas ações; Convocação de mais de **5 mil** médicos (Figura 41).

Figura 41 – Post com ações do governo na área da saúde.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Ações das forças armadas (**paráfrase**) na produção de máscaras, na distribuição de insumos e na montagem de hospitais de campanha ganham espaço novamente, como na categoria anterior, remetendo à lembrança (**memória discursiva**) de uma instituição que protege e está sempre a postos em caso de alguma necessidade – do presidente ou da população: *Nossas forças armadas, sempre lembradas em tempos difíceis, estão à disposição p/ dar todo apoio possível aos Estados e Municípios do país na guerra contra o coronavírus* (Figura 42).

Figura 42 – Entrega de insumos e medicamentos pelas forças armadas para estados e municípios.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Foucault (2008, p. 29) orienta para a inquietação diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares, “desalojando” formas e “forças obscuras” pelas quais se costuma interligar discursos, expulsando-as “da sombra onde reinam”. Visto assim, a memória discursiva nos remete à influência das forças armadas na eleição de Bolsonaro, e o fato ocorrido em 3 de abril de 2018, um dia antes do julgamento do *habeas corpus* do ex-presidente Lula – fato relevante que abriu caminho para sua prisão (em 7 de abril de 2018, após o ex-juiz federal Sergio Moro expedir o

mandado em 5 de abril de 2018, concedendo-lhe o direito de se entregar sem que houvesse a necessidade da Polícia Federal prender Lula). Posteriormente, para a eleição de Bolsonaro como Presidente da República em novembro do mesmo ano. Neste dia (3 de abril de 2018), o comandante do exército General Villas Boas publica em seu Twitter:

Asseguro à nação que o exército brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem, de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à democracia, bem como se mantém atento às suas missões institucionais. Nessa situação que vive o Brasil, resta perguntar às instituições e ao povo quem realmente está pensando no bem do país e das gerações futuras e quem está preocupado apenas com os interesses pessoais (TWITTER, 2018).

A postagem foi lida ao final da edição do Jornal Nacional do referido dia e repercutiu amplamente nos veículos de comunicação. Além de um recado aos ministros do Supremo Tribunal Federal que julgariam o *habeas corpus* no dia posterior, o fato ocorria em meio a uma intervenção federal no Rio de Janeiro, decretada pelo então presidente Michel Temer alguns meses antes, em fevereiro de 2018, por conta da crise na segurança pública. Prevista na Constituição, mas nunca usada anteriormente, a intervenção federal poderia ser utilizada em situações que ameaçavam a integridade do território, na reorganização das finanças de uma unidade da federação ou para repelir uma intervenção estrangeira.

Paralelo a esse acontecimento, um levantamento *on-line* realizado em outubro de 2017 mostrava que 43% das 2.540 pessoas entrevistadas apoiariam uma intervenção militar temporária no Brasil. Entre os homens, 43% seriam a favor de uma intervenção, e 52,6% seriam contra. Entre as mulheres, são 41% a favor e 52% contra, mas com mais proporção entre quem não sabia ou não quis opinar.

Relembramos também a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff no Plenário da Câmara, em 17 de abril de 2016. Em votação aberta e transmitida ao vivo, o então deputado federal Jair Bolsonaro, ao justificar a aceitação do pedido, declara: *Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é*

sim. No livro *Tormenta – O governo Bolsonaro, crises, intrigas e segredos*, a jornalista Thaís Oyama relata o momento em que a presidente ouviu o nome de Ustra — ex-chefe do DOI-Codi na época da ditadura, torturador catalogado e condenado pela Justiça (OYAMA, 2019, p.7-8):

Dilma apertou as mãos nos braços da cadeira e se levantou. Caminhou até um corredor que dava para a saída da sala e parou ao lado de uma estante. Os presentes se entreolharam, ninguém disse nada. Ela estava nitidamente abalada. Conhecera Ustra, embora não tenha sido torturada por ele nem a seu mando. Encontrou-o pela primeira vez quando estava prestes a sair da cadeia. “O Ustra já era o Ustra. Já tinha matado gente. Ele me disse: ‘Se você voltar, você vai morrer com a boca cheia de formiga’. Portanto, eu sei bem quem ele é”, disse Dilma, em entrevista dada dias depois da votação na Câmara.

Uma mensagem violenta que não condiz com o comportamento de um líder, “mas que sintetiza o caráter de Bolsonaro, quanto ao seu entendimento de que a democracia atrapalha o desenvolvimento nacional” (WEBER, 2020, p.219). Dando continuidade à divulgação de ações na área da saúde, o presidente registra mais mensagens em caixa-alta, no intuito de projetar **efeitos de sentidos** de que algo está sendo feito para evitar a disseminação da doença: *O Governo federal intensifica parcerias dentro do país para produção de máscaras no enfrentamento do Covid-19* (Figura 43).

Figura 43 – Mais ações de enfrentamento à pandemia, como produção de máscaras, liberação de leitos de UTI, entre outras.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020)

Registramos também *posts* sobre ações da Polícia Federal e da Controladoria Geral da União *contra estados e municípios* (**paráfrase**) que estariam utilizando recursos enviados pelo governo federal para outros fins que não o combate à pandemia, gerando mais **efeitos de sentido** ligados à corrupção, outra “bandeira” utilizada por Bolsonaro na campanha de 2018 – o combate à corrupção. Uma das postagens, por exemplo, é um *print* de uma manchete, “Compras sem licitação por Covid-19 são investigadas em 11 Estados”, sem a citação de fonte confiável (Figura 44).

Figura 44 – Posts sobre investigações relacionadas a compras sem licitações e outras possíveis irregularidades em estados e municípios.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020)

Em relação ao *print* feito pelo presidente e referido na Figura 44, após pesquisa verificamos se tratar de matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 11 de maio de 2020, informando que, a partir da permissão para que gestores públicos pudessem realizar compras de bens e insumos para o combate a Covid-19 sem licitação, o Ministério Público e a polícia federal poderiam investigar indícios de irregularidades, como preços acima da média praticados por fornecedores ou demora para a entrega de mercadorias. As irregularidades estariam ocorrendo em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Amapá, Paraná, Santa Catarina, Paraíba, Distrito Federal, entre outros.

Santaella (2019) traz para reflexão as ambivalências registradas nas redes digitais, terreno fértil para a proliferação de notícias falsas e/ou falsificadas, que ampliam os riscos da divulgação e do conhecimento científico. No contexto da pandemia, a desinformação se faz presente, tornando difícil diferenciar o trágico

factual do trágico fantasiado (SANTAELLA, 2019). A autora ainda discute sobre as chamadas bolhas digitais, que podem ser pensadas como molduras ideológicas que manipulam o usuário, à medida que o deixam mal informado, sobretudo, a serviço de interesses políticos escusos, “marcando ideologicamente o dizer” (ORLANDI, 2009, p. 38). Para Ghiraldelli Jr. (2019, p. 42), Bolsonaro criou uma bolha para si, com a presença dos filhos, que o apoiam incondicionalmente e “funcionam como um id do pai”. Santos, Pinto e Nidjam (2021) entendem que o presidente age como se estivesse acima do Estado de direito, utilizando a máquina pública “em proveito próprio e de seus próximos” (SANTOS, PINTO, NIDJAM, 2021, p. 86).

Nesse contexto a cloroquina e a hidroxicloroquina ingressaram nos discursos de Bolsonaro⁸² em 21 de março de 2020 (Figura 45), quatro dias após a divulgação do primeiro óbito no Brasil. Na postagem, escreve: *Hospital Albert Einstein e a possível cura dos pacientes com Covid-19*, seguida de um vídeo em que anuncia que o exército brasileiro (**paráfrase**) ampliaria a produção do medicamento. A publicação repercute na imprensa brasileira. Na sequência do vídeo publicado, Bolsonaro posta um *print* de manchete divulgada pelo jornal *Folha de São Paulo* e declara que seu governo *busca soluções para proteger o país, enquanto outros* (**polissemia de discursos**), referindo-se ao jornal, *buscam o caos* (Figura 45).

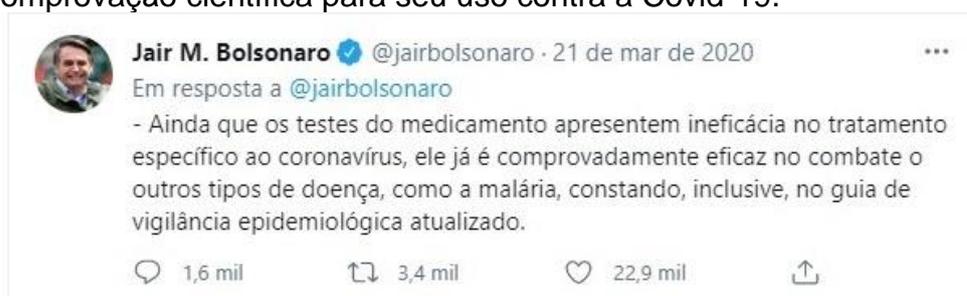
Em continuidade, segue na defesa do medicamento e de sua utilização, argumenta que ainda *não há comprovação de sua eficácia contra a Covid-19*, mas escreve que *a cloroquina é segura por já ser utilizada em doenças como a malária* (Figura 46) (**paráfrase que confunde o leitor**). A **polissemia** de discursos se mostra mais uma vez, quando o presidente fala em *possível cura*, gerando um **efeito de sentido** de esperança e expectativa, aliado à reputação de um hospital de relevância internacional como o Albert Einstein em São Paulo.

Figura 45 – Cloroquina e hidroxicloroquina são pauta de postagens do presidente.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Figura 46 – Post de Bolsonaro defende a cloroquina, mas admite falta de comprovação científica para seu uso contra a Covid-19.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Em continuidade, demonstra sua *preocupação em relação ao avanço do coronavírus* – em 21 de março de 2020, eram 1.178 infectados e 18 mortos (G1, 2020) –, pede *calma para a população*, declara que a situação será enfrentada *com coragem e tranquilidade* e, pela primeira vez em nosso período de análise, utiliza a expressão *pânico* (Figura 47).

Figura 47 – Post em que Bolsonaro afirma que a situação exige seriedade, e será enfrentada com coragem e tranquilidade, sem pânico.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Apoiados no contexto da publicação – em que ele “apresenta” uma possível cura, ancorada por um hospital de referência –, a imprensa o critica ao dizer que, *mesmo sem a eficácia comprovada, o presidente manda o exército produzir mais cloroquina* –, inferimos que a utilização da expressão *pânico* seja uma mensagem aos veículos de comunicação (**polissemia e paráfrase**), que diariamente registram os casos e os óbitos, promovendo ampla cobertura da doença em seus espaços editoriais. Observamos uma característica de Bolsonaro tornada pública pela jornalista Thaís Oyama na obra *Tormenta* (2020, p. 62).

Jair Bolsonaro tem raciocínio binário, dizem conhecidos de longa data. Quem não é seu amigo é seu inimigo. E enquanto os amigos de verdade são poucos, os inimigos estão em toda parte. Desde jovem Bolsonaro mantém hábitos que chamam a atenção de quem convive com ele. No tempo em que era deputado em Brasília, se deixava o carro estacionado na rua por muito tempo, ao voltar se agachava para conferir o chassi do veículo com medo de ser surpreendido por uma bomba. Também receava ser envenenado. Quando chegava ao

apartamento que mantinha no Setor Sudoeste, jamais bebia a água de jarras ou garrafas guardadas na geladeira. Por precaução, preferia matar a sede na torneira.

O cargo de presidente não afastou os seus medos. Eleito, passou a desconfiar de pessoas próximas, como Gustavo Bebianno (OYAMA, 2020), que coordenou sua campanha, foi secretário-geral da presidência e, após 18 dias de governo, foi demitido por atritos com o filho, Carlos Bolsonaro (G1, 2019)⁸³. Bebianno morreu de infarto cerca de um ano após deixar o governo federal, de forma repentina. O empresário Paulo Marinho, que atualmente preside o PSDB no Rio de Janeiro, e que também participou da campanha, declarou à época que a morte havia sido por tristeza e desgosto (JOVEM PAN, 2020). Dias antes do falecimento, o advogado concedeu uma entrevista para o Programa Roda Viva, da TV Cultura⁸⁴, em que falou sobre os posicionamentos de Carlos Bolsonaro e de sua relação com o pai. Em meio a declarações de que iria à Justiça contra o presidente – Bebianno afirmou que o “filho número 2” era instável e que costumava fazer pressão sobre o presidente. O acusou de criar uma Agência Brasileira de Inteligência paralela e de comandar um “gabinete do ódio” no Planalto, onde seriam fabricadas notícias falsas.

Atentamos ainda para a utilização da expressão *demagogia* (Figura 47), que, para Matos (2021, p. 175-180), é uma característica presente “em parte dos políticos brasileiros”, com “tendências autoritárias”, o que interfere na comunicação pública. “O demagogo autoritário geralmente se vende como democrata e patriota. Nesse sentido, ao longo dos anos, a propaganda personalista tem se vendido inadequadamente como comunicação pública” (MATOS, 2021, p. 178).

Em complemento à defesa do medicamento pelo presidente, trazemos a informação de que em 2020 foram vendidos 6,38 milhões de embalagens de cloroquina, 107% a mais do que as vendas do remédio em 2019 (UOL, 2021). Entre março e maio de 2020, ampliou-se a discussão em torno de medicamentos que pudessem curar ou minimizar os efeitos da doença. A cloroquina e a

⁸³ Quando Bolsonaro anunciou Bebianno para o cargo, Carlos, em protesto pela nomeação, deixou de falar com o pai. Bolsonaro ficou “fora de si” com o sumiço do filho. O ex-capitão teme que o filho, usuário de medicamentos para estabilização de humor, “faça uma besteira” (OYAMA, 2020, p. 78).

⁸⁴ Assistimos à entrevista completa, disponível no YouTube do programa. A colunista do UOL, Constança Rezende, que acompanhou o programa, escreveu em sua coluna em 3 de março – um dia após a entrevista – que o advogado parecia temer pela sua vida (UOL, 2020).

hidroxicloroquina⁸⁵ passaram a ser objeto de uma corrida às farmácias. A revista *Veja* analisou 50 discursos proferidos por Bolsonaro ao longo de 80 dias de pandemia, de 12 de março a 30 de maio de 2020. Segundo a publicação, foram transcritas 78 mil palavras, e entre os resultados havia 73 menções relacionadas à cloroquina ou à hidroxicloroquina (VEJA, 2020).

A “campanha” pela cloroquina ganhou adeptos ligados à família do mandatário brasileiro, como o filho, Eduardo Bolsonaro, que compartilhou, da conta do pai, um tuíte de uma pesquisa realizada pelo plano de saúde Prevent Senior, com pacientes utilizando hidroxicloroquina para tratamento da Covid-19. Buscamos o tuíte original na conta do presidente, mas não a encontramos. No material postado por Eduardo, consta que, de um grupo de 636 pacientes acompanhados por médicos da instituição, 224 não fizeram uso da medicação. Desses, 12 foram hospitalizados e cinco faleceram. O estudo foi submetido à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e aprovado, mas o órgão suspendeu a pesquisa por constatar que a investigação começou a ser feita antes da aprovação legal (G1, 2021). Podemos notar no *post* de Eduardo o destaque para a palavra ciência, escrita em maiúscula. Ainda, o deputado federal comenta na publicação: “Um dia ruim para os que torcem pelo vírus” e que a esquerda faria o possível para “derrubar” a “pesquisa séria”⁸⁶.

O segundo ministro da saúde do Governo, Nelson Teich, deixou o cargo devido a divergências com o chefe em razão da cloroquina. Em 11 de maio de 2020, quatro

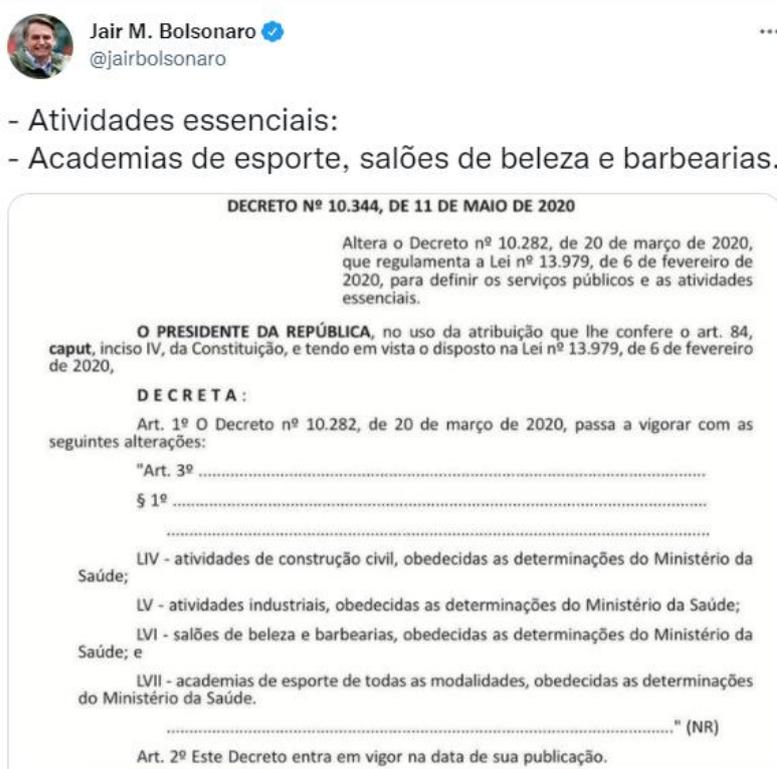
⁸⁵ O tema voltou à pauta durante o depoimento do ex-ministro da Saúde do Governo Bolsonaro, Eduardo Pazuello, à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em 19 de maio de 2021. Na ocasião Pazuello declarou que o Ministério da Saúde publicou uma “nota informativa”, em conformidade com o Conselho Federal de Medicina (CFM), para orientar os médicos sobre o uso do medicamento, e não estimulou sua utilização (SENADO, 2021). Em 20 de maio, um dia após o depoimento de Pazuello, Bolsonaro declarou em uma live que voltou a usar cloroquina após sentir sintomas de Covid-19. “Não vou falar o nome (do remédio) para não cair a live”, disse Bolsonaro durante transmissão na internet. As empresas de tecnologia têm encerrado transmissões que propagam notícias falsas sobre a Covid-19, como promover a suposta eficácia da hidroxicloroquina.

⁸⁶ Observamos que não foi necessário a “esquerda” derrubar a pesquisa. Em 16 de setembro de 2021, tornou-se pública pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) instalada no Senado para avaliar ações do Governo durante a Pandemia a ocultação de mortes de pacientes que participaram do estudo. Em 7 de outubro de 2021, um ex-médico do plano de saúde declarou que a empresa pressionava médicos a receitarem o kit covid, experimentava o uso de medicamentos em pacientes sem autorização e indicava a retirada dos cuidados intensivos a pacientes graves precocemente, encaminhando-os aos cuidados paliativos (EL PAÍS, 2021). No mesmo dia, um beneficiário do Plano contou que foi orientado a usar o kit covid com cloroquina nos primeiros dias de sintomas mesmo sem teste que comprovasse a infecção pelo coronavírus. Foi hospitalizado e intubado, ficou em estado grave e, após um mês de internação na UTI, contou que uma médica telefonou para sua filha informando que ele seria direcionado a um leito para ser submetido a cuidados paliativos. As sessões de hemodiálise e a administração de antibióticos seriam interrompidas, o que não foi autorizado pela família.

dias antes de sua saída, enquanto concedia entrevista coletiva orientando hospitais e postos de saúde a atuarem no tratamento preventivo, evitando, em seu entendimento, a lotação das Unidades de Terapia Intensiva (G1, 2020), foi surpreendido por uma pergunta de um jornalista em relação a uma fala de Bolsonaro instantes antes, em frente ao Palácio do Planalto, relacionada a um decreto que seria publicado naquele dia tornando academias de ginástica, barbearias e salões de beleza como atividades essenciais. O ministro, ao ser questionado pela imprensa se havia participado da decisão, informa que não tinha conhecimento dos fatos e que decisões como essas cabiam ao Presidente da República e ao ministro da Economia, Paulo Guedes⁸⁷.

Às 19h30min, Bolsonaro publica um *print* do decreto (Figura 48), enquanto nos veículos de comunicação as matérias apontavam para o fato de Teich ter sido informado pela imprensa sobre a decisão, que deveria envolver a área da saúde.

Figura 48 – *Post* com *print* do Decreto que tornou academias de ginástica, cabeleireiros, barbearias e salões de beleza atividades essenciais



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

⁸⁷ Ao jornalista que lhe informa sobre o decreto, Teich pergunta: "Isso aí saiu hoje?". E continua: "Não passou [pelo Ministério da Saúde], não é atribuição nossa. Isso é atribuição do Presidente da República" (TV BRASIL, 2020).

No dia posterior, buscando sustentar o cargo, o médico publica uma sequência de orientações sobre a utilização do medicamento para tratamento precoce: O @minsaude em 23.03 informou que a cloroquina pode ser prescrita para pacientes hospitalizados. O @Medicina_CFM, em 23.04, entendeu a excepcionalidade em que vivemos e possibilitou o uso em outras situações. Na sequência: Um alerta importante: a cloroquina é um medicamento com efeitos colaterais. Então, qualquer prescrição deve ser feita com base em avaliação médica. O paciente deve entender os riscos e assinar o “Termo de Consentimento” antes de iniciar o uso da cloroquina (Figura 49).

Figura 49 – Nelson Teich se manifesta sobre a cloroquina em seu Twitter.



Fonte: Twitter Nelson Teich (2020).

Três dias depois, em 15 de maio, em reunião com o ministro Paulo Guedes e empresários, já mostrada na categoria anterior, o presidente desautoriza Teich, ao afirmar que exigiria que o Ministério da Saúde orientasse as instituições de saúde a

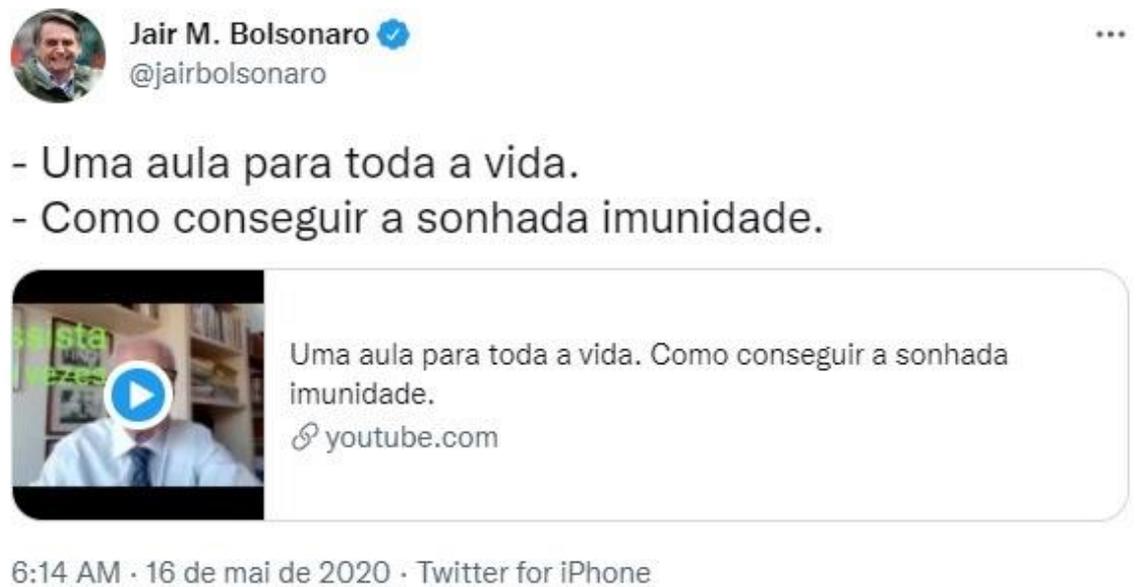
utilizar cloroquina e hidroxicloroquina para tratamento precoce. Por volta das 12 horas, uma nota divulgada pela assessoria de imprensa do Ministério da Saúde informa sobre a saída de Teich (CNN, 2020). Às 15h30min, o médico realiza coletiva de imprensa, agradece à equipe, aos profissionais de saúde e ao presidente: *Eu não aceitei o convite pelo cargo. Eu aceitei porque eu achava que eu podia ajudar o Brasil e ajudar as pessoas (idem).*

Na mesma coletiva de imprensa, o general Eduardo Pazuello, secretário executivo do Ministério, assume de forma interina o cargo. Ele esteve como interino por quatro meses, até 16 de setembro de 2020, quando tomou posse oficialmente, ficando no cargo até 24 de março de 2021. Durante o tempo de Teich na pasta, cargos estratégicos foram assumidos por militares (CNN, 2020).

Exemplos como a decisão de liberar a abertura de salões de beleza e as academias de ginástica sem compartilhar antes a informação com o gestor da área da saúde ou desautorizá-lo em uma reunião com empresários demonstram em Bolsonaro características das **lideranças autocrático-burocráticas** (BERGAMINI, 2009), em que predomina a centralização, são fixadas diretrizes sem participação do grupo, e qualquer questionamento sobre as ordens recebidas é considerado insubordinação. Também, como sugere Orlandi (2005, p. 82), o **discurso autoritário** se apresenta, a polissemia é contida, e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando o contato com qualquer interlocutor. No Twitter, Bolsonaro não comenta a saída de Teich. Não foram encontrados registros de declarações nos veículos de comunicação na data do fato.

Com a certeza das suas convicções, em um desvio da linguagem para refirmar sua “narrativa da verdade” (EMPOLI, 2020, p.18), o presidente posta às 6h14min do sábado, 16 de maio, dia posterior à saída de Teich, vídeo com depoimento de um médico informando que o coronavírus não era agressivo e que para se protegerem da doença as pessoas precisavam fortalecer sua imunidade, com ações como beber água, fazer exercícios físicos, comer frutas e vegetais, tomar banho de sol por pelo menos 15 minutos por dia e fugir do envenenamento mental, isto é, de notícias ruins sobre a doença (Figura 50).

Figura 50 – Vídeo sobre imunidade e coronavírus, em que um médico afirma que a doença não tem elevado poder de agressão.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

As últimas manifestações em relação aos medicamentos registradas em nosso *corpus* datam de 24 de agosto de 2020, quando o Palácio do Planalto promoveu um evento com a presença de médicos que apoiavam a utilização do tratamento precoce. Ao assistirmos à solenidade (TV BRASIL, 2020), vemos discursos emocionados dos profissionais ali presentes, agradecendo o Presidente da República pela oportunidade de participarem de um *momento histórico*, que reuniu profissionais que *ousaram ter lucidez, mesmo sendo humilhados e ridicularizados*. Em sua primeira publicação no Twitter nesse dia, Bolsonaro afirma que a história jamais se lembrará dos fracos, covardes e omissos; e que A demagogia política custou empregos e vida, tornando a não utilização da cloroquina um ato político e não científico – e parabeniza os que estiveram *corajosamente* na linha de frente. Desde o início, nos posicionamos, saúde e emprego caminham juntos (Figura 50). É um jogo entre a **paráfrase** e a **polissemia** tomado de ideologia, que torna os médicos que utilizaram o medicamento aliados do governo e da população. Os outros, que não utilizaram o tratamento precoce, são os **inimigos comunistas**, que não tiveram coragem e deixaram as pessoas morrerem sem um tratamento preventivo (Figura 51).

Figura 51 – Evento no Palácio do Planalto com médicos em defesa do tratamento precoce. Rede Globo é acusada de mentir ao referir que os presentes não se solidarizaram com as vítimas da doença



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Necessário apontarmos a pesquisa realizada pela Fiocruz sobre as condições de trabalho dos profissionais de saúde no contexto da Covid-19. Segundo os dados de março de 2021, a pandemia alterou a vida de 95% desses trabalhadores. Quase 50% admitiu excesso de trabalho, com jornadas além das 40 horas semanais, e um elevado percentual (45%) deles atuava em mais de um local. Sobre as notícias falsas propagadas ao longo da pandemia de Covid-19, mais de 90% dos profissionais admitiram que elas são um obstáculo. No atendimento, 76% relatou que o paciente tinha algum tipo de crença referente às notícias falsas, como a adoção de medicamentos ineficazes para prevenção e tratamento, por exemplo.

Ainda na mesma publicação, Bolsonaro compartilha matéria sobre o evento veiculada no Jornal Hoje, da Rede Globo, em que a apresentadora do telejornal, Maria Júlia Coutinho, diz que não foram feitas homenagens em solidariedade às vítimas. É publicado então outro vídeo, em sequência, com o registro do minuto de silêncio,

seguido de aplausos, “desmentindo” a apresentadora. Após, posta o link da solenidade na íntegra.

Encaminhando-nos para o fim da análise nessa categoria, apontamos que a quantidade de números e dados públicos informados pelo presidente em sua conta na rede social não denotam transparência ou configuram características de uma comunicação pública. O que vimos até então parece ser uma disputa de interesses e de sentidos ideológicos (ORLANDI, 2005), em que de um lado está a economia, os empregos, a manutenção do *status quo* em meio ao caos. Do outro lado, está a saúde pública, apoiada por grandes organizações privadas, consagrada pela população, mas desrespeitada pela principal liderança da nação.

O direito de acesso à informação, garantido pela Constituição, parece negado, seja em razão da ausência de qualidade na informação recebida ou em função da restrição do acesso aos dados factuais. Também há o dissenso, motivado por disputas entre diferentes atores sociais, vozes dissonantes de uma mesma instituição – o governo brasileiro. Se a imprensa não diz o que ele quer, essa imprensa está mentindo.

A principal liderança política brasileira apropria-se de um **discurso populista** (WEBER, 2020), simplificado, fácil, que estimula as disputas de verdades discursivas entre a política, a religião, a lei, a ciência e atores sociais. Seus defeitos, vícios e sua inexperiência são vistas como qualidades, e sua incompetência como garantia de autenticidade (EMPOLI, 2020).

Práticas como as de divulgação de vídeos de pessoas comuns desrespeitando o isolamento social (Figura 52) e dele em viagens pelo País, provocando aglomerações, sem utilizar máscara (Figura 53), denotam a ausência da solidariedade como um sentimento de compaixão pelo outro, “ligada ao campo das emoções, de sensibilidade com os menos favorecidos que leva a uma atitude de caridade” (MORAIS; TENÓRIO, 2017, p. 6).

Figura 52 – Vídeos de pessoas protestando contra o isolamento social, manifestações de entidades, prefeitos e o jornalista Gilberto Barros.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Figura 53 – Viagens do presidente pelo País, provocando aglomerações em diversos locais.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020)

Durante a pandemia de Covid-19, o conceito de solidariedade foi difundido em matérias na imprensa, ressaltando ações solidárias de organizações privadas e públicas. Morin (2020) alerta para um despertar da solidariedade provocado pela crise da Covid-19, que estaria adormecida, mas foi acordada durante a provação vivenciada em comum. Para o autor (2020, p. 26-27),

Vimos a ressurreição, ainda que simbólica, da solidariedade nacional quando a Itália cantava seu hino nas sacadas, quando a França, a Bélgica, a Espanha e tantos outros países aplaudiam seus profissionais da saúde a cada noite. E nos países do Sul, especialmente, onde ainda está viva a solidariedade tradicional, esta foi amplificada graças à multiplicação da ajuda e do socorro mútuos. A crise também estimulou inúmeras mentes, que buscaram e formularam remédios para os males que ela provocou ou exacerbou. Abundaram textos de intelectuais, cientistas e médicos, declarações, sugestões, apelos de artistas solidários, além de reflexões e propostas de cidadãos e cidadãos para diagnosticar e prognosticar, bem como para expor as bases de uma nova política que possa reformar ou mesmo transformar a sociedade.

E os líderes nesse contexto? Acreditamos que, em ambientes de desafios e incertezas, cabe à liderança “orientar e estimular as pessoas a persistirem na busca de melhores resultados” (MACÊDO, 2003, p. 109), sabendo usar o poder da autoridade para capacitar, fortalecer e “dar poder aos outros” (CAPRA, 2005, p. 133), além de estimular o compartilhamento e o conhecimento. Líderes não são seres isolados, mas sim pessoas que se constituem a partir dessas relações, promovendo o fortalecimento da diversidade e da criatividade, “criando condições e não só transmitindo informações” (CAPRA, 2005, p.132).

Ao longo da pandemia, diversas vezes o sujeito em análise questionou a utilização de máscaras de proteção ou minimizou sua eficácia. No Twitter não há registros de publicações estimulando a utilização do equipamento nem de fotos ou vídeos com máscara⁸⁸. Em fevereiro de 2021, no dia em que o Brasil registrou 1.582 novas mortes por Covid-19 (UOL, 2021), afirmou em sua *live* semanal que máscaras e isolamento não eram eficazes e prejudicavam as crianças, causando irritabilidade, dor de cabeça e dificuldade de concentração.

⁸⁸ A lei que tornou obrigatória a utilização em vias públicas e transportes públicos coletivos, como ônibus e metrô, bem como em táxis e carros de aplicativos, ônibus, aeronaves ou embarcações de uso coletivo fretados, além de outros espaços fechados, como comércios e escolas, foi sancionada em julho de 2020 e vigora.(GOV.BR).

5.3 CATEGORIA APOLOGIA

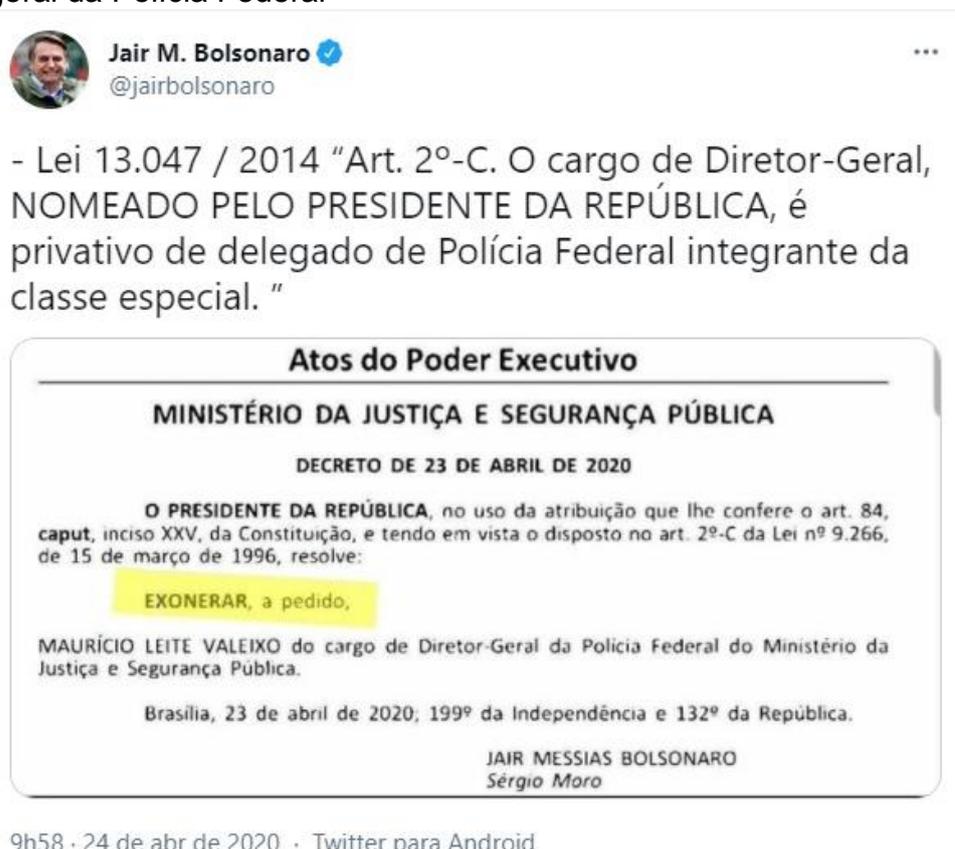
De todas as características de Bolsonaro apontadas até o momento em nossa pesquisa – ironia, sarcasmo, carisma, desumanidade – nos surpreende, e por vezes até causa estranhamento, a certeza com que ele acredita no que diz, mantendo uma linearidade desde o primeiro mandato em 1987. Para Aristóteles (2002, p.162), os homens são maus juízes a seu próprio respeito, havendo concordância sobre a igualdade das coisas, mas não sobre a igualdade das pessoas.

Bolsonaro não faz política como define Arendt (2016) – a qualidade da sociedade de caminhar junta, mesmo havendo diferenças de posicionamentos, com o objetivo de promover melhorias no espaço público, prezando pela pluralidade, liberdade, visibilidade e comunicação. Ele também não utiliza o poder em prol do bem comum (MAQUIAVEL, 1999), para a legitimação e a sustentação da liderança, compreendendo que a política não trata só da força bruta, da violência, mas da sabedoria no uso da força, do emprego virtuoso da força, capaz de manter o domínio adquirido a partir do respeito. A luta para manter-se no poder é inevitável, mas não pode consumir todos os recursos do líder, pois o poder é em si o recurso para a realização do projeto. Bolsonaro governa para os seus, sustenta seu público, e vez por outra, “alimenta” seus seguidores com mentiras, insinuações e incertezas.

Enquanto da produção da pesquisa, apontamos em nossas análises o silenciamento do presidente no Twitter em relação ao primeiro óbito por Covid-19; à demissão de Nelson Teich, as denúncias sobre a prática de rachadinhas e o envolvimento com as milícias de seu primogênito, Flávio Bolsonaro. Foucault (2018, p. 27-28) mostra que todo discurso manifesto “repousaria secretamente sobre um já-dito”, ou um “jamais-dito”, e o que é formulado se encontra “articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio”, mas que o faz calar. Os não ditos, então, estariam ali expostos, cabendo ao analista acolher cada momento do discurso “em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado” (FOUCAULT, 2018, p. 27).

Na semana da saída do então ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, entre 20 e 26 de abril de 2020, não foram registrados silenciamentos. Ao contrário, Bolsonaro fez publicações antes da demissão (Figura 54) e após os fatos (Figuras 55 a 60) como que no intuito de justificar e desconstruir a narrativa então criada. No dia 24 de abril de 2020, data da saída de Moro, a primeira postagem na rede social do presidente ocorre às 9h58min⁸⁹ (Figura 54), com um *print* da exoneração do então diretor-geral da Polícia Federal, Maurício Valeixo, no Diário Oficial na manhã daquele dia. A imagem destaca, em amarelo, que a exoneração ocorria à pedido, isto é, havia sido uma solicitação do servidor.

Figura 54 – Publicação de Bolsonaro sobre a exoneração de Valeixo como diretor-geral da Polícia Federal



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020)

Na publicação referida há uma **marca da linguagem** de Bolsonaro, ressaltando que a nomeação ao cargo de diretor-geral da Polícia Federal era uma prerrogativa dele:

⁸⁹ A cronologia dos fatos será relevante neste momento, visto que os horários conferem o contexto sócio-histórico.

Nomeado pelo presidente da República (escrito em caixa alta), provocando os **efeitos de sentido** para desconstruir a narrativa de Moro – seria permitido a ele, como o chefe, escolher quem desejasse para assumir o posto, pois ele é o líder máximo da nação. “Filhos e amigos próximos costumam chama-lo de Zero Um quando querem reforçar sua liderança ou protagonismo em determinada situação”. (OYAMA, 2020, p. 66).

Às 11h, cerca de uma hora após o *post*, Sergio Moro convoca uma coletiva de imprensa⁹⁰. No evento, explica aos jornalistas presentes que estava deixando o governo, e entre os motivos estavam a exoneração de Valeixo; e a interferência política do presidente na Polícia Federal. Segundo Moro, o presidente havia lhe dito que pretendia colocar como diretor do órgão alguém que lhe desse informações sobre investigações e inquéritos em andamento. Durante sua fala, que durou em torno de 40min, o ex-juiz ressaltou conquistas da sua gestão, principalmente em relação ao combate ao crime organizado, e declarou que ele e sua equipe tinham como palavras de ordem em suas rotinas “Faça a coisa certa, não importa as circunstâncias, arque com as consequências, isso faz parte”⁹¹ (G1, 2020). Moro declarou ainda que durante os governos petistas – de Dilma e Lula – a Polícia Federal tinha autonomia: “Foi fundamental a manutenção da Polícia Federal para que fosse feito o bom trabalho, seja de bom grado ou por pressão da sociedade, mas isso (a autonomia) foi mantido (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Às 13h55min (Figura 55), Bolsonaro informa, no Twitter, que realizaria um pronunciamento no Palácio do Planalto, tendo como pauta “esclarecimentos” à nação sobre as acusações feitas por Sergio Moro. Neste pronunciamento, que iniciou pontualmente às 17 horas, estavam presentes todos os membros do primeiro escalão do Governo, composto pelos 21 ministros⁹², além de Eduardo Bolsonaro, e o deputado federal pelo Partido Social Liberal do Rio de Janeiro, Hélio Lopes.

⁹⁰ A íntegra da coletiva está disponível nas referências.

⁹¹ Por mais de uma vez, Moro relembra a palavra de ordem e finaliza dizendo que por este motivo, por entender que deve fazer a coisa certa, estava deixando o cargo naquele momento.

⁹² À época eram 21 ministérios. Atualmente, são 23 no total (GOV.BR, 2021).

Figura 55 – Post informando sobre pronunciamento de Bolsonaro às 17horas para “restabelecer” a verdade sobre o pedido de demissão de Sergio Moro



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

No evento, transmitido amplamente pelos veículos de comunicação, Bolsonaro discursa por 45min13s (PODER 360). Destacamos, a seguir, apontamentos relevantes para análise:

Em relação à personalidade de Sergio Moro: *Hoje pela manhã, por coincidência, tomando café com alguns parlamentares eu lhes disse: hoje vocês conhecerão **aquela pessoa que tem compromisso consigo próprio, com seu ego, e não com o Brasil. O que eu tenho ao meu lado, e sempre tive, foi o povo brasileiro;***

Ao contestar a autonomia que Sergio Moro disse ter definido com o presidente que teria: *Acertamos, como fiz com todos os ministros: vai ter autonomia no seu ministério. **Autonomia não é sinal de soberania. A todos os ministros, e a ele também, falei do meu poder de veto. Os cargos chaves teriam que passar pelas minhas mãos e eu daria o sinal verde ou não;***

Sobre Maurício Valeixo: *a indicação foi do senhor Sergio Moro, apesar de a lei de 2014 dizer que a indicação para esse cargo e a nomeação é exclusiva do senhor presidente da República. **Abri mão disso porque confiava no senhor Sergio Moro. E ele levou sua equipe, ou trouxe sua equipe aqui para Brasília;***

Em relação ao trabalho da Polícia Federal: ***Eu não tenho que pedir autorização para trocar o diretor ou qualquer 1 outro na pirâmide hierárquica do Poder Executivo. Será que é interferir na Polícia Federal quase que exigir, implorar***

a Sergio Moro que apure quem mandou matar Jair Bolsonaro? A PF de Sergio Moro mais se preocupou com Marielle do que com seu chefe supremo. Cobrei muito deles aí. Não interferi. Eu acho que todas as pessoas de bem no Brasil querem saber.

Sobre suas ações enquanto chefe do executivo: *Na vida de presidente da República eu tenho três cartões corporativos, dois são usados para despesas mais variadas possíveis, que, afinal de contas, mais de 100 pessoas estão na minha segurança diariamente. Despesas de casa, normal. E um terceiro cartão que eu posso sacar R\$ 24 mil por mês sem prestar contas. Eu posso sacar R\$ 24.000 e gastar onde bem entender sem prestação de contas. Quanto eu usei dessa verba desde janeiro do ano passado? Zero. Isso é obrigação.*

Mais sobre ações da Polícia Federal, a gestão de Moro e a suposta exoneração à pedido de Valeixo: *O diretor-geral da Polícia Federal... era a intenção dele, como ele declarou ontem. Que desde janeiro queria sair. Nós cansamos, nós não somos máquinas. No dia de ontem eu conversei com o senhor Sergio Moro, só eu e ele. Como na maioria das vezes das nossas conversas. Eu sempre abri o coração para ele. Eu já duvido se ele sempre abriu o coração para mim. E eu sempre disse aos meus ministros: a confiança tem que ter dupla mão. Ministro quer que eu confie nele? Quer e tem razão. Mas eu também quero que o ministro confie em mim. Sempre falei para ele: Moro, eu não tenho informações da Polícia Federal. Eu tenho que todo dia ter um relatório do que aconteceu, em especial, nas últimas 24h para poder bem decidir o futuro dessa nação. Eu nunca pedi a ele o andamento de qualquer processo. Até porque a inteligência com ele perdeu espaço na Justiça. Quase que implorando informações. E assim eu sempre cobrei informações dos demais órgãos de inteligência oficiais do governo. Como a Abin, que tem à frente um delegado da Polícia Federal. Uma pessoa que conheci durante a minha campanha e tem um nome e é respeitado pelos seus companheiros. E conversando ontem com o Moro, entre muitas coisas até que chegou na questão Valeixo. Eu falei: 'Está na hora de a gente botar um ponto final nisso. Ele está cansado. Está fazendo como pode seu trabalho. Pessoalmente não tenho nada contra ele'.*

O destaque em nossa pesquisa para esse pronunciamento se dá a partir da relação de sentidos proposta por Orlandi, segundo a qual “[...] não há discurso que

não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2009, p. 39), de forma que o discurso é visto “[...] como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo” (ORLANDI, 2009, p. 39).

No caso em análise, os discursos não se sustentam. Em 25 de maio de 2020, o Ministério da Justiça publicou uma edição especial do Diário Oficial com 16 páginas e 99 portarias, algumas contendo diversas nomeações. Seis superintendentes regionais e cinco cargos de chefia foram trocados, com destaque para a mudança no Rio de Janeiro (G1, 2020). “A questão que se coloca é: como este texto significa” (ORLANDI, 2009, p. 17). Devemos considerar que a “[...] Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2002, p. 26-27). Bolsonaro gostaria de intervir e ter conhecimento de operações da Polícia Federal por interesses próprios, e não do País.

Para Weber, a manifestação do presidente após a coletiva realizada por Moro foi “caótica” (WEBER, 2020, p. 222), e não difere das *lives* que realiza todas as quintas-feiras pelo Facebook e Youtube e dos discursos de campanha. “Uma coerência fundamental para o público que adora Bolsonaro” e se sente representado por sua figura (WEBER, 2020, p. 222).

Ainda podemos considerar como parte do nosso contexto os dados divulgados pelo Instituto Datafolha (NSC, 2020) sobre a popularidade e a aprovação dos ministros do Governo. Segundo a pesquisa, realizada em 130 cidades e com a participação de 2.860 pessoas, Sergio Moro era conhecido por 94% dos consultados. Desses, 52% classificavam seu trabalho como ótimo ou bom. Quase um mês antes do fato em análise, entre 18 e 20 de março, a aprovação ficava em 35%. No começo de abril, mostrou oscilação para baixo, com o percentual de ótimo/bom em 33%. No dia 17 de abril, oscilou para cima, chegando a 36%. Os resultados, que remetem à memória discursiva em nosso contexto, mostram os ministros mais aceitos e com mais popularidade que o presidente.

Para Silva e Simões (2021, p. 12), o anúncio da demissão de Moro “produziu fraturas em sua imagem” e provocou reações diversas em diferentes públicos. Na narrativa predominante na mídia, constatam as autoras, Moro teria sido vítima de um presidente que o traiu, descumpriu promessas, desrespeitou sua autoridade e colocou

interesses políticos e particulares de sua família acima de interesses públicos. Bolsonaro, por outro lado, “o retratou como um personagem ardiloso e carreirista”.

Nos dias que se seguem após a saída, 26 e 27 de abril de 2020, Bolsonaro volta a falar sobre Sergio Moro no Twitter (Figuras 56 e 57). Na primeira postagem (Figura 56), publica um vídeo gravado pela presidente do Sindicato dos Policiais Federais em São Paulo, Susanna Val Moore, com comentários relativos à autonomia do órgão, sem referência ao Presidente da República, mas citando fatos como a exoneração do diretor-geral e do ministro da justiça. Além da publicação do vídeo, escreve: *Os bons policiais estão em todo o Brasil e não apenas em Curitiba, onde trabalhava o então juiz*, em uma paráfrase que rememora sentidos em relação a competência do ex-magistrado.

Figura 56 – Post com vídeo da presidente do Sindicato dos Policiais Federais de São Paulo



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

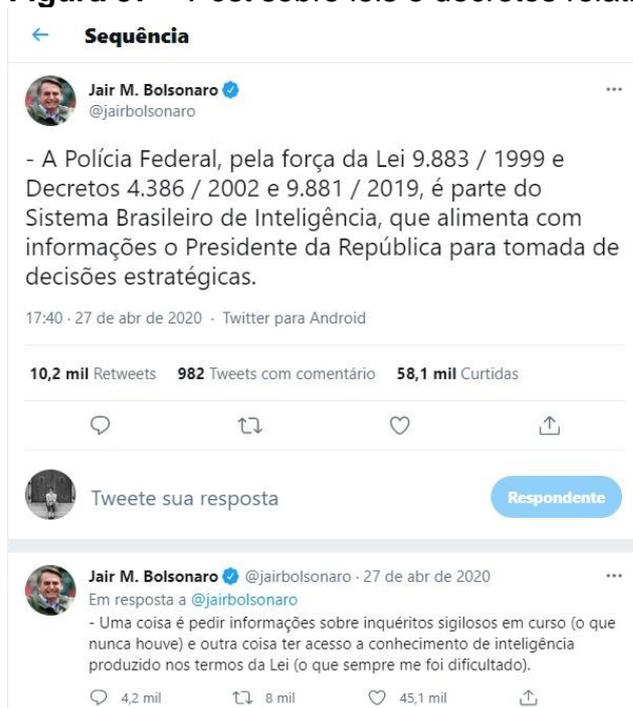
O presidente reafirma ainda que o ex-ministro mentiu sobre interferência na Polícia Federal e reitera que não fez trocas de superintendentes – as trocas ocorreram

um mês após a saída de Moro, em 25 de maio de 2020, – como já trouxemos na pesquisa.

Na condição de ministro, Moro buscou conquistar o público bolsonarista (GHIRALDELLI JR, 2019), principalmente no pacote anticrime, em que criou a figura do policial que poderia não sofrer punições caso reagisse movido por sentimentos como medo, surpresa ou violenta emoção, igualando a figura do policial a um cidadão comum. Durante a Operação Lava Jato (THE INTERCEPT BRASIL, 2019), e ao aceitar ser ministro da justiça, “virou vidraça fácil, sendo atingido por mais de uma pedra, um meteoro” (GHIRALDELLI Jr., 2019, p. 29). Castro Rocha lembra que o apoio de membros da Operação Lava Jato à candidatura de Bolsonaro e a ida do ex-juiz para o governo não foi surpreendente. “Nos dois casos o primado da ação direta inaugurou o caos potencial de uma pólis pós-política (CASTRO ROCHA, 2021, p. 338).

Bolsonaro não desistiu em justificar sua atitude de exonerar Maurício Valeixo. Registramos, em 27 de abril, explicações referentes à autonomia da polícia, e em relação ao que seria possível o Presidente da República ter conhecimento ou não sobre investigações realizadas. Na postagem (Figura 57) se contradiz novamente sobre não pedir informações de inquéritos sigilosos em curso, mas que buscava conhecer aspectos de inteligência, o que havia sido dificultado a ele durante a gestão de Moro: *Uma coisa é pedir informações sobre inquéritos sigilosos em curso (o que nunca houve) e outra coisa é ter acesso a conhecimento de inteligência produzido nos termos da lei (o que sempre me foi dificultado)*. Por que a mudança na superintendência do Rio de Janeiro, onde o filho Flávio é suspeito de esquemas ilegais e de desvio de dinheiro público?

Figura 57 – Post sobre leis e decretos relativos à Polícia Federal.



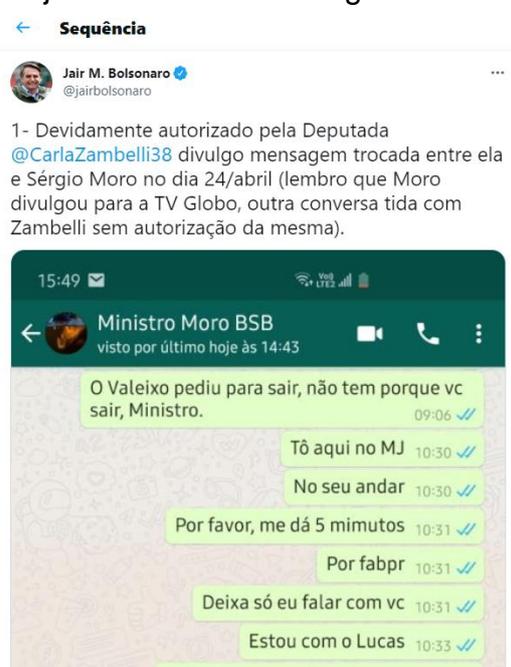
Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Quase um mês após os fatos, em 14 de maio de 2020, em publicação às 9h09min (Figuras 58 e 59) retoma a pauta ao tornar público conversas entre o então ministro e a deputada federal do Partido Social Liberal (PSL), Carla Zambelli. No *post*, explica que a troca de mensagens era autorizada, como que em uma provocação ao ex-ministro que teria divulgado anteriormente o conteúdo das mensagens para a Rede Globo: *Devidamente autorizado pela Deputada @CarlaZambelli38 divulgo mensagem trocada entre ela e Sergio Moro no dia 24/abril (lembro que Moro divulgou para a TV Globo, outra conversa tida com Zambelli sem autorização da mesma)*. (Figuras 58 e 59).

A **polissemia** se faz presente no intuito de demonstrar que ele, Bolsonaro, havia pedido autorização para a deputada – sua aliada política – mas ele, Sergio Moro não. Ao contrário, havia cometido um crime ético ao divulgar para o Jornal Nacional as conversas sem autorização, em um jogo de produção de sentidos que acontece por meio dos processos parafrásticos e polissêmicos. Segundo Ribeiro e Barbosa (2021), o sujeito projeta sua própria imagem e a dos seus interlocutores, imbuído por um efeito ideológico de que é livre para enunciar; que possui controle sobre o que diz e sobre o que os outros vão interpretar, não importando, por exemplo, o quantitativo

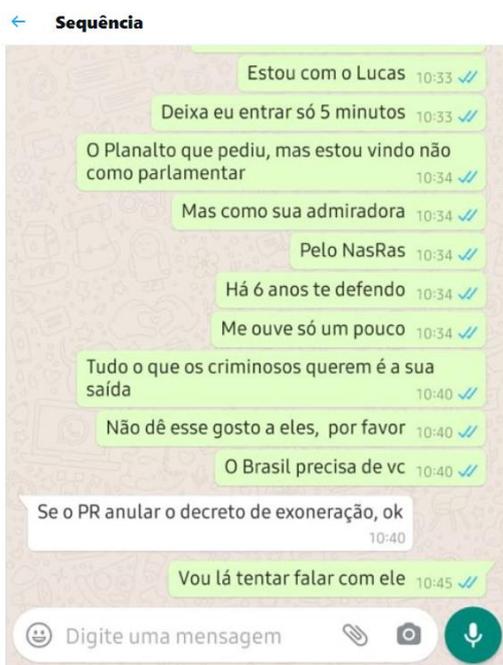
de vidas perdidas, e evidenciado dar valor mais para a economia do país, do que para a população.

Figura 58 – Post com print de conversa entre a deputada federal Carla Zambelli e o ex-juiz e ex-ministro Sergio Moro.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Figura 59 – Sequência de posts com as conversas entre Carla Zambelli e Sergio Moro.

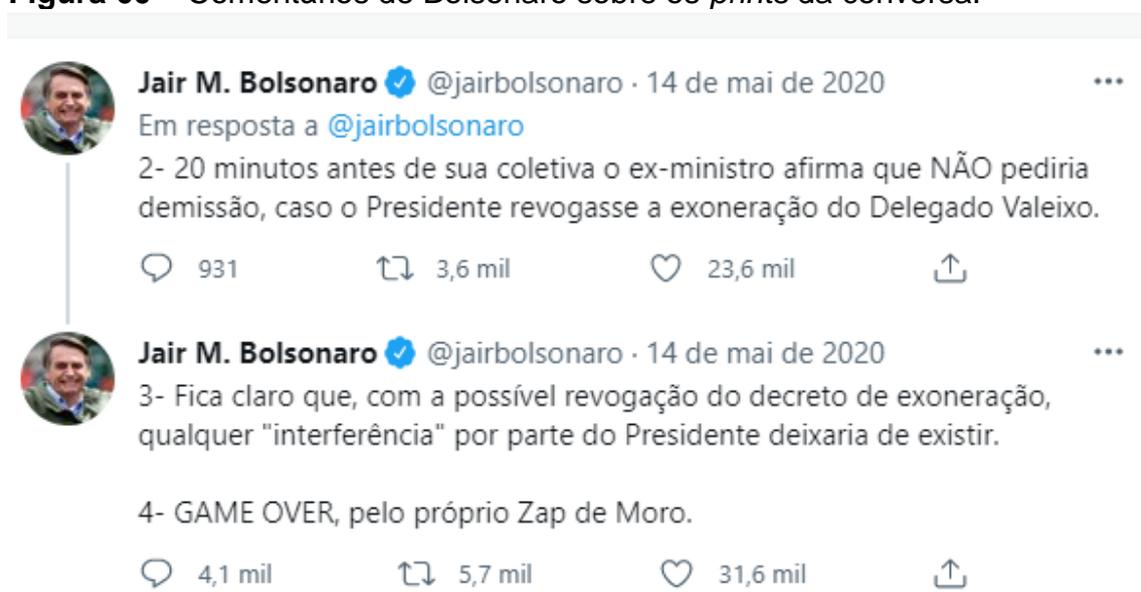


Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Na sequência das publicações, o presidente ainda sugere que o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública mentiu sobre as motivações em deixar o governo (Figura 60). Como posto no material tornado público, se Maurício Valeixo permanecesse como diretor-geral da Polícia Federal, ele também permaneceria. Por que um Presidente da República, eleito com 57,8 milhões de votos, enfrentando uma crise sanitária que em 14 de maio – data dessa publicação – registrava mais de 200 mil casos de Covid-19 e 14 mil mortes (G1, 2020) – deveria preocupar-se com conversas de WhatsApp entre um ex-ministro e uma deputada federal? Sergio Moro não estava mais no governo, não era subordinado a Bolsonaro.

Maquiavel (1999) nos auxilia na compreensão, ao apontar que a ética do governante não pode ser a mesma dos governados – o foco deveria ser a compra de respiradores, a abertura de leitos de UTI, a saúde mental de profissionais de hospitais e postos de saúde, a retomada da economia com segurança. Caberia aos seus apoiadores questionarem as atitudes de Sergio Moro.

Figura 60 – Comentários de Bolsonaro sobre os *prints* da conversa.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Mas a política é uma surpresa constante, os discursos são relações de causa e efeito, constituídos por topos, camadas, e cada uma colabora para compor as movimentações na história (FOUCAULT, 2008). Em 10 de novembro de 2021, Moro

filiou-se ao Podemos⁹³ (CORREIO BRAZILIENSE, 2021), que tem entre as figuras políticas mais conhecidas o senador pelo Paraná, Alvaro Dias. No *síte* institucional do partido, em notícia sobre a filiação, a seguinte informação:

Moro candidato à presidência é o sonho não só do Podemos como de vários partidos e de boa parte do eleitorado brasileiro. A resposta se pretende concorrer à Presidência, Sergio Moro dará mais para a frente. Até lá, ele assina a filiação ao Podemos e depois percorre o Brasil para divulgar seu livro 'Contra o sistema de Corrupção', que deve chegar às livrarias em dezembro.

Silva e Simões (2021) analisaram a constituição da imagem pública do ex-juiz e ex-ministro, atualmente possível candidato à presidência da república em 2022, desde o contexto de atuação na Operação Lava Jato, até a passagem pelo Governo Federal. As pesquisadoras concluíram que a imagem de Moro é vinculada a valores como competência, seriedade, zelo, dedicação, probidade e honestidade. Por outro, é relacionada a uma atuação parcial e seletiva na aplicação da Justiça, bem como ao desrespeito à legalidade em ações politicamente motivadas.

Durante o período delimitado em nossa pesquisa, Bolsonaro compartilhou vídeos no Twitter como forma de endossar seus discursos (Figuras 61, 62 e 63). Apresentando em ordem cronológica, no primeiro há mensagem do jornalista Guilherme Fiuza⁹⁴, com críticas ao isolamento social (Figura 61).

⁹³ Em 31 de março de 2022, Sergio Moro deixa o Podemos e filia-se ao União Brasil, o partido resultante da fusão entre DEM e PSL. Segundo o vice-presidente da sigla.

⁹⁴Fiuza é comentarista do programa Os Pingos Nos Is, da Jovem Pan, veículo de comunicação de rádio, internet e TV por assinatura, lançada em 21 de outubro de 2021. Ele defende publicamente o Governo Bolsonaro, e já teve diversas postagens relacionadas ao coronavírus, ou mesmo fazendo apologia à ditadura militar, retiradas judicialmente do Twitter. Em outubro de 2021, o programa alcançou 4 milhões de inscritos no Youtube, e a média de visualizações em cada programa chega a 700 mil (COMUNIQUE-SE, 2021).

Figura 61 – Jornalista Guilherme Fiuza criticando o isolamento social, orientado pela Organização Mundial da Saúde como forma de conter o avanço da doença



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Optamos por apresentar esse *post* referindo as declarações de Fiuza na Categoria Apologia e não na Categoria Ações Pró e Contra Covid-19 em razão do seu conteúdo, que estimula a polarização e o conflito entre “nós” (apoiadores das medidas defendidas pelo presidente) e “eles” (os governadores e prefeitos favoráveis às medidas de isolamento social, a esquerda e parte da imprensa, como a Globo, a Folha de São Paulo e outros veículos). Decidimos por apresentar algumas das expressões utilizadas por Fiuza que reverberam esse discurso negacionista, como: *Onde estão os mapas demonstrando os resultados diretos do isolamento total na contenção da epidemia; é para ficar em casa só até morrer de fome ou um pouco mais que isso?*

Não nos cabe analisar o conteúdo do referido vídeo postado por Bolsonaro, apesar de apresentarmos trechos da fala do jornalista. Inferimos que a escolha por sua publicação, além de uma mensagem aos que discordavam do presidente na condução da pandemia, integra um processo de convencimento ou de persuasão de seu auditório (SILVA, 2020), isto é, dos seus eleitores, ou de parte da sociedade que o apoiava na situação. De posse do apoio de membros da sociedade – neste caso de um jornalista –, compete ao orador – o líder político – apresentar provas de que o que ele está buscando dizer é real. Observamos que, nos discursos políticos, é necessário ao orador fazer valer seu ponto de vista como um imperativo à aquisição e/ou à manutenção do poder e, conseqüentemente, como possibilidade de concretização de seus projetos.

Na sequência, outro vídeo, com o título “Ações do Presidente Bolsonaro no combate a Covid-19” (Figura 62). Após pesquisas, descobrimos que o material foi

produzido pela equipe de assessoria do deputado federal José Medeiros, do Podemos do Mato Grosso, na época vice-líder do Governo na Câmara, e que apresentava ações do governo federal, e não de Bolsonaro, no combate ao coronavírus⁹⁵.

Em 21 de maio de 2021, o advogado José Roberto Feltrin, assessor no gabinete de Medeiros, faleceu da doença. Uma semana antes de morrer, enviou um áudio a um amigo em que culpa o deputado, e também o chefe da nação, pelo descontrole da pandemia no País, e por ter “sabotado” a vacinação contra a doença (CORREIO BRAZILIENSE, 2021).

Figura 62 – Post com vídeo com o título Ações do presidente Bolsonaro no combate à Covid-19.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Com a mensagem “O desemprego, a fome e a miséria será o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento social”, o próximo vídeo (Figura 63) foi publicado

⁹⁵ O vídeo não está mais disponível para visualização na plataforma do Youtube, e não há uma explicação pública sobre o motivo. É possível que tenha sido retirado pela própria assessoria do deputado.

em 16 de maio, um dia após a saída de Teich, e é um pronunciamento de Onxy Lorenzoni, na época ministro da Cidadania, sobre pagamento do Auxílio Emergencial. Registramos que a opção em o apresentar nesta Categoria, e não na Agenda/Governo, se deve a mensagem repassada pelo gestor. *Eu queria iniciar aqui lembrando de Timóteo 157 (capítulo da Bíblia), pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de Poder, de amor e de equilíbrio.* E justifica a citação: *Desde o começo da pandemia no Brasil, o presidente Bolsonaro teve a preocupação de equilibrar a saúde com as ações na área econômica.*

Figura 63 – Post com pronunciamento de Onxy Lorenzoni na TV Brasil sobre o pagamento do Auxílio Emergencial.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

O contexto do referido discurso posto no vídeo importa na medida em que a religião ingressa para o embasamento da opinião, não só de Bolsonaro, mas também de seus ministros. Em dois pronunciamentos em rede nacional que acompanhamos ao longo da nossa pesquisa, nos dias 24 de março e 8 de abril de 2020, o presidente encerra as falas com: *Deus abençoe o Brasil ou Deus abençoe a nossa querida Pátria*.

No capítulo em que trabalhamos o estado da arte da Liderança, trouxemos a tese de Amorim (2017), defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, que investiga o movimento neopentecostal, desde suas origens nos Estados Unidos até seu crescimento no Brasil, e sua atuação midiática e política no País. A autora contextualiza o discurso do grupo religioso dentro de um projeto de poder e utiliza como recorte para a análise, as contas mantidas no Twitter e Facebook do pastor Silas Malafaia e do deputado Marco Feliciano.

Como resultado, percebemos que o neopentecostalismo se funda em um projeto de poder religioso, com viés político e econômico, que tem “afetado as estruturas democráticas” (AMORIM, 2017, p. 9). Além disso, é catalisador de violações de direitos de grupos, sobretudo, ligados às mulheres, a população LGBT, população em conflito com a lei e grupos favoráveis à regulamentação das drogas, “[...] com as redes sociais on-line e bolhas de filtro como ferramentas de propagação de sua atuação” (AMORIM, 2017, p. 9).

A partir dos discursos desses líderes, Amorim (2017) comprova uma marginalização das tendências políticas à esquerda, das pautas e direitos LGBT, o feminismo, a descriminalização das drogas e do Partido dos Trabalhadores. Além disso, relata a autora (AMORIM, 2017, p. 199), usam sua audiência como “moeda de barganha política em votações de seu interesse ou como moeda de troca, oferecendo seu capital de votos em troca de apoio político”. São características em seus discursos, que a autora entende como lineares, falácias lógicas, distorção dos dados da realidade, julgamento desproporcional, tratamento desigual e até mesmo “vista grossa à corrupção em função da orientação política” (AMORIM, 2017, p. 199). Em relação aos evangélicos, por exemplo, quando as lideranças religiosas declararam apoio a Bolsonaro, em 2018, como fez o bispo Edir Macedo a uma semana da votação no primeiro turno, os fiéis já haviam migrado para sua candidatura (O ESTADO DE S. PAULO, 2020).

Outro material é o artigo “Comunicação Social e Formação de Opinião Política no Twitter: O Líder Evangélico Silas Malafaia”, apresentado no Grupo de Pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação da Intercom em 2017, e produzido por Larissa de Oliveira Cesar e Patrícia Gonçalves Saldanha. No material, as autoras buscaram compreender como o pastor Silas Malafaia utilizou o Twitter para “influir politicamente” (2017, p. 2) no período que compreende a votação do impeachment de Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados, em abril de 2016.

Entre as conclusões do texto está o cenário das igrejas evangélicas pentecostais que se torna propício para a formação dessas lideranças políticas, em razão da pobreza e ausência do poder público. Nestas circunstâncias, a justificativa desses sujeitos é a “[...] atuação pelos crentes e pelos valores de Deus” (CESAR; SALDANHA, 2017, p. 13-15) e a internet e as mídias/redes sociais on-line se apresentam como uma ferramenta de “benção” ou “maldição” na vida dos fiéis, dependendo da intenção. Sua postura adotada é de “confronto”, em que trata o diferente, como inimigo, para fundamentar seu posicionamento, entrando em “contradição com os princípios cristãos, do qual, como pastor e líder de opinião evangélico, deveria se ocupar”.

Trazemos novamente Carlye (1930), que apresentou uma tipologia para as manifestações biográficas consideradas como a intervenção divina no mundo, expressa por meio das figuras de representantes destacados entre os seres mortais e comuns. Bolsonaro poderia ser considerado o herói como divindade, à encarnação do próprio Deus, corroborada com o exemplo do escrutínio da figura mítica de Odin, no universo do paganismo escandinavo. De todos os candidatos, o único que fala o idioma evangélico é Bolsonaro, conforme abençoou o pastor José Wellington Bezerra, presidente emérito das Assembleias de Deus no Brasil, como conta Castro Rocha:

Tudo se ilumina no curioso elogio que o pastor ofereceu ao presidente: Eu declaro: um espírito de sabedoria, de inteligência, sobre você! Pra governar este país! Porque a Bíblia diz uma coisa, Bolsonaro: em I Coríntios, Capítulo 1, a partir do versículo 27: Deus escolheu as coisas loucas para confundir as sábias! Deus escolheu as coisas fracas para confundir as fortes! Agora a coisa vai ser mais profunda: Deus escolheu as coisas vis, de pouco valor [neste momento, Bolsonaro esboça um sorriso discreto...], as desprezíveis, que podem ser descartadas! As que não são, que ninguém dá importância, para confundir as que são, para que nenhuma carne se glorie diante Dele! É por isso que Deus te escolheu! Então, estenda a mão sobre ele;

quem está pelas redes sociais, meu irmão, faça sua oração (CASTRO ROCHA, 2021, p. 359).

Para Carvalho (1999) a elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação dos regimes políticos, e por meio dele se podem atingir a cabeça e o coração, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. O escolhido como Deus então é reconhecido, na narrativa, a partir de suas realizações extraordinárias e poderes extra-humanos, aos olhos dos seus seguidores.

A religião da direita bolsonarista, ou criptobolsonarista, é a cristã. Mas o Jesus que essa direita louva não é aquele encontrado no Novo Testamento. Parece-se mais com o Deus do Velho Testamento ou, talvez, mesmo, com o demônio. O lema desse Jesus nada tem a ver com o amor, mas endossa as atitudes de juiz do Deus do Velho Testamento. Todavia, seus julgamentos não possuem sabedoria e, por isso mesmo, trata-se de um engodo de divindade. O Jesus dessa direita é um deus que condena tudo aquilo que o Jesus dos textos bíblicos abraçou: prostitutas e ladrões. A parábola do Bom Samaritano, então, nem pensar que é assunto entre esses cristãos – em grande parte evangélicos. Se uma tal parábola ensinou o acolhimento do estrangeiro, do diferente, o Jesus dessa direita ama só o que lhe é familiar e igual (GHIRALDELLI JR, 2019, p. 52).

Um dos eixos de sustentação da campanha eleitoral em 2018 baseou-se na “reação a pautas progressistas” (QUADROS; MADEIRA, 2018, p. 485) como a expansão dos direitos dos homossexuais e o aborto. O eleitorado neopentecostal incorporou “[...] categorias identitárias ligadas à direita” (QUADROS; MADEIRA, 2018, p. 486) e tomou para si a discussão da simbologia judaica como um dos últimos bastiões de defesa dos valores ocidentais. Na atualidade, o governo mantém aliança com esses grupos, com setores da igreja católica mais discretos em suas defesas ao governo, mas que compartilham pautas e bandeiras, e com batistas, presbiterianos, metodistas e luteranos, que historicamente exercem influência na vida nacional (CUNHA, 2021).

Em 26 de agosto, o presidente publica um vídeo gravado pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, sobre a gravidez de uma menina de 10 anos que havia sido estuprada pelo tio, em São Mateus, no Espírito Santo. Por decisão da justiça, a gestação foi interrompida (AGÊNCIA BRASIL, 2020), e grupos antiaborto ameaçaram os familiares da vítima em frente ao hospital em que ela se encontrava.

No vídeo (Figura 64), Damares informa que acompanha o caso e que a criança se encontra em bom estado de saúde, e nega que equipes ligadas ao seu ministério tenham divulgado nas redes sociais os dados da menina, gerando os protestos. A Justiça determinou que o Facebook, Twitter e Google retirassem da internet publicações que expusessem o nome da criança e o hospital onde ela fez o procedimento de aborto legal. Bolsonaro comenta na publicação: *Em frente, Ministra*

Figura 64 – Bolsonaro compartilha vídeo gravado pela ministra Damares Alves sobre o caso da menina de 10 anos que sofreu aborto após estupro.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Como já apontado no capítulo 2, nos aspectos das formas simbólicas definidas por Thompson (1995, 2011) sempre há intencionalidade, construída e veiculada por um sujeito que busca objetivos ao expressar o que quer dizer para um outro sujeito ou grupo de sujeitos; convencional, em que a produção, a circulação e a interpretação das formas simbólicas se dão por meio da aplicação de códigos, regras ou convenções variadas, desde as técnicas até as convenções sociais e relacionais; estrutural, que possuem estrutura articulada de elementos que se inter-relacionam e podem ser desvelados; e referencial, quando as formas simbólicas tipicamente se

referem a algo, dizem algo sobre alguma coisa, representam alguma coisa. Nesta perspectiva, entendemos que os sentidos podem ser lidos num texto mesmo não estando ali, e é de suma importância que se considere tanto o que “[...] o texto diz quanto o que ele não diz, ou seja, o que está implícito, que não é dito, mas é significado” (SILVA, 2008, p. 41).

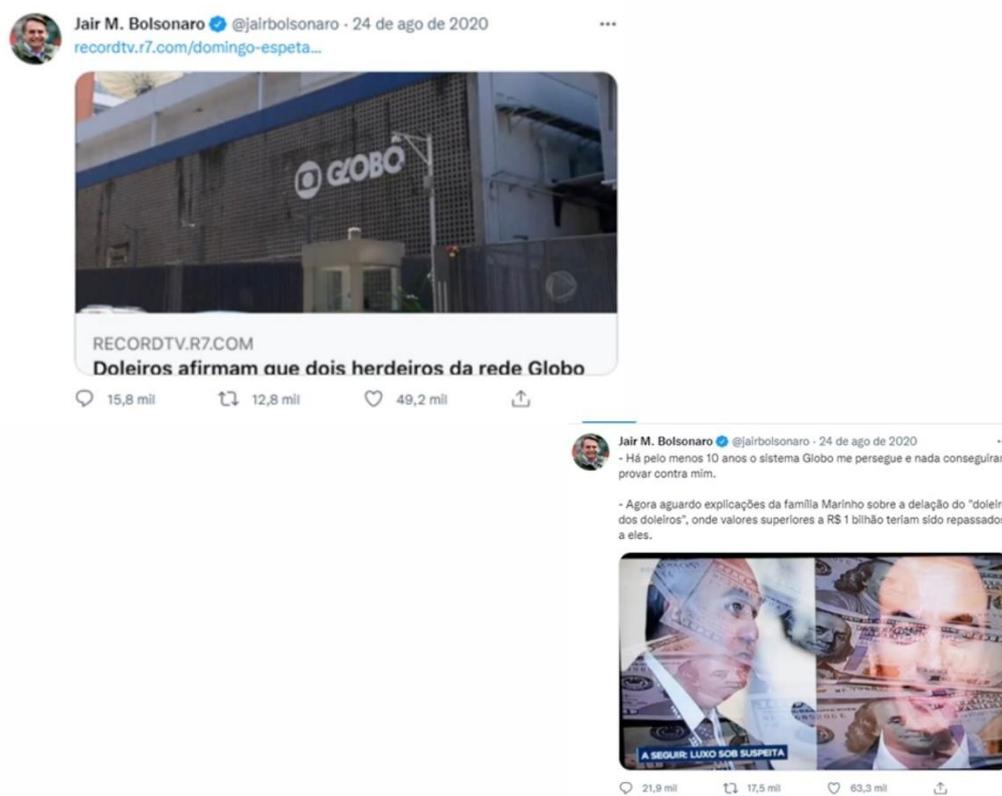
É necessário considerar também o orador, que dependendo de quem for, “pode gerar níveis de estresse cognitivo no diálogo” (WAIMBERG, 2018, p. 72), refletindo nos resultados. Discursos ambíguos e vagos, por exemplo, podem provocar sentidos polissêmicos, já que cada ouvinte entende coisas distintas do dito.

Não há como compreender atitudes e discursos de Bolsonaro sem trazer para o debate a ideia de populismo (LACLAU, 2013; CASTANHO, 2020; CASSSIMIRO, 2021) como chave explicativa de diversos processos sintomáticos da realidade atual: nacionalismo, crítica da globalização, discursos excludentes de identidades minoritárias, lideranças carismáticas contra o sistema político (CASSIMIRO, 2021). Observamos ainda uma escalada do discurso autoritário, com consequências consideráveis no plano geopolítico, modificando os contornos do ciberespaço (LÉVY, 2000), pelo desenvolvimento de uma cadeia global de pessoas capazes de conduzir operações de desinformação de um canto a outro do planeta (EMPOLI, 2020), “inflamando as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia, a unir-se aos extremos” (EMPOLI, 2020, p. 21). E os extremos resultam em autoritarismo. Inspirado por Donald Trump, Bolsonaro é autoritário com a imprensa que não apoia suas “verdades”. Conforme destaca Weber (2020), e já citado anteriormente em nosso trabalho, se há desprezo pela imprensa, há desprezo pela democracia.

Ao longo da trajetória política do presidente, foram inúmeros os casos de atritos contra jornalistas e empresas de comunicação. Patrícia Campos Mello, repórter da Folha de São Paulo, conta na obra “A Máquina do Ódio” (2020) a violência psicológica que enfrentou após divulgação de matéria sobre o financiamento de disparos em massa no WhatsApp e em redes de disseminação de notícias falsas durante a campanha eleitoral de 2018. Os seguidores do presidente nas redes sociais, incentivados pelos filhos, e por ele mesmo, promoveram uma campanha de difamação da profissional, com ofensas pessoais e perseguição nas redes sociais.

Diversas vezes, o Presidente da República acusou a imprensa brasileira, em especial a Rede Globo de televisão, de causar pânico na população ao divulgar diariamente os números relacionados à Covid-19. Xingou jornalistas no cercadinho do Palácio do Planalto, mandou jornalistas mulheres calarem a boca, e durante o período em análise, publicou *posts* com matérias da TV Record com denúncias sobre sonegação de impostos e envolvimento da organização com doleiros (Figura 65).

Figura 65 – *Post* com denúncias veiculadas na Record em relação à Rede Globo e envolvimento com doleiros.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Na legenda da postagem: *Há pelo menos 10 anos o sistema Globo me persegue e nada conseguiram provar contra mim. Agora aguardo explicações da família Marinho sobre a delação do “doleiro dos doleiros”, onde valores superiores a R\$ 1 bilhão teriam sido repassados a eles.* Postou um *print* da matéria veiculada pela Rede Record em 24 de agosto de 2020, data da postagem.

E no mesmo dia, a âncora do Jornal Hoje à época, Maju Coutinho, criticou ao vivo o evento que o Planalto realizou com médicos que utilizaram hidroxicloroquina ou cloroquina para o tratamento precoce da doença. A Record é vinculada à Igreja

Universal, que apoia Bolsonaro de forma bastante explícita. As denúncias feitas na matéria nunca foram provadas (VEJA, 2021).

Em setembro de 2021, Bolsonaro informou nas *lives* que realiza todas as quintas-feiras pelo Facebook e Youtube, que voltaria a conceder entrevistas coletivas ou individuais aos veículos de comunicação – em janeiro de 2020 declarou que não daria mais entrevistas, pois foi acusado por entidades da área de agredir os repórteres. Durante a pandemia, foram realizados pronunciamentos e pouco contato com a imprensa – quando aconteciam, envolviam profissionais escolhidos, como no dia da demissão de Mandetta, em que ele chamou o repórter Leandro Magalhães ao Palácio para falar do ex-ministro (Figura 66). Sobre o Grupo Globo, declarou que só concederia entrevistas ao vivo. *“No tocante ao sistema Globo, se quiser uma entrevista ao vivo, estou à disposição. Gravar para vocês, aí fica difícil. Mas se quiserem ao vivo, sem problema nenhum”* (IG, 2021).

Figura 66 – Post com link de entrevista de Bolsonaro ao jornalista da CNN Leandro Magalhães



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

As atitudes do presidente brasileiro com os veículos de comunicação, em muitos pontos, assemelham-se às de Donald Trump. Acosta (2019, p. 41) explica que durante o Governo Trump, a imprensa precisou “lutar pela verdade”, “como numa guerra”, e a retórica do presidente os tornou inimigos da população.

O autoritarismo não nasce na democracia, mas na ideia de que é preciso o uso da força para estabelecer e consolidar determinadas interpretações (COSTA,

SILVEIRA, 2018). Entre os itens desse autoritarismo estão, segundo os autores, o combate à imprensa e também a desconsideração pelo outro.

O silenciamento, bastante comum em Bolsonaro quando lhe convêm, é outra tática característica de líderes autoritários, que o utilizam no intuito “não apenas de calar argumentos, mas a própria argumentação” (COSTA SILVEIRA, 2018, p. 34). É um silenciar que vai além da censura, “com o objetivo que sujeitos, em diferentes esferas discursivas se unam para validar um ponto em comum: o desejo de fazer com que determinadas interpretações, sejam postuladas autoritariamente” (COSTA, SILVEIRA, 2018, p. 32).

Seguimos na Categoria Apologia quando o tema são as eleições municipais de 2020. Em 28 de agosto, às 5h54min, nosso enunciador informa no Twitter que havia decidido não participar com apoio político no 1º turno, pois tinha *muito trabalho na presidência*, e tal atividade tomaria seu tempo, *num momento de pandemia e retomada da economia* (Figura 67). Ainda complementa a publicação dizendo que buscava viabilizar a criação de um partido, o Aliança, e que seguia conversando com outros três partidos para o caso de não se concretizar a tempo o Aliança – a utilização da palavra “tempo” remete à disputa eleitoral para a presidência da república, em 2022, e não para as eleições municipais.

O novo partido, nasceria com base em quatro fundamentos (OYAMA, 2020, p.198): 1) respeito a Deus e à religião; 2) respeito à memória, à identidade e à cultura do povo brasileiro; 3) defesa da vida, da legítima defesa, da família e da infância; e 4) garantia da ordem, da representação política e da segurança. Bolsonaro filiou-se ao Partido Liberal (PL) em 30 de novembro de 2021, em evento “disputado”, com a presença de ministros, governadores, parlamentares (UOL, 2021).

Figura 67 – Manifestação sobre as eleições municipais de 2020.



Fonte: Twitter Jair Bolsonaro (2020).

Mesmo após tornar público que não se envolveria nas eleições, o presidente “indicou” candidatos ao 1º e 2º turnos. Trazemos para a análise alguns “resultados eleitorais” dessas indicações, pois compreender o processo histórico e ideológico em que ocorrem esses acontecimentos colaboram no tecer das nossas análises, “[...] pois as palavras não são nossas, elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 2005, p. 32).

Carlos Bolsonaro, filho do presidente e filiado ao Partido Republicanos, foi reeleito para seu cargo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro com 71 mil votos – uma queda de mais de 30% em relação aos 106 mil votos que obtivera em 2016 (CNN, 2020). Em Manaus, indicou Coronel Menezes (Patriota), que ficou em quinto lugar. Em Santos, a indicação foi Ivan Sartori, do Partido Social Democrático (PSD), que ficou em segundo lugar, mas perdeu para Rogério Santos (PSDB), eleito no primeiro turno com 50,58% do total de votos válidos. No Recife, a delegada Patricia (Podemos), indicada por Bolsonaro, ficou em quarto lugar, com 14,06% dos votos. Em Belo Horizonte, o candidato de Bolsonaro, Bruno Engler (PRTB), foi derrotado com 9,95% dos votos por Kalil (PSD), eleito no primeiro turno com 63,37% dos votos. Em Fortaleza, Capitão Wagner, indicado pelo presidente, ficou em segundo lugar com

33,32% dos votos e perdeu no segundo turno para Sarto (PDT). Em São Paulo, Celso Russomanno (Republicanos), favorito de Bolsonaro, ficou em quarto lugar com 10,5% dos votos. No Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (PRB) foi derrotado no segundo turno por Eduardo Paes, que era do DEM e em 2021 trocou para o PSB.

Nos meses que se seguiram, as campanhas para as eleições municipais se intensificaram, contribuindo para o aumento no número de casos de Covid-19 (EXAME, 2020).

5.4 SEGUE O FIO...

Ao fim das observações, a partir da perspectiva discursiva apresentada, buscamos compreender como esses enunciados produzem sentidos, mostrando os processos de significação instaurados no texto. Resgatamos os discursos no período definido para análise, para considerar as dimensões de Transparência, Cidadania e Solidariedade, que precisam estar presentes na comunicação pública.

A história e o contexto nos quais esses discursos se inserem estão presentes, estabelecendo as relações que eles mantêm com sua memória, “visto que os sentidos não estão nas palavras elas mesmas, estão aquém e além delas” (ORLANDI, 2009, p. 42). Ao optar pela Hermenêutica em Profundidade (THOMPSON, 1995, 2011) foi possível compreender as relações de força e os sentidos múltiplos.

Pêcheux (2006) menciona que não há palavras neutras, elas estão sempre carregadas de uma força dada pelo imaginário e pela ideologia na relação entre os lugares sociais. “Todo enunciado”, dirá Pêcheux (2006, p. 53), “[...] é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação”, cabendo ao analista debruçar-se sobre um *corpus* para “escavar” muito além do que está posto, “[...] não se colocando fora da história, do simbólico ou da ideologia, mas em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 2005, p. 61).

Para Foucault (2008), como citamos, o discurso é o exercício de poder, empreende influência na sociedade. Mas, importante reiterarmos, esses discursos não precisam ser unânimes. O que precisa ser evitado, e isso Aristóteles reafirma na obra “A Política” (2002), é que o interesse particular de governantes predomine. Se isso ocorre, há um “desvio”. A pertinência de aspectos privados ou segmentados

devem ser evitados enquanto medida política, ainda mais se não se basear em resultados de diálogos e debates públicos, diz o autor.

A partir do que expomos até o momento, as palavras em um texto ganham sentido a partir das posições em que são empregadas, ou seja, desde as formações discursivas nas quais são produzidas. Com o apoio da Análise de Discurso apresentamos esses sentidos. Assim, a partir das palavras mais utilizadas nos *posts* de Bolsonaro durante o período de análise, buscaremos, abaixo, confirmar alguns “achados”, algumas “descobertas”⁹⁶ (Figura 68).

Figura 68 - Palavras encontradas nos discursos de Bolsonaro no período em análise.



Fonte: elaborado pela autora a partir do Twitter de Bolsonaro (2020).

Organizamos a nuvem de palavras pela regularidade em que os termos aparecem nas publicações do Twitter. **Solidariedade**, por exemplo, foi utilizada nos discursos em três situações, e, ao elaborarmos a nuvem, demos a ela um peso três. **Deus** (1x); **Covid-19** ou **Coronavírus** (31x) e **Cloroquina** (8x). O **Auxílio Emergencial**, principal programa elaborado pelo governo para a manutenção de renda durante a pandemia, foi mencionado nove vezes⁹⁷. Bolsonaro utiliza a palavra **Saúde** seis vezes. A busca por **Vacinas** é citada apenas uma vez. **Emprego e Desemprego** somam juntas mais de 10

⁹⁶ Nuvem de palavras formulada a partir do *site* wordart.com/create.

⁹⁷ Reiteramos que o slogan utilizado na divulgação do Auxílio Emergencial é #IssoÉCidadania (CIDADANIA, 2021).

menções. As outras palavras que aparecem na nuvem de palavras, como Família, Esforços, Fome, Forças Armadas, Vida, entre outras, receberam o mesmo peso e são mencionadas nos *posts* selecionados em nosso *corpus*.

Com esses exercícios, buscando responder aos objetivos da pesquisa – compreender se as dimensões de Transparência, Cidadania e Solidariedade se fazem presentes nos discursos na ambiência digital e as características enquanto liderança à frente da pandemia –, elaboramos um perfil da referida liderança política (Quadro 10).

Quadro 10 – Características apontadas na análise.

Características da liderança durante a pandemia de Covid-19	Tipo de discurso
Bolsonaro é um líder carismático/transformacional e autocrático. Centraliza decisões. Interesses privados predominam sobre os interesses públicos. Descrédito na ciência. Falta de transparência e diálogo. Menosprezo pela democracia. Estímulo à polarização. Contradição entre falas e atitudes.	Autoritário, se colocando como agente exclusivo das falas, polissemia contida, não ditos e silenciamentos. Entre as marcas da linguagem, a utilização de palavras escrita em maiúsculo, como quem precisa “provar” algo para a sociedade.

Fonte: elaborado pela autora, a partir de Bergamini (2009), Max Weber (2006,1999), Orlandi (2005) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008).

Os líderes carismáticos/transformacionais emergem, em geral, em situações sociais de dificuldades variadas, são considerados heróis, dignos da fé dos públicos. Trazemos para a análise o léxico político-religioso (ALMEIDA, 2018) que repercutiu e ainda repercute nos discursos do presidente após a facada sofrida durante a campanha de 2018, aliado ao contexto político da época em que ele foi eleito – o messias, salvador da pátria, que libertou o Brasil da esquerda, da corrupção, da destruição das famílias tradicionais.

Bolsonaro tem seguidores fiéis, que acreditam no que ele diz, em um fanatismo e apoio sob quaisquer circunstâncias. Para Antunes Junior (2016, p. 70), motivações políticas, religiosas ou econômicas “ficam eclipsadas quando a jornada do herói é

estabelecida em uma narrativa, em que um dos lados assume representação arquetípica do herói e o outro a do vilão ou de um desafio a ser superado”.

A premissa de uma luta eterna do “bem contra o mal”, aponta o pesquisador, instala-se em primeiro plano, na qual a tendência é sempre de que o “nós” seja a parte certa e o “eles” a parte errada. Forma-se, assim, o “rosto empático” com o herói que, dentro de uma lógica cognitiva, tem os objetivos claros. Por outro lado, o vilão deve ser rejeitado, assim como os números, as multidões e outros produtos das generalizações e distorções da linguagem, “e por ele geramos aversão, antipatia, temor e, em casos extremos, ódio”.

Uma vez que o Estado é uma relação de homens que dominam seus iguais, Weber (1999) acredita que, para isso, se faz necessário que os dominados se submetam a uma autoridade dos poderes dominantes cujo reconhecimento é partilhado coletivamente. Para tanto, são três as razões: o poder tradicional, exercido pelo patriarca ou senhor de terras. A segunda razão se manifesta pelo poder carismático, exercido pelo profeta ou pelo dirigente guerreiro eleito, identificado nos dons e atributos pessoais e extraordinários de um indivíduo. A terceira e última, a legitimação obtida pela via da legalidade, em razão da crença na validade de um estatuto legal de uma competência positiva, ou seja, a autoridade fundada na obediência, que reconhece obrigações conformes ao estatuto estabelecido.

Os bolsonaristas são pessoas “aptas a praticar qualquer violência contra os outros e contra si mesmo, como demonstra a reação à pandemia” (WEBER, 2020, p. 222). Nessas relações não são permitidas insubordinações. Esse líder carismático é ao mesmo tempo autoritário, centralizador, e coloca os desejos privados – seus e os dos seus filhos – acima dos interesses públicos. Por isso reafirmamos que Bolsonaro não faz política. Ele se dedica à política para possuir poder.

Há outras características necessárias a um político carismático, como a paixão, o sentido de responsabilidade e senso de proporção” (WEBER, 1970, p. 133). Nosso sujeito em análise tem paixão pela provocação. Sentido de responsabilidade e senso de proporção não estão postos em seus discursos. Não há o que justifique a não utilização de máscaras, as aglomerações promovidas em visitas a municípios pelo País, os não ditos, ditos e silenciamentos.

Sob a nossa perspectiva, entendemos que não há como compreender Bolsonaro enquanto líder durante a pandemia. Seus discursos não possibilitam

espaços para que a comunicação pública aconteça, logo, não há Cidadania, Transparência e nem Solidariedade.

Para que esses princípios se façam presentes, é necessário que os cidadãos encontrem informação útil e confiável a partir da liderança. Suas falas, ao contrário, são publicitárias (WEBER, 2020), em permanente campanha eleitoral, em que o conceito de nós, o senso cívico, a ação comum e a responsabilidade para com os outros (HAN, 2021) não se mostra.

5.5 O QUE NÃO ESTÁ ACONTECENDO...

Na perspectiva de Thompson (1995, p. 375), após a realização da análise há um momento para a “construção ativa de possíveis significados”, em que é possível interpretar e reinterpretar, cientes da premissa de que já foi realizada uma interpretação anterior. Podemos dizer que é um momento para síntese, ou uma explicação do que está representado ou dito, que vai além da análise formal ou discursiva.

O processo de interpretação, da HP, também é reinterpretação. Isto é, “[...] as formas simbólicas objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado, elas já são interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico” (THOMPSON, 1995, p. 376).

Reafirmamos noções e sentidos expostos nas análises, tencionando-as a partir dos conceitos de ideologia propostos por Orlandi (2005) e Thompson (1995, 2002, 2011), e de poder, por Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008) discutidos até aqui. Trazemos ainda a noção de senso cívico e responsabilidade individual, fatores apontados por Han (2021) como impulsionadores do “sucesso” da pandemia em países asiáticos, como o Japão, e em países ocidentais como a Nova Zelândia. Nesses locais, os líderes tiveram papel fundamental, em uma mobilização em prol do bem comum. A primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, falou com empatia do time dos cinco milhões, referindo-se à população daquele país. De encontro a esse sucesso, Han (2021) cita o exemplo dos Estados Unidos, que a partir da polarização de opiniões e com ações egoístas promovidas por Donald Trump, dividiu a nação.

No Brasil, não foi diferente. Em seus discursos, pela referida rede social, Bolsonaro citou a **cloroquina** nove vezes, mais que a palavra **saúde**, mencionada seis vezes. **Vida**, palavra que precisaria ser celebrada quando muitos perguntavam-se sobre o real sentido de tudo que estava ocorrendo, foi dita uma vez, assim como a **vacina**. A economia era a prioridade, conforme apontamos nos discursos. **Emprego, Desemprego e Economia** são expressões presentes em mais de 15 publicações. A **solidariedade** é citada em dois momentos das nossas análises, e somente em uma delas se refere à noção de compaixão. Práticas como as de divulgação de vídeos de pessoas comuns desrespeitando o isolamento social, provocando aglomerações, e sem utilizar máscara denotam a ausência desse sentimento.

O que constatamos em seus discursos foram disputas de interesses e de sentidos ideológicos (ORLANDI, 2005). Não-ditos que tudo dizem (FOUCAULT, 2008 p. 28), pela análise histórica, que busca uma repetição, ou que se destina a ser interpretação ou “escuta de um já-dito que seria, ao mesmo tempo, um não-dito, em jogos de uma “ausência sempre reconduzida”. Conforme nos aponta Foucault (2008, p. 28-29), cabe ao analista estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua “irrupção de acontecimentos”, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser “repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares”.

A principal liderança política brasileira apropria-se de um **discurso populista** (WEBER, 2020) e autoritário (ORLANDI, 2005), que estimula as disputas de verdades discursivas entre a política, a religião, a lei, a ciência, e outros atores sociais. Em suas falas as expressões **povo**, ou **nosso povo**, tradicionais na retórica populista (WAIMBERG, 2018), repetem-se por mais de dez vezes – “significado implicado na manifestação, e por ser vago e impreciso o povo ora inclui e ora exclui atores e grupos variados, dependendo das intenções persuasivas do orador” (WAIMBERG, 2018, p. 79). Aristóteles cita, na obra *A Política*, um provérbio desconhecido (2002, p. 177): “Para bem comandar é preciso ter antes obedecido”. Nos questionamos, Bolsonaro já obedeceu?

Lembramos que, para Foucault (1999), o poder não se dá, nem se troca, nem se retoma, é essencialmente o que reprime – a natureza, os instintos, uma classe, indivíduos. Também não é um bem possuído por todo ser humano e que pode ser somado ou subtraído por meio de contrato, mas enquanto relação de força que se

exerce em rede, na qual “não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo” (FOUCAULT, 1999, p. 35).

É neste sentido que questionamos os discursos. E também entendemos que, para o autor, o poder não é concebido como algo ao qual se pode atribuir o status de digno ou indigno; é “coisa que circula” (FOUCAULT, 1999, p. 35), não se estabelece de modo único nem em um só sentido.

Em sua obra, ao contrário, ele destaca os papéis do poder e esboça como as instâncias hegemônicas contribuem para a formação de micropoderes, que tanto exercem força em sentido contrário ao macropoder quanto criam dinâmicas de força em seu contexto específico. Nossa tese está “recheada” desses micropoderes, apontados nos discursos, que Foucault nomeia como discursos de verdade.

Somos “submetidos pelo poder à produção da verdade, e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (FOUCAULT, 1999, p. 28- 29), que é a norma. É o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder.

Durante a pandemia de Covid-19, a partir dos discursos do presidente, o direito de acesso à informação, garantido pela Constituição, parece ter sido negado. Seja em razão da ausência de qualidade na informação recebida, ou em função da restrição do acesso aos dados factuais.

Sobraram dissensos, motivados por disputas entre diferentes atores sociais. Faltaram o acesso amplo à informação, o diálogo, os espaços para interlocução multidirecional, o estímulo a uma cidadania ativa, informada e participativa. Faltou também o combate à desinformação – artigo publicado por Taís Seibt e Murilo Dannenberg com o tema “Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens do Aos Fatos” (2021) identificou declarações do presidente durante a pandemia verificadas pelo *site* de *fact-checking* Aos Fatos. Entre as conclusões dos autores, quando Bolsonaro abordou temas que não são de seu domínio, fora da agenda de governo, por exemplo, ele falou a verdade em apenas 20% dos casos. “A cada 10 *posts*, não consegue sustentar o que diz em oito deles” (SEIBT, DANNENBERG, 2021, p. 25).

É na tática de silenciamento de quaisquer argumentos contrários que o autoritarismo se firma (SOUZA COSTA, SILVEIRA, 2018), na “ambiguidade e na vaguidade” (WAIMBERG, 2018, p. 73) que dão espaço para os efeitos de sentidos

polissêmicos, a imprecisão, “com o orador livrando-se da obrigação de apresentar provas que sustentem seu argumento”. Para Souza Costa e Siveira (2018, p. 33) o vozeamento, a insistência no debate e na argumentação “devem ser intensificados, para que os vieses autoritários não preponderem”. Democracia se faz com a pluralidade e com o diálogo.

6 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Finalmente, eis a última precaução para colocar fora de circuito as continuidades irrefletidas pelas quais se organizam, de antemão, os discursos que se pretende analisar: renunciar a dois temas que estão ligados um ao outro e que se opõem. Um quer que jamais seja possível assinalar, na ordem do discurso, a irrupção de um acontecimento verdadeiro; que além de qualquer começo aparente há sempre uma origem secreta – tão secreta e tão originária que dela jamais poderemos nos reapoderar inteiramente. (FOUCAULT, 2008, p. 27).

Em um primeiro momento, quando começamos a traçar essas considerações (in) conclusivas, pensamos no ato de sobreviver. Somos incapazes enquanto seres humanos, de compreender 2020, as perdas repentinas, as incertezas, a ganância pelo poder e a falta de humanismo, responsabilidade e solidariedade. Mesmo ao lermos e estudarmos sobre o Poder, ou ao atuarmos enquanto profissionais em instituições públicas que tiveram protagonismo durante a pandemia, sentimo-nos incapazes. Esses motivos nos guiaram e nos motivaram nessa trajetória.

Nossos achados nesta tese percorrem uma linha do tempo que se iniciou ainda no século XIX, exposta no Capítulo 3 – *A Liderança em Debate* –, no qual buscamos conhecer como os gestores daquela época atuaram na pandemia da Gripe Espanhola e em outras crises sanitárias. A partir de dois cursos realizados sobre o tema, um na Aberje e outro na Fiocruz, constatamos que passados mais de 100 anos dos fatos, algumas atitudes se repetiram, como a demora do governo em coordenar as ações e criar políticas efetivas, além da descrença na gravidade dos fatos.

Também nesse capítulo, tecemos um panorama do Estado da Arte na área, apresentando os conceitos, os estilos e as características de diferentes visões, desde a administração e a psicologia (BERGAMINI, 2002, 2009), ingressando na liderança política em Bourdieu (2011, 2012) e Foucault (1999, 2007a, 2007b, 2008), e da liderança carismática (WEBER, 2011, 1999). Na sequência, destacamos os trabalhos defendidos em Programas de Pós-Graduação e que constam do Portal de Teses da CAPES, bem como artigos apresentados em eventos nacionais de referência (Intercom, Compós e Abrapcorp), no período de 2015 a 2021.

No quarto capítulo – *Comunicação em tempos de pandemia*, centramos a reflexão baseados em Marcondes Filho (2012) e Wolton (2011), ao justificarmos nossa opção pela comunicação sob uma perspectiva relacional e dialógica. Com o decorrer da pesquisa, fomos chegando à convicção de que a comunicação é

compartilhamento, estabelecida pela relação entre os sujeitos em um processo relacional e uma prática reflexiva, os quais permitem a reconfiguração do “comum” (MARQUES, 2011) como construção conjunta entre interlocutores (sujeitos sociais), a partir de discursos em um determinado contexto (SCROFERNEKER, 2012). Sem ela, não há cidadania, transparência e solidariedade. Na comunicação pública, portanto, há de prevalecer a expressão, a interpretação e o diálogo (MATOS, 2011) – e o interesse público. Por esse mesmo princípio – do interesse público –, Duarte (2011) a difere da comunicação política e governamental, que trata dos fluxos de informação e padrões de relacionamento envolvendo o executivo e a sociedade. A comunicação política refere-se ao discurso e à ação na conquista da opinião pública “em relação a ideias ou atividades que tenham relação com o poder” (DUARTE, 2011, p. 126). Bolsonaro não faz comunicação pública, sua comunicação é política.

Certificamo-nos da relevância da ambiência digital e das características que permitem a “interconexão geral de tudo em tempo real” (LÉVY, 2000, p. 66), um hiperespaço plural [...] em um sistema de trocas e reciprocidade” (SANTAELLA, 2013, p. 45), que afeta as relações sociais em todos os níveis, na comunicação, nas relações pessoais, interpessoais, no trabalho, nas instituições, na indústria” (TERRA, 2010, p. 128).

Sobre o Twitter, renovamos sua importância enquanto “ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010a, p. 66). Bolsonaro pauta a imprensa pela referida rede social. Ele optou por informar nessa Rede que seu exame de Covid-19 havia dado negativo em 17 de março de 2020, marcando a indiferença para com os veículos de comunicação. Reafirmamos também a frequência da utilização do Twitter (mais de 12,7 mil postagens desde março de 2010) e a destreza com que o Presidente da República utiliza o *microblogging*, no qual tem mais de 7 milhões de seguidores. Mandetta também informou por esse meio que estava deixando o Ministério da Saúde – a mensagem foi preparada antes do ingresso na reunião com Bolsonaro –, como relatamos em nossa pesquisa.

O que está acontecendo? é o título do nosso quinto capítulo, quando, por meio da análise de 153 publicações no período em questão, buscamos atender aos objetivos de pesquisa, analisar os discursos de Jair Bolsonaro na ambiência digital,

durante a pandemia de Covid-19; discutir sobre como as estratégias discursivas configuram o(s) estilo(s) dessa liderança; e compreender a liderança política, considerando as dimensões propostas.

Foram necessárias muitas escolhas para a construção/desconstrução dessa outra linha do tempo, que começa em 16 de março e segue até 31 de agosto de 2020. Com o apoio da Banca de Qualificação, definimos os pontos de partida, isto é, os acontecimentos que nos guiaram. Utilizamos temáticas para a organização do material, o que nos possibilitou enxergar o todo e percorrer os caminhos até os resultados que alcançamos.

Importou para este trabalho – sob os aportes da Análise do Discurso – conhecer os contextos, os sujeitos em cena e as condições de produção dos discursos. De acordo com Orlandi (2006), essas condições de produção envolvem, além dos sujeitos, também a situação. Não se pode, segundo a autora, separar o contexto imediato e o contexto mais amplo, uma vez que, em situação de linguagem, ambos funcionam juntos, e “os fatos reclamam sentidos” (ORLANDI, 2006, p. 15).

As construções realizadas anteriormente – sobre a trajetória de Bolsonaro, a história de outras pandemias e a importância do Twitter na ambiência digital – propiciaram uma melhor compreensão sobre o lugar dos sujeitos e as situações em jogo, elementos que contribuiriam para entendermos as condições de produção dos discursos em observação, com a memória discursiva e o interdiscurso como seus elementos constitutivos.

As atividades humanas constitutivas do *bios politikós* defende Aristóteles (2002) eram a ação (*praxis*) e o discurso (*logos*). Quem vivia na *polis* deveria possuir a disposição discursiva do *logos*, do homem (cidadão) que fala e discorre pela palavra como instrumento de persuasão, e que se dirige a outrem em pé de igualdade, com o objetivo de buscar um entendimento geral no espaço público da *ágora* e da *ekklesía*. Entre iguais, a disputa (*polemos*) ocorre pelo diálogo, pelo convencimento por meio do discurso como forma superior do relacionamento entre os cidadãos. O modo político de decidir exclui a violência, pois o convencimento pela palavra é feito por argumentos produzidos por uma razão dialógica. Nos discursos de Bolsonaro são muitos os silenciamentos, os não ditos, os discursos polissêmicos e as paráfrases em relação à pandemia: há **não ditos** em relação ao primeiro óbito, à saída de Teich e de Sergio Moro; **silenciamentos** sobre os números de óbitos e de casos e em relação

ao envolvimento da sua família com rachadinhas em gabinetes e com a milícia no Rio de Janeiro. Sobre a saída de Mandetta, trata a decisão como *divórcio consensual*, outro **não dito**, se analisarmos as divergências entre ambos, amplamente expostas. A preocupação era divulgar feitos do Governo, a partir de discursos **polissêmicos**, de que saúde e economia deveriam andar juntas, e que o Brasil não podia parar, contribuindo na construção de **efeitos de sentidos** de que o presidente queria o bem para o País, de que a imprensa provocava o pânico e de que a ciência era comunista (grifos nossos).

Bolsonaro vale-se ainda de um **discurso autoritário**, em que o locutor é agente exclusivo, ao apagar a relação com o interlocutor (ORLANDI, 2015), o que não condiz com o comportamento de um líder que deve “criar condições e não só transmitir informações” (CAPRA, 2005, p. 132). Para Novelli (2006) países com elevados padrões de governança têm entre suas principais características o fortalecimento das relações com os cidadãos e o estímulo à participação, melhorando a qualidade da democracia e a capacidade cívica da população. Nesses casos, a comunicação pública acontece, e “passa a desempenhar um papel importante de mediação para as práticas de boa governança” (NOVELLI, 2006, p. 85).

No Brasil, a partir dos resultados das nossas análises, tensionando com a fundamentação teórica, reiteramos que a liderança do presidente durante a pandemia apresentou características de centralização das decisões; predomínio de interesses privados sobre os interesses públicos; descrédito na ciência; falta de transparência e diálogo; menosprezo pela democracia e estímulo a polarização, comuns aos líderes autocráticos e carismáticos/transformacionais (BERGAMINI, 2009); (WEBER, 2006, 1999); (ORLANDI, 2005); (FOUCAULT, 1999, 2007a, 2007b, 2008).

Democracia se faz com a pluralidade e com o diálogo. Bolsonaro, ao contrário, vale-se de um tipo de *ethos*, explorado por políticos populistas (WEBER, 2020; LACLAU, 2013), de que ele é um líder predestinado, um messias, que combate heroicamente (CARLYE, 1930) todas as mazelas. O substantivo povo, por exemplo, foi utilizado em três formações discursivas encontradas, acompanhadas do pronome possessivo nosso. São dezenas de publicações de feitos do governo em seu Twitter, durante uma Pandemia, em que milhares de brasileiros estavam morrendo. Grande parte dessas publicações começavam com as frases *Mesmo com o Covid*, ou *O*

trabalho do @Govbr continua, Mais uma obra pronta e entregue, Seguem as obras e Apesar de.

Constatamos um número significativo de **interdiscursos** reforçando a polarização, no sentido de que há um lado bom, e outro ruim, estimulando o conflito, a incapacidade de aceitar a diferença, transformando a aversão ao outro em ação política. Uma cultura do ódio que alimentou a desigualdade. Bolsonaro apropriou-se de um **discurso populista** (WEBER, 2020), que estimulou as disputas de verdades discursivas entre a política, a religião, a lei, a ciência e atores sociais. Em fevereiro de 2021, por exemplo, quando foram registradas 1.582 novas mortes por Covid-19 (UOL, 2021), afirmou em sua *live* semanal que máscaras e isolamento não eram eficazes e prejudicavam as crianças, causando irritabilidade, dor de cabeça e dificuldade de concentração. Precisávamos de humanidade (grifos nossos).

Bolsonaro não faz política (ARENDDT, 2016) e não utiliza o poder em prol do bem comum (MAQUIAVEL, 1999). Ele governa para os seus e como um líder carismático que é, autoritário e centralizador, coloca os desejos privados – seus e os dos seus filhos – acima dos interesses públicos. Sua comunicação não é pública, como o título desse trabalho aponta. Ao contrário, durante o período analisado, suas ações contribuíram para a ocultação de dados sobre a doença e/ou os óbitos, confusão de informações, sem transparência, clareza e objetividade.

As incertezas permanecem, e até por esse motivo este capítulo tem como título *Considerações (in)conclusivas*. O ano que começa, de 2022, já está repleto delas, no campo da saúde e da política. Em relação à saúde, apesar dos bons índices de vacinação, os primeiros meses do ano foram de preocupação em relação à Ômicron, nova variante do coronavírus que circulou em centenas de países, inclusive no Brasil, e que colocou em atenção as autoridades.

Sobre a política, segundo pesquisas diversas, o cenário será de polarização nas eleições presidenciais entre Bolsonaro e o ex-presidente Lula, com outros candidatos buscando uma vaga no executivo. No caso de Bolsonaro, sua intenção explícita é dar continuidade ao projeto atual, e que apontamos características em nosso trabalho. Em relação à Lula, sua pré-candidatura carrega o histórico de corrupção e crise econômica iniciada em 2015, e parece não haver novidades no projeto político proposto. Algumas das outras figuras políticas que se apresentam no

cenário, como o ex-governador de São Paulo, João Dória⁹⁸, escolhido como candidato do PSDB à disputa da presidência, e o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, são protagonistas e causadores dessas disputas ideológicas traçadas em nossa pesquisa. Outro nome que se apresenta na disputa é o do ex-governador do Ceará, Ciro Gomes, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), que nas eleições presidenciais de 2018 ficou em terceiro lugar.

Quando da entrega da Tese, dirigentes de quatro importantes siglas partidárias, o Movimento Democrático Brasileiro, o Partido da Social Democracia Brasileira, União Brasil e Cidadania - movimento considerado como de terceira via - anunciaram o interesse em ter um candidato à Presidência da República, visando 'romper' com a polarização das candidaturas de Lula e Bolsonaro⁹⁹.

Outra incerteza que nos acompanha é a mobilização da direita conservadora, sempre mais reativa do que proativa (QUADROS; MADEIRA, 2018). Ainda teremos espaço para os preconceitos e ações que não acrescentam, não fazem o ser humano evoluir e só diminuem nossa humanidade?

Pelo lado pessoal, esta tese foi transformadora. Sentimo-nos construindo e desconstruindo a todo o momento, em um cenário um tanto caótico. Fizemos renúncias importantes, pessoais e profissionais. Nossa pesquisa, por vezes choca e entristece, mas é um retrato do País que temos hoje, dividido, que parece clamar por um rumo, por mudanças importantes e emergenciais. Necessária ainda, é uma liderança que consiga promover políticas sociais realmente efetivas, que criem oportunidades de trabalho e de renda, com um olhar especial para a educação. De nossa parte, enquanto profissionais de comunicação e pesquisadores, nos comprometemos a não desviar o olhar da comunicação pública, e por consequência da transparência, da cidadania, do diálogo e da democracia. São (des) caminhos sem volta.

⁹⁸ João Dória renunciou ao Governo de São Paulo em 31 de março de 2022, conforme lei eleitoral que prevê que o afastamento deve ocorrer seis meses antes das eleições para quem não disputa a reeleição. O objetivo é atender ao princípio da igualdade de oportunidades e o candidato que não cumprir o prazo têm a candidatura indeferida. Eduardo Leite, ex-governador do RS, também renunciou ao cargo, se colocando à disposição do PSDB para a disputa ao executivo.

⁹⁹ Os nomes definidos devem ser divulgados em 18 de maio de 2022.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do Twitter. **TECMUNDO**, EM 19 DE OUTUBRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: www.tecmundo.com.br/rede-social/3667-a-historia-do-twitter.htm. Acesso em: 21 jul. 2020.

‘A TRISTEZA acabou matando ele’, afirma Paulo Marinho sobre morte de Bebianno. **Jovem Pan**, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/tristeza-matou-bebianno-marinho.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.

ABREU, Lucas. Epidemias: de Carlos Chagas em 1918 ao Brasil sem líder de 2020. **AdUFRJ**, 25 abr. 2020. Disponível em: <https://www.adufrj.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/21-destaques/2950-de-carlos-chagas-em-1918-ao-brasil-sem-lider-de-2020>. Acesso em: 27 jul. 2020.

ACHILLE Mbembe: A era do humanismo está terminando. **Ihu Unisinos**, em 24 de janeiro de 2017. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/eventos/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando. Acesso em: 9 set. 2020.

ACOSTA, Jim. **O inimigo do povo**: uma época perigosa para dizer a verdade. Tradução de Rogerio W. Galindo. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro de. **Poder e violação de direitos humanos no discurso neopentecostal**: uma análise da atuação político-midiática de Silas Malafaia e Marco Feliciano nas redes sociais on-line. 2017. 219f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29097>. Acesso em: 26 set. 2020

ARAÚJO, Livia Sabatini. **Antecipações de sentidos dos rumos de uma Nação: uma análise dos discursos de posse de Bolsonaro**. 2019. 90 p. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/203744>. Acesso em: 26 jan. 2022.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Valandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Vol. IV: Os Pensadores.

ARNAUDO, Dan. Computational Propaganda in Brazil: Social Bots during Elections. **Computational Propaganda Research Project**, Working Paper Nº. 2017.8, Oxford Internet Institute, 2017. Disponível em: comprop.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/89/2017/06/Comprop-Brazil-1.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

ASSAM Ana Beatriz; HOLANDA, Marianna; GODOY, Marcelo. Ministério terá mais militares do que em 1964. **O Estado de S. Paulo**, em 16 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-militares-no-1-escalao-e-o-maior-desde-1964,70002647839>. Acesso em: 3 out. 2020.

BABBIT, Irving. **Democracia & Liderança**. Tradução de Joubert de Oliveira Brízida. Topbooks, 2003. Disponível em: www.saraiva.com.br/democracia-lideranca-141598/p Acesso em 23 set. 2020.

BADDINI, Bruna; FERNANDES, Daniel. Primeira pessoa é vacinada contra Covid-19 no Brasil. **CNN Brasil**, São Paulo, 17 jan. 2021. Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Ed. Universidade de Brasília, 1982.

BALDISSERA, Rudimar. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. *In*: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **A comunicação como fator de humanização nas organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010, p. 61-75.

BAPTISTA, Renato Dias. Dilemas Contemporâneos: O repúdio da realidade. **Observatório da Imprensa**, n. 1085, 28 abr. 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-contemporaneos/o-repudio-da-realidade/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BATISTA, Francisca da Rocha Barros. **Do comandar ao servir**: noções de poder nos discursos sobre liderança. Tradução de Francisca da Rocha Barros Batista. Recife: UFPE, 2013.

BATISTA JÚNIOR, João. Em delação, Messer diz que entregava dólares aos Marinho, da Globo. **Veja**, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/doleiro-dario-messer-cita-familia-marinho-delacao-premiada/>. Acesso em: 18 set. 2021.

BATISTA JÚNIOR, Pedro. Propostas sustam portaria do Exército que revogou regras sobre armas e munições. **Agência Câmara de Notícias**, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/657497-propostas-sustam-portaria-do-exercito-que-revogou-regras-sobre-armas-e-municoes/>. Acesso em: 7 set. 2021.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Liderança**: administração do sentido. São Paulo: Atlas, 2009.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. Liderança: a Administração do Sentido. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 34, n. 3, maio-jun, p.102-114, 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901994000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2020.

BOHN, David. **Diálogo**: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BOLSONARO compartilha vídeo em que dirigente da CNC diz que estados fazem chantagem. **Estado de Minas**, 16 abr. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/16/interna_politica,1139242/bolsonaro-compartilha-video-em-que-dirigente-da-cnc-diz-que-estados-fa.shtml. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO diz que voltará a dar entrevistas e que atende a Globo "ao vivo". **IG Último Segundo**, 23 set. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2021-09-23/bolsonaro-imprensa--atendo-a-globo-ao-vivo-sem-problemas.html>. Acesso em: 26 jan. 2022.

BOLSONARO orienta ministros a 'não se meter' nas eleições. **O Globo**, em 13 set. 2020a. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/09/13/bolsonaro-orienta-ministros-a-no-se-meter-nas-eleies.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2020.

BOLSONARO se filia ao PL e volta ao centrão em evento com ataques a Lula e Moro. **Folha de São Paulo**, 30 nov. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/11/bolsonaro-se-filia-ao-pl-volta-ao-centrao-e-faz-ataques-a-esquerda.shtml>. Acesso em: 4 jan. 2022.

BOLSONARO tem recepção de popstar em manifestação pró-impeachment no Rio. **UOL Notícias**, em 13 dez. 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/12/13/bolsonaro-tem-recepcao-de-popstar-em-manifestacao-pro-impeachment-no-rio.htm>. Acesso em: 13 out. 2020.

BOLSONARO veta uso obrigatório de máscara no comércio, em escolas e em igrejas. **Agência Senado**, 3 jul. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/03/bolsonaro-veta-uso-obrigatorio-de-mascara-no-comercio-em-escolas-e-em-igrejas>. Acesso em: 8 set. 2021.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 13 out. 2020.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 16 mar. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1239719361629257734>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 21 mar. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241546261435727873>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 21 mar. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1241434576049840130>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 28 abr. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1255189906961453066>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 28 abr. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1255103572234194945>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 13 maio 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1260673869897183246>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 14 maio 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1261086144219021320>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 15 maio 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1261249929437200384>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 15 maio 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1261249929437200384>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 15 ago. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1298254653860253696>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Tweets**. Twitter: @jairbolsonaro, em 25 ago. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1298254653860253696>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 16^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-Compós**, v. 14, n. 1, 26 set. 2011. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665>. Acesso em: 13 out. 2020.

BRANDT, Paula Sousa. **A contribuição da competência política para a carreira, a reputação e a legitimação da liderança**. 2017. 305 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5916701. Acesso em: 16 jun. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 3 set. 2020.

BRASIL. **Lei Complementar nº 101**, de 4 de maio de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp101.htm. Acesso em: 12 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.527**, de 18 de novembro de 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 12 set. 2020.

BROWN, Brené. **A coragem para liderar**. Tradução de Carolina Leocadio. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben São Paulo: Centauro, 2001

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUENO, Wilson da Costa. A construção de uma política de comunicação como processo de legitimação da comunicação pública no brasil. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru/SP, v. 9, n. 3, p. 11-24, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/169>. Acesso em: 2 set. 2020.

BUENO, Wilson da Costa. **Estratégias de Comunicação nas Mídias Sociais**. Barueri, SP: Manole, 2015. (Série Comunicação Empresarial). Edição Kindle.

CÂMARA. **Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro**. 2020. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/orcamento-da-uniao/orcamentosestaduais/rj.html>. Acesso em: 13 out. 2020.

CANAVILHAS, João. A comunicação política na era da internet. **VIII Congresso Lusocom**. Labcom, 2009.

CAPRA, Fritjof. **A TEIA DA VIDA: UMA NOVA COMPREENSÃO CIENTÍFICA DOS SISTEMAS VIVOS**. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CAPRA, Fritjof. **O PONTO DE MUTAÇÃO: A CIÊNCIA, A SOCIEDADE E A CULTURA EMERGENTE**. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPRA, Fritjof. **O TAO DA FÍSICA: UMA ANÁLISE DOS PARALELOS ENTRE A FÍSICA MODERNA E O MISTICISMO ORIENTAL**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CAPRA, Fritjof. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. Tradução de Mayra Teruya Fichemberg. São Paulo: Cultrix, 2014

CARDIM, Maria Eduarda, Renato SOUZA, SANTOS, Philipe. Primeira morte por causa do novo coronavírus no Brasil é registrada em SP. **Correio Braziliense**, em 17 de março de 2020. Disponível em: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/17/interna-

brasil,834812/primeira-morte-por-cao-do-novo-coronavirus-no-brasil-e-registrada-sp.shtml. Acesso em: 13 out. 2020.

CARLOS Chagas e a gripe espanhola. **Centro Cultural do Ministério da Saúde** (CCMS), em 23 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/noticias/carlos-chagas-e-gripe-espanhola>. Acesso em: 27 jul. 2020.

CARVALHO, Flaviana Andrade de Pádua. **Carreira e aprendizagem: um estudo com gestores públicos federais egressos da escola nacional de administração pública**. 2015. 198 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2980850. Acesso em: 16 jun. 2020.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel**. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2019.

CASARA, Rubens. Autoridade e vazão do pensamento. **Revista Cult**, 12 ago. 2019. Política, p. 1-12. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/autoridade-e-vazio-do-pensamento/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

CASOS de coronavírus e número de mortes no Brasil em 21 de abril. **Portal G1**, 21 abr. 2020. Bem-estar, p. 1-12. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/21/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-21-de-abril.ghtml>. Acesso em: 7 set. 2021.

CASSIMIRO, Paulo Henrique Paschoeto. Os usos do conceito de populismo no debate contemporâneo e suas implicações sobre a interpretação da democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 35, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.35.242084>. Acesso em: 20 set. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. Communication in the Digital age. *In*: CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford University Press, 2009, p. 55-136.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. O digital é o novo normal. **Fronteiras do Pensamento**, em 26 jun. 2020. Disponível em: www.fronteiras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal. Acesso em: 11 jul. 2020.

CASTRO, Daniel (Org.). **Reflexão sobre as políticas nacionais de comunicação**. 1ª edição. Brasília: IPEA, 2010. v, 1.

CCJ aprova projeto que permite homeschooling. **Agência Câmara de Notícias**, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/771015-ccj-aprova-projeto-que-permite-homeschooling>. Acesso em: 13 set. 2021.

CESAR, Larissa de Oliveira; SALDANHA, Patrícia Gonçalves. Comunicação Social e Formação de Opinião Política no Twitter: O Líder Evangélico Silas Malafaia. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba-PR, 04 a 09 de setembro de 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0358-1.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

CETIC. **Pesquisa TIC Domicílios**: edição Covid-19. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2020_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022.

CHANLAT, Jean-François. Por uma antropologia da condição humana nas organizações. *In*: TÔRRES, Ofélia de Lanna Sette (Org.). **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. Tradução e adaptação de Arakey Martins Rodrigues. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

CHEGA ao Brasil o primeiro lote dos 10 milhões de testes comprados pelo Ministério da Saúde via OPAS. **Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)**, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/22-4-2020-chega-ao-brasil-primeiro-lote-dos-10-milhoes-testes-comprados-pelo-ministerio-da>. Acesso em: 8 set. 2021.

CHRISTOFOLI, Márcia Pillon. **Comunicação e Liderança**: em busca da dimensão sensível. 2020. 179 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9127>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CIOCCARI, Deysi. Bolsonaro, o homem e o mito. **Revista Congresso em Foco**, Brasília, n. 26, 2017.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Jair Bolsonaro: mídia, imagem e espetáculo na política brasileira. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, v. 1, n. 2, set. 2019. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/769>. Acesso em: 26 out. 2021.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor**, v. 18, n. 2, p. 201-214, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688>. Acesso em: 29 jan. 2022.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Doria e Nelson Marchezan. **ESTUDOS EM JORNALISMO E MÍDIA**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 112-129, jan. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n2p112>. Acesso em: 27 set. 2020.

CONCONI, Augusto; PONCEANO, Bruno; MARIN, Carlos; KRUSE, Tulio. Eventos de Bolsonaro durante a pandemia. **Estadão**, 6 jun. 2021. Política. Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/politica/2021/06/deslocamentos-jair-bolsonaro-pandemia/>. Acesso em: 8 set. 2021.

CORRÊA, Vivian. A importância do diálogo e da comunicação não-violenta no desenvolvimento do líder. **Comunicação com líderes e empregados**. Cásper Líbero, 2016. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/09/Artigo-Ebook_A-import%C3%A2ncia-do-di%C3%A1logo-e-da-comunica%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-violenta-no-desenvolvimento-de-um-l%C3%ADder_Vivian-Correa.pdf. Acesso em: 24 de maio de 2020.

CORTELLA, Mário Sergio. **Qual É A Tua Obra?** Inquietações Propositivas Sobre Ética, Liderança e Gestão. Vozes Nobilis, 2015. Disponível em: www.saraiva.com.br/qual-e-a-tua-obra-inquietacoes-propositivas-sobre-etica-lideranca-e-gestao-1990467/p. Acesso em: 24 de maio de 2020.

COURTINE, Jean Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias** - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, n. 1, v. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090>. Acesso em: 2 nov. 2021.

CRUZ, Francisco Brito; MASSARO, Heloisa. O impulsionamento de conteúdo de pré-candidaturas na pré-campanha de 2018. **Você na Mira – InternetLab** - Relatório 1, 2018a. Disponível em: www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Relat%C3%B3rio-1-Voc%C3%AA-na-Mira.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

CRUZ, Francisco Brito; MASSARO, Heloisa. Um raio-X do marketing digital dos presidenciais. **Você na Mira – InternetLab**, Relatório 2, 2018b. Disponível em: <https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2018/09/Relat%C3%B3rio-Voc%C3%AA-na-Mira-2.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

CUNHA, Ana Rita; MENEZES, Luiz Fernando. Bolsonaro chega a 1.000 declarações falsas ou distorcidas com 492 dias de mandato. **Aos Fatos**, 8 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-chega-1000-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-com-492-dias-de-mandato/>. Acesso em: 9 out. 2020.

CURVELLO, João José. **Autopoiese e Comunicação nos Sistemas Organizacionais**. 1 edição, Brasília, 2007.

DE ANDRADE, Otávio Morato. Transparência democrática na governança pública: o direito à informação e as tensões jurídicas na Covid-19. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 175–192, 2020. DOI: 10.24979/ambiente.v1i1.823. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/823>. Acesso em: 27 jan. 2022.

DE CASTRO ROCHA, João Cezar. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Editora Caminhos. 2021. *E-book*.

DE OLIVEIRA, Davison Schaeffer. Hannah Arendt: A Origem da Noção de Autoridade. **Revista Ética & Filosofia Política**, v. 9, n.1, junho/2006. Disponível em: https://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2010/03/9_2_davidson.pdf. Acesso em: 26 jan. 2022.

DE SOUZA, Ramon. Donald Trump está permanentemente banido do Twitter. **Canaltech**, 8 jan. 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/donald-trump-esta-permanentemente-banido-do-twitter-177177/>. Acesso em: 17 set. 2021.

DESIDERI, Leonardo. Como pensa Aílton Benedito, chefe de Direitos Humanos da PGR alinhado a Bolsonaro. **Gazeta do Povo**, 20 out. 2019. Bem-estar, p. 1-12. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/ailton-benedito-secretario-direitos-humanos-pgr-como-pensa>. Acesso em: 17 set. 2021.

DIAS, Rodrigo Garrido. Conceito de estado de direito em Friedrich Hayek e a sua concepção de discricionariedade como anátema do estado liberal. **Juris Plenum Ouro**, v. I, p. 1-20, 2019.

DO AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. Discurso doente: Bolsonaro e covid-19. **Revista ECOM**, v. 12, n. 23. Disponível em: <http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/ECCOM/article/view/1326>. Acesso em: 3 nov. 2021.

DRUMMOND, Virgínia Souza. **Confiança e Liderança nas Organizações**. São Paulo: Thompson Learning Edições, 2007.

DUARTE, Jorge (Org.) **Comunicação Pública**: estado, mercado, sociedade e interesse público. 3a edição. Grupo GEN, 2012. 9788522475063. *E-book*. Disponível em: integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522475063/. Acesso em: 4 set. 2020.

DUARTE, Jorge. *Comunicação Pública*. **Jforni**. Disponível em: www.jforni.jor.br/forni/files/ComPúblicaJDuartevf.pdf. Acesso em: 7 set. 2020.

EDUARDO Pazuello toma posse como ministro da saúde. **Agência Brasil**, em 16 set. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-09/ao-vivo-eduardo-pazuello-toma-posse-como-ministro-da-saude>. Acesso em 13 out. 2020.

ELEIÇÕES 2018: Bolsonaro é esfaqueado em campanha; estado é estável, mas inspira cuidados. **Folha de S. Paulo**, em 7 set. 2018. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/2018/09/06/5484-aovivo.shtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

ENAP. **Cursos**. 2020. Disponível em: <https://www.enap.gov.br/pt/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

FACEBOOK e Instagram derrubam live em que Bolsonaro associou Aids a vacina da Covid. **Folha de São Paulo**, 24 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/10/facebook-e-instagram-derrubam-live-em-que-bolsonaro-associou-aids-a-vacina-da-covid.shtml>. Acesso em: 26 out. 2021.

FAKE NEWS se espalham 70% mais rápido que notícias verdadeiras, diz MIT. **Correio Braziliense**, em 8 de março de 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 8 out. 2020.

FERNANDES, Fernanda. Filiação de Moro ao Podemos agita a semana em Brasília. **Correio Braziliense**, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/11/4961293-filiacao-de-moro-ao-podemos-agita-a-semana-em-brasilia.html>. Acesso em: 8 nov. 2021.

FERREIRA, Fernanda Vasques. Raízes históricas do conceito de opinião pública em comunicação. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 50-68, jan. 2015. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7-Janeiro-15-OPINIAO-Fernanda-Vasques-Ferreira-H-A.pdf>. Acesso em: 8 Out. 2020.

FIOCRUZ. **Vacinas contra a Covid-19**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/vacinas-covid19>. Acesso em: 23 out. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. v.1. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

B0QHjIICCEQFhAdEB4yCAghEBYQHRAeUABYAGCo9hhoAHAAeACAAYwBiAGM AZIBAzAuMZgBAKoBB2d3cy13aXrAAQE&sclient=psy-ab&ved=0ahUKEwjnzI3JmOvqAhWUIrkGHeYqB6E4ggEQ4dUDCAw&uact=5. Acesso em: 26 jul. 2020.

GOMES, Denise. Hermenêutica e comunicação: contribuições para compreender a teoria da interpretação e sua aplicação na sociedade midiática. **Revista Temática**, v. 11, n. 04. Abril/2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/23902>. Acesso em: 30 set. 2020.

GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2020.

GOVERNO lança programa para avaliar desempenho de funcionários de alto escalão. **Governo do Brasil**, em 17 fev. 2020. Disponível em: www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/02/governo-lanca-programa-para-avaliar-desempenho-de-funcionarios-de-alto-escalao. Acesso em: 19 jun. 2020.

GOVERNO FEDERAL. **Galeria de ministros**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/galeria-de-ministros>. Acesso em: 29 jan. 2022.

GOVERNO FEDERAL. **Presidente Bolsonaro sanciona Nova Lei do Gás**. Disponibilizado em 9 abr. 2021. Ministério de Minas e Energia. Disponível em: <https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/noticias/presidente-bolsonaro-sanciona-nova-lei-do-gas>. Acesso em: 19 set. 2021.

GUATEMALA. Companhia de Jesus se manifesta diante da delicada situação nacional. **Instituto Humanitas Unisinos (Ihu)**, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611704-guatemala-companhia-de-jesus-se-manifesta-diante-da-delicada-situacao-nacional>. Acesso em: 12 set. 2021.

GUERRA, Giane. Novo decreto mostra que prefeitura espera liberação estadual para lojas abrirem às sextas também. **Gauchazh**, em 14 ago. 2020. Disponível em: gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giane-guerra/noticia/2020/08/novo-decreto-mostra-que-prefeitura-espera-liberacao-estadual-para-lojas-abrirem-as-sextas-tambem-ckdutispj000c0147ctz52l3q.html. Acesso em: 17 ago. 2020.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2018.

HASWANI, Mariângela Furlan. **A comunicação estatal com garantia de direitos: foco no Brasil, na Colômbia e na Venezuela.** 2010. 220 f. Tese (Doutorado em Integração da América Latina) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-31082012-122619/pt-br.php>. Acesso em: 7 set. 2020.

HAUBRICH, Alexandre. O espectro lula na eleição presidencial de 2018 - Imagem pública e imagem negada. **Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019. Disponível em: www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_DLBNZBNWKO1GUSSQHFJ_28_7657_20_02_2019_10_16_23.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

HOHLFELDT, Antônio. Comunicação & Política. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 14, 10 abr. 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3114>. Acesso em: 3 set. 2020.

HOHLFELDT, Antonio. Democracia midiática na sociedade digital. **Conexão, Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul, v.8, p. 229-237, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/123>. Acesso em: 13 out. 2020.

HOHLFELDT, Antonio. Reflexão sobre as políticas nacionais de comunicação: o debate na academia. *In*: CASTRO, Daniel (org). **Reflexão sobre as políticas nacionais de comunicação**. Brasília: IPEA, 2010.

HOHLFELDT, Antônio. A comunicação e as civilizações. *In*: FRANÇA, Vera. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOHLFELDT, Antonio. Comunicação pública: os diferentes sentidos do interesse público. *In*: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, Série Pensamento e Prática, 2011.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Tradução de Maria da Conceição F. de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

IMPEACHMENT de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. **Agência Senado**, 28 dez. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 8 nov. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008.

JIMÉNEZ, Carla; BENITES, Afonso. Bolsonaro insiste que crise do coronavírus é “histeria”, e ex-aliados sugerem seu afastamento. **El País**, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-17/bolsonaro-insiste-que-crise-do-coronavirus-e-histeria-e-ex-aliados-sugerem-seu-afastamento.html>. Acesso em: 17 mar. 2021.

JOHN HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. Coronavirus Resource Center. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 26 jan. 2022.

JORNAL Nacional ganhou mais de 1,5 milhão de jovens por dia na pandemia. **Folha de S. Paulo**, em 12 ago. 2020. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/jornal-nacional-ganhou-mais-de-15-milhao-de-jovens-por-dia-na-pandemia/> . Acesso em: 8 out. 2020.

JUNQUEIRA, Caio. Onyx e Osmar Terra discutem saída de Mandetta. **CNN Brasil**, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/onyx-e-osmar-terra-discutem-saida-de-mandetta/>. Acesso em: 13 set. 2021.

KELLER, Rene José. **As Lutas sociais e a Crise do Socialismo no Contexto de 2016**. 230 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8620>. Acesso em: 14 out. 2020.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. *In: Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas* / Heloiza Matos (org.) – São Paulo : ECA/USP, 2012. *E-book*. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002436283.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LALOUX, Frederic. **Reinventando as organizações**: um guia para criar organizações inspiradas no próximo estágio da consciência humana. Tradução de Isabella Bertelli. Curitiba: Voo, 2017.

LAVADO, THIAGO. Uso da internet no Brasil cresce, e 70% da população está conectada. **Portal G1**, em 28 ago. 2019. Disponível em: g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml. Acesso em: 15 jul. 2020.

LEITE, Patricia Paixão de Oliveira. **A mídia impressa brasileira e o discurso colonizador sobre a américa latina**: a casa grande discursivizando a senzala. 2016. 308 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2017. Disponível em: repositorio.ufpe.br/handle/123456789/22974. Acesso em: 23 set. 2020.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. Nova esfera Conversacional. *In*: DIMAS, Antonio Kunsch; SILVEIRA, Sergio Amadeu da, *et al.* **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2009, p. 9-30. Disponível em: <http://docshare01.docshare.tips/files/8091/80910309.pdf>. Acesso em: 7 out. 2020.

LEO, Luiz Francisco Ferreira. **Mídia e democracia na América Latina**: um modelo de análise de comunicação política comparada para a região. 2020. 258 f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10562762. Acesso em: 13 dez. 2021.

LEONEL, Filipe. Pesquisa analisa o impacto da pandemia entre profissionais de saúde. **Fiocruz**, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude#:~:text=Os%20dados%20indicam%20que%2043,a%20necessidade%20de%20improvisar%20equipamentos>). Acesso em: 26 jan. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. O ciberepaço como um passo metaevolutivo. **Revista FAMECOS**, v. 7, n. 13, p. 59-67, 10 abr. 2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3081>. Acesso em: 13 out. 2020.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Loyola: São Paulo, 2007.

LINHARES, Carolina. Bolsonaro promete ajuda a Russomanno na eleição em SP, e candidato diz ser reação a Covas. **A Folha de S. Paulo**, em 5 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/russomanno-e-amigo-de-velha-data-e-estou-pronto-para-ajuda-lo-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 16 out. 2020.

LINS, Carlos. PoderData: Bolsonaro é bom ou ótimo para 24% e ruim ou péssimo para 57%. **Poder 360**, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poderdata/poderdata-bolsonaro-e-bom-ou-otimo-para-24-e-ruim-ou-pessimo-para-57/>. Acesso em: 26 jan. 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 8 ed. São Paulo. Edições Loyola, 2005.

LOPES, Felipe Tavares Paes; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Os alicerces metateóricos da teoria social de John B. Thompson. **Psico**, v. 41, n. 1, 16 abr. 2010.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4391>.

Acesso em: 30 set. 2020.

MACHADO, Ricardo; FACHIN, Patricia; SANTOS, João Vitor. A obscenidade do capitalismo e dos partidos políticos pariu o neoliberalismo e a plataformização da vida. Entrevista com Muniz Sodré. **Instituto Humanitas Unisinos (Ihu)**, 10 jun. 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/609935-a-obscenidade-do-capitalismo-e-dos-partidos-politicos-pariu-o-neoliberalismo-e-a-plataformizacao-da-vida-entrevista-especial-com-muniz-sodre>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MAIA, Mateus; FERRO, Maurício. Leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro depois da saída de Moro. **Poder 360**, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-pronunciamento-de-bolsonaro-depois-da-saida-de-moro/>. Acesso em: 13 set. 2021.

MAIA, Gustavo; VENTURA, Manuel; GULLINO. Planalto acaba com entrevistas do Ministério da Saúde e vai concentrar informações sobre novo coronavírus. **O Globo**, em 30 de março de 2020b. Disponível em: oglobo.globo.com/brasil/planalto-acaba-com-entrevistas-do-ministerio-da-saude-vai-concentrar-informacoes-sobre-novo-coronavirus-24338981. Acesso em: 17 set. 2020.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil: Os bastidores da luta contra o coronavírus**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2020. Disponível em: https://www.amazon.com.br/paciente-chamado-Brasil-bastidores-coronav%C3%ADrus/dp/854700114X/ref=sr_1_4?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=livros+sobre+lideran%C3%A7a+pol%C3%ADtica&qid=1600888169&s=books&sr=1-4. Acesso em: 23 set. 2020.

MANSI, Viviane Regina. **Comunicação, Diálogo e Compreensão nas Organizações**. Jundiaí, SP: InHouse, 2014.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MARCHIORI, Marlene. **Cultura e Comunicação Organizacional: um olhar estratégico sobre as organizações**. 2. Ed. São Caetano: Difusão Editora, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. No diálogo com o outro, a crisálida pode tornar-se borboleta, a comunicação tem chance de acontecer: sobre Martin Buber. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 95-105, jan./jun. 2008. Disponível em: seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/4960. Acesso em: 3 ago. 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria**. São Paulo: Paulus, 2012.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Relações entre comunicação, estética e política: uma abordagem pragmática. **Anais do XX Encontro da Compós**, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de

2011. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1608.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MAFRA, Rennan; MARTINO, Luis Sá. Um outro olhar sobre a comunicação pública: a constituição discursiva de sujeitos políticos no âmbito das organizações. **Dispositiva**, v. 6, n. 9, p. 76-92, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/P.2237-9967.2017v6n9p76>. Acesso em: 13 out. 2020.

MARQUES SILVA, Alexandre. (Não) é só uma gripezinha: argumentação e realidade forjada nos pronunciamentos de Jair Bolsonaro sobre a covid-19. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 2, p. 4-28, ago. 2020.

MARTHE, Marcelo. Harari: 'Trump e Bolsonaro não querem assumir responsabilidade na crise'. **Revista Veja**, em 22 de maio de 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/paginas-amarelas/harari-trump-e-bolsonaro-nao-querem-assumir-responsabilidade-na-crise/. Acesso em: 15 set. 2020.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MATOS, Heloiza. Comunicação política e comunicação pública. **Organicom** – revista brasileira de comunicação organizacional e relações públicas: comunicação e saúde, n.4, ano 3, São Paulo: ECA-USP/PPGCom/ Gestcorp/ Abracorp, 2006.

MATOS, Heloisa. **Capital Social e Comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.

MATOS, Heloiza. Comunicação pública, esfera pública e capital social. *In*: DUARTE, Jorge (org). **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2012, p.47-58

MATOS, Heloiza. Alternativas ao conceito e à prática da comunicação pública. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v.15 n.2 p.12-27, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/937>. Acesso em: 13 out. 2020.

MATOS, Heloiza. **Comunicação Pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

MATOS NETO, Eurico Oliveira; DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão; MESQUITA, Pedro; @DILMABR NO IMPEACHMENT: Uma análise das estratégias de comunicação política de Dilma Rousseff no Twitter. **Anais do XXVI Encontro Anual da Compós**, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_LRP0JNRLUMH413HS2IX9_26_5791_21_02_2017_14_54_35.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria geral da administração**: da revolução urbana à revolução digital. São Paulo: Atlas, 2006.

MAZUI, Guilherme; CALGARO, Fernanda. De capitão a presidente: conheça a trajetória de Jair Bolsonaro. **Portal G1**, em 28 de outubro de 2018. Disponível em: g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/de-capitao-a-presidente-conheca-a-trajetoria-de-jair-bolsonaro.ghtml. Acesso em: 16 set. 2020.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro diz que ampliação de áreas de proteção ambiental 'dificultava o progresso' no país. **Portal G1**, em 4 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/04/bolsonaro-diz-que-ampliacao-de-areas-de-protacao-ambiental-dificultavam-o-progresso-no-pais.ghtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

MILITÃO, Eduardo. Bolsonaro é o 1º presidente brasileiro populista desde Collor, diz pesquisa. **Notícias UOL**, em 4 de abril de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/04/04/jair-bolsonaro-populista-fernando-collor-pesquisa-bruno-castanho.htm> Acesso em: 17 set. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sobre a doença**. Disponível em: coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid. Acesso em: 31 ago. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Tweets**. Twitter: @minsaude. Disponível em: <https://twitter.com/minsaude>. Acesso em: 13 out. 2020.

MORAIS, Sílvia Regina Ribeiro Lemos; TENORIO, Robinson Moreira. Considerações introdutórias sobre as diferenças entre os conceitos de fraternidade e solidariedade. **Equidade no Ensino Superior**, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Disponível em <http://www.equidade.faced.ufba.br/consideracoes-introductorias-sobre-diferencas-entre-os-conceitos-de-fraternidade-e-solidariedade>. Acesso em: 1 out. 2020.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. – São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi. Porto Alegre: editora Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. Um festival de incertezas. **Espiral**, Rio de Janeiro, v.4, p. 5-12, 2020. Disponível em: <http://www.iecomplex.com.br/revista2/index.php/espiral/article/view/46/52>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MORIN, Edgar. Um festival de incertezas. **Instituto Humanitas Unisinos (Ihu)**, 9 jun. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>. Acesso em: 17 nov. 2021

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: As lições do coronavírus**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MPS que mudaram regras trabalhistas e acesso à informação perdem validade. **Agência Senado**, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/07/21/mps-que-mudaram-regras-trabalhistas-e-acesso-a-informacao-perdem-validade>. Acesso em: 29 out. 2021.

MUMBY, Dennis K. **Organizational communication: a critical approach**. California: SAGE Publications, 2013.

MUMBY, Dennis K. Cultura, Organização e Poder. *In*: MARCHIORI, Marlene. **Perspectivas Metateóricas da Cultura e da Comunicação**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2013.

NABAIS, José Casalta. **Por uma Liberdade com responsabilidade: Estudos sobre Direitos e Deveres Fundamentais**. Coimbra: Ed. Coimbra, 2007.

NARVAZ, Martha Giudice; NARDI, Henrique Caetano; MORALES, Blanca. Nas Tramas do Discurso: a abordagem discursiva de Michel Pêcheux e de Michel Foucault. **Revista Psicologia Política**, v. 6, n.12, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php/script_sci_serial/pid_1519-549X/ing_pt/nrm_iso/seer/ojs/printarticle.php?id=14&layout=html. Acesso em: 13 out. 2020.

NERVO, Alexandre Antônio. **As imagens criadas pelas biografias de líderes neopopulistas da América Latina**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4504>. Acesso em: 13 out. 2020.

NORTHOUSE, P. G. **Leadership: theory and practice**. Londres: Sage Publications, 2001

NOVELLI, Ana Lucia. O Papel Institucional da Comunicação Pública para o Sucesso da Governança. **Organicom**, v. 3, n. 4, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138912>. Acesso em: 8 set. 2020.

OBAMA, Barack. **Uma terra prometida**. Tradução de Berilo Vargas e Cássio de Arantes Leite. 1a Ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020. Disponível em: www.amazon.com.br/Uma-terra-prometida-Barack-Obama/dp/8535933964/ref=sr_1_2?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&dchild=1&keywords=livros+sobre+lideran%C3%A7a+pol%C3%ADtica&qid=1600888169&s=books&sr=1-2. Acesso em: 23 set. 2020.

OLIVEIRA, Jair Antonio. A Linguagem da Polidez na Comunicação Organizacional. **Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (Intercom), Manaus, 2000. Disponível em: www.portcom.intercom.org.br/pdfs/bfc889ae48082bbb63ec839af7c30d0d.pdf. Acesso em: 16 set. 2020.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Maria Aparecida de. **O que é comunicação estratégica nas organizações?** São Paulo: Paulus, 2007.

OLIVEIRA, Kamila Pagel de. **Implementação de políticas de gestão de pessoas no estado de Minas gerais:** uma análise das políticas, avaliação de desempenho individual e certificação ocupacional. 2016. 221 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3717805. Acesso em: 16 jun. 2020.

OLIVEIRA, Marina. Ministério da Saúde corrige data da primeira morte por covid-19 no Brasil. **Congresso em Foco**, em 27 jun. 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/ministerio-da-saude-corrige-data-da-primeira-morte-por-covid-no-brasil/>. Acesso em: 13 out. 2020.

OMS decreta pandemia do novo coronavírus. **Veja Saúde**, em 29 abr. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/oms-decreta-pandemia-do-novo-coronavirus-saiba-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 31 ago. 2020.

OPEN KNOWLEDGE BRASIL. 2020. Disponível em: www.ok.org.br. Acesso em: 13 set. 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. **Anais do I SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso** – Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/sead1_conferencias.html. Acesso em: 9 out. 2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6 ed, Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PAHO. **Considerações sobre medidas de distanciamento social e medidas relacionadas com as viagens no contexto da resposta à pandemia de covid-19.** Organização Pan-Americana da Saúde, em 3 de abril de 2020. Disponível em: iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52045/OPASBRACOV1920039_por.pdf?sequence=9. Acesso em: 30 jun. 2020.

PARTIDOS, Congresso e Presidência são instituições menos confiáveis do país. **Datafolha**, em 15 jun. 2018. Opinião Pública. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1971972-partidos-congresso-e-presidencia-sao-instituicoes-menos-confiaveis-do-pais.shtml>. Acesso em: 21 out. 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3ª ed. Editora da Unicamp, Campinas, SP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Estrutura ou acontecimento.** Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Pontes, Campinas, SP, 2006.

PIMENTEL, Pedro Chapaval. TESSEROLI, Ricardo Org. **O Brasil vai às urnas:** as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet. Londrina : Syntagma Editores, 2019.

PEDROSO DE CAMPOS, João; IRAJÁ, Victor. O que está por trás da insistência de Bolsonaro em Tarcísio para São Paulo. **Folha de São Paulo**, 4 jun. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/o-que-esta-por-tras-da-insistencia-de-bolsonaro-em-tarcisio-para-sao-paulo/>. Acesso em: 31 out. 2021.

PF troca 6 superintendentes regionais e 5 cargos de chefia. **Portal G1**, São Paulo, 26 maio 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/26/pf-troca-superintendentes-regionais-e-cargos-de-chefia.ghtml>. Acesso em: 12 set. 2021.

PESQUISA avalia resposta da saúde pública à Covid-19 em cinco países. **FIOCRUZ**, em 11 set. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-avalia-resposta-da-saude-publica-covid-19-em-cinco-paises>. Acesso em 12 de set. 2020.

PESQUISADOR americano analisa doutrina ideológica que une “gurus” de governos do Brasil, EUA e Rússia. **Folha Geral**, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.folhageral.com/noticia/2020/06/29/pesquisador-americano-analisa-doutrina-ideologica-que-une-gurus-de-governos-do-brasil-eua-e-russia/#axzz6RAvfBu9t>.

Acesso em: 23 jan. 2022.

PINHO, José Antônio Gomes de; SACRAMENTO, Ana Rita Silva. Accountability: já podemos traduzi-la para o português? **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, vol. 43, n.6, p. 1343-1368, 2009. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122009000600006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2020.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

PLANALTO. **Conheça a presidência**. 2020. Disponível em: www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/ministros. Acesso em: 16 out. 2020.

POLICARPO, Renata Veloso Santos. **A influência do comportamento de liderança nas reações individuais à mudança**: um estudo sobre a criação e constituição do IFMG. 2016. 164 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3717648. Acesso em: 20 jun. 2020.

POSSE de arma: leia pontos a favor e contra o novo decreto, de acordo com políticos e especialistas. **Portal G1**, em 15 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/15/posse-de-arma-leia-pontos-a-favor-e-contra-o-novo-decreto-de-acordo-com-politicos-e-especialistas.ghtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

PRESIDENTE Jair Bolsonaro está com Covid-19. **TV Brasil**, em 8 jul. 2020. Disponível em: tvbrasil.ebc.com.br/brasil-em-dia/2020/07/presidente-jair-bolsonaro-esta-com-covid-19. Acesso em: 8 jul. 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Entrevista coletiva concedida pelo Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, e ministros** - Palácio do Planalto. 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/entrevistas/2020/entrevista-coletiva-concedida-pelo-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-e-ministros-palacio-do-planalto>. Acesso em: 23 jan. 2022.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Conheça a presidência**. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/ministros>. Acesso em: 26 jan. 2022.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Ministros**. Disponível em: www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/ministros. Acesso em: 12 set. 2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Nota Oficial - Presidente Jair Bolsonaro**. Publicado em 09 set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/notas-oficiais/2021/nota-oficial-presidente-jair-bolsonaro-09-09-2021>. Acesso em: 22 out. 2021.

PRONUNCIAMENTO do presidente da República, Jair Bolsonaro (08/04/2020). Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em Cadeia de Rádio e Televisão, em 08/04/2020. Publicado por

Planalto [S. l.: s. n.], abril de 2020. (5 min 10 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x04OKkxT2Tc>. Acesso em: 13 out. 2020.

PRONUNCIAMENTO do presidente Jair Bolsonaro - 24/03/2020. Publicado por **Planalto** [S. l.: s. n.], março de 2020. (4 min 42 seg). Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro. <https://www.youtube.com/watch?v=yHAvI8CrdiU>. Acesso em: 13 out. 2020.

PROPOSTAS sustam portaria do Exército que revogou regras sobre armas e munições. **Câmara dos Deputados**, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/657497-propostas-sustam-portaria-do-exercito-que-revogou-regras-sobre-armas-e-municoes/>. Acesso em: 7 set. 2021.

PULVERIZAÇÃO aérea na produção de banana é regulamentada pelo Ministério da Agricultura. **Secretaria de Agricultura e Abastecimento Coordenadoria de Defesa Agropecuária**, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.defesa.agricultura.sp.gov.br/noticias/2020/pulverizacao-aerea-na-producao-de-banana-e-regulamentada-pelo-ministerio-da-agricultura,1323.html>. Acesso em: 19 set. 2021.

PUTNAM, Linda; PHILLIPS, Nelson; CHAPMAN, Pamela. Metáforas da comunicação organizacional. *In*: CLEGC, Stewart R., HARDY, Cyntia, NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2004, v. 3.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 24, nº 3, set.-dez., p. 486-522, 2018.

RAMALHO, Sérgio. Rachadinha de Flávio Bolsonaro financiou prédios ilegais da milícia no Rio, mostra investigação do MP. **The Intercept**, 25 abr. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/04/25/flavio-bolsonaro-rachadinha-financiou-milicia/>. Acesso em: 12 set. 2021.

RAMOS, Cesar Augusto. Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo. **Kriterion**, v. 55, n. 129, Junho de 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000100004>. Acesso em: 26 jan. 2022.

RANCIÉRE, Jacques. Rancière vê a crise da Democracia e da Razão. **Outras Palavras**, 9 fev. 2021. Política. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/ranciere-ve-crise-da-democracia-e-da-razao/>. Acesso em: 27 out. 2021.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 81-94, dez. de 2009. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Em-busca-das-%E2%80%99Credes-que-importam%E2%80%99D.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

RECUERO, Raquel. **Métricas de Centralidade e Conversações em Redes Sociais na Internet: Desvelando Estratégias nos Debates Presidenciais de 2014**. Anais do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, Comunicação e Cultura na era de tecnologias midiáticas onipresentes e oniscientes, ESPM-SP, 3 a 5 de dezembro de 2014, p. 1-20. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/abciberfinal2014.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

RECUERO, Raquel. O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-180, mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982016000100157&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 jul. 2020.

RECUERO, Raquel; BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; ZAGO, Gabriela. O discurso de veículos jornalísticos e a repercussão da audiência no Twitter sobre os protestos de 15 de março de 2015 no Brasil. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 115-134, dez. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442016000300115&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jan. 2022.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia** (São Paulo), São Paulo, n. 41, p. 31-47, Aug. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532019000200031&lng=en&nrm=iso. Acesso em 9 set. 2020.

RENEO Pedro Prediger; SCHERER, Luciana; ALLEBRANDT, Sérgio Luis. Hermenêutica de profundidade e suas possibilidades metodológicas: um levantamento bibliométrico da produção científica com essa metodologia. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, enero-marzo, 2018. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2018/01/hermeneutica-produccion-cientifica.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.

REUNIÃO de Bolsonaro com ministros em 22 de abril. Vídeo da reunião ministerial com Jair Bolsonaro no dia 22 de abril, no Palácio do Planalto. Publicado por **vejapontocom** [S. l.: s. n.], maio de 2020. (1h 54 min 59 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nfgv7DLdCqA>. Acesso em: 13 out. 2020.

ROCHA, João Cezar de Castro; RIBEIRO, Cláudio. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1 ed. Editora Caminhos. *E-book*.

RODRIGUES, Mateus. 'Sairemos do ministério juntos', afirma Mandetta, que diz não aceitar demissão de secretário. **Portal G1**, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/15/sairemos-do-ministerio-juntos-afirma-mandetta-sobre-secretarios.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2022.

RODRIGUES, Thamara; RANGEL, Marcelo. Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo.

Revista Maracanan, n. 18, p. 66-82, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/31309>. Acesso em: 13 out. 2020.

ROMAN, Arthur. Organizações: um universo de bem-ditos, mal-ditos e não-ditos. *In*: KUNSCH, Margarida M. K. (Org) **Comunicação organizacional: linguagem, gestão e perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2009.

RUEDIGER, Marco. **DAPP Report: A semana nas redes (18/10)**. Diretoria de Análise de Políticas Públicas, Fundação Getúlio Vargas, em 19 out. 2018b. Disponível em: observa2018.dapp.fgv.br/. Acesso em: 10 set. 2020.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. Reflexões para uma Epistemologia da Comunicação Digital. **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 2, n. 1, 2008, p. 307-320. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/116>. Acesso em: 16 set. 2020

SAAD CORRÊA, Elizabeth. Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da Comunicação. **Anais do XIV Congresso Internacional IBERCOM**, na Universidade de São Paulo, de 29 de março a 02 de abril de 2015. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002736076.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. A plataformização das relações sociais: reflexões sobre a ressignificação da atividade comunicativa. *In*: FARIAS, Luiz Alberto de; LEMOS, Else; REBECHI, Cláudia Nocioli (Orgs). **Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas**. 1. ed. São Paulo, SP: Abrapcorp, 2020, p. 152-163. Disponível em: <http://portal.abrapcorp.org.br/ebooks/>. Acesso em: 11 set. 2020.

"SAIU hoje?": Teich é surpreendido com decisão de reabertura de comércio anunciada por Bolsonaro. O presidente Jair Bolsonaro decide reabrir academias de ginástica e salões de beleza e ministro da Saúde, Nelson Teich, diz que não foi consultado. Publicado por **uol** [S. l: s. n.], 11 de mai. de 2020. (2 min 7 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gJEQE005ucQ>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SAKAMOTO, Leonardo. Preso por corrupção, Pastor Everaldo "batizou" Bolsonaro e Wilson Witzel. **Notícias UOL**, em 28 de agosto de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/28/acusado-de-corrupcao-pastor-everaldo-batizou-bolsonaro-e-wilson-witzel.htm>. Acesso em: 13 out. 2020.

SANGLARD; Gisele; COSTA, Renato da Gama-Rosa. Oswaldo Cruz no combate às epidemias. Casa de Oswaldo Cruz (COC), em 15 abr. 2020. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1776-oswaldo-cruz-no-combate-as-epidemias.html#.Xx4SOJ5KjIU>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado**. Editores Hacker, 2001.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Inflow vs. Outflow: Twitter e microdesign de ideias. *In: SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Summus, 2010a.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Visualizando laços sociais no Twitter: o continuum na era dos fluxos. *In: SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Summus, 2010b.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, v. 9, 2013, p. 19-28. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As Teorias da Comunicação: da fala à internet**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANTOS, Philipe. Bolsonaro mostra caixa de hidroxycloquina para as emas do Alvorada. *Correio Braziliense*, em 24 de julho de 2020. Disponível em: www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/24/interna_politica,874899/bolsonaro-mostra-caixa-de-hidroxycloquina-para-as-emas-do-alvorada.shtml. Acesso em: 26 jul. 2020.

SANTOS, Romer Mottinha; CIOCCARI, Deysi. DE MORAES, Thiago Perez Barbardes. **Mediapolis**, n. 10, 2020. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_10_5. Acesso em 26 jan. 2022.

SCARDOELLI, Anderson. Canal de 'Os Pingos nos Is' chega a 4 milhões de inscritos no YouTube. **Portal Comunique-se**, 15 out. 2021. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/canal-de-os-pingos-nos-is-chega-a-4-milhoes-de-inscritos-no-youtube/>. Acesso em: 9 nov. 2021.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones: elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva**. Barcelona: Gedisa, 2008.

SCHEIN, Edgar. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. Trajetórias teórico-conceituais da Comunicação Organizacional. **Revista FAMECOS**, v. 13, n. 31, p. 47-53, 14 abr. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3392>. Acesso em: 13 out. 2020.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. Comunicação e cultura organizacional: a complexidade dos diálogos '(in) visíveis'. *In: MARCHIORI, Marlene (Org.). Faces da cultura e da comunicação organizacional*. Vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2010.

SECOM. **Tweets**. Twitter: @secomvc. Disponível em: <https://twitter.com/secomvc>. Acesso em: 8 set. 2020.

SECRETARIA DE GOVERNANÇA E GESTÃO ESTRATÉGICA. **Consulta Popular RS**. 2020. Disponível em: governanca.rs.gov.br/consulta-popular. Acesso em: 8 out. 2020.

SILVA, Diego Wander. **Comunicação organizacional e as estratégias de invisibilidade e de redução/direcionamento da visibilidade nas mídias sociais**. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. **Revista Faced**, Salvador, n.14, p.39-53, jul./dez. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/3007-8406-1-PB.pdf>. Acesso: 13 out. 2020.

SILVA, Cássia Aparecida Lopes da. **Comunicação Organizacional na gestão do trabalho: papéis dos gestores de equipe e natureza da comunicação**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/132716>. Acesso em: 13 out. 2020.

SILVA, Terezinha; BERTASSO, Daiane; LOCATELLI, Carlos Augusto. Comunicação pública e jornalismo em tempos antidemocráticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 1, janeiro/junho de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2020v17n1p217/43615>. Acesso em: 29 out. 2021.

SILVA, Terezinha; SIMÕES, Paula Guimarães. A imagem pública de Sérgio Moro: Valores em disputa no contexto brasileiro. **Revista FAMECOS**, 27, e37097, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/37097>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SIRAQUE, Vanderlei. **O Controle Social da Função Administrativa do Estado: Possibilidades e Limites na Constituição de 1988**. 2004. 212 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.siraque.com.br/monografia2004.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro volta atrás e diz que decidiu não tomar a vacina contra covid-19. **Correio Braziliense**, 13 out. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2021/10/4955111-bolsonaro-volta-atras-e-diz-que-decidiu-nao-tomar-mais-a-vacina-contracovid.html>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUZA, Renato. "Culpa é desse capitão bunda suja", disse assessor parlamentar antes de morrer. **Correio Braziliense**, 21 maio 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/05/4926093-culpa-e-desse-capitao-bunda-suja-disse-assessor-parlamentar-antes-de-morrer.html>. Acesso em: 26 jan. 2022.

STEWART, Dan. Jair Bolsonaro. **Revista Time**, em 22 de setembro de 2020. Disponível em: [time.com/collection/100-most-influential-people-2020/5888329/jair-bolsonaro-brazil/](https://www.time.com/collection/100-most-influential-people-2020/5888329/jair-bolsonaro-brazil/). Acesso em: 23 set. 2020.

STRELOW, Aline (Org.). **Fortuna Crítica de Antônio Hohlfeldt – Entre Comunicação, Jornalismo e Literaturas**. Coleção Fortuna Crítica, v. 8. São Paulo: INTERCOM, 2014.

TEICH, Nelson. **Entrevista em Gaúcha ZH**. Disponível em: [soundcloud.com/radiogaucha](https://www.soundcloud.com/radiogaucha). Acesso em: 5 jul. 2020.

TEICH defende mudança no atendimento aos doentes de Covid-19. **Portal G1**, 11 maio 2020. Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/11/teich-defende-mudanca-no-atendimento-aos-doentes-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2021.

TEICH diz que deixou ministério por pressão para uso de cloroquina. **Congresso em Foco**, 5 maio 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/cpi-da-covid-nelson-teich-cloroquina/>. Acesso em: 13 set. 2021.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Tradução de Cynthia Costa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2020.

TEÓFILO, Sarah. CPI recua em quebra de sigilo da Jovem Pan, que chama pedido de "injustificável". **Correio Braziliense**, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4941471-cpi-recua-em-quebra-de-sigilo-da-jovem-pan-que-chama-pedido-de-injustificavel.html>. Acesso em: 19 set. 2021.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2011.

TERRA, Carolina; DREYER, Bianca Marder; RAPOSO, João Francisco. **Comunicação organizacional: práticas, desafios e perspectivas digitais**. 1. Ed., São Paulo: Summus, 2021. *E-book*.

TERRA, Carolina Frazon. **Usuário-mídia**: a relação entre a comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo internauta nas mídias sociais. 2011. 217 f. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-02062011-151144/pt-br.php>. Acesso em: 13 out. 2020.

TERRA, Carolina Frazon. **Mídias sociais -- e agora?** o que você precisa saber para implementar um projeto de mídias sociais. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2017. *E-book*.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 427 p

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner Oliveira Brandão. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. **O escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **MATRIZES**, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38190. Acesso em: 13 jul. 2020

TRAGÉDIA de Mariana, 5 anos: sem julgamento ou recuperação ambiental, 5 vidas contam os impactos no período. **Portal G1**, 5 nov. 2020. Minas Gerais, p. 1-12. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/11/05/tragedia-de-mariana-5-anos-sem-julgamento-ou-recuperacao-ambiental-5-vidas-contam-os-impactos-no-periodo.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2021.

TRATAMENTO Precoce na COVID-19 com cloroquina/hidroxiclороquina: o que existe no mundo real. **Boa Saúde**, 28 mar. 2021. Disponível em: <https://www.boasaude.com.br/noticias/13700/tratamento-precoce-na-covid-19-com-cloroquina-hidroxiclороquina-o-que-existe-no-mundo-real.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

TWITTER. **Como criar uma sequência no twitter**. Disponível em: help.twitter.com/pt/using-twitter/create-a-thread. Acesso em: 21 jul.2020.

TWITTER. **Busca avançada no Twitter**. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/search-advanced>. Acesso em: 13 out. 2020.

TWITTER. **Sobre a Nova Política Covid-19 no Twitter**. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/medical-misinformation-policy>. Acesso em: 16 set. 2022.

ÚLTIMOS dias para participar da seleção de cargos no governo via Qualifica RS. **SEPLAG RS**, em 9 jun. 2020. Disponível em: planejamento.rs.gov.br/ultimos-dias

para-participar-da-selecao-de-cargos-no-governo-via-qualifica-rs. Acesso em: 18 jun. 2020.

UOL. **Não sei por que correr', diz Bolsonaro sobre vacina contra a covid-19**, em 26 out.2020. Disponível em: noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/26/bolsonaro-volta-a-falar-em-cautela-para-adquirir-vacina.

"UM Povo Heroico", campanha do Governo Federal, estrelando o secretário da Cultura, Mario Frias. Campanha Um povo Heróico - Mário Frias. Publicado por **SecomVc** [S. l.: s. n.], em 3 set. 2020. (2 min 20 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TcUGbXnc--A>. Acesso em: 29 jan. 2022.

VACINAÇÃO contra a Covid: mais de 115,7 milhões estão totalmente imunizados; 54,28% da população. **Portal G1**, 31 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/vacinas/noticia/2021/10/31/vacinacao-contra-a-covid-mais-de-117-milhoes-estao-totalmente-imunizados.ghtml>. Acesso em: 1 nov. 2021.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma da Ciência**. 1 ed. Campinas: Papyrus 2002.

VEÍCULOS de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de covid-19. **O Estado de S. Paulo**, em 8 jun. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19,70003328031>. Acesso em: 13 set. 2020.

VEJA e leia a íntegra do pronunciamento em que Moro anunciou saída do governo. **Portal G1**, 24 abr. 2020. Política. Disponível em: g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/veja-e-leia-a-integra-do-pronunciamento-em-que-moro-anunciou-saida-do-governo.ghtml. Acesso em: 12 set. 2021.

VEJA aprovação de Sérgio Moro, Paulo Guedes e outros cinco ministros segundo o Datafolha. **NSC Total**, 9 jul. 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/veja-aprovacao-de-sergio-moro-paulo-guedes-e-outras-cinco-ministros-segundo-o-datafolha>. Acesso em: 1 jul. 2020.

"VENCEREMOS o vírus", afirma Bolsonaro em pronunciamento aos brasileiros. **Planalto**, em 24 mar. 2020. Disponível em: www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/venceremos-o-virus-afirma-bolsonaro-em-pronunciamento-aos-brasileiros. Acesso em: 15 jun. 2020

VEJA. **Laudo de Perícia Criminal Federal**. Registros de áudios e imagens. 2020. Disponível em: veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2020/05/laudo-digitalizado_220520201218.pdf. Acesso em 2 de out.2020.

VERDÉLIO, Andreia. Damares quer apurar vazamento de dados de menina vítima de estupro. **Agência Brasil**, 20 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-08/damares>

quer-apurar-vazamento-de-dados-de-menina-vitima-de-estupro. Acesso em: 19 set. 2021.

VERDÉLIO, Andreia. Sem máscara, Bolsonaro causa aglomeração e tropeça em escada durante inauguração de usina em Caldas Novas; vídeo. **Portal G1**, 29 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/08/29/bolsonaro-chega-a-caldas-novas-para-inaugurar-usina-de-energia-fotovoltaica.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2021.

VERDELHO, Andreia. Bolsonaro testa negativo para coronavírus. **Agência Brasil**, em 13 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/presidente-bolsonaro-testa-negativo-para-coronavirus>. Acesso em: 16 out. 2020.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**. 2006, v. 42, n.2, p. 85-93. ISSN: 1519-7050. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6019. Acesso em: 11 Set. 2020.

VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania**: a sociedade civil na globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VILELA, Pedro Rafael. Portarias sobre armas são revogadas após determinação de Bolsonaro. **Agência Brasil**, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-04/portarias-sobre-armas-sao-revogadas-apos-determinacao-de-bolsonaro>. Acesso em: 7 set. 2021.

VISCARDI, Janaisa Martins. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 2, p. 1134–1157, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8658477>. Acesso em: 26 mar. 2021.

WAIMBERG, Jacques Alkalai. (2018). Mensagens fakes, as emoções coletivas e as teorias conspiratórias. In Galáxia (São Paulo, online), ISSN: 1982-2553, n. 39, set-dez., p. 150- 164. Disponível em://bit.ly/2Vw4W0w. Acesso em: 9 de Jan. 2022.

WEBER, Maria Helena. Visibilidade e Credibilidade: Tensões da Comunicação Política. In: MAIA, Rousiley Celi Moreira; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

WEBER, Maria Helena. Na Comunicação Pública, a captura do voto. **LOGOS 27: Mídia e Democracia**, Rio de Janeiro, ano 14, p. 21-42, 2007. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/antigos/logos_27/logos_27.htm. Acesso em: 13 out. 2020.

WEBER, Maria Helena. O estatuto da Imagem Pública na disputa política. **Revista ECO-Pós**, v. 12, n. 3, p. 11-26, set.- dez., 2009. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/929. Acesso em: 13 out. 2020.

WEBER, Maria Helena. Estratégias da comunicação de Estado e a disputa por visibilidade e opinião. *In*: KUNSCH, Margarida (Org.). **Comunicação Pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul: Difusão, 2011, v. 04, p. 101-120.

WHEATLEY, Margareth J. **Liderança em Tempos de Incerteza: A descoberta de um novo caminho**. São Paulo: Cultrix, 2006.

WEBER, Max. **Ciência e Política duas vocações**. Edição: 18ª edição. São Paulo: Editora: CULTRIX, 1970.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Vol. 2: Fundamentos da sociologia. Brasília: Ed. UnB, 1999.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 2. Tradução de Regis Barbosa e Karen Barbosa; rev. Téc. Gabriel Cohn, 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2012.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Tradução de Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora, UnB, 2004.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.